

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



A Mentira
mais sombria

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 6

 HARLEQUIN®



Gená Showalter

A Mentira
mais sombria

Tradução de
Rodrigo Peixoto



Rio de Janeiro
2012

Prólogo

GIDEON OLHOU para a mulher adormecida na enorme cama de algodão da cor do céu.

Esposa dele.

Talvez.

O comprido cabelo negro envolvendo o rosto pálido. Uma das mãos repousando na altura da têmpora, os dedos curvados para dentro, as unhas pintadas de azul-celeste reluzindo sob o brilho dourado do abajur. O nariz de formato e tamanho perfeitos, e os lábios mais cheios e vermelhos que ele já vira.

E o corpo dela... Deus! Talvez aquelas curvas nascidas para o pecado fossem o motivo de o nome dela ser Scarlet. Os seios pecaminosamente arredondados... A curvatura esbelta da cintura... A protuberância sensual dos quadris... O comprimento das pernas esguias... Cada parte dela tinha a intenção de seduzir, de cativar.

Sem dúvida, era a mulher mais assombrosamente encantadora que ele já vira. A própria bela adormecida. Só que aquela beldade se levantaria golpeando caso ele tentasse acordá-la com um beijo. Ele sorriu ante o pensamento. Bastava um olhar para saber que ela era puro fogo e paixão sob aquela pele branca como a neve. Contudo, o que a maior parte dos homens não sabia era que, assim como Gideon, ela era possuída por um demônio.

A diferença é que eu fiz por merecer o meu. Ela não.

Milhares de anos atrás, ele ajudara os amigos a roubar e a abrir a caixa de Pandora, libertando o mal que ali dentro residia. Como punição, cada guerreiro foi condenado a hospedar um demônio no interior do próprio corpo. Demônios como Morte, Desastre, Violência, Doença e vários outros muito, muito piores.

Contudo, houvera mais demônios do que guerreiros, e sendo assim, os espíritos malignos restantes tiveram de ser colocados no interior dos prisioneiros imortais de Tártaro. Onde Scarlet residira a vida inteira.

Gideon fora presenteado com Mentiras, Scarlet recebera Pesadelos.

Sem dúvida, ele levara a pior na transação. Ela apenas dormia como os mortos e invadia os sonhos das pessoas. Ele era incapaz de dizer uma única verdade. Isto é, não sem sofrer. Dizer para uma mulher bonita que ela era bonita significava cair de joelhos, com uma agonia diferente de

qualquer outra explodindo pelo corpo, cortando-lhe os órgãos, como ácido misturando-se ao sangue, exaurindo as forças dele, minando até mesmo a própria vontade de viver.

– Você é feia. – Tinha de dizer.

A maioria das mulheres começava a chorar e fugia dele.

Não podia deixar de pensar no que Scarlet faria.

Estendeu a mão e passou a ponta de um dos dedos pela curvatura do maxilar da mulher. Tão macia, tão quente. Será que ela riria com indiferença dele? Será que o esmurraria? Acreditaria nele? Ela o chamaria de mentiroso? Ou será que fugiria como as outras?

A simples ideia de magoá-la, de enfurecê-la, e por fim, de perdê-la, não lhe agradava nem um pouco. Abaixou o braço, cerrando o punho. *Talvez eu deva lhe contar a verdade. Talvez deva elogiá-la.* Mas sabia que não faria isso. Recordava-se bem demais da última vez em que falara a verdade.

Os maiores inimigos dele, os Caçadores, o haviam capturado e lhe dito que haviam matado Sabin, o guardião do demônio da Dúvida, e seu adorado líder. Ele estourara, esbravejando o quanto os odiava e como iria matar cada um deles, e fora a mais pura verdade, cada palavra. Não importava se pudesse levar anos ou séculos para cumprir a promessa. Falara sério e fora penalizado, a angústia quase instantânea.

Após isso, encolhido no chão e contorcendo-se como ficara, ele se tornara um alvo fácil para a tortura. E como os Caçadores o torturaram.

Após surrá-lo tão severamente, que os olhos chegaram a se fechar de tão inchados e vários dentes foram arrancados, depois de enfiar alfinetes pontiagudos sob as unhas dele, eletrocutá-lo e entalhar os nomes idiotas nas costas dele, os Caçadores lhe removeram as mãos. Ele sinceramente achara ter chegado ao fim, até um Sabin muito vivo o encontrar, o resgatar e o trazer para casa.

Por sorte, ambas as mãos dele finalmente haviam crescido de volta. Algo que ele muito aguardara. Desesperada e impacientemente. Por vingança, é claro. Ou melhor, fora esse o caso no início. Contudo, depois, os amigos dele haviam capturado esta mulher, que os informara de que eles eram marido e mulher.

Gideon não se lembrava dela, muito menos de ter se casado com ela. Entretanto, ele, de fato, *vislumbrara* ocasionalmente o rosto dela durante esses últimos milhares de anos, em geral cada vez que desabava exausto e suado sobre uma mulher, sem estar realmente satisfeito devido à saudade de algo ou de alguém, que ainda não fora capaz de identificar, que se apossava dele. Sendo assim, não era capaz de lhe refutar com certeza absoluta a alegação. E, para provar que ela estava errada, tinha de refutá-la.

Caso contrário, teria de conviver com a ciência de que abandonara uma mulher que jurara proteger. Teria de conviver com o fato de que dormira com outras mulheres enquanto a esposa sofria. Teria de conviver com o conhecimento de que alguém foderia com a memória dele.

Exigira uma explicação de Scarlet, mas ela era uma mula de teimosia e se recusara a lhe contar mais. Coisas como onde e quando haviam se conhecido, se já estiveram apaixonados, se já foram felizes.

Para ser franco, não podia culpá-la por manter os detalhes em segredo. Como poderia? Ela era tão prisioneira dos Senhores do Mundo Subterrâneo como ele já fora dos Caçadores, e Gideon

também se recusara a falar com os carcereiros dele, mesmo quando lhe extraíram as mãos.

Sendo assim, pensara em um plano. Para Scarlet se abrir com ele, teria de levá-la a algum outro lugar. Só por pouco tempo. Só até obter respostas. E, esta manhã, ele o fizera. Enquanto a suposta esposa dormia, sem se dar conta do mundo ao redor, ele a sequestrara de casa e a carregara em estilo bombeiro até este hotel no centro de Budapeste.

Finalmente, teria as respostas.

Tudo o que ela tinha de fazer era acordar...

Capítulo Um

Algumas horas antes...

VAMOS DAR início à festa, Gideon pensou, com inigualável determinação ao marchar por meio dos corredores renovados de sua fortaleza em Budapeste.

O demônio das Mentiras vibrava no interior da cabeça dele, em sincera aprovação. Ambos gostavam de Scarlet, a suposta esposa, mas por motivos diferentes. Gideon gostava da aparência dela e dos comentários maliciosos que ela costumava fazer. Mentiras gostava de... Gideon não sabia ao certo. Sabia apenas que a besta ronronava de aprovação cada vez que a mulher abria a linda boca.

Era uma reação, em geral, reservada para mentirosos compulsivos. O único problema era que o demônio era capaz de discernir apenas verdades vindas da mulher, o que tornava impossível se ter certeza de que ela realmente estava falando sério quando dizia algo.

E era extremamente frustrante. Será que ela era ou não uma maldita mentirosa? Ah, sim, ele estava bem a par da ironia. Gideon, um homem incapaz de dizer uma única verdade, estava reclamando de alguém que podia muito bem estar lhe servindo um banquete de lorotas. Mas será que eram ou não casados? Precisava descobrir. E as solicitações dele para que ela colocasse tudo em pratos limpos, preto no branco, sem enrolações, foram ignoradas pela última vez.

Ele, por fim, faria algo a respeito.

Com sorte, fingir resgatá-la da própria masmorra faria com que Scarlet confiasse nele. Com sorte, confiar nele a levaria a se abrir e a lhe responder as perguntas.

– Você não pode fazer isso, Gideon – disse Strider, guardião do demônio da Derrota, subitamente marchando ao lado dele. Strider não podia perder um único desafio sem sofrer, assim como Gideon sofria ao falar a verdade, um fato que os unira há milhares de anos. Sempre, sem hesitação, eles protegiam a retaguarda um do outro, de modo que Gideon não deveria ter se surpreendido ao ver o amigo ali, determinado a salvá-lo de si mesmo. – Ela é perigosa.

É, era mesmo. Ela invadia sonhos, presenteava aqueles que dormiam com os piores temores e se alimentava do terror resultante. Diabos, há poucas semanas ela fizera o mesmo com ele. Com aranhas. Ele estremeceu por um instante, momentaneamente enojado ao imaginar as criaturinhas peludas passeando pelo corpo dele.

Frouxo. Agente firme.

Já enfrentara incontáveis espadas golpeantes sem sequer hesitar, sem falar nos monstros que as empunhavam. O que eram algumas poucas aranhas? Estremeceu outra vez. Revoltante é o que elas eram. Sabia o que elas pensavam cada vez que voltavam os olhinhos escuros para ele: saboroso.

– Não me ignore – rosnou Strider, esmurrando um buraco na parede de pedra, segundos após terem passado pela porta fechada de um quarto de dormir. Poeira e detritos espalharam-se pelo ar. Em breve, os guerreiros acordariam e descobririam o que acabara de acontecer. Ou talvez não. Considerando que eram todos temperamentais, estavam acostumados a inesperados barulhos violentos. – Sabe que o meu demônio não gosta.

– Não me arrependo. – Gideon lançou um olhar para o amigo, admirando-lhe o cabelo louro, os olhos azuis e as feições enganosamente inocentes que, de algum modo, eram perfeitas para aquele homenzarrão. Mais de uma mulher já se referira a ele como uma “beleza tipicamente americana”, fosse lá o que isso quisesse dizer. As mesmas mulheres costumavam evitar olhar para Gideon, como se até mesmo voltar os olhos para as tatuagens e os piercings dele pudesse lhes enegrecer as almas. Até onde ele sabia, podiam estar certas. – Mas você tem razão. Não posso fazer isto.

O que significava que Strider estava errado, e, sim, Gideon podia muito bem fazer isso.

Todo mundo que vivia nesta fortaleza, e, com todos os diabos, havia um bocado de gente, o número aparentemente crescendo a cada dia, à medida que os amigos dele iam encontrando suas “almas gêmeas” (ânsia de vômito), era fluente na língua de Gideon e sabia que deveria acreditar no oposto do que quer que ele dissesse.

– Muito bem – retrucou Strider. – Você pode. Mas não vai. Porque sabe que, se tirar a mulher desta casa, vou ficar de cabelo branco de tanta preocupação. E você gosta do meu cabelo do jeitinho que ele é.

– Stridey. Por acaso está dando em cima de mim? Tentando fazer com que eu passe os dedos por esses cachos rebeldes?

– Cérebro de titica – murmurou Strider com raiva desarmada.

Gideon riu.

– Docinho de coco.

Os lábios de Strider até se repuxaram em um sorriso.

– Sabe que eu odeio quando você fica sentimental assim.

Eles dobraram a esquina, dando a volta ao redor de uma das várias salas de estar que a fortaleza possuía. Estava vazia. Cedo como era, a maioria dos guerreiros ainda estava na cama com as suas mulheres. Isto é, se não estivessem se armando naquele exato instante, é claro.

Ele bocejou, o olhar percorrendo o local. Naquele aposento em particular, retratos de homens nus recobriam as paredes, cortesia da deusa da Anarquia, cujo senso de humor deturpado rivalizava com o do próprio Gideon. Havia cadeiras de couro vermelho (Reyes, o guardião da Dor, de vez em quando tinha de cortar a si mesmo para silenciar o demônio dele, de modo que o vermelho era útil), reluzentes estantes de livros (Paris, guardião da Promiscuidade, adorava livros de romance) e esquisitas lâmpadas prateadas que se retorciam e se curvavam sobre as cadeiras. Gideon não fazia ideia de para quem elas eram. Flores frescas enchiam os vasos, perfumando docemente o ar. Mais

uma vez, ele não fazia ideia... Tudo bem. Ele as solicitara. O perfume delas era *tão bom*.

Gideon inspirou profundamente aquele ar doce e delicioso, só que acabou inalando uma boa dose de culpa. Infelizmente, nos últimos tempos, isso vinha acontecendo o tempo todo. Enquanto ele se deleitava com tudo aquilo, a esposa apodrecia nas masmorras abaixo. Antes disso, ela passara milhares de anos no Tártaro, o que o tornava duplamente cruel por deixá-la lá embaixo.

Sinceramente, que tipo de homem permitia algo assim? Um cretino, isso sim, e ele era o rei deles. Afinal de contas, planejava devolver Scarlet à masmorra assim que as perguntas fossem respondidas. Para, tipo, sempre. Mesmo que ela fosse, ou melhor, que tivesse sido esposa dele.

É. Ele era um homem muito ruim.

Ela simplesmente era perigosa demais para ser libertada de modo permanente, e a habilidade dela de invadir os sonhos era por demais destrutiva. Visto que, quando uma pessoa morria em um dos pesadelos de Scarlet, ela morria de verdade. Fim de papo. Acabou a história. E se, algum dia, ela decidisse ajudar os Caçadores, o que poderia acontecer, considerando como mulheres rejeitadas costumavam reagir e tudo mais, os Senhores do Mundo Subterrâneo jamais seriam capazes de voltar a dormir com tranquilidade. E eles precisavam de descanso, caso contrário tornavam-se bestas furiosas.

Vá devagar, o demônio dele instruiu de repente. *Está indo rápido demais*.

Em geral, Mentiras era simplesmente uma presença no fundo da consciência dele. Presente, mas em silêncio. O demônio apenas se pronunciava quando a necessidade era grande. Contudo, mesmo então, ele tinha de dizer o oposto do que queria. E, agora, queria que Gideon se apressasse em alcançar Scarlet.

Dê-me asas, e será feito, Gideon respondeu com secura, porém acelerando o passo. Ele podia pensar o que realmente queria dizer, e era o que fazia. Na verdade, jamais mentia para si mesmo nem para o demônio durante esses instantes em particular. Afinal de contas, tivera de lutar selvagemmente por tais momentos.

Ao ser possuído, perdera-se na escuridão e no caos, um escravo para o companheiro de alma e seus desejos malévolos. Ele atormentara humanos apenas para escutá-los gritar. Ele incendiara lares, assim como as famílias que ali residiam. Matara indiscriminadamente.

Foram necessárias algumas centenas de anos, mas Gideon finalmente conseguira forçar a passagem até a luz. *Ele* estava no controle agora e chegara até a conseguir domar o demônio. Em grande parte.

Strider suspirou pesadamente, ganhando a atenção dele de novo.

– Gideon, escute-me, homem. Você não pode levar a mulher para além destes muros. Ela fugirá de você, sabe disso. Os Caçadores estão na cidade, também sabemos disso, e eles a pegariam. Eles a recrutariam, a usariam. Ou, caso ela recuse, poderão até machucá-la, assim como o machucaram.

Um, Strider estava falando como se Gideon fosse incapaz de mantê-la consigo por alguns dias. E ele era capaz. Sabia como se virar e se defender tão bem quanto qualquer um deles. Dois, Strider estava falando como se Gideon fosse incapaz de encontrá-la, caso, de fato, viesse a perdê-la. E três, Strider talvez estivesse certo, mas isso em nada apaziguou a súbita fúria de Gideon. Podia não ser bom de lábia como Strider era, mas, maldição, tinha *alguma* habilidade com as mulheres.

Mais do que apenas isso. A própria Scarlet era uma guerreira. Uma imortal. Era capaz de se envolver em escuridão. Uma escuridão tão densa que nenhuma luz humana nem olhos imortais eram capazes de penetrar. Perdê-la não seria tão vergonhoso quanto perder uma humana destreinada.

Não que fosse perdê-la, procurou se convencer mais uma vez, e não que ela fosse *querer* fugir. Gideon iria seduzi-la. Iria esgotá-la de tanto prazer e deixá-la desesperada para ficar com ele. O que não deveria ser muito difícil. Afinal de contas, ela gostara o suficiente dele para desposá-lo, não é? Talvez. Maldição.

– Sei no que você está pensando – Strider afirmou, após outro suspiro. – E daí se ela fugir de você? Você a encontrará.

– Errado.

Sim, ele pensara nisso, mas logo descartara a ideia.

O que é você? Uma menininha?

– Bem, o que acontecerá com ela enquanto você a estiver procurando? Durante o dia, ela precisa de proteção, e, se você não estiver com ela, quem vai protegê-la?

Merda. Boa pergunta. Scarlet era incapaz de funcionar durante as horas do dia. Devido ao demônio dela, ela dormia por demais profundamente. Na verdade, tão profundamente que nada nem ninguém era capaz de acordá-la até o sol se pôr, um fato que ele descobrira após quase lhe provocar um aneurisma ao tentar, sem sucesso, acordá-la com algumas sacudidelas. Presumira que ela havia entrado em um coma e ficara chocado quando, algumas horas mais tarde, os olhos da mulher se abriram e ela se levantou como se houvesse acabado de tirar um revigorante cochilo de dez minutos.

– Foi sorte a termos encontrado quando a encontramos – prosseguiu Strider. – Se não tivéssemos contado com o anjo de Aeron ao nosso lado, teríamos morrido tentando capturá-la. Libertá-la, independentemente do motivo, é estupidez e é perigoso...

– Olivia não está mais conosco. – O que significava que ela estava. – Se necessário, ela não poderá mais nos ajudar. – O que significava que ela poderia. – Agora, eu odeio você, mas, por favor, continue falando.

Eu amo você, mas cale a boca, droga! Sinceramente.

Strider rosnou de renovada frustração ao descerem as escadas que levavam ao calabouço, janelas de vitrais cedendo o lugar a paredes manchadas de sangue e em péssimo estado. O ar tornou-se viciado, carregado de suor, urina e sangue. Nada que pertencesse a Scarlet, graças aos deuses. A culpa dele não teria aguentado. Felizmente, ou infelizmente, dependendo de para quem se perguntasse, ela não era a única a ser trancafiada. Havia vários Caçadores aguardando o que mereciam, ou seja, interrogatório, ou seja, tortura.

– E se ela estiver mentindo para você? – perguntou o amigo. O homem não sabia quando desistir, e, sim, Gideon sabia que Strider *não podia* desistir. Por esse motivo, ele simplesmente não esmurrava o amigo na cara e dava o fora dali. – E se ela não for de fato a sua esposa?

Gideon fungou.

– Não lhe disse. Separar as mentiras da verdade é difícil para mim.

A não ser com ela, mas Gideon não estava disposto a lembrar o amigo disso.

– É, mas você também me disse que, em se tratando dela, não sabe ao certo.

Um dos dois tinha uma memória perfeita. Que ótimo.

– Sem chance de ela ser a minha esposa.

As chances eram poucas, mas ainda assim havia a possibilidade.

Quando Scarlet lhe invadira os sonhos pela primeira vez e exigira que ele a visitasse nas masmorras, ele, tomado do desejo de vê-la, alguma parte de si reconhecendo-a de um modo que ainda não conseguia entender, fora incapaz de recusar. Quando ela afirmara que os dois haviam se beijado, feito sexo e até mesmo se casado, a mesma parte de si ronronara em sinal de concordância.

Mesmo não se lembrando dela.

Pela milésima vez, perguntou-se por que não conseguia se lembrar dela.

Vinha engendrando várias teorias. A primeira: os deuses haviam lhe apagado a memória. Contudo, isso levantava a questão de por quê. Por que haveriam de querer que ele não se recordasse da própria esposa? E por que também não haviam apagado a memória de Scarlet?

A segunda teoria: ele mesmo reprimira a lembrança. Contudo, mais uma vez, por que haveria de ter feito isso? *Como* poderia ter feito isso?

A terceira: o demônio, de algum modo, havia lhe apagado a memória quando foram unidos. Porém, se isso era verdade, por que ele se lembrava da vida dele nos céus, quando servira a Zeus, incumbido de proteger o antigo rei dos deuses a cada instante de cada dia?

Ele e Strider detiveram-se diante da primeira cela, na qual Scarlet residira nas últimas semanas. Ela estava dormindo no catre, como Gideon sabia que ela estaria, e, como fizera todas as vezes em que a vira, ele inspirou fundo. *Linda.*

Minha?

Será que queria que ela fosse?

Não, claro que não.

Isso só faria complicar as coisas. Não que fosse deixar que isso fizesse alguma diferença. Não podia. Os amigos vinham em primeiro lugar. Era assim que as coisas eram e sempre seriam.

Pelo menos, ela estava limpa. Certificara-se de que ela tivesse bastante água para beber e para banhar-se. E estava sendo muito bem alimentada. Certificara-se também de que a comida sempre fosse entregue no intervalo de poucas horas. Teria de ser o suficiente.

Não toque, disse Mentiras, praticamente saltando de um canto da cabeça dele para o outro. *Não toque.*

Cale a boca, meu chapa. Eu cuido disso.

Porém, ainda não era capaz de se fazer mexer. Parecia que vinha esperando por este momento há séculos e queria se deliciar com ele.

Deliciar? Ele estava mesmo se tornando uma mulherzinha.

Desvie o olhar antes que tenha uma ereção, disse para si mesmo. Tudo bem, isso era muito mais másculo. Contudo, ainda assim, deliberadamente desviou o olhar. As paredes ao redor dela eram feitas de concreto. Sendo assim, ela jamais poderia ver os Caçadores aprisionados ao lado. Na verdade, não era isso que importava para Gideon. Não queria era que os Caçadores a vissem.

Falando nos Caçadores, eles avistaram os guerreiros através das barras de suas celas e se esconderam nas sombras, com sussurros, aos poucos, se calando. Também podiam ter parado de respirar, considerando o medo que tinham de ser notados. Bom. Gideon gostava quando os inimigos dele o temiam.

E tinham todos os motivos para fazê-lo.

Aqueles homens haviam aprisionado e estuprado inocentes mulheres imortais, na esperança de gerar crianças bastardas que eles poderiam criar para odiar e combater Gideon e os amigos. Crianças capazes de ajudar os Caçadores a encontrar a caixa de Pandora antes dos Senhores do Mundo Subterrâneo, tudo na esperança de utilizar o artefato para separar cada demônio de seu hospedeiro. Um ato ao qual os guerreiros não sobreviveriam, visto que o homem estava agora irrevogavelmente unido à besta.

O que também fazia parte do castigo deles por terem aberto aquela caixa idiota.

Pensei que fôssemos dar início à festa. O que está esperando?

Gideon tirou do bolso a chave da cela de Scarlet, os dedos novos ainda duros e trêmulos devido ao desuso, e estendeu a mão.

– Gideon. – Strider pousou a mão firme no ombro dele, tentando mantê-lo no lugar. Gideon poderia facilmente ter se libertado, mas ele permitiu ao amigo a ilusão de vencer esta pequena batalha de determinação. – Você pode falar com ela *aqui*. Obter as suas respostas *aqui*.

Contudo, teriam uma plateia, o que significava que ela não conseguiria relaxar. E, caso ela não conseguisse relaxar, não permitiria que ele a tocasse. Degenerado como ele era, queria tocá-la. Além do mais, como é que iria seduzi-la para obter informações dela? Dizendo como ela era feia? Ou falando sobre o que ele *não* queria fazer com ela?

– Não relaxe, homem. Não tenho a intenção de trazê-la de volta quando tiver descoberto o que eu quero. Está bem?

– *Se* conseguir trazê-la de volta. Nós já discutimos esse pequeno porém, lembra-se?

Infelizmente, algo difícil de esquecer.

– Não terei cuidado. Não tem a minha palavra. Mas não preciso fazer isso. Não é importante para mim.

Embora Strider ainda lhe segurasse o ombro, o amigo passou a mão livre pelo rosto.

– Agora não é a hora de nos abandonar. Temos três artefatos, e Galen está espumando de tão furioso. Ele vai querer vingança pelo que tiramos dele.

Galen era o líder dos Caçadores, bem como um guerreiro possuído. Só que ele parecia um anjo e estava unido ao demônio da Esperança; sendo assim, todos os seguidores dele acreditavam que ele fosse, de fato, um anjo. Por causa dele, culpavam cada um dos Senhores do Mundo Subterrâneo pelos males do mundo. Por causa dele, esperavam um futuro livre de tais males e lutavam até a morte para conquistar isso.

A nova mulher de Aeron, Olivia, que, na realidade, *era* uma autêntica emissária do Senhor, roubara o terceiro artefato de Galen. O Manto da Invisibilidade. Uma vez que havia quatro artefatos necessários para se chegar à caixa de Pandora (o Olho Que Tudo Vê, que já estava com eles; a Jaula da Coação, idem; o Manto da Invisibilidade, como já dito, de posse deles; e o Cetro Divisor, que

ainda não haviam conseguido), Galen estava desesperado para reaver o manto, bem como para confiscar os outros artefatos.

O que significava que a guerra entre eles estava, de fato, esquentando.

Contudo, isso não tinha importância. Nada desviaria Gideon do atual rumo. O desfecho era importante demais para ele, e a mulher atraente ao extremo.

– Gideon.

Ele lançou um olhar sério para o amigo, revelando os dentes em um rosnado.

– Você está implorando para levar um beijo.

Uma surra daquelas.

– Muito bem – murmurou Strider, por fim, erguendo os braços com as palmas voltadas para a frente. – Leve-a.

Puxa.

– Não estava planejando fazê-lo, mas obrigado pela aprovação.

Contudo, por que Strider não estava desmaiado no chão, completamente apagado? Afinal de contas, ele não havia acabado de perder um desafio?

– Quando é que você retornará?

Gideon deu de ombros.

– Eu não estava pensando em... uma semana?

Sem dúvida, uma semana seria mais do que suficiente para fazer Scarlet amolecer com relação a ele e para fazer com que ela se abrisse quanto ao passado. Naquele exato instante, ela parecia odiá-lo. Ele ainda não sabia por quê, mas iria descobrir. Era uma promessa. Ainda. Ela tinha clara preferência por homens perigosos. Caso contrário, por que haveria de supostamente tê-lo desposado? E ele se encaixava na descrição.

– Três dias – disse Strider.

Ah, era chegada a hora da negociação. Era por isso que Strider não caíra vítima do demônio dele. Não estava derrotado. Apenas tentava outra estratégia. Gideon podia entender. Sentia-se tão culpado por deixar os homens para trás quanto por deixar Scarlet na cela. Precisavam dele, e, caso fossem prejudicados pela ausência dele, ele jamais se perdoaria.

– Não estou pensando em cinco agora – cedeu.

– Quatro.

– Nada feito.

Sorrindo, Strider assentiu.

– Ótimo.

Quer dizer que teria quatro dias para amansar Scarlet. Já enfrentara batalhas mais difíceis em menos tempo, estava certo disso. Contudo, naquele instante, não conseguia se recordar delas. Diabos, talvez estivesse sofrendo de perda de memória seletiva. Talvez lutas e Scarlet, com quem provavelmente já brigara um bocado, considerando que ela era teimosa, mandona e muito desbocada, houvessem sido as maiores vítimas de tal perda.

Entretanto, gostaria de se lembrar do sexo. Deve ter sido de outro mundo.

– Vou avisar os outros – informou Strider. – Porém, enquanto isso, levarei você de carro até

onde quer que queira levá-la.

– Claro. – Gideon inseriu a chave e finalmente destrancou a porta da cela de Scarlet, que se abriu com um ranger das dobradiças. – Eu que não vou levá-la sozinho. Quero que todo mundo saiba onde estamos.

Strider deixou escapar outro rosnado, este, apesar de igualmente frustrado, carregado de fúria.

– Idiota teimoso. Tenho de me certificar de que você chegou em segurança aonde quer que esteja indo, caso contrário, não conseguirei me concentrar o suficiente para matar ninguém. E você sabe que estou em uma dieta rígida de pelo menos um Caçador por dia.

– É por isso que você não vai receber um telefonema meu.

Gideon aproximou-se da forma ainda adormecida de Scarlet. Ela não mais se cercava daquela impenetrável escuridão enquanto dormia. Como se desejasse que Gideon sempre fosse capaz de vê-la. Ou até mesmo confiasse que ele não faria nenhum mal a ela. Pelo menos, era disso que ele tentava se convencer.

– Deuses. Não acredito que conseguiu me convencer disso. Por acaso eu já lhe disse que você é um cérebro de titica?

– Não.

Com delicadeza, Gideon tomou Scarlet nos braços.

Suspirando, ela roçou a face de encontro ao coração dele. Um coração que, agora, lhe batia de encontro ao peito com a força de uma marreta. Ela aconchegou-se a ele. Ela deveria ter 1,77m, comparado ao 1,90m dele, esbelta, porém definida. Ela recusara as roupas oferecidas por ele; sendo assim, ainda estava usando o top de algodão preto e a calça de couro, também preta, nos quais Aeron a encontrara.

Gideon se viu inspirando profundamente de novo, mas, desta vez, não havia culpa. Ela cheirava a sabonete com perfume floral, e isso o consumiu. Como seria o perfume dela todos aqueles anos atrás, quando supostamente haviam sido casados? De flores, como agora? Ou algo diferente? Algo mais exótico? Algo tão perigoso e sensual quanto ela era? Algo que ele teria adorado tomar na boca ao lambê-la dos pés à cabeça?

Cabeça... Fora da sarjeta.

Agora não era a hora de se entregar a tais pensamentos.

Virou-se com ela apertada de encontro ao peito, um tesouro precioso, que ele protegeria enquanto estivessem do outro lado dos muros da fortaleza. Mesmo dos próprios amigos. Sabia que estava contradizendo a si mesmo pensando nela em termos tão românticos e tão vorazes, quando suas intenções não eram nem tão puras nem tão honrosas; contudo, era incapaz de se conter. Maldita luxúria.

A expressão de Strider refletia preocupação, porém concordância, silenciosamente lhe dizendo que não seriam necessários gestos de defesa.

– Vá e tenha cuidado.

Deuses, como amava os amigos. Eles o apoiavam no que quer que fosse. Sempre apoiaram.

– A propósito, você está parecendo um gato que acabou de achar uma tigela de leite – comentou Strider, sacudindo a cabeça. – Isso não é reconfortante. Você não faz a menor ideia de onde está se

metendo, faz?

Talvez não. Porque há muito tempo não ansiava tanto por algo, o que, provavelmente, deveria tê-lo deixado desconfiado. No entanto, ter a estupidez salientada...

– Na minha cabeça, não estou lhe mostrando um dedo em riste. Sabe disso?

– É, eu sei. É o indicador, e você está me dizendo que sou o número um.

Gideon riu. Algo do gênero.

– Quatro dias – lembrou o amigo. – Ou vou procurá-lo.

Gideon soprou-lhe um beijo.

Strider revirou os olhos.

– Você bem que queria. Mas, escute, estarei rezando para que volte para nós vivo. E com a moça. E que ela também esteja viva. Ah, e que esteja satisfeito com o que quer que tenha descoberto. E que ela o tenha satisfeito de outras maneiras, para que se esqueça dela, como já fez com todas as outras mulheres em sua vida.

Tudo bem. São muitas orações.

– Obrigado. Para valer. Estou falando sério. Quando foi que se tornou um sacerdote? E quando foi que os deuses decidiram lhe dar ouvidos?

Strider jamais perdera tempo com orações, e, na realidade, os deuses adoravam ignorar os pedidos.

Não é verdade, pensou, logo em seguida. Cronos, o recém-coroadado rei dos Titãs, agora gostava de visitar a fortaleza de vez em quando, sem ser convidado, e fazer todo tipo de exigências infelizes que Gideon e os outros eram forçados a obedecer.

Assim como matar humanos inocentes. Como escolher entre a mulher e o amigo para salvar. Como implorar para saber aonde o espírito do amigo havia sido enviado, quando o amigo em questão tivera a cabeça separada do corpo. É, isso acontecera. Aeron perdera a cabeça para um anjo guerreiro, e, a pedido de Cronos, Gideon implorara para saber para onde havia sido enviado o espírito do homem, lágrimas rolando-lhe pela face, para que pudesse tentar resgatá-lo. Na verdade, todos eles imploraram e soluçaram como bebês.

Contudo, no fim, Cronos ainda se recusara a contar-lhes. Precisavam de uma lição de humildade, ele alegara.

Em seguida, é claro, Aeron retornara por conta própria. Ou melhor, com a ajuda de sua doce Olivia. Ele recebera um novo corpo, sem o demônio, e, mais uma vez, residia ali na fortaleza. Entretanto, Gideon ainda não perdoara Cronos pelo pouco caso. Tão cedo não estaria fazendo orações.

– Sacerdote. – A cabeça de Strider inclinou-se pensativamente. É claro que ele ignorava as perguntas de Gideon. Porém, Gideon podia facilmente perdoar o amigo. – Eu gosto. Quero dizer, é praticamente verdade. Sem dúvida, *conduzi* muitas mulheres aos portões celestiais.

E todos eles não haviam feito o mesmo? E com Scarlet não seria diferente, procurou convencer a si mesmo.

Sorrindo, Gideon levou embora a mulher dele.

Capítulo Dois

SCARLET ACORDOU sobressaltada. Entretanto, era como ela sempre acordava. No instante em que o sol desaparecia do céu, a consciência violentamente se apoderava do cérebro dela, como se ela tivesse sido conectada a um gerador, e este houvesse sido acionado.

Ofegante, suando, ela sentou-se, o olhar indo de um lado para o outro sem, de fato, enxergar coisa alguma. Por enquanto. Os gritos que o demônio dela arrancara de suas vítimas já haviam desaparecido no fundo da mente dela, mas as imagens que ela e Pesadelos haviam projetado naquelas mentes permaneciam na dela. Chamas crepitantes, carne derretendo, cinzas soprando ao vento.

O terror da hora da noite fora o fogo.

Ela não conseguia controlar o demônio enquanto dormia; sendo assim, ele buscava quem pudesse encontrar, espalhando o máximo de caos que pudesse. Scarlet podia, contudo, fazer sugestões, solicitando que a besta atacasse determinadas pessoas de determinados modos. E, em geral, o demônio não se fazia de rogado. Não que ela tivesse dado muitas sugestões recentemente. Desde que os Senhores do Mundo Subterrâneo a haviam capturado, ela vinha operando no piloto automático, a mente perdida em pensamentos sobre Gideon.

Por que ele não se lembrava dela?

Ela cerrou os punhos e rangeu os dentes.

A raiva não lhe cai bem. Acalme-se. Pense em alguma outra coisa.

Forçou os pensamentos a se voltarem de novo para o demônio dela. Infelizmente, a morte e o caos eram assuntos muito mais seguros do que o próprio marido. Durante as horas do dia, ela estava no controle do demônio. *Ela* era capaz de invocar a escuridão e *ela* podia colher os gritos. O demônio podia encorajá-la, e, normalmente, ela dava ouvidos a tais encorajamentos. Afinal de contas, uma mão lava a outra.

Cela desapareceu, Pesadelos revelou, enxergando o aposento antes dela.

As chamas, por fim, esmoreceram, e Scarlet olhou ao redor. Muito bem. Sendo assim, onde é que ela estava?

Passara várias semanas trancafiada naquele calabouço, cercada de concreto sujo e barras de ferro. Gemidos sofridos vinham constantemente das outras celas, e o fedor de odor corporal fixara residência no interior das narinas dela.

Agora, estava cercada por decadência. Papel com estampa floral decorava as paredes, e cortinas de veludo escuro ladeavam as janelas de sacada. Havia um reluzente lustre violeta sobre a cama, as lâmpadas em formato de cachos de uvas. E a cama, bem, o olhar deslizou por cada centímetro dela. Grande com lençóis azuis macios, e quatro colunas entalhadas à mão.

E melhor de tudo: o ar tinha um perfume doce, como o daquelas uvas penduradas misturado com o de maçã e baunilha. Ela inspirou profundamente, saboreando. Como foi que chegara ali sem o seu conhecimento?

Era evidente que fora carregada enquanto dormia como os mortos. Algo que, de um modo geral, ela desprezava, mas não podia fazê-lo desta vez, considerando que significava que fora libertada, justamente como esperava. Isso mesmo, esperava. Não quisera permanecer naquela fortaleza apenas para ficar perto de Gideon. De verdade.

Ainda assim. Enquanto estava perdida nos sonhos dos outros, aprisionada em um plano de escuridão e caos, com o demônio em seu íntimo, desesperado para se alimentar do horror das outras pessoas, qualquer um poderia atacá-la, e ela seria incapaz de se defender. Qualquer um poderia fazer qualquer coisa com ela, e ela não poderia detê-los. Ser removida enquanto estava indefesa a incomodava.

Em geral, protegia-se de situações exatamente como aquelas com escuridão. Bastava curvar um dedo mental para ser envolvida por ela, impossibilitando que qualquer um a enxergasse. Contudo, assim que se dera conta de que estava no interior da casa de Gideon, parara de invocar a escuridão.

Talvez, em algum nível subconsciente, ela desejasse ser vista por ele enquanto dormia. Isso o ajudaria a reviver a lembrança que tinha dela. Talvez quisesse que ele viesse a desejá-la outra vez e que implorasse para voltar a fazer parte da nova vida dela. O que era uma estupidez. O canalha a abandonara para apodrecer no interior do Tártaro. Scarlet deveria desprezar o desejo dele.

Deveria querer a ruína dele.

– Ora, ora. Fico tão chateado que finalmente tenha acordado.

Ao som da voz grave e rouca *dele*, Scarlet estremeceu, o olhar mais uma vez percorrendo o aposento. Em seguida, avistou-o, e o coração dela parou abruptamente. Ele estava de pé no vão da porta do quarto, os braços displicentemente pendendo ao longo do corpo. Gideon. Outrora o amado marido dela, agora um homem merecedor apenas do desprezo dela.

O coração dela voltou a bater, acelerando rapidamente, e o sangue chegou a ficar mais quente. Assim como da primeira vez em que o vira, milhares de anos atrás. *Assim como antes, a culpa não é minha*. Ele era um homem lindo, o rosto como o de um anjo, apenas salpicado de todo tipo de maldades.

Estava vestindo uma camiseta preta com os dizeres: “Você sabe que me quer”, calça preta ligeiramente folgada e um cinto de corrente prateado. Havia três piercings na sobrancelha direita e um no lábio. Uma argola prateada. Combinando com o cinto, ela pensou com malícia. Ele sempre se importara com a própria aparência e jamais gostara que zombassem disso. Algo que outrora a intrigara, pois lhe mostrara um lado mais suave dele.

Todavia, hoje, ela era incapaz de manifestar jovialidade. Enquanto ele estava parado ali, com uma aparência tão apetitosa, ela provavelmente devia lembrar um rato de esgoto. Apenas fora capaz de

esfregar a si mesma com a água que os Senhores do Mundo Subterrâneo haviam trazido a cada dia, de modo que as roupas estavam amarrotadas e sujas e o cabelo todo embaraçado.

– Tem muito a dizer, não é? – murmurou ele. – Quer dizer que estamos no caminho certo.

Ela estava a par de que ele apenas era capaz de falar usando mentiras, então sabia exatamente o que ele queria dizer. *Fique fria. Não permita que ele saiba como a afeta.* Ela arqueou uma das sobrelanceiras, torcendo para estar exibindo uma expressão des preocupada.

– Já se lembrou de mim?

Ótimo. Não houvera sequer vestígio de mágoa no tom dela.

A emoção abandonou os olhos dele.

– É claro que lembro.

Quer dizer que não se lembrava. Canalha. Ela não permitiu que a expressão do rosto se modificasse.

– Nesse caso, por que me tirou da fortaleza? – Deliberada e lentamente, ela deslizou o dedo pela curvatura do pescoço, descendo até entre os seios. O olhar de Gideon acompanhou todo o percurso. – Sou uma mulher muito perigosa.

– Ainda não fui alertado quanto a isso. – As palavras foram hesitantes. – E com certeza não a trouxe até aqui para uma conversa amena.

Quer dizer que não era por que a desejava, mas apenas para saciar a curiosidade. A mão dela caiu até o colo. *Não* estava desapontada. Era apenas mais do mesmo, e já se preparara mil vezes para lidar com a mágoa. Uma vez a mais não faria diferença.

– Você é um idiota se acha que uma mudança de cenário vai soltar a minha língua.

Um músculo se repuxou no queixo dele, mas Gideon permaneceu em silêncio. Ela lhe ofereceu um sorriso doce como mel, deleitando-se com o momento. Havia algo de tão gratificante em deixá-lo no escuro, em mantê-lo na incerteza, do mesmo modo como ele a mantivera na incerteza quanto ao paradeiro dele por dois mil anos repletos de preocupação.

Lembrada daqueles anos, ela foi incapaz de impedir que o sorriso, por mais forçado que fosse, desaparecesse. Teve até de levar a língua ao céu da boca para se impedir de mordê-la em um acesso de raiva.

Voltarei para pegar você, ele dissera, certa noite. *Eu a libertarei. Eu juro.*

Não. Não vá. Não me deixe aqui.

Deuses, mas como ela fora lamurienta. Contudo, era prisioneira, e ele fora o seu único raio de luz.

Amo-a demais para passar muito tempo longe, você sabe disso. Mas preciso fazer isto. Por nós dois.

É claro que ela não o vira nem ouvira mais falar dele depois disso. Não até os Titãs escaparem do Tártaro, uma prisão para imortais, e arrancarem das mãos dos Gregos o controle dos céus. Não até ela vir até a Terra e procurar... só para encontrá-lo correndo atrás de rabos de saia em alguma boate repugnante.

– Nada temos a conversar – disse ela, embora permanecendo no mesmo lugar, analisando a reação dele. – Você não vai conseguir o que quer e, com certeza, não vai me manter aqui.

– Sinta-se livre para fugir de mim. – Ele cruzou os braços diante do peito, esticando o tecido da

camiseta sobre o peito musculoso. – Não vai se arrepender.

Mais uma vez, Scarlet entendeu o que ele queria dizer. Corra, e acabará se arrependendo. Contudo, retrucou:

– Assim que eu me alongar, aceitarei a oferta e fugirei. A propósito, obrigada pela sugestão. Jamais teria pensado nisso por conta própria.

Ele rosnou de raiva e frustração.

– Fui cruel em trazê-la aqui. Você não me deve nada em troca; sendo assim, é melhor não ficar onde está.

– Estamos de acordo. Você é cruel, e não lhe devo nada; sendo assim, não me sinto na obrigação de ficar.

Outro rosnado. Ela esforçou-se para não rir. Maldição, era tão divertido provocá-lo.

Divertido? O sorriso dela desapareceu uma segunda vez. Ela deveria odiar que ele fosse capaz de falar apenas mentiras, não se deliciar com isso. Aquela língua enganosa dele já lhe despedaçara uma vez o frágil coração.

– Isso não basta de você – disse ele.

– Puxa. Já está querendo mais.

Outrora, considerara-o especial, porém, ele mostrara ser exatamente como os outros. A mãe, o rei, os supostos amigos dela. Deveriam ter se importado com ela, mas a traíram. Cada um deles, sem exceção.

Haviam sido criminosos, é verdade, mas até mesmo criminosos eram capazes de amar. Não é? É.

Sendo assim, por que não puderam me amar?

Ela passara a vida inteira trancafiada no Tártaro porque a mãe, Rhea, mulher de Cronos, tivera um caso com um mortal pouco antes de a rainha ser aprisionada e acabara dando à luz a Scarlet no interior de uma cela que dividira com vários outros deuses e deusas. Criminosos, como ela dissera. Scarlet fora criada entre eles, e, a princípio, eles gostavam dela. Contudo, à medida que foi ficando mais velha, a inveja aflorara em alguns. Luxúria, em outros.

O cativo, o ódio e a amargura logo se tornaram os únicos companheiros em que podia confiar. Até Gideon.

Ele outrora fora da guarda do Rei Zeus, e, cada vez que trazia um novo prisioneiro, os olhares deles se encontravam. Ela aguardava tais momentos desesperadamente. Ele também gostara deles, porque começara a visitar Tártaro com frequência, não para trancafiar prisioneiros, mas simplesmente para vê-la, para falar com ela.

Não pense no seu tempo com ele. Vai amolecê-la. E você não pode se dar a tal luxo, sua idiota.

Após receber a liberdade, Scarlet deveria ter permanecido no Olimpo, agora rebatizado de Titânia, graças a Cronos, e encontrado um bom deus com quem casar. Mas nãããooo. Tivera de ver Gideon uma última vez. Logo depois, tendo-o visto, tivera de permanecer perto dele. Em seguida, havendo decidido ficar, tivera apenas de convencer a si mesma a tomar cuidado com os Senhores do Mundo Subterrâneo, haja vista que soubera que eles estavam atrás de todos os imortais que haviam sido unidos a um dos demônios da caixa de Pandora, com a intenção de recrutá-los... ou matá-los.

Canalha, ela voltou a pensar em Gideon.

Excelente. Melhor assim. Ele é um mentiroso sujo, um assassino frio, e você o odeia.

– Este silêncio é sensacional – disse o homem, despertando-a de seus pensamentos.

– Que bom que gosta – ela retrucou. A irritação tomou conta da expressão dele, e ela teve de resistir a outro sorriso. – Por que estou disposta a lhe oferecer muito mais.

Outro rosnado.

– Ah, e para a sua paz de espírito, deveria saber que não vou fugir.

Ainda. Ela também queria conversar, mas não para satisfazer a curiosidade dele.

Durante muito tempo, perguntara-se se ele não teria encontrado outra pessoa. Alguém permanente. E já estava mais do que na hora de descobrir. É claro que, se ele tivesse, Scarlet teria de matar a vagabunda. Não porque ainda gostasse de Gideon. Não gostava, procurou se convencer. Mas porque ele não merecia tamanha felicidade.

Não era vingativo da parte dela. Era simplesmente o direito dela como a ex-mulher desprezada.

– Não estou grato por ficar – disse ele, com um suspiro de alívio.

Obrigado, ele estava dizendo.

– Você tem mesmo que agradecer?

Vai se foder, ela estava dizendo.

Estreitando o olhar, o que dava a impressão de que ele queria bater o pé no chão como uma criança irritada (ponto para Scarlet), Gideon passou a língua pelos dentes.

– Como é possível que não tenhamos nos casado, e, no entanto, meus amigos saibam tudo a respeito?

Como haviam se casado sem que ninguém soubesse? Fácil.

– Nós nos casamos às escondidas, sua anta.

Desta vez, ele não reagiu à provocação.

– Eu não fiquei com vergonha de você?

Ah, ela poderia esbofeteá-lo por essa. É claro que ele pensaria que fora ele quem tivera vergonha dela, e não o contrário. Afinal de contas, ela fora a prisioneira, e ele, o homem livre. Não que Gideon se recordasse até mesmo desse ínfimo detalhe, mas era óbvio que ainda tinha uma opinião exagerada a seu próprio respeito. Canalha era pouco para defini-lo.

– Você não tinha vergonha de mim, mas poderia ter sido morto se soubessem de sua ligação comigo – explicou ela.

Ele assentiu, como se agora entendesse que ela era uma Titá, aprisionada no Tártaro pelos Gregos, em vez de uma simples criminosa. Como se agora entendesse que os Gregos, os mesmos que o haviam criado, o teriam castigado da pior maneira possível por ter qualquer ligação com uma inimiga desprezível.

– Bem, já que não estamos casados há tanto tempo, que nome você não tem usado?

Hã, o quê? Ele já se esquecera do maldito nome dela, quando ela lhe dissera da primeira vez em que a visitara na masmorra? Apenas algumas poucas semanas haviam se passado.

– Meu nome é Scarlet. – Canalha. – Mas eu já lhe disse isso.

Canalha, canalha, canalha. As mãos dela apertaram o tecido de algodão sob si.

Ele fez um gesto de pouco caso.

– Já não sabia disso. O que não quero saber é o seu sobrenome.

Ela cerrou ainda mais as mãos e estreitou os olhos. Era evidente que ele estava tentando obter informações. Gideon não tinha certeza se ela era uma deusa ou uma de suas serviçais. Como deusa, não teria sobrenome. Como serviçal, teria, pois sobrenomes indicavam menor valor, visto que a pessoa não era capaz de ser distinguida apenas pelo primeiro nome. Como os humanos. Gideon estava fazendo um processo de eliminação. Não que lhe valesse de grande coisa, pois ela não era deusa nem serviçal. Nem humana, para falar a verdade. Era algo no meio dos três.

– Meu sobrenome muda praticamente cada vez que eu vejo um filme ou encontro uma nova guloseima masculina – disse ela em um tom doce como mel que combinava com o sorriso de antes.

O maxilar dele estalou, e o anel nos lábios reluziu sob a luz. Isso o irritava, não é? Não gostava da ideia da suposta esposa devorando outros homens com os olhos, não é?

– Guloseimas masculinas? Como algo que se compraria em uma confeitaria?

O tom dele foi zombeteiro, com a intenção de envergonhá-la.

– Claro que não. – E era óbvio que ele também não pensava assim, pois não havia desmaiado devido às palavras. Quer dizer que ele *estava* irritado. Ótimo. – Sabe como é. Guloseimas masculinas... Homens que despertam luxúria, homens que dão vontade de lamber, homens dos quais dá vontade de morder e arrancar um pedaço. Bem, talvez em você não, mas em mim sim.

De modo algum, queria que Gideon pensasse que ela passara todos os últimos anos suspirando por ele. Que ficara acordada, desejando-o desesperadamente.

Independentemente do quanto isso fosse verdade.

Os olhos dele estreitaram-se ainda mais, os cílios fundindo-se uns nos outros, ocultando o azul brilhante da íris.

– Você não é uma dos lordes. Como eu. Não deveria se chamar Scarlet Lord.

– Você se apresenta como Gideon Lord? – perguntou ela.

Ela não sabia disso.

– Não.

Sim.

– Bem, nesse caso, *já* me apresentarei como Scarlet Lord.

Recusava-se a seguir por esse caminho com ele outra vez. Recusava-se a anunciar para o mundo e para os céus que pertencia a ele.

A única coisa que compartilharia com este homem seria a ponta do punhal dela, através do coração negro, insensível e traiçoeiro dele.

Ele exibiu os dentes em uma terrível careta.

– Não estou avisando para ter cuidado. Não sou perigoso quando sou provocado.

– Ei, avise-me se já escutou esta. Vá se foder.

Por algum motivo, a raiva dele desapareceu e os lábios se repuxaram até lembrar um sorriso.

– Não tem espírito. Não entendo por que eu a teria escolhido.

Não. Amoleça.

– Não quero saber que nome você usou. – Ele afastou-se da parede, embora os braços permanecessem cruzados. – Por favor, não me conte. Por favor.

Pedido com pouco caso, com um ligeiro tom divertido, no entanto havia agora um intenso brilho no olhar dele, como se ele, caso necessário, fosse cruzar a distância que os separava e sacudi-la até obter a resposta. Se ele a tocasse... Não, não, não.

Scarlet deu de ombros, como se a informação fosse irrelevante.

– Bem, há várias semanas que venho usando o nome de Scarlet Pattinson. Por acaso já viu Robert Pattinson? Homem. Mais. Lindo. Do. Mundo. E, não, não estou nem aí se isso faz de mim uma papa-anjo. Ele canta maravilhosamente. Deuses, adoro quando um homem canta para mim. Você nunca cantou, haja vista que sua voz é horrível. – Ela estremeceu de desagrado. – Eu juro, é como um demônio passando as garras sobre enxofre.

Os dedos dele estavam se fincando nos bíceps com tanta selvageria, que já havia feridas se formando debaixo deles.

– E, agora, você não vai me dizer quem era antes disso.

Ele esquecera do “por favor”. Ótimo. Mais uma vez, ela estava começando a mexer com ele. Porém, o que fazer para realmente abalá-lo? Até onde o maldito orgulho masculino aguentaria?

Outrora, ela teria sabido a resposta para tais perguntas. Contudo, ele não era mais o mesmo homem carinhoso, o homem que lhe dera o primeiro gostinho de gentileza, pelo qual se apaixonara. Não podia ser. Ela e todos os outros prisioneiros escutaram histórias sobre os Senhores do Mundo Subterrâneo e de suas proezas. Os inocentes que eles haviam matado, as cidades que haviam destruído. Além do mais, Scarlet sabia o que o demônio fizera com ela quando haviam sido unidos. A escuridão, o horror, a total perda de controle. Ela também não era mais a mesma pessoa.

– Por algum tempo, fui Pitt – disse. – Depois, Gosling. Depois, Jackman. Depois, Reynolds. Sempre volto para o Reynolds. Ele é o meu favorito. Aquele cabelo louro, aqueles músculos... – Scarlet estremeceu. – Vamos ver, quem mais? Ah, também já fui Banna, Pine, Efron e DiCaprio. DiCaprio é outro favorito. E, pensando bem, outro louro. Acho que tenho uma queda por louros.

Com certeza, isso cutucou a ferida. Debaixo de todo aquele azul, Gideon tinha cabelo preto.

– Ah, e não curto garotas – continuou ela –, mas Jessica Biel é capaz de me fazer mudar de ideia. Você já viu aqueles lábios? Então, sim, eu já fui Scarlet Biel.

Mais uma vez, o maxilar de Gideon estalou. E, se ela não estava enganada, a raiva voltou com tudo, colocando de lado qualquer vestígio de diversão.

– Tão poucas guloseimas – comentou ele.

Ao que tudo indicava, ela era capaz de mexer para valer com ele. Como pudera achar que ele estava apenas zangado? Aquilo era fúria contida que escutava na voz dele, assim como excitação, algo cujo som ela outrora conhecera muito bem.

Não sorria. De novo.

– O que posso dizer? Gosto de variedade. Talvez, um dia, até seja minha missão traçar cada um deles.

Fumaça praticamente saiu das narinas dele. É, fúria. Ele endireitou-se, deu um passo à frente, deteve-se e recuou de volta para o vão da porta.

– Por ora, não encerramos – disse ele bruscamente.

Scarlet não queria que ele fosse embora. Ainda não.

– Espere. E quanto a você? – perguntou, voltando o foco para ele. *Cuidado*. – Alguma namorada de quem eu deva saber? Ou, melhor ainda, outra esposa para que possamos enquadrá-lo por poligamia?

Pronto, assim ele não notaria o desespero dela. E a *necessidade* de saber.

– Sim – disse ele entre dentes cerrados, a palavra mal conseguindo passar por eles. O que significava não. Não havia nenhuma. – Tenho uma namorada e sou casado com outra pessoa.

Scarlet deixou escapar um suspiro que não sabia estar prendendo. Gideon era solteiro. Um galinha que pegava o que lhe passava pela frente, sim, contudo não se comprometera com ninguém. Ela começou a tremer. Não de alívio, teve certeza, mas de decepção, pois não teria a oportunidade de matar alguém que Gideon amasse bem diante dos olhos dele.

Quer dizer que... encerramos por aqui.

Ela agora tinha a informação que queria. Podia se livrar dele. Só que girou as pernas para fora do colchão e ficou de pé. Sem derrubá-lo e fugir. *Idiota*.

– Vou tomar uma ducha, e você vai me trazer comida. Nem pense em discutir ou juro pelos deuses que encherrei os seus próximos sonhos com incontáveis aranhas.

Ou, pelo menos, achava que encheria.

Por algum motivo, Pesadelos não gostava de atormentá-lo. Tivera de implorar para o demônio fazê-lo da primeira, e única, vez, e a besta idiota protestara e reclamara o tempo todo. Isso jamais acontecera antes. O demônio dela era um atormentador sem igual.

Para ser sincera, ela ainda não compreendia por que Pesadelos gostava dele. O demônio nem sequer o conhecia, visto que ela ficara possuída *após* Gideon tê-la abandonado.

– E então? – perguntou ela. – Por que está parado aí? Mexa-se.

Os lábios de Gideon voltaram a se repuxar de modo encantador. Esforçando-se para não sorrir? Que homem estranho. Qualquer outro teria ameaçado esfaqueá-la por usar um tom tão atrevido e imperioso.

– O que você deseja, minha querida.

O que significava que não ia fazer nada. Não era surpresa. Ele sempre fora teimoso e jamais gostara de receber ordens, o que era algo que ela costumava gostar nele. Ainda assim, Scarlet não podia permitir que ele se sentisse satisfeito com o resultado da conversa. A satisfação tinha de ser apenas dela.

Estava na hora de desequilibrá-lo outra vez.

Ao caminhar para o banheiro, tirando a roupa ao longo do caminho, ela disse sobre o ombro:

– Ah, e, Gid, eu estava mentindo. Jamais fomos casados.

MALDIÇÃO, MALDIÇÃO, maldição! Gideon continuava incapaz de detectar quando ela estava mentindo, e isso estava realmente começando a deixá-lo furioso. Por algum motivo, cada palavra vinda dos lábios adoráveis dela o acariciava. Como?

As verdades costumavam fazer o demônio dele sibilar, e as mentiras o faziam ronronar. Com Scarlet *Pattinson* (Gideon quase atravessara com um murro a parede do quarto de hotel, assim como Strider fizera na fortaleza), era capaz de notar apenas a voz rouca, perdido demais em prazeres para

ligar para verdades ou mentiras.

Teria de dar um basta nisso. Caso contrário, jamais conseguiria as respostas.

Deixe-a, Mentiras exigiu.

Vá pegá-la? *Sinto muito. Gosto dos meus colhões onde estão.* Guerreira como ela claramente era, a qual lhe lembrava Cameo, guardiã da Infelicidade e uma das melhores amigas dele, Scarlet era o tipo de mulher que levaria os testículos de um homem à garganta com uma joelhada por tentar algo sem ser convidado. Como, por exemplo, espiar-lhe a nudez enquanto ela se banhava.

Olá, ereção.

A porta do banheiro fechou-se, escondendo-a da visão dele. Ótimo também. Ela entrara apenas de calcinha e sutiã. Ambos pretos. Rendados. Gideon estava com água na boca, e a pele estava pegando fogo. O sangue também. Com todos os diabos, ela era linda. Como uma pintura que houvesse sido trazida à vida, com a pele rosada e o comprido cabelo sedoso e negro. Repleta de curvas perigosas e músculos esbeltos, duas coisas que, em geral, não combinavam. Contudo, nela combinavam. E de um modo extraordinário.

Extraordinário. A palavra perfeita para as costas dela e a tatuagem. Ao redor da cintura, estavam as palavras SEPARAR É MORRER, e havia flores ao redor das palavras. Muitas flores. Flores de tudo quanto era cor, formato e tipo, e ele queria contornar cada uma delas com a língua. Abaixo das flores, na coxa, havia uma tatuagem de borboleta com todas as cores do arco-íris.

Ex-tra-or-di-ná-rio.

Contudo, não fora isso que mais lhe chamara a atenção. SEPARAR É MORRER. Ele tivera as mesmas palavras, com as flores também, tatuadas ao redor da própria cintura. Por que fizera algo tão afeminado? Era o que todos os amigos queriam saber. Ele lhes dissera que queria provar que nada poderia torná-lo menos atraente.

A verdade é que o fizera porque enxergara as mesmas palavras e as flores nos seus pensamentos, inúmeras vezes. Elas o assombraram, e ele sabia, *sabia* que elas significavam alguma coisa, mas não *o quê* significavam. Agora sabia que as vira nesta mulher. O que comprovava que, independentemente de serem casados ou não, haviam passado um tempo juntos.

Por que diabos não consigo me lembrar?

Eu sei, Mentiras respondeu, como se Gideon houvesse perguntado ao demônio.

Cale a boca. Gosto mais de você quando fica em silêncio.

O som de água atingindo a louça de repente ecoou pelo quarto de hotel. Scarlet provavelmente estava nua agora, ele pensou. Talvez de molho naquela água e permitindo que ela escorresse pelo corpo sensual.

Gideon gemeu, passando a mão pelo rosto, na esperança de levar embora as imagens travessas que lhe passavam pela cabeça. De nada adiantou. Pelo menos, não precisava se preocupar com as tentativas de escapar de Scarlet. Não com sucesso. Enquanto ela dormia, ele colocara minúsculos sensores em todas as portas e janelas e os conectara ao telefone dele. Ele saberia no instante em que ela tentasse ir embora. E ela tentaria. Em breve. Ela não seria capaz de se conter. Resistir, claramente, fazia parte da natureza dela.

Bem como irritá-lo.

Como deveria lidar com uma mulher que escolhia o sobrenome com base em quem atualmente lhe inspirava luxúria? Não havia problemas quando o objeto de tal luxúria eram outras mulheres. Era sexy até. Mas os homens? Não, com todos os diabos. Não se houvesse a chance de que fossem casados, e não até que as coisas houvessem sido esclarecidas entre os dois.

Ainda assim, ele sabia como queria lidar com ela. Pele com pele. Cada fibra de seu ser ansiava por adentrar aquele chuveiro, lambê-la todinha, provando-a, para, em seguida, penetrar a fundo no seu íntimo, sentindo-a puxar-lhe o cabelo e arranhar-lhe as costas. Sentir-lhe as pernas envolvendo a cintura com força. Escutá-la suspirar-lhe o nome e implorar por mais.

O pequeno Gideon começou a choramingar e os gêmeos a implorar.

Não vai acontecer, homens, pelo menos, ainda não.

Ela resistira a ele com mais intensidade do que ele esperara. Não que Gideon houvesse feito um grande esforço. Grande. Rá. Mas talvez isso fosse uma coisa boa. Como Strider lhe lembrara, os Caçadores estavam em Budapeste e à procura de sangue. Agora que eram capazes de matar os Senhores do Mundo Subterrâneo e unir os demônios deles a pessoas de sua escolha, agora que os Senhores estavam perto da vitória, os Caçadores estavam mais determinados e brutais do que nunca. Se Gideon seduzisse Scarlet, ele se esqueceria de protegê-la.

Poderia tê-la levado para outra cidade, ele supunha, e a seduzido ali. Isso teria sido mais seguro. Mas não. Não poderia deixar os amigos para trás desse jeito. Precisavam dele mais do que nunca. Maddox estava ocupado com a esposa grávida, a namorada de Lucien estava planejando o casamento deles, a esposa de Sabin estava visitando a irmã nos céus, sendo assim o guerreiro estava operando com as emoções à flor da pele, e a mulher de Reyes já tinha muito com o que se ocupar. Como o Olho Que Tudo Vê, ela era capaz de enxergar o céu e o inferno, e as coisas que ela via costumavam ser muito piores do que qualquer coisa que Scarlet pudesse criar no mundo dos sonhos dela.

Sem falar que Aeron, guardião da Ira, ainda estava se recuperando do encontro com a morte. No novo corpo, os pensamentos eram só dele, e o demônio não fazia mais parte dele. Como esperado, o guerreiro ainda não se acostumara com a mudança.

Gideon não o invejava, como alguns dos outros Senhores do Mundo Subterrâneo. Ele até gostava da sua metade sombria. Juntos, eram mais poderosos. Juntos, eram mais fortes, mais espertos, e, com a exceção de Scarlet, ninguém podia mentir para ele. Tudo bem. Havia alguns outros capazes de fazê-lo, porém apenas quando ele se deixava levar pelas emoções. O que era raro.

Contudo, falando em não ser capaz de separar verdades de mentiras...

Eu estava mentindo. Jamais fomos casados, Scarlet dissera.

Malditos sejam ela e os caprichos dela. Afinal de contas, eram ou não? Tinha aquelas visões dela, sim, como se *já* a houvesse levado para a cama. Como se já tivesse saboreado cada centímetro dela e já tivesse feito todas as coisas que, agora, queria fazer. Mas podiam apenas ser desejos que tinha, em vez de realidade.

Gideon suspirou e caminhou até a cama na qual Scarlet deitara. Ergueu os lençóis e pressionou o algodão ainda quente ao rosto, o perfume de orquídeas adentrando as narinas. Será que experimentara esse calor na própria pele? Será que conhecia aquele perfume?

Franzindo a testa, deixou cair o lençol, sentindo o membro intumescer ainda mais.

Saia daqui antes que você se esqueça de suas boas intenções e invada aquele banheiro.

Falara com sinceridade, porém, o demônio gostara da ideia.

Não invada o banheiro. Não invada o banheiro!

É sério. Cale a boca.

Embora Gideon houvesse dito para Scarlet, no seu costumeiro modo às avessas e enganoso, que não iria lhe buscar comida alguma, e falara sério na ocasião, ele saiu e trancou o quarto, desceu pelo elevador, anotou a comida que queria e entregou o bilhete para o recepcionista. O tempo todo, Mentiras queixou-se, zangado, na cabeça dele, detestando a distância de Scarlet.

O recepcionista assentiu e começou a digitar.

– Em uma hora estará tudo pronto, sr. Lord.

Ele assentiu antes de voltar para o quarto. Scarlet estava faminta. Portanto, ele a alimentaria. Esposa ou não. Porque, afinal de contas, ainda tinha perguntas para fazer para ela, e a mulher ainda tinha respostas.

Como ele procederia após isso, se seria homem das cavernas ou sedutor, dependeria dela.

Capítulo Três

SERÁ QUE algum dia se sentira tão limpa?, Scarlet perguntou-se, encantada ao escovar o cabelo.

Deuses, isto era bom. Nem um vestígio de sujeira sequer para maculá-la. Agora tinha a mesma fragrância de maçãs e baunilha que permeava o ar, junto ao costumeiro aroma floral da pele. Os músculos doídos sentiam-se aliviados, o espírito revigorado. Bem, mais ou menos. Por que ainda estava ali? Por que não fugira, como prometera para Gideon que faria?

Pesadelos não respondeu, a água tendo embalado o demônio em um sono tranquilo.

Não importava. Já sabia a resposta.

Quantas vezes precisa que lhe digam? Não pode voltar a ter sentimentos por ele.

Pensar era fácil. Evitar é que realmente era difícil. Gideon pensara em tudo. Colocara uma escova de dentes, pasta e escova de cabelo sobre a pia. Ah, sim, e um maldito arco azul para o cabelo. Roupas limpas repousavam sobre a tampa do vaso, embora não fossem exatamente o tipo que ela teria escolhido para si. Ele pegara um leve vestido azul em vez de calças e uma camiseta. Sandálias de salto alto em vez de botas. Não lhe dera um sutiã, apenas calcinhas azuis.

Sem dúvida, ele tinha fascínio por azul. Por que seria?

Scarlet deveria saber e odiava o fato de que não sabia. Será que era um acontecimento recente?

Não que isso importasse, procurouse convencer. Os pensamentos e motivos de Gideon não diziam respeito a ela.

– Estou tão feliz de esperar por você – disse ele, do outro lado da porta.

Assim como antes, o som da voz dele a deixou toda arrepiada. Ela o imaginou andando de um lado para o outro diante da porta. Paciência jamais fora o forte dele, e ela sempre gostara disso nele. Em grande parte, porque ele se mostrara ansioso para estar com ela. Após cada missão, Gideon corria até a cela dela, beijara-lhe o rosto, as mãos percorrendo-lhe o corpo, desesperadas para reaprender as curvas dela.

Senti tanto a sua falta, ele dissera.

Não me deixe novamente.

Eu ficaria nesta cela com você, se pudesse. Talvez, um dia, eu fique.

Não. Jamais quisera isso para ele. *Apenas... faça-me esquecer que estive longe.*

E ele fizera. Ah, como fizera.

Se ele soubesse como remover o grilhão que permanentemente a ancorava pelo pescoço, ele sempre dizia que teria fugido com ela. Porém, não soubera, e ela também não. Tudo o que ela soubera é que o grilhão dourado aparentemente era colado à pele e a mantinha enfraquecida, com os poderes e as habilidades dela sob controle.

Além do mais, apenas um seletivo grupo de imortais era capaz de se teletransportar, viajar de um local para o outro com apenas um pensamento, para fora e para dentro do Tártaro, e Gideon jamais fora um deles. Ele teria de esgueirar-se com ela por meio de todo o reino, passando pelos guardas e pelo portão. Um só, por conta própria, já teria sido difícil; juntos, era uma impossibilidade, mesmo sem o grilhão. Mas ele quisera tentar.

Com o pensamento, ela se sentiu amolecendo. Maldição!

Resista. Você não sobreviveria a outra decepção amorosa, e isso é tudo o que ele representa. Uma decepção amorosa.

Ela largou a escova na pia e, enquanto o barulho ecoava pelo banheiro, passou o vestido pela cabeça. O tecido macio acariciou-lhe a pele, e Scarlet gemeu. As calcinhas eram igualmente macias, o que lhe arrancou outro gemido. As sandálias de salto alto ela deixou de lado, preferindo vestir as antigas botas.

Tendo terminado, Scarlet virou-se, empertigando os ombros, enchendo-se de determinação. Um último encontro com Gideon, e ela o deixaria para trás. Mas isso seria o fim. Finalmente colocaria uma pedra sobre tudo. Pois, com certeza, era disso que precisava, era o que estava lhe faltando. Assim que conseguisse isso, voltaria para a vida que começara a construir para si mesma. Uma vida como mercenária humana. Ou melhor, como um pau para qualquer obra que não fosse boa coisa.

Vamos. Acabe logo com isso.

– Está tirando onda com a minha cara com isto? – disse, ao marchar para fora do banheiro com o arco na mão estendida.

Uma nuvem de vapor docemente perfumado a seguiu.

O olhar elétrico de Gideon pousou sobre ela, demorando-se sobre os mamilos intumescidos. Algo sombrio apareceu no olhar dele, e ele engoliu em seco.

– Quê? – A palavra foi um grasnido. – Eu achei feio.

O que significava que ele achara bonito.

Que... gracinha.

Maldito seja!

Ele estava de pé diante de uma pequena mesa quadrada, que não estava ali antes, os braços mais uma vez cruzados sobre o peito. Para se impedir de esganá-la?

– Quer dizer que você gosta de mulheres que se vestem como colegiais? – Scarlet ignorou o bater do próprio coração e o calor que se espalhava pelas veias. – Não me dei conta de que tinha fantasias tão inocentes – disse ela, sentindo vontade de praguejar logo em seguida.

Ela parecia sem fôlego, como se houvesse tocado em uma questão delicada. Sobre o que ele fantasiava hoje em dia? Como ele gostava do sexo? Tão malicioso e devorador como antes?

Como será que ele gostava das mulheres agora? Tão doces quanto ela mesma já fora?

Provavelmente. Ele demonstrara apenas alguns sinais de sentir atração por ela desde que a descobrira no interior do calabouço, e Scarlet era dura como pedra.

Tinha de ser. A vida dela não comportava vestidos como aquele. Sempre tivera de estar pronta para lutar. Era filha de Rhea, a rainha dos deuses, e renderia um excelente resgate. Não que a mãe fosse pagar por ela. Além disso, tinha vários inimigos, afinal de contas, e matá-la a removeria da linha de sucessão.

O aroma de pão fresco, frango e arroz de repente lhe chegou ao nariz, e a boca encheu-se de água. Esqueça o arco. Esqueça o fim. Ela recolheu a mão para o lado do corpo.

– Você me trouxe comida – disse ela, atordoada.

Outro gesto gentil do cretino.

– Não. Isto é tudo para mim. – Ele sentou-se na cadeira atrás de si. Prato fumegante após prato fumegante recobria a superfície da mesa. – A propósito, essa cor fica terrível em você.

Ela lambeu os lábios. Devido à comida, procurou se convencer. Não porque ele gostara da aparência dela. O que era bom.

– Aqui se faz, aqui se paga, você sabe. E pode contar com o fato de que, muito em breve, eu vou colocar *você* neste vestido.

Ele deu de ombros, os olhos reluzindo, e estendeu um dos pratos. O que continha frango, arroz e legumes. Antes que se desse conta do que estava fazendo, ela já estava avançando na direção dele com os braços estendidos. Após pegar o prato, afundou no assento do outro lado da mesa e tratou de comer. Tão. Bom.

– Não quero saber por que fez a tatuagem – disse ele. – Não quero saber quem lhe deu essa tatuagem. E, com certeza, não quero saber como as coisas terminaram entre nós.

– Já lhe disse que não fomos casados de fato.

A garfada deliciosamente saborosa de cenouras amanteigadas foi seguida de um gole de vinho tinto. Ainda. Melhor.

– E eu acreditei em você.

Ela deu de ombros, tentando lhe imitar o aparente desinteresse.

– Já respondi perguntas o suficiente por hoje. E sei que foi por isso que me trouxe aqui. Para me fazer relaxar, para me fazer abaixar a guarda, de modo a poder descobrir tudo o que quer saber, para, em seguida, voltar a me trancafiar.

– Está enganada – disse ele, estendendo a mão na direção da dela, segurando-a. Gideon a trouxe aos lábios, dando um beijo na pele subitamente ardente. – Queria apenas passar algum tempo com você, para conhecê-la melhor, esquecendo por completo o mundo ao nosso redor.

Ela começara a amolecer outra vez. Eram palavras que Scarlet ansiara tanto por escutar que ela, com frequência, chegara a sofrer fisicamente. Escutá-las agora... dando-se conta de que eram uma mentira... ela teve vontade de arrancar a faca que Gideon deixara às costas dela e usá-la para esfaqueá-lo. Visto que ele não estava se encolhendo de dor, como sabia que ele costumava fazer quando contava a verdade, Scarlet entendeu que não passava de uma mentira daquelas.

Ele a estava enrolando, e ela estava deixando.

Endureça o coração. Você é uma filha da puta. Aja como tal.

– Isso não deve ser difícil para você. Afinal, é mestre em esquecer as coisas, não é?

O tom de voz dela foi carregado de amargura.

Ele franziu a testa, abaixando a mão.

Ela teve vontade de gritar. De frustração. Exigindo que Gideon voltasse a tocá-la. Com fúria, declarando que *queria* que ele a tocasse de novo. Em vez disso, permaneceu em silêncio e terminou a refeição, consumindo cada migalha, cada gota de vinho, sem nada deixar para o homem do outro lado da mesa.

– Por que você está sendo tão... tão teimosa quanto a isto? – indagou ele, com o que pareceu ser curiosidade verdadeira. – Quanto a me manter na ignorância?

Porque ela passara milhares de anos sem saber onde ele estava, o que estava fazendo e com quem ele o estava fazendo. Sem saber se Gideon pensava nela, perguntando-se por que ele jamais voltara para buscá-la. Cada dia fora pior do que o anterior, a mente em polvorosa constante, as emoções pisadas, abusadas e deixadas à flor da pele.

Contudo, Scarlet tivera certeza de que ele a amava, sendo assim, por fim, aceitara que Gideon não retornara porque havia sido morto. A morte era a única coisa capaz de mantê-lo afastado. Dessa forma, sofrera por ele, chorando com tanta vontade e intensidade que chegara a, de fato, derramar lágrimas de sangue.

E quando ela, por fim, deixou os céus e descobriu que Gideon ainda vivia... Ah, a dor. Uma dor que ainda a assombrava.

Em contrapartida, ele só vinha se perguntando a respeito dela há algumas semanas. Não chorara até adormecer por causa disso. Não vomitara porque a preocupação e o sofrimento eram demasiados.

A mão dela contraiu-se, e o copo que Scarlet estava segurando foi estilhaçado. Gotas de sangue recobriram-lhe a palma da mão, mas ela nem sequer estremeceu ante a dor. Isso não era nada comparado ao que ela já sofrera. *Nada*.

Gideon suspirou e envolveu-lhe o pulso com os dedos, inspecionando o estrago.

– Adoro vê-la machucada. Não quero cuidar de você.

Quando ele adentrara a masmorra da fortaleza e ela vira o rosto lindo pela primeira vez em séculos, a única coisa que ela realmente sentira, na ocasião, foi admiração. Ele estava vivo. Estava com ela outra vez. Porém, em seguida, a raiva se manifestou. Seguida de ressentimento e de uma vontade devoradora de magoar. Contudo, nada daquilo se comparava ao que ela sentira ainda agora.

Fúria. Tanta fúria.

Como é que ele ousava? Como tinha a maldita ousadia de fingir ligar para os machucados insignificantes dela? Ele estava assentado ali, na maior calma, cutucando as emoções dela, como uma criança com um graveto, simplesmente porque ele podia. Porque ela era uma gigantesca incógnita para ele. Só isso. Gideon queria respostas. Não ela. Não o perdão dela. Ele não dava a mínima para os ferimentos dela e não queria fazê-la sentir-se melhor.

Será que ela nada representara para ele, mesmo em todos aqueles séculos atrás? Sim, ele a desposara, mas partira pouco depois. Partira em uma missão. Agora ela descobrira que ele estivera planejando roubar e abrir a caixa de Pandora. Também descobrira que ele fora unido ao demônio dele e expulso do céu logo em seguida. Mas ela fora possuída naquele mesmo dia, ainda trancafiada

na cela.

E, à medida que os séculos foram passando, ela obteve o controle de si mesma. Supusera que Gideon também recuperara o controle de si mesmo. Sendo assim, aguardara. E aguardara. Todas aquelas perguntas agitando-se na cabeça. E, pouco depois, a preocupação tomou conta dela. Seguida da tristeza.

E, tomada de tal tristeza, ela fizera coisas que chegaram a chocar até mesmo o demônio dela. Coisas terríveis. Nenhum dos deuses e deusas trancafiados na cela, para qual fora transferida, longe dos *cuidados* da mãe, haviam sobrevivido aos acessos dela.

Os Gregos chegaram a quase executá-la por tais atos, contudo, no fim das contas, Zeus adorava desfilá-la diante de Cronos, seu maior inimigo, deleitando-se com o fato de que ela era a prova de que Rhea havia traído o odiado inimigo. Valia a pena manter viva qualquer coisa que atormentasse o deposto Rei dos Titãs, o Grego dissera, independentemente do quanto tal coisa fosse perigosa.

E, então, os Titãs enfim conquistaram a liberdade. Cronos e Rhea teriam adorado deixá-la para trás, mas precisaram dos talentos dela para ajudar a derrotar os gregos. E ela tratara de ficar longe deles assim que os gritos cessaram e o sangue parou de jorrar.

Além do mais, ela tinha uma missão. Vasculhara os pergaminhos antigos em busca de informação sobre os Senhores do Mundo Subterrâneo e descobrira que Gideon ainda estava vivo. O alívio dela desconhecia limites. Porém, o mesmo podia ser dito da tristeza, pois foi então que as outras perguntas começaram a atormentá-la. Por que ele não voltara para buscá-la? Por que não a deixara saber que sobrevivera?

Ela o procurara para perguntar. E, sim, para voltar a se atirar nos braços dele. Para senti-lo ao seu redor, arremetendo para dentro e para fora dela. Finalmente. Como ela sonhara durante tantos anos.

Ela o encontrara naquele bar, em Buda. Passara direto por ele. Só que Gideon não a notara. Olhara para ela, sim. Desviara o olhar como se ela fosse uma desconhecida, sim. Estivera ocupado demais curvando o dedo para chamar uma mulher humana... e depois fazendo sexo com tal mulher ali mesmo no clube.

Scarlet fora embora com o coração partido outra vez. Enquanto fazia o melhor possível para aprender sobre a sociedade humana assistindo à TV, o tempo todo torcendo em segredo para que Gideon a valorizasse quando tivesse aprendido, ela, uma mulher criada em meio a criminosos, que jamais fora desejada pela mãe, que jamais conhecera o próprio pai, que agora estava morto, e que tinha um demônio nojento dentro de si, mantivera os ouvidos atentos, sempre curiosa quanto a Gideon e quanto ao que ele vinha fazendo.

Talvez, sem se dar conta, houvesse permitido que os Senhores do Mundo Subterrâneo a capturassem, justamente para que pudesse ter um momento como aquele. Um momento para ver o merda que ele era. Um momento para, abençoadamente, arrancá-lo dos pensamentos. O que, ainda assim, era algo tão contrário à natureza dela e algo que ela jurara jamais fazer. O cativeiro era algo que ela desprezava. No entanto, permanecera naquela maldita masmorra, sem sequer tentar escapar. Por este homem que não se lembrava dela. Um homem que não tinha problemas em usá-la. Em magoá-la. Em acabar com ela.

Ele. Precisava. Sofrer.

Scarlet levantou-se com um pulo, o prato nas mãos. Um prato que atirou sem aviso em Gideon. Ele espatifou-se de encontro ao rosto do homem, exatamente como o copo na mão dela. E, assim como o sangue brotou da mão dela, o mesmo aconteceu com o rosto dele.

Amarrando a cara, ele também se levantou com um pulo.

– Quanta gentileza. Obrigado!

Ela já lançara outro prato, que o acertou no peito. Este também se quebrou, rasgando a camiseta.

– O que você não acha que está fazendo?

– Não estou acabando com a sua raça. Não estou odiando-o. Não estou pensando que você é o maior idiota criado pelos deuses. Que tal? Será que falei de um modo que você possa entender?

Mate-o. Mate-o!

– Posso me lembrar de você, Scarlet – gritou ele, recuando, quando ela pegou um garfo e o ergueu como se fosse uma adaga. Ela já matara homens com muito menos. Até mesmo imortais. – Mas você não tem me assombrado. – Com gestos rígidos, ele ergueu a camiseta. Entre os cortes, acima do coração, havia uma tatuagem de olhos. Olhos escuros. Como os dela. – Está vendo? Você... não... tem... me... assombrado.

Era uma mentira, como ele. Tinha de ser.

– Isso não prova nada! Milhares de pessoas têm olhos escuros.

Ele inclinou a cabeça e afastou o cabelo da nuca. Ali, ela viu uma tatuagem de lábios vermelhos como o sangue, em forma de coração. Como os dela. Em seguida, ele se virou e voltou a erguer a camiseta. Na parte inferior das costas, havia flores, tudo quanto era tipo de flores, e as palavras: SEPARAR É MORRER.

Era uma réplica exata da tatuagem dela. Ele já tinha mostrado a ela antes, da primeira vez em que adentrara o calabouço, mas vê-la de novo era como levar um murro na boca do estômago.

– Eu só quero que isso não faça sentido – acrescentou ele, baixinho. Ele girou, voltando a encará-la. – Não me ajude. Por favor.

Ver aquelas tatuagens não aplacou a fúria dela. Não, vê-las a intensificou. Ele a imaginara, mas, ainda assim, dormira com todas aquelas mulheres. Ele ainda continuara com a vida dele, sem se dar ao trabalho de procurar a origem das imagens.

– Você acha que isso torna tudo melhor, seu canalha insensível? Enquanto você estava aqui embaixo, galinhando, curtindo a vida, eu estava no Tártaro, uma escrava dos Gregos. – Um passo, dois, ela contornou a mesa e aproximou-se dele. Sendo o guerreiro que era, ele permaneceu no lugar. – O que eles queriam que eu fizesse, eu tive de fazer. Quer quisesse ou não. No entanto, você me deixou lá. Você jamais foi me buscar. Você prometeu que iria me buscar!

Ela enterrou o garfo no peito dele e torceu com toda a força.

Surpreendentemente, Gideon não tentou detê-la. Não tentou se defender. Em vez disso, ficou parado ali, os olhos se estreitando. Uma demonstração de fúria? E, se o guerreiro estava mesmo furioso, quem seria o alvo da raiva dele? Ela? Ou os deuses gregos que a haviam forçado a fazer aquelas coisas?

Não importava. Isso era apenas o começo.

– E sabe o que mais? – Os dedos dela apertaram o garfo com tanta força que as juntas gritaram

em sinal de protesto. – Depois que eu vim aqui e vi com outra mulher, me entreguei a outro homem. Desta vez, por livre e espontânea vontade. E depois a outro.

Mentiras. Tudo mentira. Ela até que tentara. Quisera magoá-lo daquela maneira, mas não fora capaz de ir até o fim.

Ah, como odiava a si mesma pelo fracasso. Contudo, mais do que querer magoá-lo, ela estivera procurando alguém capaz de fazê-la se sentir como ele outrora fizera. Protegida, amada, valorizada. Como um tesouro. Nisso, também falhara desgraçadamente. Após ambos os encontros, ela se sentira vazia e triste.

Os ombros de Gideon descaíram, e todas as emoções sombrias pareceram abandonar-lhe o corpo.

– Não lamento. Adoro que tenha sentido a necessidade de fazer algo assim. Não quero matar os homens com quem estive. Embora eu me lembre de tudo no tocante ao nosso tempo juntos, você, de algum modo, ainda não me afeta.

Ele lamentava, odiava que ela tivesse feito algo assim e queria destruir os homens. Belas palavras. Para ele. Mas Scarlet não queria saber. Era tarde demais. Com um rosnado, arrancou o garfo do peito dele, os dentes ensanguentados, depois voltou a espetá-lo e torceu.

– Mais uma vez, você acha que isso resolve tudo? Você acha que o fato de ter me esquecido torna os seus atos menos dolorosos?

Cale a boca, cale a boca, cale a boca. Ela não queria que ele soubesse o quanto a magoara.

– Eu não... – Ele ficou imóvel e franziu a testa. Depois enfiou a mão no bolso do jeans e puxou de lá o telefone. Fitou-o por um instante, e, quando os olhos de ambos voltaram a se encontrar, havia uma fúria ardente lá no fundo deles. – Não temos visitas.

– Amigos seus?

Ela não perguntou como ele sabia. Gostando da tecnologia moderna como gostava, ela podia adivinhar.

– É. Adoro Caçadores.

Ela poderia tê-lo golpeado de novo, rapidamente lhe acertado ambos os olhos, deixando-o ferido e cego para lidar com os convidados indesejados. Porém, Gideon era dela para ser ferido, não deles.

– Quantos? – indagou, retraindo o talher.

Acorde, Pesadelos. Seus talentos podem ser necessários.

O demônio se espreguiçou e bocejou no interior da cabeça dela.

– Eu sei – respondeu Gideon.

Quer dizer que, assim como ela, ele ignorava o número de oponentes.

– Por qual porta entraram? – perguntou Scarlet.

– Não a da frente.

Ela realizou uma breve avaliação visual. Havia uma porta que levava da suíte até o átrio, que se ramificava em três corredores. Independentemente da direção da qual os intrusos viessem, teriam de passar pelo átrio. Perfeito.

Fique pronto, querido, porque a mamãe precisa de você.

Um ronronado de expectativa a deixou arrepiada.

Vai ser divertido.

Eu dou o golpe de misericórdia.

Gulosa.

Podia até ser, mas, por outro lado, precisava extravasar a raiva de *alguma* forma.

E deixe Gideon em paz. Não quero que ele veja as coisas que vai mostrar aos inimigos dele.

Isso lhe rendeu um rosnado.

Eu nunca faria mal a ele.

Era uma declaração que jamais pensara escutar, mesmo levando em conta a relutância anterior da criatura em assustar o guerreiro nos sonhos. Em circunstâncias diferentes, teria exigido saber o porquê. Não que tivesse lhe servido de algo. Pesadelos era tão generoso com as respostas quanto ela.

– Suba na cama – ordenou ela para Gideon. – Eu cuidarei disso.

– Pode apostar que sim – retrucou ele, puxando uma faca afiada e uma pequena pistola da cintura das calças. O tempo todo, ele estivera armado, no entanto, não se defendera contra ela. – Adoro a ideia de você enfrentá-los sozinha.

Homens machões. Consideravam as mulheres um peso morto em situações como aquela. Mas este estava prestes a aprender.

– Estão aqui. Sei que estão aqui – sussurrou alguém.

Um sussurro, sim, porém os ouvidos dela registraram cada palavra como se a pessoa estivesse bem ao seu lado. Um talento que desenvolvera na prisão. Um talento que lhe salvara a vida.

– Se levarmos a garota, terão de nos deixar entrar – disse outro.

– E o sujeito? – perguntou um outro.

– Morre.

Quando Pesadelos gargalhou, mais do que pronto para começar, Scarlet empurrou Gideon de volta para a cadeira. Ele aterrissou com um palavrão no instante em que ela libertou o demônio. A escuridão emergiu dela com uma explosão, milhares de gritos de terror capturados em meio à negritude impenetrável. Nem mesmo Gideon, sendo o poderoso imortal que era, seria capaz de enxergar através dela. Por outro lado, Scarlet não teria problemas em absorver cada detalhe.

– Se eu fosse você, taparia os ouvidos – sugeriu ela.

– Scar – começou ele a dizer, com um quê de raiva na voz.

Ah, e a expressão dele era dura como pedra. Gideon odiava aquilo. O que quer que tivesse a intenção de dizer foi interrompido quando Scarlet levou um dos dedos aos lábios dele, um comando silencioso que deixava claro que era passada a hora de papo furado. O inimigo escutaria.

Um instante se passou. Apesar de não relaxar o corpo, Gideon assentiu. Ele estava graciosamente se retirando do combate e permitindo que ela cuidasse de tudo. A rendição dele era completamente inesperada. Por que ele não se levantara e idiotamente exigira ajudá-la?

Preocupe-se com isso mais tarde.

Franzindo a testa, ela virou-se para enfrentar os intrusos. Havia quatro, todos homens e todos armados.

Apenas quatro? Deviam considerar-se mais fortes do que realmente eram ou achar que ela e Gideon eram mais fracos do que, de fato, eram. Ou talvez fosse apenas o início. Talvez outros

estivessem postados pelo hotel, observando, aguardando a chance de atacar.

Quando os homens adentraram o quarto, depararam com a escuridão e os gritos. Eles detiveram-se de repente, tentando se orientar e descobrir o que estava acontecendo. Mas era tarde demais. Pesadelos os cercou, contorcendo-se como um dançarino sombrio, mantendo-os no lugar, até mesmo flutuando até os ouvidos deles e rondando o cérebro deles. Logo estavam segurando a cabeça, gemendo, imagens dos Senhores do Mundo Subterrâneo prendendo-os, torturando-os, como os Caçadores tantas vezes torturaram outros, tornando-se tudo o que eles podiam enxergar.

Um dos talentos de Pesadelos era pressentir os medos ocultos e explorá-los. Foi como souberam do medo que Gideon tinha de aranhas. O único problema era que não tinham como saber o que *provocara* tal medo. E, em se tratando de Gideon, a curiosidade de Scarlet não tinha limites. Ele não parecera se importar com insetos quando estava com ela no Tártaro. Chegara até a espantar as criaturas com petelecos quando invadiram a cela dela.

– Faça parar. Por favor, faça parar – implorou alguém.

– Basta! – gritou outro.

Não. Ainda não bastava. Fria, insensível. Era assim que ela tinha de ser. E, para falar a verdade, gostava tanto disso quanto o demônio. Gostava de machucar aqueles que tiravam proveito do sofrimento alheio. Por muito tempo, ela mesma fora uma vítima. Mas não era mais.

Sorrindo, ela caminhou na direção dos homens, com o garfo ainda na mão. Ela alcançou o que estava mais próximo, os gemidos apavorados dele como música para os ouvidos dela, e afastou o cabelo do rosto dele. O toque o sobressaltou, no entanto, ele se inclinou na direção dela, buscando consolo onde pudesse encontrar. Como se presumisse que ela fosse amiga.

Sem aviso, Scarlet enterrou o garfo na jugular do homem. Ele gritou, mas o grito se misturou a todos os outros ao redor. Sangue quente jorrou dele, cobrindo a mão dela. Scarlet se dirigiu ao próximo homem, concedeu-lhe um toque gentil, a calma antes da tempestade, e também o golpeou.

Mais sangue espirrou.

Ela deu fim aos outros dois com semelhante velocidade e eficiência. Assim que os gemidos e os movimentos cessaram, ela fechou os olhos e voltou a puxar as sombras e os gritos para dentro de si. Ali, rodopiaram como um tornado, até ela os afastar para o fundo da mente, algo que aprendera a fazer ao longo dos anos. Caso contrário, já teria enlouquecido há muito tempo.

Talvez o fato de que ela e Gideon jamais teriam intimidades outra vez fosse uma bênção, Scarlet pensou. Quando perdia o controle do corpo, perdia o controle sobre o demônio, permitindo que a besta fizesse o que bem entendesse, apesar de ela ainda estar acordada. O que fizera com aqueles rapazes... Caçadores?... seria automaticamente feito com os amantes. Não as estocadas, mas a total ausência de luz, os gritos dos amaldiçoados ecoando nos ouvidos deles.

Para um homem, era duro permanecer, bem, duro durante algo do gênero. Ver medo e nojo contorcerem as feições de Gideon enquanto o membro estava enterrado nela poderia representar o fim de Scarlet. Do orgulho dela, com certeza. Da vontade dela de viver? Talvez.

Concentre-se na tarefa à mão.

Gideon estava sentado no mesmo lugar em que ela o deixara. Só que a expressão dele estava

impassível quando o olhar percorreu o corpo dela, notando o sangue que lhe cobria as mãos. Ele passou a língua pelos dentes antes de olhar para os homens.

– Algum ferimento? – perguntou ele sem qualquer vestígio de emoções.

– Estão mortos – retrucou ela. – Não tem de quê.

Será que um “obrigado” seria pedir demais? Ela o poupou de qualquer ferimento. Bem, além daqueles pelos quais ela mesma fora responsável.

Olhos azuis voltaram a fitá-la, paralisando-a com intensidade.

– É, eu estava falando deles. Não de você.

Ah. Ele queria saber dela? Surpreendente.

Não amoleça.

– Estou bem. Nem um arranhão. Mas talvez seja melhor irmos. – *Cada um para o seu lado*, ela acrescentou em silêncio. – Estou certa de que há mais Caçadores a caminho.

Ele assentiu, tenso, e ficou de pé, mas não guardou as armas.

– Você e talheres não são uma boa combinação.

– Chega de elogios, ou eu lhe darei outra demonstração em primeira mão.

Ela ergueu o garfo pingando e o sacudiu no ar. *Vamos. Vá embora.* Ela não foi. Permaneceu no mesmo lugar, como a idiota que era. Ainda não conseguira chegar ao fim. Não de verdade.

O que seria necessário?

– Sim, por favor. Outra demonstração seria ótima. – Gideon passou por ela e agachou-se diante das vítimas. Com ágil perícia, vasculhou os corpos, até mesmo sob as roupas. – Estão todos marcados.

Os Caçadores tatuavam o símbolo do infinito nos corpos. Era o modo de proclamar que queriam uma eternidade sem o mal.

– Talvez sejam apenas recrutas. Quando chegaram, um deles falou algo sobre conseguirem entrar. Talvez estivesse falando sobre conseguir entrar no Clube dos Caçadores Cretinos.

Gideon assentiu e ficou de pé.

– Isso não faz sentido.

– Porque sou mais esperta do que você. – Ainda não era o fim, mas disse ela: – Nesse caso, suponho que tenhamos encerrado aqui.

Desta vez, para valer.

– Claro. – Ele cruzou a pequena distância que os separava, até que estivessem cara a cara, o calor dele a envolvendo, o perfume almiscarado confundindo os sentidos dela. – Escute. Estou triste que esteja bem.

Os cílios dele abaixaram-se bem devagar, antes de se deterem, demorando-se, e ela soube que o guerreiro lhe fitava os lábios.

Será que pensava em beijá-la?

Ela engoliu em seco. Não. Não, não, não.

– Gideon.

– Continue falando.

Lentamente, tão, tão lentamente, ele inclinou-se na direção dela, como se, de fato, tivesse a

intenção de beijá-la.

Não. Não, não... Sim. Sim, sim, sim. Cada músculo no corpo dela retesou-se. O sangue nas veias chiou e estalou. Será que o gosto ainda era o mesmo? A sensação era a mesma? Tinha de descobrir. Então poderia abandoná-lo. *Então* seria o fim e jamais teria de olhar para trás cheia de dúvidas.

Contudo, pouco antes de os lábios se tocarem, os dedos de Gideon lhe envolveram o pulso. Não, não foram os dedos. Duro demais, pesado demais e frio demais. Franzindo a testa, ela olhou para baixo e viu que ele os algemara um ao outro.

Uma névoa vermelha passou diante dos olhos dela. Enganada. O canalha a enganara. Jamais tivera a intenção de beijá-la. Usara o evidente desejo de Scarlet por ele contra ela.

– Espero que não esteja se sentindo muito orgulhoso de si mesmo. – Cerrando os dentes, ela voltou a enterrar o garfo no peito dele. Desta vez, Gideon não conseguiu conter uma careta. – E espero que saiba que isto parecerá brincadeira de criança quando eu acabar com você.

– Contanto que estejamos separados, estou feliz.

Contanto que... Contanto que... Precisavam estar juntos para ele estar feliz? Embora, de repente, tivesse vontade de sorrir, ela o fitou com a cara amarrada. Maldito coração mole.

– Para onde vai me levar?

– Para o céu.

Capítulo Quatro

AMUN, GUARDIÃO do demônio dos Segredos, estava largado em uma espreguiçadeira de plástico no meio da verdejante floresta que cercava o seu lar. Estava com um isopor de cervejas geladas ao lado e um umidificador que funcionava a pilhas diante de si. No céu acima, o sol brilhava com tanta intensidade que os raios conseguiam atravessar a espessa copa das árvores e atingir-lhe diretamente a pele. Ah, e sim, ele tinha um bocado de pele à mostra. Viera até ali apenas com o calção de banho e um sorriso.

Ao fechar os olhos, era fácil fingir que estava em uma praia. Sozinho. Fazia isso sempre que possível. Era o seu tempo longe das pessoas e dos segredos que jamais conseguiam esconder dele, independentemente do quanto tentassem. Segredos que o demônio dele estava sempre desesperado para revelar, sempre se esgueirando pelas cabeças daqueles ao redor dele, escutando os pensamentos. Pensamentos que Amun, em seguida, escutava.

Isso já era difícil, mas suportável. Caso essa tivesse sido a única habilidade que tinha, Amun achava que teria sido capaz de levar uma vida normal. Mas o demônio também era capaz de *roubar* tais lembranças, a nova voz unindo-se às milhares de outras flutuando na cabeça dele, aumentando de volume, até se misturar às próprias lembranças, de tal modo que ele era incapaz de distinguir entre as duas.

Era como se *ele* tivesse vivido a vida daquela pessoa. Boa... ou absolutamente terrível.

Isso era algo que Amun detestava fazer, mas, às vezes, era necessário. Saber o que o inimigo sabia e planejava podia significar a vitória em uma batalha. Fazer o inimigo esquecer podia significar a vitória em uma guerra. Sendo assim, embora detestasse fazê-lo, ele era capaz de usar o demônio dele dessa maneira, sem hesitação.

O riso baixinho de uma mulher lhe chamou a atenção, e ele abriu os olhos. Não precisava enxergar para saber quem se aproximava de seu refúgio. Olivia, o anjo. Aeron vinha em perseguição, logo atrás dela.

Amun já conseguia ler os pensamentos deles.

Deus, a risada dela é tão sexy.

Se eu usar minhas asas, ele não será capaz de me pegar, e eu realmente quero que ele me pegue.

Quase... alcançando-a.

Ele está quase me alcançando!

Uma ofegante e sorridente Olivia emergiu dos arbustos, avistou Amun e deixou escapar uma exclamação de surpresa. Ela deteve-se bruscamente ao se dar conta de quem ele era e acenou.

Não esperando a parada súbita, Aeron emergiu dos arbustos um segundo mais tarde e chocou-se com ela. Os dois foram ao chão. Aeron girou o corpo no meio do ar para proteger Olivia do impacto da queda, mas as gloriosas asas brancas de anjo da moça se abriram e bateram, interrompendo a queda e pousando-os gentilmente em um colchão de folhas.

– Pelo menos, eu a peguei, minha querida – disse Aeron, fingindo um rosnado.

Ele tentou beijá-la.

– Aeron! – protestou Olivia, o olhar voltando-se para Amun. – Temos companhia.

– Companhia? – O guerreiro ficou de pé com um salto, já procurando a arma, enquanto virava Olivia de barriga para baixo, para lhe proteger os órgãos vitais. Ao avistar Amun, ele relaxou. E, se Amun não estava enganado, corou. – Oi.

Oi, Amun sinalizou. Teria adorado cumprimentar o amigo de maneira adequada, teria adorado conversar com ele, mas Amun conhecia muito bem os perigos de abrir a boca quando todas aquelas vozes lutavam para se libertar. Uma só palavra, e elas o dominariam. Derrubariam as defesas dele e se tornariam tudo o que ele conhecia. Todos ao redor dele, então, escutariam o que ele era forçado a escutar diariamente.

Amava demais os amigos para sujeitá-los a tal veneno. Além do mais, ele estava acostumado. Os amigos, não.

Aeron ajudou Olivia a se levantar e espanou com a mão as folhas e os gravetos de seu reluzente manto branco.

– O que está fazendo aqui?

Mais uma vez, Amun sinalizou a resposta.

Aeron apenas o fitou, inexpressivo. O guerreiro estava aprendendo a língua, mas ainda não era proficiente.

– Devagar, por favor.

– Ele disse que está tirando umas pequenas férias – explicou Olivia.

Amun assentiu, para informar Aeron que a mulher estava correta.

– Nesse caso, nós iremos embora – disse Aeron.

Fiquem. Por favor.

Olivia não tinha segredos nem pecados, algo que Amun adorava nela. Era a pessoa mais sincera, honesta e inocente que Amun já conhecera. E Aeron, bem, Amun já conhecia todos os segredos dele. Não eram novidades para o demônio dele, sendo assim, este permanecia adormecido na presença do guerreiro.

Contudo, os pensamentos deles eram uma questão diferente. Amun não tinha outra opção senão escutar o que se passava na cabeça deles. Para ele, era como se estivessem falando em voz alta.

Aeron pensava: *Como posso dar o fora daqui sem magoá-lo?* E Olivia pensava: *Amun parece tão triste. Eu deveria tentar alegrá-lo.*

– Adoraríamos ficar com você – respondeu Olivia, tomando a mão de Aeron.

O antigo guardião da Ira a fitou com a cara amarrada. Era evidente que quisera passar as próximas horas na cama com ela, não falando com Amun.

Amun esforçou-se para não sorrir. Se havia algo que gostava mais do que um tempo sozinho, era provocar os amigos. Calado como sempre tinha de estar, não costumava fazer isso com muita frequência, de modo que aproveitava as oportunidades que tinha.

Obrigado. Adoraria passar um tempo na companhia de vocês.

– Nesse caso, passaremos o tempo que você quiser.

Aeron amarrou ainda mais a cara, e Amun resistiu à vontade de rir. Retraindo as asas, Olivia conduziu o guerreiro sem camisa até a cadeira de Amun e lhe deu um ligeiro empurrão.

Ele *afundou* ruidosamente nela. Houve época em que o corpo de Aeron havia sido todo tatuado. Tatuagens sombrias de morte e violência. Ele quisera se lembrar das coisas que já fizera, para ser capaz de resistir melhor ao próprio demônio e jamais repeti-las. Contudo, pouco tempo atrás, Aeron fora decapitado e, em seguida, recebera um novo corpo. O corpo que fora seu antes de ser possuído. Um corpo livre de tatuagens.

No entanto, Aeron já voltara a se tatuar. Porém, desta vez, as imagens eram quase cômicas. O nome de Olivia decorava o local acima do coração, e o rosto dela estava no pulso. Ele até tatuara asas pretas nas costas, similares às que perdera durante a transformação.

– Ah, isso é cerveja? – Olivia bateu palmas, excitada, ao acomodar-se no colo de Aeron, os cachos escuros quicando nos ombros. – Sempre quis experimentar cerveja.

Amun empurrou o isopor para longe dela, ao mesmo tempo em que Aeron gritou:

– Não! Nada de experimentar cerveja.

Os dois lembravam-se muito bem da última vez em que Olivia experimentara álcool. Sem dúvida, ela era a bêbada mais triste do mundo.

Ela bufou.

– Tudo bem. Não vou experimentar.

Aeron relaxou. Talvez porque não soubesse que ela planejava dar um tremendo gole, em vez de apenas provar. Antes que ela pudesse pegar a garrafa, Amun bateu palmas, chamando-lhe a atenção. *Está muito bonita hoje.* E estava mesmo. Os cachos escuros eram como fitas de seda, as flores entrelaçadas neles como selos de aprovação da natureza. A face estava rosada e os olhos azul-celeste, brilhantes. Olivia irradiava amor.

– Obrigada – respondeu ela, sorrindo para ele.

– O que ele disse? – perguntou Aeron.

– Ele acha que estou muito bonita.

O guerreiro franziu os lábios.

– Quando lhe disse o mesmo, alguns minutos atrás, você fugiu de mim.

– E eu ia recompensá-lo quando me alcançasse.

Os estreitados olhos violeta do guerreiro pousaram sobre Amun.

Por que você tinha de estar aqui? Aeron pensou. *Agora terei de esperar pela minha recompensa.*

– E então... Você vem sempre aqui?

Tentando aparentar calma, Amun assentiu.

Aqueles mesmos olhos violeta examinaram a área ao redor.

– Posso entender o porquê disso. É muito agradável aqui.

O que fora uma das razões para Olivia guiá-lo por aquela trilha. Ela quisera que o homem se esquecesse das inseguranças, mesmo que por pouco tempo, e simplesmente se divertisse.

Sem dúvida, um paraíso.

– Mas você não se preocupa que os Caçadores possam surpreendê-lo? – perguntou Olivia, parecendo encolher-se.

O ódio não fazia parte da natureza dela, Amun sabia, mas ela não gostava da dor que aqueles homens trouxeram para o homem dela.

E você se preocupou?

Ela corou, e Aeron engasgou, engolindo o que parecia ser uma gargalhada. Isso ele aparentemente entendera.

Na verdade, com a cerca de ferro ao redor da propriedade e Torin cuidando para que o lugar seja monitorado 24 horas por dia, sete dias por semana, minha única preocupação é relaxar.

Torin, o guardião da Doença. O pobre homem não podia tocar ninguém, pele com pele, sem lhe passar algum tipo de doença. É claro que tal doença não mataria imortais, mas ela os infectaria, e eles, em troca, infectariam quem quer que tocassem. Sendo assim, Torin passava a maior parte do tempo sozinho no quarto.

Bem, não mais tão sozinho assim.

Amun captara-lhe os pensamentos, assim como os de Cameo. Cameo era a guardiã da Infelicidade, e, há várias semanas, os dois vinham tendo um caso apaixonado de Você-não-pode-me-tocar-mas-pode-me-olhar-enquanto-finjo-que-toco. Ambos sabiam que não duraria muito, mas, por ora, pareciam estar se divertindo um bocado, um na companhia do outro. Tanto que, por várias vezes, Amun já sentira a vontade de abrir a própria cabeça e arrancar o cérebro, em troca de alguns instantes de paz.

– Realmente não tivemos a intenção de atrapalhar o seu descanso – disse Aeron –, sendo assim, acho que vamos nos retirar e...

O que é meu é seu.

Os ombros de Aeron descaíram, e Amun esforçou-se para conter outra risada.

– É, mas o meu querido tem razão. Você merece relaxar em paz. Mas como podemos dividir a floresta...? Ah, já sei. Podemos organizar um cronograma. – Olivia sorriu, orgulhosa de si mesma. – Algo como, você fica com as segundas, quartas e sextas, e nós ficamos com as terças e quintas.

Ou eu fico com todos os dias, haja vista que cheguei primeiro.

– Ou você nos agradece por permitir que ainda tenha esses três dias – retrucou Aeron. – Caso contrário, podemos deixar vazar o *seu* segredo, e, então, todas as pessoas que moram na fortaleza vão começar a vir aqui.

Amun mostrou o dedo médio para ele, um sinal cuja interpretação não deixava margens para erro.

A retumbante gargalhada que, em seguida, escapou dos lábios do amigo foi como um bálsamo alivante para os ouvidos dele. Antes de Olivia e dos acontecimentos que levaram à decapitação do

guerreiro, Aeron jamais exibira alegria igual. Ele fora muito parecido com o modo como Amun se apresentava para o mundo. E que, na verdade, era como ele se sentia na maior parte do tempo. Melancólico. Pesaroso. Quase agoniado.

Como é que é? Viver sem um demônio?

Tantos séculos haviam se passado que Amun mal era capaz de se recordar de como era viver nos céus, feliz e sem interferências.

– Sinceramente? – Aeron reclinou-se para trás, até os ombros estarem descansando de encontro a um tronco de árvore. Ele puxou Olivia para si e a ajudou a se enroscar nele. – Fantástico. Não há voz alguma no fundo da minha cabeça, levando-me a fazer coisas terríveis. Não há a vontade de machucar, nem mutilar, nem matar. Mas também é... estranho. Não me dera conta do quanto eu viera a depender do desgraçado, há, do vilão, desculpe, querida, para informações sobre as pessoas. Estou tendo que reaprender a interpretar as pessoas e as intenções delas.

Amun sabia que, por causa da Ira, o guerreiro fora capaz de pressentir os pecados de uma pessoa assim que se aproximava dela. Ele, então, vira-se consumido por uma necessidade de puni-la, machucá-la do mesmo modo que ela machucara os outros.

Você se acostumará.

– Em breve, eu espero.

– A boa notícia é que ele não é mais tão mal-humorado – Olivia acrescentou.

Com os lábios se repuxando, Aeron beijou a ponta do nariz dela.

– Obrigado, querida.

– Não tem de quê.

O coração de Amun deu um pequeno salto. De alegria, pelo que o amigo havia encontrado. E, sim, de ciúmes. Ele queria uma mulher para si. Desesperadamente. Também encontrara uma de quem poderia gostar. Kaia. Uma Harpia. Ela era uma mentirosa e uma ladra, mas não fazia segredo disso, os pecados dela ficavam à mostra para todo mundo ver. Ela não guardava segredos.

Mas ela também dormira com Paris, guardião da Promiscuidade e um dos melhores amigos de Amun. Não que Paris a quisesse de novo ou mesmo que pudesse tê-la. Uma vez tendo dormido com uma mulher, Paris era incapaz de voltar a ter uma ereção por ela. Fazia parte da maldição dele. Mas, apesar de Amun saber que a pequena Harpia sentia-se intrigada por ele, também sabia que ela, tão cedo, não planejava se comprometer com ninguém. E, para Amun, tinha de ser para sempre.

Com outras mulheres, bem, mulheres humanas, era difícil demais. Sabia o que elas estavam pensando todos os minutos do dia. Sabia quando elas achavam outro homem atraente. Sabia quando elas diziam algo gentil para ele, mas estavam pensando algo cruel.

Aeron sinalizou, chamando a atenção dele. *Estou mesmo aqui. Por que não lhe perguntar logo?* O guerreiro pensou.

Amun endireitou-se. Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, Aeron o abordaria com a pergunta seguinte, contudo, não soubera como responder. Ainda não sabia.

Não me pergunte, suspirou.

Um músculo se repuxou sob os olhos de Aeron.

– Detesto quando lê os meus pensamentos.

Nesse caso, trate de escondê-los.

Porém, Amun não achava que houvesse uma maneira de fazer isso. Ninguém jamais conseguira tal proeza.

– Não posso. O que significa que você já sabe que Olivia e eu partiremos amanhã.

Na verdade, não. Isso não era verdade. Aeron pretendia deixar Olivia para trás, ela apenas não sabia disso. O guerreiro estava desesperado para lhe garantir a segurança. O que, na cabeça dele, significava deixá-la ali, mesmo que isso a deixasse furiosa.

Aonde você vai?, perguntou Amun, embora, mais uma vez, já soubesse a resposta.

– Para o inferno – respondeu Aeron. Não era uma metáfora. O homem estava falando sério. – Queremos que venha conosco.

Legião, o pequeno demônio que Aeron via como uma filha, atualmente estava aprisionada no reino de fogo, e ele pretendia resgatá-la. Se o guerreiro houvesse pedido que Amun o acompanhasse a qualquer lugar, ele teria dito sim, sem hesitação. Mas o inferno... Ele estremeceu. Seu demônio morara lá desde a aurora dos tempos. O demônio dele lutara para escapar, fora bem-sucedido e punido por tal sucesso.

Contudo, as lembranças daquele lugar jamais haviam desaparecido. O calor, os gritos, o fedor de enxofre e de carne podre que impregnava o ar. Revoltante. Acrescente a isso os terríveis pensamentos dos demônios ainda morando ali, os pensamentos atormentados das almas que ali sofriam, e era um novo tipo de inferno para Amun.

E quanto a Baden?, indagou.

Aeron arqueou uma das sobrancelhas.

– Você também sabe disso. Ótimo.

Baden, outrora o melhor amigo deles. Porém, centenas de anos atrás, os Caçadores o decapitaram. Ao contrário de Aeron, Baden não recebera um corpo novo. Aparentemente, nada fizera para merecer um. Mas Aeron, que passara algum tempo na vida após a morte, o vira. Falara com ele.

Baden estava por lá. Baden poderia ser libertado, e, como Aeron, retornar a eles. Apenas tinham de achar um modo de colocar o espírito dele em um novo corpo.

Aeron guardara para si tal informação. Por outro lado, era um hábito que compartilhavam. Aeron gostava de pesar todos os fatos, encontrar possíveis soluções, antes de mencionar algo para os outros. Isso jamais fora tão evidente quanto agora. Para Aeron, ele mesmo já não sofria, mas todos os outros sofriam. Ele não ia querer colaborar para o sofrimento deles até que pudesse encontrar uma resolução.

– Assim que Legião estiver em segurança, contarei para os outros sobre Baden – afirmou Aeron. – Então poderemos nos concentrar em libertá-lo. Mas Legião precisará vir primeiro. Ela está sofrendo. Ele não.

E os Caçadores? Os artefatos? A caixa de Pandora? Você se esquecerá de tudo? Agora que não tem mais um demônio, tais coisas não devem mais preocupá-lo.

O rosto de Aeron transformou-se em uma careta sombria.

– Está enganado. Eu me preocupo muito com isso. Não quero ver meus melhores amigos

morrerem porque permiti que o inimigo encontrasse os artefatos. Não quero ver meus melhores amigos morrerem porque eu não estava presente para protegê-los. Mas também amo Legião. Ela está sendo torturada no inferno, e eu não consigo suportar saber disso. Tenho de libertá-la, ou não serei de utilidade para ninguém.

Mesmo depois do que ela fez com você?

– Sim – respondeu Aeron, sem hesitar.

Olivia assentiu.

– Sim. Eu também.

Amun esperava o perdão vindo de Olivia. Ela era um anjo e, como ele mesmo já percebera, não sabia odiar. Nem sequer era capaz de ficar furiosa por muito tempo. Mas Aeron? Perdoar uma mulher por fazer um pacto com o diabo, chegando perto de arruinar a vida dele ao quase matar seu anjo? Surpreendente.

– O quanto antes a encontrarmos, mais cedo libertaremos Baden, e poderei me concentrar nos artefatos e nos Caçadores – acrescentou Aeron.

Muitas razões para ir, sem dúvida, mas nenhuma mais importante do que os motivos para ficar para trás.

Está pedindo a mais alguém para ir com você?

A nuca de Aeron bateu na árvore quando ele olhou para o céu.

– Não. Detestei até mesmo ter de pedir para você. Não quero deixar a fortaleza desprotegida nem arrumar mais uma coisa para os guerreiros fazerem.

Sendo assim, por que eu?

Aeron jamais formulara uma resposta na cabeça, de modo que Amun jamais a lera nos pensamentos dele. Ele, sinceramente, não sabia. Os outros guerreiros eram tão fortes quanto ele, tão hábeis quanto ele nas artes da guerra e de matar.

– Segredos – respondeu Olivia com um suspiro triste. – O seu demônio será capaz de descobrir onde Legião está presa.

Fazia sentido, e Amun quase chegou a gemer. Precisavam dele, especificamente. Não pela força, mas pelo demônio. Ninguém mais serviria. Sendo assim, como poderia lhes dizer não?

Ele passou a mão pelo rosto subitamente cansado. Embora tudo e todos, em seu íntimo, houvessem começado a gritar em protesto, fazendo-o estremecer, ele assentiu.

Se eu concordar em fazer isso, terá de chamar mais outra pessoa.

Para tomar o lugar de Olivia e melhorar as chances de sucesso.

– Quem?

William.

William era uma espécie de imortal, embora nenhum deles soubesse exatamente o que ele era. O que Amun sabia era que o homem gostava de achar que era um deus do sexo. Ele era capaz de dormir com qualquer uma, e já o fizera. Um perfeito galinha. Contudo, adorava o combate quase tanto quanto adorava sexo e não era possuído por nenhum demônio. Sendo assim, as sombras do mundo subterrâneo não o assustariam. E, caso Amun tombasse, como suspeitava que poderia acontecer, haveria alguém para ajudar Aeron a partir.

– Tudo bem – concordou Aeron. – Pedirei a ele.
Amun sinalizou, a tristeza espelhando a de Olivia.
Nesse caso, conte comigo.

Capítulo Cinco

DEPOIS DE ligar para Lucien, o guardião da Morte, solicitando uma limpeza no hotel, Gideon arrastou uma relutante Scarlet para fora, por meio do pátio coberto, pelas ruas da cidade, até a Escalade que escondera em alguns arbustos, a alguns quarteirões de distância. A noite caíra plenamente, o céu estrelado emoldurando a meia-lua dourada. Embora ele estivesse preparado para qualquer coisa, não havia outros Caçadores, nem recrutas, como parecia ser o caso, aguardando para atacar.

Não sabia ao certo como aqueles quatro rapazes o haviam seguido. Ele se certificara de que não havia ninguém na cola dele. Isto é, se é que houvera alguém na cola dele. O que ele teria apostado cada centavo do dinheiro de Torin que não havia. Sendo assim, ou um deus, ou deusa, o estava vigiando e relatando o paradeiro dele, ou os rapazes simplesmente haviam dado sorte e estavam no hotel quando ele se registrara.

A primeira opção era a mais provável. Cronos estava ajudando os Senhores do Mundo Subterrâneo, e Rhea, a deusa rainha, que estava em guerra com o marido, estava ajudando os Caçadores. Disso ele sabia. Mas por que enviar recrutas para lutar com ele, em vez de Caçadores de verdade? E será que a localização de Gideon estaria comprometida independentemente de para onde fosse?

Talvez.

A mão apertou o volante quando passou a marcha à ré no veículo, o braço de Scarlet movendo-se com ele.

– Qual o motivo de tanta agitação? – perguntou Scarlet, puxando conversa.

Ele não se deixou enganar. Ela ainda estava fula da vida com ele. Em silêncio, Gideon manobrou pelo estacionamento em que parara e tomou as ruas da cidade. Sendo tarde da noite, havia pouco trânsito. Contudo, só por precaução, manteve os olhos no retrovisor.

– Você está implorando outro garfo no peito – murmurou ela.

Mais uma vez ignorando-a, ele gritou:

– Cron! – *Pare. Você está furioso com ele. Tem de haver um outro jeito.* Sabia que não havia. Não mentiria para si mesmo, ainda mais agora. – Não preciso de você!

No assento do carona, Scarlet estremeceu.

– Cron? Como em Cronos?

Ele assentiu.

– O que diabos quer com ele?

– Não são respostas.

– Bem, nesse caso, pode me soltar e, depois, ir bater um papo com ele.

Havia tensão na voz dela. Uma tensão que ele jamais havia escutado, mesmo quando ela o golpearia, repetidas vezes. Ela começou a se debater ainda mais, chutando a porta do lado do passageiro, para abri-la.

Ela estava... com medo do deus? Não podia ser. Scarlet encarara sem hesitar quatro Caçadores em potencial.

– Meus motivos para... evitá-lo são... não muito urgentes. – Ele sentiu um frio na barriga. Quase falara a verdade. Quase lhe contara que os seus motivos para *invocar a presença* do deus eram, de fato, urgentes. – E, tais motivos, não são de vida e morte.

– Não dou a mínima! Não o quero aqui.

Ah, sim. Ela estava com medo. Por quê?

Em vez de perguntar, pois sabia que ela não lhe contaria caso o fizesse, ele mudou de assunto para lhe dar tempo para se acalmar. Se ela continuasse a puxá-lo, ia perder um dos membros. De novo.

– Você teve de deixar aqueles garotos vivos?

Scarlet os matara sem sequer um vestígio de piedade.

Teria feito o mesmo, é claro, mas era um homem. Não era para as mulheres serem compassivas e coisas do gênero?

– Tive. – Ela lentamente parou de se debater. – E daí?

– Por quê? Poderíamos tê-los agradado para conseguir informações.

Os lábios dela se retorceram, como se, de repente, estivesse tentando resistir a um sorriso.

– Ora, Gideon, eu não sabia que a sua faca cortava desse lado. Mas eles eram bonitinhos, não eram? Especialmente o louro.

Agora, este tom ele reconhecia. Doce como mel e irritante que só ele. Mas, é, o louro era bonitinho, pelo que ele pudera ver, e Gideon detestava que ela tivesse reparado. Na verdade, detestava que ela preferisse louros. Sua esposa deveria... *Você não sabe se ela é sua esposa.*

Minha não é, Mentiras se manifestou. *Minha não é.*

Mentiras a estava reivindicando? Pouco provável. Se alguém a reivindicaria, seria Gideon. Se fossem casados.

E depois o quê?, perguntou-se. Ainda planejava devolvê-la ao calabouço, independentemente de qualquer coisa. O que significava que ela ia odiá-lo. Como se já não odiasse.

A culpa retornou, preenchendo-lhe o nariz, os pulmões, e misturando-se ao seu sangue.

Tem de ser assim.

Minha não é.

Cale a boca.

– Por que os deixou vivos? – insistiu Gideon.

Scarlet deu de ombros em um gesto de pouco caso.

– Estavam ali para nos fazer mal. Se os tivesse deixado viver, poderiam ter vindo atrás de nós mais tarde. A determinação deles teria sido maior, e teriam tido tempo para envenenar outros contra nós.

As palavras dela faziam sentido, mas também lhe provocaram um frio na barriga. A total convicção na voz dela o convenceu de uma coisa: outrora, Scarlet havia soltado um inimigo, em vez de matá-lo, e esse inimigo voltara para pegá-la. Ele a machucara.

Como o canalha a machucara? Será que a estuprara? Será que a surrara? O volante guinchou ao ser girado, e Gideon forçou-se a afrouxar um pouco a pegada. Será que se, após ter sido expulso dos céus, houvesse voltado para buscá-la, como talvez tivesse outrora prometido fazer, ele teria evitado tal destino?

Deuses. A culpa tornou-se um câncer, devorando-o, deixando-o em carne viva. Mais uma vez, quis pedir uma explicação, contudo, mais uma vez, sabia que ela nada lhe diria. Até chegarem a seu destino e ele a seduzir. O que, culpa ou não, é o que *ia* fazer. Antes de os convidados indesejados aparecerem, ela parecia pronta para lhe aceitar o beijo. Diabos, parecera pronta para retribuí-lo com semelhante paixão.

– Nada a dizer? – perguntou ela. – Nenhuma resposta boba?

Boba? Maldição, fazia o melhor que podia. *Ela está apenas frustrada, descontando em quem está por perto.* Mas, de fato, isso não era culpa dele, procurou se lembrar. Algo acontecera com as lembranças dele.

Na verdade, era mais uma coisa para discutir com Cronos.

– Cron! – Viu-se gritando uma segunda vez.

E, exatamente como antes, Scarlet começou a se debater, tentando se libertar.

– Já lhe disse que não o quero aqui. Já lhe disse...

Em um momento, Gideon estava ao volante, algemado a Scarlet e avançando pelas estradas largas, no seguinte, estava no céu, cercado de nuvens fofas e brancas, sem Scarlet por perto.

Tentando não entrar em pânico, ele girou, procurando-a desesperadamente. Tudo o que viu foram mais nuvens. Não havia estradas, nem construções, nem pessoas.

– Scar – gritou ele, sentindo o coração prestes a saltar do peito.

– Acalme-se, Mentiras. O tempo parou para a sua companheira. Quando eu o retornar, tudo estará exatamente como você deixou.

O coração dele desacelerou. Ao voltar-se de novo, deparou-se com Cronos. Tentou não aparentar surpresa. O rei parecia mais jovem cada vez que Gideon o via, e este... este... jovem demais, pensou, sacudindo a cabeça. O cabelo grisalho havia desaparecido. Em seu lugar, estavam cachos dourados e castanho-claros. A pele enrugada também desaparecera. A pele agora era lisa, macia e bronzeada.

Estava usando um manto branco e sandálias amarradas nos pés. Ele irradiava tanto poder. Gideon chegou a quase ajoelhar-se. Foi necessária toda a concentração dele para permanecer de pé.

– Não quero a sua promessa de que Scarlet estará sã e salva quando eu voltar para ela.

Como Scarlet, Cronos o conhecia o bastante para saber o que ele realmente estava dizendo.

– Tem a minha palavra. Ela não vai bater. Nem sequer saberá que você desapareceu, a não ser que conte para ela. Contente agora?

– Não. – Cada músculo do corpo relaxou. – Não, obrigado.

– Isso significa que já me perdoou por não contar como encontrar o espírito de Aeron?

Não. Jamais. Contudo, em vez de dizer isso para o rei, ele ficou calado. Era melhor o silêncio do que a punição.

– O que eu fiz foi para o seu bem.

Fazê-lo implorar e, em seguida, recusar o pedido havia sido para o bem dele? É. Pois sim.

– Você é um imortal, não um deus, de modo que a sua compreensão é limitada. Contudo, um dia, você ainda me agradecerá. – Cronos torceu o nariz de desdém. – Não acredito que estou me explicando para você. É repugnante o modo como tenho de paparicá-lo. Onde está o temível guerreiro que me disseram para esperar?

Gideon mal se conteve para não revirar os olhos. Paparicá-lo? Pois sim!

– Você não é um...

– Cuidado com a língua, Mentiras. Ou corre o risco de perdê-la.

Ele assentiu com relutância.

– Melhor. Agora, por que me chamou?

Para pedir a cabeça da sua esposa. Não que pudesse dizer isso em voz alta.

– Apenas para que saiba que a sua esposa... é um tesouro.

Ele se preparou para o castigo.

– Se você acha lixo um tesouro – retrucou o rei com secura.

Verdade. Mentiras cuspiu de desgosto.

Gideon relaxou. Ele e o rei estavam na mesma sintonia.

– Veja o que acontece: não acho que ela esteja vigiando cada movimento nosso. Não suspeito que tenha mandado nos seguir. E não suspeito que ela tenha mandado humanos nos matar.

– Eu sei. Já sei há algum tempo. – Mais uma vez, a verdade. Cronos massageou a ponta do nariz.

– Mulher maldita. Ela sempre me deu dor de cabeça.

– Como podemos encorajá-la? – *A parar*, acrescentou em silêncio, desejando desesperadamente poder ser capaz de dizer o que, de fato, queria. – Ela não está nos causando todo tipo de problemas e não vai nos matar antes que consigamos salvar a sua pele de Galen. – Melhor dizendo, a sua cabeça. A amiga de Gideon, Danika, era o Olho Que Tudo Vê, capaz de enxergar o céu e o inferno, assim como prever o futuro, e ela alegava que Galen ia decapitar Cronos. Por isso Cronos está ajudando os Senhores do Mundo Subterrâneo.

Por esse motivo e por Cronos estar possuído por um demônio. Pela Ganância. Como Scarlet, ele fora prisioneiro em Tártaro e havia sido um dos sortudos escolhidos para hospedar os “extras”.

Cronos andava de um lado para o outro diante dele.

– Após o que houve com Aeron, mandei fazer alguns amuletos. Um para cada um de vocês. Eles evitam que ela os observe.

Verdade.

– Não me dê.

Agora, agora, agora.

– O único problema é que eles evitam que *todos* os deuses os observem.

Ou seja, ele próprio. O canalha tinha de ter os dedos em tudo quanto era lugar.

– Colocando na balança, não vale a pena. Não me dê – repetiu Gideon, estendendo a mão.

O rei dos deuses continuou andando de um lado para o outro.

– Espere um minuto. *Se* eu fizer isso, precisarei de relatórios diários. E, se um único dia se passar sem que alguém me diga o que está acontecendo, eu pessoalmente invadirei a sua fortaleza e removerei todas as cabeças, junto aos amuletos.

Gideon preferiu não salientar que a remoção da cabeça deles libertaria os demônios, deixando as bestas enlouquecidas livres para espalhar o mal, um ato pelo qual até mesmo Cronos seria amaldiçoado. Era o motivo pelo qual o rei permitira que os guerreiros vivessem quando assumira o controle dos céus, embora desejasse desesperadamente destruí-los.

Era estranho pensar no rei dos reis como sendo suscetível a maldições. Mas, sim, podia ser feito. Aparentemente, Cronos não era o mais poderoso dos deuses. Tal honra pertencia à misteriosa divindade que salvara a vida de Aeron, a divindade que há muito derrotara até mesmo a morte. O Verdadeiro, Olivia o chamava.

Todavia, havia a chance de que Cronos não seria punido por libertar os demônios de seus hospedeiros, pois agora sabiam que uma nova união podia ser feita. Fora o que acontecera com o demônio de Baden, Desconfiança. Uma nova união.

Baden estava morto, e Desconfiança agora residia em uma Caçadora. Uma mulher que Gideon não tinha certeza se seria capaz de matar, caso fosse forçado a enfrentá-la. Não que se importasse em matar mulheres. Já o fizera antes. Sob o comando de Sabin, era meio que obrigatório tratar mulheres e homens como iguais. O que o incomodava é que parte de seu amigo nadava no interior do corpo da mulher.

Como poderia tomar parte na segunda derrota do melhor amigo?

– Mentiras! Está me escutando? Perguntei se você entendeu.

Espere. O quê? Ele forçou-se a emergir dos pensamentos sombrios.

– Por favor, não repita.

A face do deus ficou rubra, mas não era de constrangimento. Não, era a fúria que lhe coloria o rosto.

– Eu não vou me repetir. Simplesmente vai me dar os relatórios diários que eu exigi ou não receberá os amuletos. Entendeu?

Os relatórios, os amuletos. É claro.

– Não, não entendi.

Por fim, Cronos aquietou-se, o olhar dourado voltando-se para Gideon.

– Muito bem.

Ele estendeu a mão, com a palma vazia virada para cima. Luzes azuladas piscaram e alguma coisa começou a se cristalizar de encontro à pele dele. Duas coisas, na verdade.

Gideon inclinou-se para olhar mais de perto. Viu duas correntes de prata, ambas com uma borboleta pendendo do centro. Pequenos rubis, safiras, um pedaço de ônix, marfim e até mesmo

uma opala enfeitavam as asas irregulares. Cada pedra ou joia parecia viva, pulsando com uma chama interna.

Bonita, mas...

– Eu vou parecer *tão* másculo.

As palavras saíram antes que pudesse contê-las.

Um rosnado escapou da garganta do rei.

– Isso é uma queixa, Mentiras? Por que eu posso...

– Sim, sim. Nada de desculpas. Não as quero! – Pegou os colares antes que Cronos mudasse de ideia e colocou um deles ao redor do pescoço. O metal estava quente o bastante para lhe queimar a pele, mas ele não o removeu. O outro colar, ele enfiou no bolso. De algum modo, enganaria Scarlet para que ela o usasse. – E quanto aos meus inimigos?

Meus amigos.

– Visitarei a fortaleza e os distribuirei.

Verdade. Como o deus estava sendo solícito. Era surreal. E suspeito.

– Não, obrigado – voltou a dizer, não querendo correr o risco de ter os amuletos tomados por questionar as intenções do rei.

– Se não houver mais nada...

– Não espere. Scarlet não me disse que fomos casados, e eu não estava querendo saber se...

– Scarlet? A filha de Rhea?

Gideon piscou os olhos com surpresa. Ela era a filha *de Rhea*? Era uma maldita princesa real? Será que isso significava que...

– Você não é o pai? – perguntou, hesitante.

– Não! – Havia aversão no tom de Cronos. – Jamais repita tal blasfêmia.

Por que a aversão? Ela era uma mulher linda, inteligente e corajosa, maldição, e o canalha deveria se orgulhar de chamá-la de filha. As mãos de Gideon se cerraram, e ele procurou se convencer de que não estava zangado. Estava aliviado por Cronos não ser sogro dele. Possível sogro, tratou de acrescentar às pressas.

A esposa de Sabin era filha de Galen, e Gideon já testemunhara os problemas que tal ligeiro vínculo familiar haviam causado. Não, muito obrigado.

– O pai dela era um mortal e a mãe, uma vagabunda – prosseguiu Cronos. – Quer dizer que *é ela* quem está no seu veículo? Ao que parece, não tenho lhe dedicado suficiente atenção recentemente, Mentiras. Eu sabia que a moça estava no seu calabouço, mas não me dera conta de que a havia retirado de lá. E sem a minha permissão. Eu deveria puni-lo.

Mais uma vez, verdade.

Cuidado.

Ela não é minha, rosnou o demônio. Um aviso para o rei.

Agora não!

– Sem desculpas, ó, Grandioso. – O fato de não ter sido bombardeado de dor ante o comentário de “ó, Grandioso” o surpreendeu. – Como eu não estava dizendo, ela não me disse que fomos casados. Algo de que me recordo. Eu não estava tentando enganá-la a pensar que eu estava

amolecendo com relação a ela, para que ela me contasse mais. Mas não planejava devolvê-la à masmorra assim que tivesse minhas respostas.

– Casados? Você e Scarlet? – Cronos franziu a testa. – Todo mundo sabia que ela estava interessada em você, mas não havia sinais de que vocês dois estavam se vendo. Muito menos de que estavam dispostos a se casar.

Ela sempre estivera interessada nele? De repente, Gideon teve vontade de estufar o peito e bater nele como um maldito gorila. Com certeza, deveria ser capaz de despertar nela esse tipo de interesse outra vez. Com um olhar, um toque. Não lhe agradava que Scarlet o odiasse, nem que tivesse a intenção de resistir a ele.

– Por acaso sabe de alguém que não seja capaz de apagar a lembrança dela de minha mente?

Uma pausa. Em seguida:

– Não.

O demônio ronronou. Uma mentira. Cronos mentira. Ele sabia de alguém que possuía tal poder. Quem?

– Por que...

– Chega de perguntas. Apenas... tenha cuidado com ela. Ela é selvagem. Caso contrário, eu mesmo já teria me encarregado de cuidar dela.

Você não tocará nela, Gideon teve vontade de gritar, apesar de escutar o demônio ronronar de novo. Outra mentira. Porém, sobre o que o rei dos deuses mentira desta vez? Que ela era selvagem ou que ele mesmo já teria se encarregado de cuidar dela? Ou as duas coisas?

Não importava que ela fosse selvagem. Era esposa de Gideon, pelo amor dos deuses. Talvez. De qualquer modo, ele *ia* levá-la para a cama. Se isso não trouxesse de volta a lembrança dela, nada o faria. E se, depois, ela se mostrasse disposta a ajudá-lo, e aos amigos dele, contra os Caçadores?

Sim, é claro. Se ela ajudasse, não teria de devolvê-la à masmorra, mesmo tendo dito para Cronos que devolveria. O rei queria vencer a guerra, não queria? Scarlet poderia destruí-los enquanto dormiam, eliminando a necessidade de bombardeiros, punhaladas e tiroteios.

Todo mundo sairia ganhando. Não havia aspectos negativos. Bem, exceto por um, mas era tão insignificante que nem valia a pena mencionar. *Pensei que jamais mentisse para si mesmo*. Gideon mordeu a língua. Tudo bem. O aspecto negativo era enorme. Ele jamais seria capaz de confiar em Scarlet porque o demônio dele era incapaz de interpretá-la. E, após o que ele fizera com ela, Scarlet jamais ia querer ajudá-lo.

Sendo assim, ela teria de retornar à masmorra.

– Estou me cansando da facilidade com que você se distrai – falou Cronos com um suspiro.

Ele também. Os resultados eram péssimos.

– Uma última coisa. – Com sorte, o deus se daria conta de que havia algo mais a ser discutido depois disso. – Na prisão, por acaso alguém... não a machucou?

A última parte foi dita com esforço.

Algo duro passou pelos olhos do rei, anulando-lhe a expressão e escondendo qualquer vestígio das emoções dele.

– Acabamos por aqui. Você tem coisas a fazer; eu tenho coisas a fazer. Então...

Era óbvio que ele não queria falar sobre Scarlet. Maldito seja. Embora tudo no íntimo de Gideon gritasse em sinal de protesto, inclusive Mentiras, ele rapidamente mudou de assunto, antes que fosse mandado embora.

– Não havia mais uma coisa que eu precisava saber. Olivia não mencionou que você está com Sienna.

Sienna era a mulher de Paris. Uma mulher que morrera nos braços dele. Uma mulher que, aparentemente, ele ainda desejava.

Gideon sentia-se como se sempre fosse o último a saber dessas coisas. Paris, com certeza, não lhe contara nada. Mas Olivia adorava compartilhar detalhes da vida dela, bem como detalhes da dos outros, e Gideon adorava passar tempo na companhia dela. Ela dissera que Cronos se apossara do espírito de Sienna, mantendo a moça perto de si. E, então, quando a Ira fora arrancada do corpo de Aeron, o deus depositara o demônio dentro da jovem.

Como ela deveria estar sofrendo agora. A absoluta agonia mental. O demônio provavelmente estava insistindo para que ela fizesse tudo quanto era tipo de coisas desprezíveis. Coisas que ela faria. Não conseguiria se conter. Coisas que a assombrariam pelo resto da eternidade.

– Estou com ela – admitiu Cronos, relutante.

Verdade. Mentiras sibilou.

Tenha cuidado, Gideon disse para si mesmo.

– Posso não vê-la?

– Não. – Não houve hesitação. – Não pode. E, agora, de fato, encerramos por aqui.

Cronos agitou a mão no ar, e, quando Gideon se deu conta, estava atrás do volante da Escalade, Scarlet algemada ao pulso dele.

A mudança foi tão desconcertante que ele acidentalmente girou o volante, e o carro derrapou para um dos lados, os pneus cantando. Outro carro vinha se aproximando pela pista oposta, com os faróis acesos, e teve de dar uma guinada para se desviar dele.

Scarlet deixou escapar uma exclamação de surpresa.

– O que está fazendo? Nossa conversa não estaria encerrada só porque eu atravessei o para-brisa, você sabe.

O demônio dele suspirou de satisfação.

Não é minha.

Gideon endireitou o carro, mas não falou sobre o que acabara de acontecer nos céus. Considerando a antipatia que ela sentia por Cronos (por quê?), ele não tinha como ter certeza da reação dela. Contudo, qualquer mulher adorava receber presentes.

– Não enfie a mão no meu bolso – disse ele.

Houve um tenso instante de silêncio. Seguido de um seco:

– Eu acho que não.

– Não tenho um presente para você.

O interesse iluminou os olhos escuros dela, mas ela permaneceu imóvel. Desconfiada, até.

– O presente não seria um membro duro, seria? Porque, se fosse, eu teria de devolvê-lo. Com alguns centímetros a menos.

Os lábios de Gideon se repuxaram. E, sim, o membro enrijeceu. Bastava estar perto dela para isso acontecer. Ou, diabos, pensar nela. Gostava do senso de humor malicioso que ela tinha.

– Sim, é, mas você também não encontrará isso.

Agora foi a vez de os lábios *dela* se repuxarem. Isso acontecera antes, mas ele ainda não a vira sorrir.

Sorrir de verdade. E queria vê-lo, desesperadamente. Ela reluziria. Ele tinha certeza. Podia ver o lindo rosto sorrindo nos pensamentos dele, os lábios cheios curvando-se nos cantos, os dentes perfeitos e brancos. As pálpebras ligeiramente fechadas, mas com o brilho malicioso ainda visível nos olhos.

Gideon inspirou profundamente. Será que era uma lembrança? Uma lembrança dela sorrindo para ele?

– Tudo bem – resmungou Scarlet, mas não conseguiu disfarçar o tremor na mão ao estendê-la para dentro do bolso de Gideon.

Outra exclamação de surpresa escapou de Scarlet quando os dedos envolveram o metal quente.

Gideon teve de cerrar com força a boca para conter o gemido de prazer. O toque dela... Ela estava tão próxima da ereção dele que bastaria dobrar um pouco o pulso para alcançá-la. Ele queria que ela a alcançasse tão desesperadamente quanto queria vê-la sorrir. Porém, breve demais e sem dobrar o pulso, ela retirou a mão do bolso dele e examinou o amuleto.

– O que é?

Seria decepção que escutava na voz dela?

– Não faz jogo com o meu, com certeza.

O olhar de Scarlet voltou-se para Gideon, quando ele puxou o amuleto dele sob a camisa.

– Ah. – A decepção, se é que fora isso, desapareceu. – Por... por que quer que tenhamos colares do mesmo jogo?

Agora ele não podia dizer se ela estava feliz, triste ou pensativa. Talvez fosse simplesmente uma combinação dos três. Tipo, o presente a deixava feliz, porque significava que ele vinha pensando nela. Ao mesmo tempo, o presente a deixava triste, pois estava dando-o para ela agora, quando não se recordava dela. Por outro lado, o presente a deixou pensativa, haja vista que Gideon parecia esperançoso no tocante a um futuro juntos.

– E então? – insistiu ela.

Ele deu de ombros, já que não tinha resposta. Não sem prejudicar a própria causa. Admitir, ao modo dele, que não comprara o colar para ela a magoaria. Admitir que não era um símbolo de que os dois outrora compartilharam e, talvez, um dia, pudessem voltar a compartilhar faria o quê? Magoaria Scarlet.

– Quando você o comprou?

Mais uma vez, ele deu de ombros.

Com fúria, ela prendeu o colar ao redor do pescoço, e Gideon teve vontade de gritar de alívio. Pronto. Estava feito. Estavam a salvo de olhos curiosos.

– A propósito, você fica ridículo usando o seu. Na verdade, parece uma mulherzinha.

No fundo, ele sabia que ela estava descontando nele o fato de não entender. A cara dela.

Você a conhece tão bem, não conhece?

Ele também não tinha uma resposta para si mesmo.

– E então, aonde vamos? – resmungou ela.

Outra encolhida de ombros. Gideon sinceramente não sabia. Tinha três dias e meio, quer dizer, noites, para seduzi-la e conquistá-la. Para saber sobre Scarlet e sobre o passado dela. Algum lugar romântico seria melhor. Mas onde?

Era óbvio que não a conhecia, pois não fazia ideia do que ela consideraria romântico. O guerreiro suspirou.

– Não me fale de um lugar que sempre quis visitar, mas jamais...

– Ah, agora você quer conversar? – disse ela, interrompendo-o. – Eu acho que não.

Estreitando os olhos, ela ligou o rádio e aumentou o volume, antes de recostar-se no assento e se virar para a janela.

Mensagem recebida. Ele podia ir se foder.

Capítulo Seis

AS HORAS se passaram em silêncio. Bem, não em silêncio. O rádio continuava a tocar, em alto volume, o eletrizante rock favorito de Scarlet. Deuses, como ela sentia falta do iPod. Com os fones nos ouvidos, poderia ter fechado os olhos e fingido estar em casa. Não que tivesse uma casa permanente, mas qualquer coisa seria melhor do que estar em um recinto fechado com o homem que ela, ao mesmo tempo, amara e odiara durante séculos. Um homem que ainda desejava com tanta intensidade que não podia mais negar a verdade.

Quase não queria negá-la. Mas a negaria. De modo algum, daria a ele outra oportunidade para despedaçá-la por completo. Para lhe dar prazer e para se esquecer dela. Contudo, de fato, *quase* cedera.

Ele lhe dera um presente. O mais lindo colar de borboleta que ela já vira, um colar que fazia jogo com o dele. Quando Gideon colocara a mão no bolso, Scarlet ficara desapontada por ele *não* ter tentado lhe oferecer o membro. Em seguida, vira o colar e, bem, tivera vontade de saltar para o colo dele e beijar cada centímetro do lindo rosto dele. Quisera lamber cada um dos piercings de Gideon e chicotear-lhe a língua com a dela. Quis sentir os braços dele envolvendo-a e apertando-a de encontro a si. Como se, mais uma vez, ela significasse algo para ele.

Porém, Gideon parecera quase... pouco à vontade com a coisa toda. Culpado, até. Por quê? O único motivo no qual Scarlet conseguia pensar era que ele não queria que ela enxergasse coisa demais por trás do gesto. Como, por exemplo, Gideon não quisera que ela saltasse para o colo dele e lhe beijasse cada centímetro do lindo rosto.

Parecia ser o caso. Ainda mais visto que o canalha nem sequer tentara falar com ela desde então. Talvez estivesse até *aliviado* que ela houvesse interrompido as linhas de comunicação. O que era burrice. Ele a libertara da prisão para falar com ela, não foi? Deveria se esforçar mais. Não que ela fosse cooperar. No instante em que o fizesse, Gideon tentaria levá-la de volta para a masmorra, e ela teria de se livrar dele, como planejava.

Na verdade, faria isso amanhã. Os amigos dele talvez ficassem furiosos por ele a ter perdido, mas isso não era problema dela. Gideon teria de retornar a uma cidade infestada de Caçadores sem a ajuda dela. Mas, outra vez, não era problema dela.

Já tinha problemas o suficiente com que lidar.

E um deles aproximava-se rapidamente.

Gideon ainda estava dirigindo quando o sol começou a se pôr. Ela estremeceu no assento, receando o que viria em seguida, porém, incapaz de impedi-lo. Primeiro, uma letargia apoderou-se dela, exaurindo as forças e deixando os membros pesados. Depois, as pálpebras se fecharam por vontade própria, os cílios parecendo se colar uns nos outros. Em seguida, a escuridão tomou conta da mente dela, rapidamente acompanhada de gritos dissonantes.

A partir dali, o demônio assumiu o comando.

Gargalhando com alegria, Pesadelos a jogou no reino escuro e enevoadado no qual mentes humanas, e até inumanas, eram como portais. Quando uma porta estava aberta, significava que a pessoa estava dormindo, e o demônio tinha livre acesso. A localização não importava. A distância não importava. Também não importava se eram adultos, crianças, machos ou fêmeas. Nada importava para o demônio a não ser se alimentar do terror.

Com um simples olhar, ela e o demônio eram capazes de saber a quem o portal pertencia, que tipo de pessoas eram e o que mais temiam. Como acontecera com Gideon e o medo bobo de aranhas, ela pensou, mais uma vez curiosa. Ele era um grande e assustador guerreiro que matara milhares sem a menor alteração no ritmo de batimentos cardíacos.

Ela não. *Odiava* as criaturinhas rastejantes. Elas constantemente lhe invadiam a cela no Tártaro, rastejando para fora de cada sombra e cada fenda na parede. A cada manhã, ela adormeceria, e, todas as noites, acordaria com marcas de picadas espalhadas por todo o corpo. Sem falar nos machucados deixados para trás pelos companheiros de cela.

Até que ela começara a invadir os sonhos *deles*. O que quer que houvesse feito com eles neste reino de escuridão, a vida real imitara, e eles acordaram em poças do próprio sangue, às vezes sem partes do corpo. Alguns jamais acordaram.

Quem nós queremos?, perguntou o demônio.

Ao longo dos anos, aprenderam a trabalhar juntos. Chegaram até a gostar um do outro, a contar um com o outro. Houve ocasiões em que o demônio fora o seu único amigo.

– Um Caçador seria bom – respondeu ela.

Talvez pudessem matar o sujeito de medo. Isso sempre deixava Pesadelos de excelente humor. Além do mais, estava devendo uma aos Caçadores. Não porque se importasse com o fato de quererem fazer mal a Gideon, mas porque lhe estragaram uma boa refeição.

Isso será divertido. Mais risadas alegres, enquanto o demônio os levou adiante, os portais tornando-se borrões ao passar por ela.

Quando se detiveram, estavam diante de uma porta aberta, maior do que qualquer uma que ela já vira antes. Gemidos de prazer vinham de lá de dentro. De um homem e de uma mulher. Havia o som de carne chocando-se com carne. Murmúrios de “mais” e “por favor”.

Um sonho erótico.

– Quem é este?

Galen. Líder dos Caçadores. Guardião da Esperança.

Galen. Ela franziu a testa. O guerreiro liderara o exército contra os Senhores do Mundo Subterrâneo porque eles eram possuídos por demônios; contudo, o próprio Galen carregava um

demônio. A contradição era desconcertante, porém, não a surpreendia.

Galen sempre lhe dera a impressão de ter mais a ver com uma cobra do que com um homem. Poucas vezes, ele ajudara Gideon a trazer prisioneiros até o Tártaro. Sempre fora só sorrisos enquanto Gideon estava voltado para ele; entretanto, assim que o guerreiro lhe virava as costas, o olhar furioso de Galen se fixava nelas.

Quando Gideon lhe contara que encontrara um modo de cair nas boas graças dos deuses, graças ao amigo Galen, e que, como recompensa, solicitaria a liberdade dela, Scarlet implorara para que ele não levasse a coisa adiante, independentemente do que estivesse planejando. É claro, ele não lhe dera ouvidos. Estivera seguro demais, esperançoso demais do sucesso.

Há muito que ela quisera “agradecer” Galen pelo papel dele no fracasso de Gideon, porém jamais se permitira fazê-lo. Isso teria ajudado Gideon, o que ela também não queria fazer.

Entretanto, agora, com aquele colar ardendo de encontro ao peito, não fazia tanta diferença para ela.

Pronta?

Lentamente, Scarlet sorriu.

– Eu topo.

Atravessaram a porta, e, de repente, Scarlet teve a comprovação daquilo que sempre escutara. Galen era alto e musculoso, com cabelo louro e olhos azuis. Olhos que fitavam uma mulher de cabelo claro e olhos escuros. Uma mulher que ele apoiara na pia do banheiro.

A blusa estava erguida até quase o queixo da moça, deixando à mostra os fartos, fartos mesmo, seios. Seios nos quais ele insistia em se deliciar. A calça da mulher estava ao redor dos tornozelos, enquanto Galen arremetia para dentro dela. A calça dele estava apenas aberta na cintura, de modo que Scarlet pôde ver muito pouco dele. Uma pena. Ela poderia ter provocado Gideon com o tamanho do membro do inimigo e com a rigidez das nádegas dele.

Tantos medos, Pesadelos disse com admiração.

– Conte-me.

Falou em voz alta, sabendo que o Galen dos sonhos apenas poderia escutá-la se ela assim o desejasse.

Estar sozinho. Ser derrotado. Estar indefeso. Ser inútil. Ignorado. Esquecido. Estar morto.

Estranho. Ele carregava o demônio da Esperança. Não deveria ser mais otimista? Não importa. Scarlet caminhou pelo banheiro dos sonhos, Galen tão incapaz de notar a presença dela quanto de escutar-lhe a voz, e permitiu que Pesadelos recriasse a cena.

– Faça-o lamentar ter nascido.

Será um prazer.

De repente, a moça que gemia e se contorcia transformou-se em um homem. Um humano.

Galen parou de arremeter. Chegou a gritar e a recuar com um pulo.

Scarlet riu. Ah, isto ia ser divertido.

– Mais.

O banheiro foi substituído por um comprido túnel escuro, e o humano desapareceu. Galen girou, o olhar agitado examinando os novos arredores.

– O que está acontecendo? – murmurou ele. – Onde estou?

As palavras ecoaram, mas nenhum outro som foi escutado. Desesperado por respostas, ele saiu correndo em disparada. O túnel esticou-se até o infinito, sem fim à vista. O pânico duplicou, triplicou, a respiração quente ofegante, o suor cobrindo-lhe o corpo.

Delicioso. Pesadelos riu. É tão gostoso.

– Mais – repetiu Scarlet.

Quer fazer as honras?

– Quero. Por favor.

Conduza-o até o limite. Eu lhe mostrarei o que poderá acontecer com ele um dia.

Scarlet permitiu-se materializar-se, embora houvesse optado por não mostrar ao guerreiro a real aparência. A imagem que projetou era a de uma menininha que conhecera no interior do Tártaro. Destino. Tudo o que Destino falara tornara-se realidade. *Tudo.*

– Se acreditar no que vê, perderá o seu marido – dissera-lhe Destino.

É claro que Scarlet acreditara no que vira, a ausência de Gideon; sendo assim, é claro, Scarlet o perdera.

Talvez Galen a reconhecesse como Destino, talvez não. Como Destino, Scarlet usava um manto branco limpo, tinha grandes olhos azuis, uma boca triste e cabelo ruivo que ia até os tornozelos. De qualquer modo, ele confiaria nela, como poderia não fazê-lo?

– Venha – disse ela com gentileza, estendendo a mão. – Deve ver o que o aguarda.

Ele deteve-se abruptamente, ainda ofegante, ainda suando.

– Quem é você?

Às vezes, a ignorância era o melhor caminho. O que as pessoas imaginavam constantemente era muito pior do que qualquer coisa que pudessem lhes dizer.

– Venha – ela repetiu. – Você precisa ver o que o aguarda.

– Eu... Sim. Tudo bem.

Galen pousou a mão trêmula na dela.

Ela o conduziu corredor abaixo. Pesadelos praticamente pulava de alegria no interior da cabeça dela. Por fim, porque ela assim desejou, uma luz apareceu, e Galen não deixou de perceber o significado daquela luz. Mais uma vez, o medo intensificou-se.

Ele até tentou se desvencilhar dela, mas Scarlet apertou a mão dele.

– Você precisa ver – afirmou ela. – Precisa saber.

Alcançaram a luz, que, no fim das contas, era um penhasco que dava vista para um campo de batalha. No campo de batalha, havia homem após homem, mulher após mulher. Todos ensanguentados, imóveis. Em algum lugar, em cada um dos corpos, havia a tatuagem do infinito. A marca do Caçador.

E ali, bem no centro, estava Galen. Ainda estava de pé, embora também estivesse ensanguentado e ferido. As asas de penas brancas estavam estendidas, embora visivelmente quebradas. Estava exaurido, sem forças, as pernas bambas ameaçando ceder sob o peso dele.

– Não. Não!

Ao lado dela, um trêmulo Galen, *de fato*, caiu ao chão de joelhos.

No campo de batalha, Gideon avançou na direção dele, ameaçador como sempre. O cabelo azulado dançando ao redor do rosto, devido ao vento forte, e os piercings reluzindo sob o sol. Havia um filete de sangue escorrendo no canto da boca, de onde um dos piercings dele fora arrancado. Em uma das mãos, trazia uma comprida espada afiada. Na outra, segurava um revólver.

Rindo, apontou o revólver para Galen e atirou. O líder dos Caçadores voou para trás, aterrissando no próprio traseiro e incapaz de se erguer, ao mesmo tempo em que Gideon continuava a avançar na direção dele.

– Não! – voltou a gritar Galen. – Fique de pé. Enfrente-o!

Ele não o fez, permitindo que Gideon erguesse a espada e golpeasse. A cabeça de Galen caiu, deixando o corpo para trás.

– Não! *Não!* – Olhos azul-celeste voltaram-se para ela. O rosto estava pálido, as veias azuladas sob a pele bem evidentes. – Diga-me que eu posso mudar isto. Diga-me que esse não é o meu destino.

– Quer que eu minta? – respondeu ela, com aquela suave voz de menininha.

Ele cerrou as mãos ao lado do corpo.

– Nesse caso, por que me mostrou isto? Por quê?

– Porque...

Scarlet acordou sobressaltada, sentando-se, tão ofegante quanto Galen estivera. Maldição. Ainda não acabara com aquele sonho.

– Leve-me de volta – ordenou a Pesadelos.

O demônio não lhe deu ouvidos. Já conseguira o que queria e, saciado, recolhera-se ao fundo da mente de Scarlet.

– Para onde você não quer ir?

Gideon.

A voz dele flutuava sobre ela, para dentro dela, incendiando-a. De fúria, de luxúria.

– Não é da sua conta.

Voltara a adormecer na presença dele, e, ao que tudo indicava, Gideon aproveitara-se bem disso.

Desta vez, Scarlet viu-se em um bosque iluminado pelo luar. Descansava sobre uma refrescante cama de musgo, e havia uma fonte natural borbulhando ao lado dela. Ainda estava usando o vestido que ele lhe dera, mas, pelo menos, Gideon retirara as algemas.

Antes que ela aumentasse o volume da música tocando no carro, ele lhe perguntara, ou tentara lhe perguntar, o que ela mais achava romântico. Scarlet não respondera, de modo que, obviamente, ele arriscara um palpite. E, para tristeza dela, o canalha acertara. Era impressionante. Pássaros noturnos cantavam, o perfume das flores do campo impregnava o ar, e Gideon estava gloriosamente sendo banhado por todo aquele luar amarelado.

Naquele instante, estava sentado diante dela, apoiado em um tronco de árvore. Um cacho de cabelo caído sobre a testa, e ela reprimiu a vontade de devolvê-lo ao devido lugar. Os olhos azulados não saíam de cima dela, examinando, avaliando, saboreando. As mãos estavam cerradas sobre o colo, como se ele estivesse tentando se conter para não tocar em Scarlet.

De uma hora para a outra, os mamilos dela ficaram rijos e ela sentiu um frio na boca do

estômago. Ela lambeu os lábios, desejando que fosse a língua de Gideon em vez da dela.

– É melhor me deixar ir logo. – *Ou você mesma poderia, eu não sei, finalmente livrar-se dele.* – Não vai encontrar satisfação alguma aqui.

– Estou certo de que tem razão.

Quer dizer que ele pretendia levá-la para a cama. Bem, isso não ia acontecer. Talvez. Maldito seja. Ele parecia tão delicioso, e já fazia tanto tempo desde que ela se deliciara com ele.

Scarlet estreitou os olhos, para que ele não enxergasse o desejo que, sem dúvida, neles residia.

– Você me libertou para obter respostas, então por que é que está se esforçando tanto para me amolecer romanticamente? Teria mais sorte trabalhando em mim com os punhos.

Ótimo, parecia estar furiosa em vez de ofegante.

– Nem pensei nisso.

Ele pensara em bater nela? Mas que... que...

– E, sem dúvida, eu conseguiria me forçar a fazê-lo.

Que amor.

Deuses, ela realmente era uma idiota, amolecendo só porque ele decidira não surrá-la. A seguir, estaria escutando os anjos cantar só porque ele decidira não atropelá-la com o carro.

– Você vai falhar, sabe?

– Tudo bem. Mas não há nada certo em voltarmos a conhecer um ao outro.

Exatamente.

Ei. Chega de amolecer.

– Também não há nada errado em *esquecermos* um ao outro.

Ele cerrou os dentes ao mexer a perna, aprisionando os joelhos dela com os tornozelos e colocando os pés dela perigosamente próximos do pênis duro. Por sorte, a calça de Gideon impedia que ela experimentasse o contato de pele com pele. Sendo assim, ela detestava... adorava, maldição... a calça dele.

– E então? Quem você não é hoje? – indagou ele.

Machuque-o. Faça com que dê um basta a esta sedução lenta.

– Scarlet... Reynolds – assentiu ela. – Isso mesmo. Estou no clima de um pouco de Rye Rye hoje.

O maxilar de Gideon estalou.

– Nós não somos casados?

– Claro que somos – retrucou ela. – Só que, na minha cabeça, estou traindo-o com Ryan.

Ele passou a língua pelos dentes.

– Você é tão engraçada.

– Quem disse que eu estava brincando?

Antes que ela pudesse sequer piscar, ele a empurrou de volta para o musgo, o peito pressionando o dela.

– Você *não* me irrita profundamente.

Um tremor lhe percorreu toda a extensão da espinha. Ela poderia tê-lo derrubado. Era forte e habilidosa o suficiente para isso. Mas não o fez. Agarrou-o pela gola, mantendo-o no lugar.

– Bem, caso ainda não tenha se dado conta, você, *de fato*, me irrita profundamente.

– Continue falando. Eu insisto.

Ele queria dizer cale a boca.

– Senão o quê?

O perfume dele era tão bom, como almíscar e cardamomo. O calor que ele irradiava a envolveu.

– Senão... – O olhar dele baixou até os lábios dela. A fúria pareceu drenar dele, cedendo a algo mais intenso, mais lascivo. – Você é tão inacreditavelmente... feia. – A última parte foi dita de forma hesitante, como se receasse que ela não fosse entender o que ele estava tentando dizer. – Você não me faz latejar. Não me faz ansiar por tantas coisas. Coisas sórdidas. Coisas pecaminosas.

Beije-o.

Não. Não ouse fazê-lo.

Se ela o beijasse, seria incapaz de impedir o que viria em seguida. Assim que os lábios dele encontrassem os dela, Scarlet estaria perdida. Sempre fora assim.

– Quero machucá-la. Peça-me para parar – sussurrou Gideon.

O que significava que ele queria lhe dar prazer e permissão para fazê-lo. Ela sacudiu a cabeça em uma tentativa desesperada de impedir o que ela queria, o que precisava, mas ao qual não podia se dar ao luxo.

– Não.

Espere. Não, ela queria que ele parasse, ou não, não pediria isso? Ah, mas que droga!

Lentamente ele sorriu, como se fosse isso exatamente o que queria que ela dissesse, independentemente do significado.

– É uma pena – disse, antes que os lábios se fundissem aos dela.

Capítulo Sete

MISERICORDIOSOS DEUSES dos céus, Gideon pensou. Esta mulher, a mulher dele, tinha o sabor de frutas silvestres maduras, lembrava a sensação de uma descarga elétrica de encontro ao corpo dele, e os sons que ela fazia enquanto a língua dele se enroscava e chicoteava a dela, tomando fôlego, eram como entorpecentes para ele. Viciantes, inebriantes e devastadores.

Estava pressionando-a de encontro ao chão, as pernas entre as dela, a ereção repousando de encontro ao apogeu das coxas de Scarlet. Queria massagear-lhe os seios. Deuses, como queria massagear-lhe os seios. Mas isso seria ir longe demais, rápido demais. Pelo menos, para ela. Sendo assim, fez a única outra coisa que podia. Agarrou os pulsos de Scarlet e os ergueu acima da cabeça dela, efetivamente restringindo os movimentos de ambos.

Um erro. Isso, é claro, arqueou a parte inferior das costas dela, eliminando qualquer distância que pudesse separar os corpos. Os mamilos de Scarlet eram duros, tão maravilhosamente duros, e roçaram nele. O que o excitou, catapultando-o a um novo patamar de sensibilidade. Um patamar perigoso. Contudo, ele não a soltou. Se não podia espremer aqueles mamilos entre os dedos, se contentaria em esfregar-se neles. Como um bônus extra, cada ligeiro movimento arremetia a vara no âmago de Scarlet, fazendo com que ambos estremecessem e gemessem.

Beijar, em geral, não o empolgava muito. Talvez porque não pudesse pedir o que realmente queria. Tinha de mentir e exigir o contrário. Tinha de pedir por algo doce e inocente. Tinha de pedir por algo gentil e carinhoso. No entanto, com Scarlet, não precisava pedir nada. Ela simplesmente se entregava ávida e molhada. Profunda e intensa. Ela o mordia, sugava-lhe a língua, roçava-lhe os dentes. E Gideon não conseguia se saciar.

Ele a beijou por uma eternidade. Beijou-a enquanto os insetos cantavam e o luar brilhava. Beijou-a até ficar sem fôlego. Beijou-a até ela se contorcer de encontro a ele, as pernas envolvendo-o, os dentes mordiscando-o enquanto silenciosamente Scarlet implorava por mais.

E, no entanto, durante a situação toda, ela parecia distante. Como se não estivesse realmente ali com ele. Como se estivesse contendo parte de si.

Diabos. Não.

Gideon não toleraria distância. Talvez não quisesse ir longe demais com ela, mas, quando aquele beijo terminasse, ela não pensaria em outro homem que não ele. Iria sentir-se feliz de ser casada com

ele. Sonharia com ele, desejando-o mais do que a qualquer outro.

Será que fora assim entre eles, todos aqueles séculos atrás? Necessidade consumidora, mergulhada em ardor fervoroso, entrelaçada com desejos insaciáveis?

Soltou-lhe uma das mãos, e Scarlet, na mesma hora, enterrou os dedos no cabelo dele, fincando as unhas no couro cabeludo. O suficiente para fazê-lo sangrar. Sim, sim. Mais. Talvez pudesse ir *um pouco* mais longe com ela.

Com um gemido, Gideon soltou-se dela. Scarlet estava com os olhos fechados, bem apertados, como se estivesse sentindo dor. Os lábios estavam inchados e vermelhos, úmidos. Incapaz de se conter, ele enxugou a umidade com a língua, antes de erguer-lhe o vestido até a altura do pescoço, expondo-lhe a calcinha, a barriga e, por fim, os seios. Não dera um sutiã a ela. Adorara a ideia de ela estar sentada ao lado dele com apenas um fino tecido de algodão separando a pele e os mamilos dela.

Os seios eram de um tamanho perfeito, quase cabendo nas mãos dele, e os mamilos eram tão vermelhos quanto os lábios dela. A boca de Gideon encheu-se de água quando ele abaixou a cabeça. E, bons deuses, sugar uma daquelas pequenas amoras na boca era uma experiência religiosa. No instante em que a língua fez contato, Gideon teve a impressão de que o corpo havia se incendiado de dentro para fora. O sangue transformou os órgãos em cinzas. Os órgãos em cinzas liquefizeram os ossos, e tais ossos líquidos cozinham a pele dele, deixando bolhas.

Ela deve ter experimentado a mesma sensação. Um grito de prazer explodiu dela. Um grito de prazer do tipo “juro pelos deuses que estou enlouquecendo”. Ele adorou, deleitou-se com o grito. Só que centenas de outros gritos acompanharam o dela. E não eram de prazer. Fediam a medo e dor.

– Gideon – disse ela com dificuldade.

Mais uma vez, ele ergueu a cabeça. Os olhos de Scarlet ainda estavam fechados, mas, agora, a boca transformara-se em uma linha fina de agonia. Densas sombras negras vazavam dos ouvidos, da boca, e giravam ao redor da cabeça dela.

O demônio de Scarlet, ele se deu conta.

Desde que Gideon obtivera o controle do próprio corpo e de seus atos, centenas de anos atrás, Mentiras não passara de um companheiro sombrio. Presente, contudo insignificante. Bem, até há pouco tempo. Antes de Scarlet, o demônio raras vezes lhe dirigira a palavra ou fizera sentir a presença fisicamente. Em vez disso, de um modo geral, o demônio o conduzia por meio de compulsões.

Isto não era uma compulsão para ela. Era uma manifestação plena. Merda. Merda!

– Como posso tornar isto pior, diabinha?

Ele tentou afastar-se dela, mas as pálpebras da mulher se abriram, as pupilas brilhando com um vibrante tom avermelhado, e ela o agarrou pela gola, puxando-o de volta.

– O que diabos pensa que está fazendo? – As palavras não passaram de um rosnado áspero, entrecortado por todos aqueles gritos destoantes. – Escute-nos com atenção. Se ousar parar, nós o mataremos.

Nós. O demônio de Scarlet estava *tão* envolvido assim, fazia tanta parte dela? Tudo bem. Não era o primeiro *ménage à trois* dele, mas, sem dúvida, era o mais esquisito. Contudo, não havia tempo para se maravilhar.

Scarlet arrastou um dos dedos pelo centro da camisa dele, rasgando o algodão, expondo o peito

dele. Ela espalmou-lhe os mamilos e lambeu os próprios lábios.

– Mais – gemeu, arqueando-se na direção dele.

A fenda de Scarlet roçou na vara de Gideon, endurecendo-a ainda mais. A ponta úmida chegou a forçar a passagem pela cintura da calça. O fato de ainda haver sombras emergindo dela, de que os gritos ainda ecoavam ao redor dela, não contribuiu para abalá-lo. O desejo que sentia por ela simplesmente era grande demais. Ele também precisava de mais.

Não de sexo, procurou se convencer. Ainda achava que seria levar a coisa toda longe demais, rápido demais. E não queria escutar as queixas de Scarlet mais tarde, alegando que ele se aproveitara dela, usando isso como uma desculpa para se afastar dele ainda mais.

– Você só fica sentado aí. Vamos. Rápido!

Reclamações quanto ao desempenho dele. Já. Quando ainda estava embriagada de paixão. Gideon gostaria de poder afirmar que era a primeira vez, mas não podia. Muitas mulheres já haviam se queixado da mentalidade que tinha de entrar, obter e dar um orgasmo, e ir embora.

– Gideon! Obedeça!

– Claro, claro. Não me mostre o que você quer primeiro.

Ele não entrou logo em ação, é claro, mas observou quando Scarlet começou a massagear os seios, exatamente como ele ansiara tanto por fazer. Fios de sedoso cabelo caíam por sobre os ombros, enroscando-se nos dedos, como se lhe fazendo cócegas.

Ela entrefechou os olhos, e os dentes mordiscaram o lábio inferior, ao estender uma das mãos para baixo, passando pela linda calcinha azul e chegando ao ardor úmido. Deuses, como ela era sexy. A barriga era marcada pelo umbigo mais sensual que já vira, e as coxas esticavam-se até virarem as pernas mais deliciosas.

– Assim está bom para você? Eu lhe mostrei, maldição, agora trate de cumprir a sua parte no negócio.

Por fim, ele se mexeu. Estendeu a mão e agarrou o vestido dela, passando-o sobre a cabeça de Scarlet e descartando-o.

– Junte os joelhos – disse, com a voz rouca.

A princípio, ela obedeceu e fechou as pernas para ele. Quando Gideon aplicou pressão para lhe afastar os joelhos, Scarlet se deu conta do que fizera e abriu as pernas, oferecendo-se ansiosamente para ele. Os quadris inclinaram-se para a frente e para trás, encorajando-o a fazer alguma coisa, qualquer coisa.

Por um instante, ele se deliciou com aquela imagem. Já a vira daquele jeito antes. Tinha certeza. Pois aquela imagem não parecia novidade, mas, de alguma maneira, parte dele. Escondida bem no fundo, porém presente. No entanto, quando Gideon afastou a calcinha, tirando os dedos dela do lugar onde *ele* queria estar, e abaixou a cabeça, quando contornou o ardor com a língua, o gosto *foi* novidade. Não tinha qualquer recordação dele.

E era uma pena. Nada jamais tivera um gosto tão doce e inebriante. Ela lhe preencheu a boca, invadindo-lhe todos os sentidos, deixando marcas em cada uma das células de Gideon.

– Gideon. Por favor. Por favor, por favor, por favor – insistiu Scarlet.

– *Mais. Agora!* – O demônio dela.

Era engraçado como ele já era capaz de saber a diferença.

Entretanto, não precisava de mais encorajamento. Deitando de barriga para baixo, posicionou o rosto entre as pernas dela e fez tudo o que o cérebro febril vinha imaginando desde que a descobrira na masmorra. Lambeu, sugou, mordiscou, roçou a língua nela da maneira mais doce possível, afundando a língua, saboreando cada gota de Scarlet. Quando isso não foi mais o suficiente, os dedos juntaram-se à brincadeira. Primeiro apenas um, depois dois. Três a alargaram, e teve receio de a estar machucando. Porém, quando se acostumou com a sensação, ela cavalgou aqueles dedos com total abandono, arqueando na direção dele, puxando o cabelo dele, arranhando o couro cabeludo. Mais uma vez, ele adorou. Não conseguia se saciar. Queria que aquilo durasse para sempre.

Queria fazer mais. Queria fazer tudo. Coisas que apenas sonhara em fazer com outras, mas não fora capaz por causa do demônio dele. Coisas pecaminosas, coisas com as quais a maioria das mulheres provavelmente não concordaria. Diabos, coisas com as quais a maioria dos homens provavelmente não concordaria. Contudo, ele era um guerreiro que já havia visto e feito coisas que a maioria das pessoas não conseguiria compreender. Vivera um longo, longo tempo, e o normal só fazia entediá-lo.

Talvez Scarlet permitisse que ele fizesse tudo o que ele desejasse. Talvez até gostasse. Ela também vivera um longo tempo. Porém, dada a história dela, tendo passado tantos séculos como escrava, talvez odiasse. De qualquer modo, aquela não era a hora, Gideon pensou.

Ali, tratava-se de fazer cada um gozar, enquanto deixava bem claro para ela que nada mais faria até que ela estivesse pronta. Tanto mental quanto fisicamente. Que ela podia confiar nele. Com o corpo. Os segredos.

– Gideon, Gideon. Sim, desse jeito. Não pare.

Palavras mais decadentes jamais haviam sido ditas. Ela estava chegando perto, o corpo se retesando, preparando-se para o clímax.

Não sem mim, pensou ele. Embora quisesse a mão de Scarlet ao redor do membro, acariciando-o, talvez até lhe bolinando os testículos, ele mesmo se agarrou. Ao voltar a lambê-la, manuseou a vara para cima e para baixo, segurando-o com força. Oh, deuses. Isso era bom.

Mergulhou bem fundo a língua, exatamente como havia feito com os dedos, e, simples assim, ela entrou em erupção. As paredes internas dela cerraram-se, aprisionando-o. Os joelhos pressionaram as têmporas dele, com força, e Gideon teve a impressão de que o crânio iria rachar. Não que se importasse. Conseguiu o seu objetivo; proporcionara prazer a ela. Levara-a além dos limites do controle.

Viu-se tomado de orgulho e de sentimento de posse. As carícias no membro aumentaram de velocidade e intensidade, e ele ergueu-se, apoiando-se em umas das mãos espalmadas ao lado do ombro dela, de modo a não esmagá-la. Os olhos dela ainda estavam semicerrados, e ela estava ofegante. Suor reluzia na testa dela, e havia um filete de sangue escorrendo do canto da boca intumescida. Os mamilos ainda estavam rijos, embora ela irradiasse total satisfação.

Minha, ele pensou, e também chegou ao apogeu, esguichando a semente quente na barriga de Scarlet. Talvez devesse ter desviado para longe dela e gozado sobre o chão. Contudo, não teria conseguido fazer isso mesmo que tivesse uma espada apontada para o pescoço. O olhar dele estava

ocupado demais deliciando-se com ela, e, sim, gostava da ideia do esperma sobre ela. Como uma marca. Nada mais justo. Afinal de contas, a essência dela estava dentro dele, nadando pelo seu corpo.

Agora, ele desabou sobre ela, esmagando-a, incapaz de se segurar. Não lhe restavam forças. Não conseguia recuperar direito o fôlego, e tudo o que a mente dele queria fazer era reviver o que acabara de acontecer. As imagens, os sons, os gostos, as sensações.

Talvez ela sentisse o mesmo. A mente envolvida no que acontecera, o coração amolecendo com relação a Gideon. Ele poderia perguntar o que quisesse agora, e Scarlet lhe diria a verdade. Tinha certeza.

– Saia de cima de mim, seu brutamontes – disse Scarlet, empurrando-o para o lado.

Pego de surpresa pela veemência dela, ele caiu de costas e a observou quando ela ficou de pé. As sombras não estavam mais pulsando ao redor dela, e os gritos de dor haviam desaparecido. De costas para ele, ela foi se despindo ao marchar na direção da fonte borbulhante. Estava escuro demais para poder enxergar os detalhes das tatuagens dela. *Da próxima vez, beijarei aquelas tatuagens.* Mas, ah, podia ver os contornos do traseiro de Scarlet, e, caramba. Três qualidades. Per. Fei. Ção. Firme. Feito para ser agarrado. *Por que eu não o agarrei?*

Concentrou-se no playground dela e esqueceu-se de todo o resto. *Da próxima vez*, voltou a pensar.

Sem uma palavra, ela entrou na água e afundou até os ombros.

– Você se recupera bem, há, devagar – disse para ela.

Sentando-se, Gideon passou a mão pelo cabelo desordenado.

– Bem, não houve muito do que eu precisasse me recuperar. – Foi a resposta dela.

Os olhos do guerreiro se alargaram. Depois se estreitaram. Será que Scarlet estava não tão sutilmente assim lhe dizendo que não fora bom para ela? Que mentirosa. E nem mesmo precisava do demônio dele para lhe dizer isso. Ela curтира um bocado. Contorcera-se e gritara. Implorara por mais, diabos.

Franzindo a testa, ele levantou-se com um salto... e fingiu tropeçar quando as pernas bambearam. Tirou o que restava da camisa e abaixou a calça até os tornozelos. Merda. Ainda estava usando as botas. Que tipo de amante usava as botas quando provava uma mulher pela primeira vez?

Arrancou-as aos chutes, quase caindo de cara no chão outra vez, e arriou o jeans. Nu, sem a menor vergonha, marchou até a fonte e acomodou-se ao lado dela. O vapor espalhava-se no ar, e a água quente lhe acariciou os músculos cansados.

– O que está fazendo? Você não foi convidado.

Scarlet nadou até o outro lado, colocando o máximo de distância possível entre os dois. No entanto, nada teria sido capaz de lhes separar os olhares. Estavam fixos um no outro, em um ardente duelo de vontades. Pelo menos, os olhos dela estavam pretos de novo, em vez de vermelhos.

– Poderia ter feito muito menos com você, sabe? – resmungou Gideon. – Onde está o meu não obrigada?

– O seu não obrigada está bem aqui. – Ela estendeu o dedo médio para ele. – E, sim, eu sei que poderia ter feito muito mais comigo. – A mão dela voltou a mergulhar na água, e a cabeça inclinou-se para o lado, a análise que fazia dele intensificando-se. Será que estava gostando do que via? – Por

que não o fez?

Uma pergunta perigosa e muito pior do que: “Esta calça me engorda?” Não havia como responder sem sair perdendo. *Você não estava pronta* seria respondido com: *Como é que sabe para o que estou pronta? Você nem sequer me conhece.* Ou a mentira: *Não quis fazer mais*, que era o que ele teria de responder, seria retrucada com: *Nem eu*, ou com milhares de perguntas sobre se agora ele lembrava ou não dela.

Hora de mudar de assunto.

– Por que não fica aí? – Ao falar, Gideon curvou o dedo para ela.

Teimosa, ela sacudiu a cabeça.

– É o que vou fazer, obrigada.

Um músculo se repuxou sob o olho dele. Queria abraçá-la, maldição. Queria envolvê-la com os braços e puxá-la para perto de si. Queria, bem, deliciar-se com a presença dela. Porque isso a amoleceria, procurou se convencer.

– Você não sabe o que eu quis dizer, Scar.

– Olhe – retrucou ela. O colar de borboleta reluziu quando um raio de luar forçou a passagem através da copa das árvores acima deles. – O que aconteceu aconteceu. Não dá para desfazer. Mas podemos tomar precauções para que não aconteça de novo.

Tudo o que Gideon conseguiu fazer foi fitá-la, perplexo. E por que haveriam de querer isso?

– Simplesmente não precisamos seguir de novo por essa estrada – continuou ela, como se estivesse lendo os pensamentos dele. – Não terminou bem da primeira vez, e só faria terminar pior da segunda.

– Você tem como saber disso com certeza.

Ele endireitou-se, com a intenção de avançar até ela e sacudi-la. Estava determinada demais, confiante demais.

Ela estendeu a perna, plantando o pé no peito dele de modo a detê-lo.

– Fique onde está.

O vermelho voltou a aparecer nos olhos dela, combinando com o rubi no colar.

Quer dizer que, no fim das contas, o demônio não estava tão longe assim da superfície agora. Contudo, Pesadelos parecia gostar dele. Com certeza o desejara. Será que isso significava que, mesmo agora, Scarlet estava batalhando contra as necessidades do próprio corpo?

Pensativo, Gideon recostou-se nas pedras. Porém, quando Scarlet tentou remover o pé do peito dele, ele a agarrou pelo tornozelo.

– Solte-me... Ah, deuses. Não solte. Não ouse me soltar.

Ele pressionou o polegar na curvatura do pé e começou a massagear. Se não podia sacudi-la sem luta, se contentaria em desarmá-la. A cabeça de Scarlet caiu para trás, apoiando-se na parede de pedra às costas dele, e ela arquejou.

– Não estou tentando – disse para ela. Maldição, jamais tentara com tanto afinco – lembrar-me, consertar as coisas, fazer com que deem certo.

Enquanto continuava a arquejar de prazer, ela disse:

– Você não me quer. Não de verdade. Quer mesmo é respostas.

Gideon não podia negar. Queria respostas. Contudo, a cada segundo que se passava, ele a queria mais.

– Separar é morrer – disse ele, e, como era mentira, embora chegasse quase a desejar que não fosse, não foi tomado de dor ou fraqueza.

– Palavras idiotas que nada significam.

Ele pensava assim. É, um pouquinho, mas as lembranças dela estavam intactas. Gideon tentou não deixar a irritação e a frustração transparecerem.

– Não me dê nada. – Dê-me alguma coisa. – Apenas quase nada. – Qualquer coisa.

Um longo instante passou-se em silêncio. Continuou a massagear o pé de Scarlet, que continuou a gostar, mas ela nada falou. Ele achou que a intenção dela era ignorá-lo. Contudo, por fim, abençoadamente, ela suspirou.

– Certa vez, você estava transportando um prisioneiro até Tártaro. Um imortal que tentara matar Zeus, a fim de reivindicar para si mesmo o trono dos céus. Antes que pudesse trancafiá-lo em uma das celas, você notou que eu estava lutando contra uma deusa. – Ela franziu a testa. – Não me lembro quem era, só que ela era alta e loura.

Poderia ser qualquer uma de mil deusas.

– Por favor, não continue.

– Ela estava... vencendo. – Scarlet voltou a franzir a testa. – Isso não parece certo. Quero dizer, na minha cabeça, posso vê-la me imobilizando e arranhando, porém a imagem parece... errada. Isso não faz sentido. – Ela passou a mão pela superfície da fonte, respingando água para tudo quanto era lado. – De qualquer modo, você nos notou e soltou o prisioneiro para vir em meu auxílio. Enquanto arrancava a deusa de cima de mim e me ajudava a levantar, o novo prisioneiro tentou escapar. Você correu atrás dele, e todos os deuses e deusas no interior da minha cela também tentaram escapar. Eu os contive enquanto você capturava o homem, pois eu não queria que você tivesse problemas.

Uau. Ela mesma poderia ter fugido, mas não o fez. Por causa dele, Scarlet ficara. Tomar conhecimento disso era... humilhante. Se ela estivesse falando a verdade, é claro. Por que diabos Mentiras não conseguia saber ao se tratar dela?

– E o que os deuses e deusas não fizeram como retaliação?

Jamais teriam deixado algo do gênero passar. Ela os impedira de ganhar a liberdade. Eles a teriam punido. Severamente.

Ela deu de ombros.

– Como você pediu, eu lhe contei uma coisa. É tudo que terá.

Maldição. A história só fez lhe abrir o apetite por mais.

– Parece que você não suportou muito sofrimento para ficar comigo. Por que não faria isso?

– Não é da sua conta.

Mais uma vez, ela não fingiu não entender o que ele estava dizendo, o que só fez aumentar o respeito e a admiração que Gideon sentia. Assim como a frustração.

– Não me conte, que não a recompensarei com um favor. Qualquer coisa que não queira.

Sem dúvida, ela pediria a liberdade. E ele a concederia, visto que, maldição, simplesmente não podia mais mentir para ela... E, então, a capturaria outra vez. E a trancafiaria, como planejado.

Era necessário, procurou se convencer. Repetiu isso para si mesmo até tornar-se parte dele, tão vital quanto respirar.

O interesse dela foi despertado.

– Um favor que poderei escolher mais tarde?

– Não.

Ela tirou o pé das mãos dele, com um puxão, e lhe ofereceu o outro. Gideon esforçou-se para não sorrir enquanto se punha a trabalhar, massageando a nova curvatura do pé. Tão discretamente exigente. Tão encantadora. *Necessária.*

– Tudo bem – falou ela. – Eu contarei. – Ela lambeu os lábios, desviou o olhar e olhou para o céu. – Apenas... me dê um minuto.

“Um minuto” acabou sendo onze.

O suspense o estava matando, embora imaginasse saber qual seria a resposta dela. *Arrisquei a punição porque eu o amava.* Parte dele queria escutar tais palavras, mesmo que isso fizesse dele um sádico. A outra parte dele realmente queria escutar as palavras. Mesmo que isso fizesse dele um masoquista. Ela não se sentia daquela maneira agora, e as coisas não terminariam bem para ela caso se sentisse. Um pensamento que o deixou vazio e mal.

Desgraçadamente necessária.

– Tem certeza de que quer saber? – Scarlet, por fim, perguntou, hesitante, porém esperançosa. – É algo que vai mudá-lo, e não para melhor.

Nesse caso, não poderia ser “eu amo você”. A expressão dela era de aflição. Jamais vira algo parecido. Sentindo-se tomado de receio, os dedos de Gideon pararam de se mexer. Ainda sentado, ele empertigou-se, o olhar tentando enxergar a alma de Scarlet.

– Não. Não me conte. Não me conte *agora.*

Ela engoliu em seco.

– Gideon. Nós... Você e eu... Nós tivemos... um filho. O nome dele era Steel.

Capítulo Oito

O SANGUE... Sienna o enxergou na mente, pingando, fluindo, correndo. Os gritos... Ela os escutou, agoniantes, perversos. A escuridão... a cercou, aproximando-se cada vez mais, até quase sufocá-la.

Há quanto tempo isso vinha acontecendo, ela não sabia dizer. O tempo deixara de existir para ela. Havia apenas dor e caos. E fogo. Ah, Deus, o fogo. Podia sentir o cheiro da fumaça, do odor de corpos apodrecendo e de enxofre.

Lágrimas brotaram nos cantos dos olhos dela. Ela estava deitada na cama, encolhida, os joelhos encostados no peito. Tremia de frio sem cessar, e, no entanto, ainda estava queimando por dentro. Alguém a carregara até ali. Não conseguia lembrar quem. Apenas sabia que, no instante em que ele a pousara na cama, sem conseguir se conter, ela o atacara. Quisera banhar-se no sangue dele. Quisera escutar o grito dele se juntar a todos os outros.

Não sabia se ele sobrevivera. Não se importava. Na verdade, teria recebido de bom grado outra vítima e odiava-se por isso.

– Como está hoje, minha cara?

As palavras não podiam ser escutadas por meio dos gritos, contudo, mesmo assim, ela as entendeu. E não precisou abrir os olhos para saber quem estava de pé ao lado da cama dela. Cronos. Rei dos deuses... O mestre dela.

Não posso machucá-lo. Não posso me dar ao luxo de machucá-lo. Ele a puniria.

Machuque-o, uma voz insistente sussurrou na cabeça dela. Seria tão bom.

Não posso. Mais um pouco de dor, e ela ruiria.

Outrora, fora conhecida como Sienna Blackstone. Outrora, fora humana. Outrora, fora uma Caçadora. E então apaixonara-se por Paris, o guardião da Promiscuidade, e dormira com ele para lhe retornar as forças. Grande erro. Deveria ter deixado que ele morresse. O guerreiro fortalecido decidira usá-la. Abduzira-a, exatamente como ela o havia abduzido, e seus próprios companheiros a balearam.

Na ocasião, achara que jamais sentira tamanha agonia. Agora ria com amargura. Como fora tola. Aquilo não havia sido agonia. Havia sido uma massagem. *Isto* era agonia.

As costas pareciam ter sido mergulhadas em ácido e sal. Duas coisas duras estavam crescendo entre as omoplatas, emergindo de dentro da carne arruinada. Chifres talvez. Ou, quem sabe, asas?

De vez em quando, pensava senti-las adejando.

– Responda-me, Sienna.

Mostre-lhe quem é que manda, a voz insistente ordenou. *Aposse-se de tudo o que ele chama de seu. E, em seguida, arranque-lhe a cabeça.*

Embora a cabeça dela já estivesse mais cheia de maldade do que ela era capaz de suportar, novas imagens começaram a se instalar. Viu todas as coisas que Cronos roubara ao longo dos séculos: artefatos, poder, mulheres. Viu todas as vidas que ele tomara, e exatamente como ele as tomara. Eram tantas. Ah, tantas vidas abreviadas pela ganância dele. Não apenas inimigos, mas o próprio povo. Até mesmo humanos. Qualquer um que atravessasse o caminho dele.

Ah, Deus. Gemendo, ela pressionou a base das palmas das mãos de encontro aos olhos. Se ela soubesse o que a aguardava na vida após a morte, se ela soubesse o tipo de pessoa que ele realmente era, não teria permitido que ele a conduzisse ao céu.

Teria ficado com Paris, guardião da Promiscuidade. Um homem que ela odiava com cada fibra do ser.

Tal ódio deve tê-la ancorado a ele, porque o... espírito dela o seguira por vários dias após a morte do corpo. O guerreiro não fora capaz de enxergá-la, não conseguira pressenti-la de maneira alguma. Ela observara quando ele lhe dera um enterro de guerreira, o que a surpreendera. Observara quando ele chorara por ela, o que a deixou confusa. Observara quando ele o lamentara a morte dela, o que, inesperadamente, a comovera.

A raiva começara a se extinguir. Pensara: *ele realmente se importava comigo*. E, se era capaz de se importar com alguém, não devia ser uma criatura tão perversa como fora levada a acreditar.

Porém, em seguida, o corpo dele começara a enfraquecer, e Sienna fora esquecida. Para recuperar as forças, Paris dormira com uma desconhecida qualquer. E depois com outra. E mais outra. Não dera a mínima para nenhuma delas. Não se importara que elas pudessem querer mais dele do que uma simples transa. Quando tudo terminara, Paris fora embora sem olhar para trás. Exatamente como teria feito com ela, caso Sienna não o houvesse capturado para o chefe.

A raiva retornara, mais ardente do que antes.

Foi então que Cronos aparecera diante dela.

– Venha comigo – dissera –, e você viverá novamente.

– Não quero viver novamente.

A vida que levava não fora bem um sonho. Após a irmã caçula ter sido abduzida de casa, a vida acabara para o pai e a mãe. Não quiseram ter mais nada a ver com nada, nem mesmo com a filha restante. Combater os Senhores do Mundo Subterrâneo tornara-se a causa de Sienna, seu único propósito. Disseram para ela que não haveria mais males no mundo, não haveria mais abduções, se os demônios de Pandora fossem destruídos.

Cronos, contudo, não desistira.

– Poderá vingar a sua morte então – retrucara.

– Também não quero fazer isso.

Queria apenas seguir para a vida após a morte, o mundo e os seus habitantes esquecidos. Talvez, ali, encontrasse a irmã.

– Você não sabe o que quer. Mas posso enxergar os seus desejos nos seus olhos, quer você os admita ou não. Está desesperada por uma segunda chance. Quer o que lhe foi negado. Uma família. Alguém para protegê-la, para valorizá-la. Alguém para amá-la.

Ela engolira em seco.

– E como conseguirei isso com você?

– Estou criando um exército. Um exército sagrado de guerreiros como jamais foi visto. E você pode fazer parte dele.

Era assim que ele pretendia encontrar alguém para protegê-la, valorizá-la e amá-la?

– Não, muito obrigada.

– Não poderei fazer isso sem você.

Por quê? Ela era magrinha demais para vencer um combate físico e sempre fora um pouco tímida para sair por aí peitando os outros. Por isso que Stefano, o chefe dela, sempre a usara no escritório, pesquisando sobre os demônios. Ela ficara embasbacada quando ele lhe pedira para seduzir Paris, e, a princípio, dissera não.

Foi então que vira o retrato dele. Não havia homem mais extraordinário, mais sensual de uma maneira que nenhum mortal jamais pudesse esperar ser. O coração dela disparara, e as palmas das mãos chegaram a suar. Desprovida de atrativos como ela era, ninguém como ele jamais olharia para ela. Lindo como ele era, Sienna não entendera como ele podia abrigar tamanho mal.

O desejo de conhecê-lo, de ver por si mesma aquele mal, tornara-se uma obsessão. Então, por fim, dissera que sim. Ela o conhecera. Ele ficara interessado nela, o que a fizera sentir-se especial. Chegara a quase não drogá-lo quando o beijara. Quase mandara que ele seguisse o caminho dele. Mas fora então que notara o tom avermelhado tomando conta dos olhos dele, reluzindo, anunciando a malevolência para o mundo todo ver. Não havia como negar as origens dele.

Ele *era* mau. E, talvez, apenas talvez, se ajudasse a destruí-lo, o mundo de fato se tornaria um lugar melhor para se viver. Talvez a abdução de crianças realmente chegasse ao fim. Sendo assim, para levar a cabo a missão, Sienna o drogara.

E os esforços dela lhe custaram a vida.

E, por mais terrível que pudesse ser, sabe qual era o maior arrependimento dela? Não ter estado com ele. E o que vinha em segundo lugar? Não tê-lo matado.

– Junte-se a mim – acrescentara Cronos – e voltará a encontrar Paris. Eu juro. Ele será seu para fazer o que bem entender.

As palavras dele eram a prova de que ele, de fato, sabia o que ela queria, independentemente de Sienna ser capaz de admitir ou não. Ver Paris de novo? Ter o guerreiro à mercê dela? Sim! E, no entanto, não fora o suficiente.

– Não.

– Porém, mais do que isso – continuou o deus, como se ela nada houvesse dito. – Vou garantir que você veja sua irmã novamente.

De tanto choque, ela quase o agarrou pela gola e o sacudiu.

– Sabe onde ela está?

– Sei.

– E ela está viva?
– Está.
– Nesse caso, sim – respondera sem hesitação. – Sim, eu o ajudarei. Agora. Rápido. Por favor.
– Está dizendo que será minha, meu soldado, não é?
– Estou. *Se* me levar até a minha irmã.
– E levarei. Um dia.
– Por que não agora?
– Sua missão vem em primeiro lugar. De acordo?
Não. Mas dissera que sim.

– De acordo.
Qualquer coisa para ver a sua preciosa Skye de novo.
– Então combinado.

Ele sorriu lentamente, irradiando satisfação, e a transportou até este palácio nos céus.

Ela já conseguira ver a irmã? Não. Ele a treinara para lutar? Não. Já a enviara naquela missão, fosse ela o que fosse? Mais uma vez, não. Simplesmente a mantivera ali, sozinha, exceto pelas visitas dele, sem nada para fazer além de pensar. E odiar.

Tentara ir embora, mas não conseguira. Estava ligada a Cronos de um modo que ainda não conseguia entender. Um modo que não lhe permitia refutar nem desobedecer. O que quer que ele pedisse a ela, Sienna fazia, compelida por um poder que era incapaz de derrotar, mesmo já havendo tentado inúmeras vezes.

– Eu lhe fiz uma pergunta – falou Cronos, tirando-a dos pensamentos dela, de volta à dor que ameaçava pulverizá-la. – Como você está?

– Pior.

Um choramingo.

Ele suspirou.

– Eu esperava o contrário, pois não vejo a hora de usá-la.

– O que há de errado comigo?

– Ah, eu me esqueci de lhe contar? – Ele riu, um som despreocupado. – Você agora carrega o demônio da Ira dentro de si.

Tudo no interior dela cessou. Os gritos. As batidas do coração. Até mesmo a escuridão parou de girar. O demônio da Ira estava... dentro dela? Não, não, não!

– Você está mentindo. Tem de estar mentindo.

– De jeito nenhum. Ele está tentando se acomodar na sua mente, e as asas dele estão brotando nas suas costas.

O pânico se instalou, se espalhou. Asas, ele dissera. Exatamente como ela suspeitara.

– Estou certo de que já pode escutar os pensamentos dele, incitando-a a fazer coisas que, normalmente, você nem pensaria em fazer.

Ah, Deus. Era verdade. Ele o fizera. *Nããoooo!* Desta vez, a palavra foi um lamento no íntimo dela. Cronos a transformara justamente na coisa contra a qual Sienna lutara. Justamente a coisa que ela esperara destruir.

Foi incapaz de conter um soluço.

– Seu canalha! Você me amaldiçoou!

Ele estufou o peito e empertigou-se todo.

– Como ousa usar desse tom para comigo? Eu a abençoei. Como poderia destruir o mal como uma simples humana? A resposta é simples. Não poderia. Sendo assim, lhe dei os meios para alcançar o seu objetivo.

As lágrimas escorrendo dos olhos dela queimavam, como se estivessem escavando sulcos no rosto.

– E, no processo, você me arruinou.

– Um dia, você me agradecerá.

– Não. Não. Um dia, eu o matarei por isso.

Um pesado silêncio se abateu sobre os dois.

– Você me ameaça, mesmo eu tendo lhe trazido um presente. Alguém que você estava *morrendo* de vontade de ver.

Skye?

Sem ousar respirar, Sienna forçou-se a abrir os olhos, e, através da visão embaçada, viu que, de fato, havia uma forma feminina postada ao lado do rei dos deuses. A jovem alcançava os ombros dele, tinha cabelo escuro, como o de Sienna, e um tom de pele azeitonado. Os traços estavam obscurecidos pelas sombras, mas isso não impediu que o coração de Sienna trovejasse no interior do peito.

Tremendo, ela estendeu a mão.

– Irmã?

Houve o roçar de roupas quando o casal recuou para longe dela.

– Não está merecendo um presente hoje, minha querida. Sendo assim, não receberá um.

– Skye!

Silêncio. Os dois lhe voltaram as costas e foram embora. A jovem nem sequer emitiu um som de protesto.

– Skye! – voltou a gritar Sienna. – Skye! Volte. Fale comigo.

Ela quase se engasgou com a última parte, a emoção formando um nó na garganta.

Mais uma vez, não houve resposta.

Sienna desabou na cama, o choro sacudindo-lhe o corpo. Como Cronos pôde fazer isso com ela? Como pôde ser tão cruel?

Ele deve pagar. Precisa sofrer.

A voz profunda sussurrou na cabeça dela, e ela se sobressaltou, chocada e enojada.

Cale a boca, cale a boca, cale a boca.

Ele deve pagar. Precisa sofrer como você sofre.

À exceção da voz, desta vez ela não se sobressaltou. Ficou imóvel, pensativa. O demônio da Ira estava dentro dela. E, fraca e indefesa como estava, não havia nada que pudesse fazer a respeito. Por enquanto. Sendo assim, por que não usá-lo? Apenas uma vez. Apenas para equilibrar a balança e deixá-los quites.

– Co-como? Como faço para que ele sofra como eu estou sofrendo agora?

Ah, Deus. Ela estava conversando com um demônio. *Pare!* Era esquisito e errado... e estranhamente libertador. Não haveria mais como parar.

Deve roubar o que ele mais preza.

– E do que se trata? – Fosse qual fosse a resposta, faria como o demônio sugeriu e o roubaria. Não hesitaria. Cronos a atirara nesta terrível fogueira. Poderia muito bem arder com ela. – Dos filhos? Da esposa?

É o poder.

– Certo.

Mas como faria para roubar o poder de um deus?

Ele pagará. Ele sofrerá.

Sim. Aos poucos, as lágrimas foram se extinguindo e o coração dela se acalmou. O nó na garganta se dissolveu. O frio espalhou-se por ela, preenchendo-a, consumindo-a.

– Ele pagará. Ele sofrerá.

– VISITAR O inferno? De jeito nenhum.

Amun estava postado diante da enorme TV de plasma na sala de lazer, encarando William. Fora a única maneira de obter a atenção do homem. Toda vez que Amun batera à porta do quarto de William, fora mandado embora. Sempre que seguira William até a cidade, o guerreiro o ignorara, enquanto fazia da população feminina o seu espólio, uma, ou duas, de cada vez. Às vezes, o canalha chegara a conduzir os negócios com Amun parado ali.

Agora, tinha William como audiência cativa. Pois Amun trouxera reforços. Anya, a deusa da Anarquia. Poderosa e vingativa como era, Anya era capaz de forçar qualquer um a fazer o que quer que ela quisesse, quando quisesse.

Ainda mais William.

Os dois eram grandes amigos e adoravam torturar um ao outro. Daí Anya ter roubado um livro que pertencia a William. Um livro muito importante, aparentemente, e um livro que o guerreiro precisava para salvar a própria vida de alguma maldição. Os dois sempre tiveram o cuidado de manter tais detalhes guardados a sete chaves quando na presença de Amun.

É claro que ele poderia ter vasculhado as mentes deles para obter as respostas, mas não o fizera. Não precisava de mais segredos, muito obrigado.

O que ele sabia é que, quando William se portava como um “bom menino”, Anya lhe devolvia algumas páginas. Sendo assim, quando Anya desafiou William para uma partida de Guitar Hero, junto de Gilly, uma jovem adolescente que agora morava na fortaleza, William aceitara. Os três estavam postados ao redor da TV, onde Anya afirmara que permaneceriam até que Amun houvesse dito o que queria. Ou sinalizado, como era o caso.

Precisamos da sua ajuda para resgatar Legião, Amun começou a dizer.

– Lamento, mas tenho outros planos – respondera William de modo sombrio. – Partirei amanhã de manhã e ficarei fora por algumas semanas.

– Que planos? – Gilly quis saber, passando os dedos pelo colar de borboleta que Lucien lhe dera

ainda há pouco. Um colar exatamente igual ao que Amun, Anya e William também usavam. Deveriam usá-los o tempo todo, para ocultar seus atos dos deuses. – Por que você não me disse que ia a algum lugar?

Opa. O que foi isso? As palavras dela foram carregadas do mais puro sentimento de posse.

Você é meu, Gilly pensou. *Temos de ficar juntos, não separados.*

Tudo bem. Amun massageou a nuca. Não precisava ter sabido disso.

Com a cara amarrada, William jogou as baquetas para o alto, pegou-as no ar e as rodopiou.

– Não importa por que eu não contei. Eu vou, e ponto-final.

Puxa. William costumava fazer piada de tudo. Não levava nada a sério. Que estivesse neste mau humor... Puxa.

Tenho de dar um basta nisto, William pensou. *Não dá para continuar.*

Bom. Isso era bom.

– Quer dizer que a viagem já está decidida? – Anya curvou-se na direção do amigo, os lábios curvando-se em sinal de desafio. Ela estava noiva de Lucien, guardião da Morte, e era uma das mulheres mais lindas que Amun já vira. Lucien, o noivo dela, como ela gostava de chamá-lo, atendia a todos os caprichos dela. – Você também ainda não obteve a minha autorização para tal viagem.

– Você não pode ir sem mim – disse Gilly.

– Posso e vou. E não me ameace, Anya. Esta é uma coisa que farei independentemente do que você faça com o meu livro.

Com uma expressão que lembrava uma furiosa nuvem de tempestade, Gilly jogou o baixo no chão. O plástico rachou.

– Você prometeu que sempre me protegeria. Como poderá me proteger se não estiver aqui?

Ela tinha cabelo castanho liso e lindos olhos grandes da mesma cor. Era de estatura mediana, porém era dotada de mais curvas do que qualquer jovem de 17 anos tinha o direito de ter. E William claramente estava se esforçando para não olhar para ela.

William estava fraquejando.

Devo... parar. Por que não consigo dar um basta?

Como um livro com as páginas preenchidas com os segredos de todo mundo se abrindo na cabeça, Amun sabia exatamente o que estava acontecendo. Gilly pensava estar apaixonada por William. William sentia-se atraído pela garota, o que o horrorizava. Ela era jovem demais para ele. Daí ele vir se sentindo mais lascivo do que o normal, tentando encontrar uma mulher adulta para satisfazer a crescente necessidade do corpo de algo que o guerreiro se recusava a dar. Definitivamente, não agora. E talvez jamais.

Gilly sofrera terríveis abusos quando criança, e William localizara a família dela com plena intenção de matar os membros da maneira mais lenta e dolorosa. Era para lá que estava indo agora. Para Nebraska, para obter vingança. Não seria difícil. A mãe era dona de casa, e o pai, médico.

– Não menti. Sempre a protegerei – respondeu William com delicadeza. Ele ficou de pé e estendeu a mão para ela, mas se deu conta do que estava fazendo e abaixou os braços. – Você tem de confiar em mim.

Amun bateu palmas, chamando atenção para si.

Ajude-me a ajudar Aeron, e eu o ajudarei com a família da moça.

William jamais aprendera a linguagem de sinais, mas Anya, sim. Ao se dar conta do que Amun estava inferindo, os olhos azuis dela se arregalaram. Em vez de traduzir em inglês ou húngaro, permitindo que Gilly entendesse, ela falou com William na antiga língua. Os sons ásperos eram como música para os ouvidos de Amun, lembrando-o dos anos tranquilos que passara no céu.

– Não preciso de ajuda – rosnou William no mesmo idioma. Empertigado, passou a mão pelo cabelo escuro como a noite. – Na verdade, *quero* fazer isso sozinho. E, além do mais, Legião me irritava. Fico feliz que ela não esteja aqui. Acho que é seguro dizer que eu não resgataria nem a minha própria mãe do inferno. Se eu tivesse uma. Sequer resgataria Anya.

– Obrigada – falou a deusa, revirando os olhos. – Mas escute. Aeron não está feliz que ela não esteja aqui. – Amun jamais escutara tanta gentileza na voz dela. – O que significa que Lucien não está feliz. O que significa que eu não estou feliz.

William continuava irredutível.

– Não estou nem aí.

– Lucifer tem medo de você, Willy. No inferno, você será capaz de fazer coisas e ir a lugares que Aeron e Amun não poderão fazer e ir.

Por um instante, a mente de William se abriu, preparando-se para lembrar do motivo exato para o diabo temê-lo. Contudo, logo em seguida, reprimiu a lembrança, o que significava que Amun não conseguia lê-la, não sem escarafunchar, o que era algo que Amun ainda não queria fazer.

– Mais uma vez, não estou nem aí – William repetiu.

Igualmente teimosa, Anya insistiu.

– William, pense bem no que está recusando. Quando estiver com os pais de Gilly, não saberá o que eles estão pensando, o que temem, e que outras coisas terríveis eles fizeram. Mas Amun saberá. Ele poderá lhe dizer. E você poderá fazer mais do que apenas machucar e matá-los. Poderá aterrorizá-los.

Gilly jogou as mãos para o alto.

– Será que alguém pode, por favor, falar em inglês e me dizer o que está acontecendo?

– Não – Anya e William responderam ao mesmo tempo.

– Deus! Mas vocês são *tão* chatos. Não sei por que aguento vocês.

Tendo dito isso, Gilly deixou a sala.

Amarrando a cara, William enterrou uma das baquetas na bateria.

– Muito bem. Conte comigo, Amun. Eu irei para o inferno com Aeron e você. Depois, você me ajudará a levar o inferno até os meus humanos. Entendeu?

Para o bem ou para o mal, Amun assentiu.

Capítulo Nove

QUANDO SCARLET se sentou, abrindo os olhos para uma nova noite, não tinha ideia do que esperar. Após a declaração de que “tivemos um filho”, Gideon basicamente ficara em estado de choque. Ele ficara em silêncio, calado, e Scarlet não forçou uma confrontação, pois quisera que ele tivesse tempo para assimilar a notícia.

Porém, antes que ele tivesse tido tempo para fazer isso, ela adormecera, perdendo-se no demônio dela. Estivera distraída demais para participar dos costumeiros joguinhos de terror e nem sequer soube quem foi o alvo deles.

– Você estava mentindo... Não me conte!

As palavras a chicotearam, e ela rapidamente entrou em foco. Gideon não a retirara do bosque. Ainda estava cercada por árvores, e os pássaros e os insetos ainda cantavam. A fonte ainda borbulhava, e uma ligeira névoa ainda os envolvia. A lua estava outra vez no alto, dourada, embora várias nuvens lhe ocultassem os raios.

Gideon estava mergulhado nas sombras. Sombras que os olhos dela eram capazes de penetrar sem dificuldades. O cabelo dele estava molhado e colado à testa e ao rosto, uma bela moldura para as tristes linhas de tensão que se estendiam das têmporas em direção à boca. Os olhos eram como laser, penetrando até a alma de Scarlet. A expressão dele era tensa e feroz, os lábios puxados para trás, expondo os dentes em uma careta.

Ele estava postado diante dela, um punhal em cada mão. Com a respiração subitamente presa na garganta, Scarlet examinou o próprio corpo. Não havia cortes nos braços nem nas pernas, e o vestido ainda estava inteiro. Não havia manchas de sangue nele, indicando ferimentos.

Muito bem. Quer dizer que ele não a atacara em um acesso de fúria. Será que isso o impedia de dizer “quem é você hoje?”. Será que isso o impedia de não a ter acordado com beijos?

Deuses, os beijos de Gideon... Erguendo a mão, ela passou a ponta dos dedos pela boca. Uma boca que ainda formigava. A língua dele a invadira, oferecendo e tomando. Oferecendo tanto prazer. Tomando tanta paixão. As mãos estiveram em tudo quanto era lugar, tocando-a, memorizando-a. E o corpo dele, tão duro e quente de encontro ao dela, a transportara de volta para os céus. Aprisionada, indefesa, porém, ainda assim, sem dar a mínima, pois tinha o homem dela.

Há tanto tempo que ela não se entregava às exigências do próprio corpo. Há tanto tempo que

não perdia o controle. Não que a perda parecesse ter incomodado Gideon. Não, ele parecera até gostar dela. Ele gozara na barriga dela, marcando-a como se ainda estivessem juntos.

Depois, ela tivera vontade de se enroscar nele. Quisera lhe beijar o pescoço e lhe inspirar o perfume almiscarado. Quisera revelar-lhe cada segredo, falar sobre tudo o que um dia compartilharam.

Porém, ela o conhecia, conhecia este homem que não fazia ideia do quanto ela um dia significara para ele. E soubera, sem sombras de dúvida, que fora exatamente isso que ele planejava. Trouxera-a até ali para obter respostas. Respostas que faria de tudo para obter.

Gideon sempre fora assim. Quando tomado de determinação, era capaz de ser mais teimoso do que ela. Era tão irritante quanto maravilhoso. Uma vez havendo decidido que ela seria mulher dele, movera céus e terra para fazer com que isso acontecesse, apesar de tudo estar contra eles.

Entretanto, ela jamais se permitiria ser usada dessa maneira. Não deixaria que ele pensasse que bastava fodê-la, ou quase fodê-la, para ver feitas as vontades dele.

– Scar. Você não está me deixando puto da vida. Não preste atenção em mim. – Gideon arremessou um dos punhais. – Não me conte o que não quero saber.

Scarlet girou o corpo, acompanhando o movimento da arma. A ponta estava enterrada no tronco da árvore. E havia centenas de sulcos na madeira. Aparentemente, ele passara o dia todo arremessando aquilo.

– Não – disse ela, baixinho, voltando-se de novo para ele. – Eu não estava mentindo.

Steel era algo sobre o qual ela jamais mentiria. Ele fora, e ainda era, a pessoa mais importante na vida de Scarlet.

Um suspiro cansado deixou os lábios de Gideon.

– Você não falou no passado. Quer dizer que ele... Ele...

– Ele está morto – sussurrou ela. – É.

As feições de Gideon foram contorcidas pela mais absoluta agonia. Talvez ela não devesse ter contado sobre o garoto. Às vezes, desejava que ela mesma não soubesse. Era simplesmente doloroso demais. Contudo, parte de si achara, esperara, que Gideon não se esqueceria do filho. E saber disso poderia ter levado a lembranças da esposa.

– Tudo. Não quero saber de tudo. – Ao falar, ele caiu de joelhos no chão, apertando o segundo punhal com tanta força que as juntas dos dedos chegaram a perder a cor. – Por favor.

Ver um guerreiro tão poderoso reduzido àquele estado deplorável devastou Scarlet, e ela esforçou-se para conter as lágrimas ardentes que ameaçavam jorrar. Se lhe contasse agora, não seria devido ao sexo. Seria porque ele implorara. Pelo menos, foi assim que racionalizou a súbita necessidade de expor a própria alma.

– Tudo bem – disse ela, baixinho. – Eu lhe contarei. Contarei tudo sobre a vida e a morte dele, mas você não pode falar. Se me interromper com perguntas, posso não ser capaz de prosseguir. – Seria tomada de emoção. Desmoronaria, choraria e, de modo algum, permitiria que Gideon a visse assim. Isso já ia ser bem difícil. – Entendeu?

Um instante se passou. Gideon permaneceu imóvel, em silêncio. O que se passou pela cabeça dele, o que o fez hesitar em concordar, ela não saberia dizer. Tudo o que sabia era que falar sobre

Steel não era algo que costumasse fazer. Jamais. Mais uma vez, simplesmente era doloroso demais. Mesmo com Gideon permanecendo calado, Scarlet não tinha certeza se seria capaz de levar isso a cabo. Com certeza, não sem chorar.

Finja que é uma história inventada. Distancie-se de tudo. É. Falar era fácil.

Por fim, Gideon resolveu o problema que tinha com a exigência de silêncio e assentiu. Os lábios estavam apertados, desenhando uma linha fina e teimosa no rosto, contendo quaisquer palavras que pudesse ter vontade de dizer.

Scarlet inspirou fundo, reunindo forças. De nada adiantou. As palavras se recusavam a formar. Empurrou as pernas trêmulas e avançou até a árvore do punhal. Gideon não tentou detê-la quando ela desenterrou a ponta com um puxão. Depois começou a caminhar de um lado para o outro, batendo o metal afiado de encontro à coxa. A brisa fresca a confortou, apesar de os gravetos e de as pedras lhe ferirem a sola do pé.

Apenas diga as palavras. Finja, finja, finja. Estará falando sobre a vida de outra pessoa. Sobre o filho de outra pessoa.

– Eu lhe contei que estava grávida, e você ficou feliz. Você solicitou a Zeus para que eu fosse libertada sob sua custódia. Ele disse não. Sendo assim, você providenciou a minha fuga. Só que fui capturada. Recebi vinte chicotadas antes que você se desse conta de que eu fracassara. Eles tentaram me dobrar, me forçar a revelar quem me ajudara. Eu não cedi. – Teria preferido morrer primeiro. – Pelo menos, a dor foi suportável, mas tive tanto medo de perder o bebê... Meus companheiros de cela também tentaram me fazer mal. Sendo assim, logo recebi uma cela só minha. Foi onde dei à luz a um lindo menininho.

Quando a imagem de Steel passou pela cabeça dela, aquele doce menininho dormindo no colo dela, parecendo um anjo, ela tropeçou no próprio pé. Estava tremendo ao se endireitar.

Fiel à sua palavra, Gideon permaneceu em silêncio, aguardando.

Finja.

– Você nos visitava todos os dias. E, a cada dia, ficava um pouco mais conosco, relutando ainda mais em ir embora. Tive receio de que fosse dar um jeito de ser preso só para estar conosco. – E Scarlet teve vergonha de admitir que a ideia lhe agradara. – E então, um dia, você veio até a mim e me disse que tinha um plano para nos tirar dali. O plano, é claro, era roubar a caixa de Pandora. Você nunca retornou.

Ao redor dela, as árvores começaram a se transformar em borões. O queixo tremia e o rosto ardia. *Não pare. Continue.* Quis olhar para Gideon, mas não o fez. Fosse qual fosse a expressão dele, poderia ser a ruína dela.

– Como você sabe, fui possuída por Pesadelos e não tive como ser uma boa mãe. Sendo assim, os Gregos o levaram. Levaram Steel. – E ela culpava ainda mais Gideon pela separação. Se ao menos ele houvesse voltado por ela... por eles, como as coisas poderiam ter sido diferentes. – Quando meus pensamentos clarearam e me dei conta do que acontecera, implorei para vê-lo, mas meus apelos foram ignorados. Tentei escapar todos os dias. E todo dia eles voltavam a me chicotear.

Um som abafado escapou da garganta de Gideon, mas, ainda assim, Scarlet não se permitiu olhar para ele.

– Por fim, notei como o Tártaro, a prisão, bem como o carcereiro, estavam enfraquecendo, e dei um jeito de escapar de ambos. Consegui chegar ao Olimpo. E eu... Eu encontrei o nosso bebê. – Desta vez, um soluço escapou dos lábios dela. – Mas ele não era mais um bebê. Era um adolescente e não fazia a menor ideia de quem eu era.

Finja, maldição.

– Ele tinha presas e chifres, os olhos eram vermelhos e partes da pele tinham escamas. Foi então que me dei conta de que também haviam lhe dado um demônio. Qual, até hoje eu não sei. Mas ele era lindo, maldição.

Ela foi incapaz de se conter, e a última parte foi gritada, como o lamento de uma *banshee*.

Silêncio.

Termine logo.

– Eles o haviam transformado no capacho deles. Riam dele, abusavam vergonhosamente dele, chutavam-no. Não havia felicidade nos olhos de Steel. Apenas resolução. Estava suportando tudo como o guerreiro orgulhoso, forte e determinado que era. E isso só tornou tudo pior, sabe? Eu falhara para com aquele menino precioso de todas as maneiras possíveis; no entanto, ele ainda era tudo o que eu poderia querer em um filho.

Lágrimas ardiam-lhe os olhos, mas ela as enxugou com as costas da mão.

Finja.

– Ante o tratamento que ele estava tendo, eu explodi. Libertei o meu demônio na mais terrível demonstração de violência que os céus jamais viram. Quando terminei, os deuses e deusas ao redor dele haviam sido levados à loucura, o que, no fim, acabou ajudando Cronos na própria fuga. Mas isso não vem ao caso. Quando a escuridão se dissipou, me dei conta de que Steel estava com medo de mim. Ele chegou a resistir quando tentei levá-lo comigo. Não queria machucá-lo, de modo que o deixei fugir de mim. Ele procurou Zeus, e, juntos, vieram atrás de mim. Não que eu houvesse tentado me esconder. Eu queria que Steel me encontrasse.

Ela engoliu o nó de emoção preso na garganta.

– Para a surpresa de Steel, Zeus nos acorrentou, um diante do outro. Ele contou para Steel que eu era a mãe dele, e Steel... Ele... – Mais uma vez, ela teve de lutar para superar as lágrimas. Uma pedra pontiaguda lhe cortou a sola do pé, e ela recebeu de bom grado a dor. – Ele ficou fora de si. Chorou. Implorou para que eu o perdoasse. Tentei tranquilizá-lo. Steel poderia ter me matado que eu não teria me importado. Contudo, Zeus estava determinado a me punir pelos problemas que causei. Ele arrancou... arrancou a cabeça de Steel na minha frente.

As lágrimas correram soltas, uma após a outra. Desta vez, ela permitiu aqueles sinais de dor.

– Lutei tanto contra as minhas correntes. Perdi uma das mãos naquele dia. Porém, não me libertei a tempo. Ele... se fora. Ele se fora, e eu fui atirada de volta na minha cela.

Mais uma vez, o silêncio. Não, não era verdade. Os soluços dela se misturaram com o som da respiração alterada de Gideon.

Pronto. Agora ele sabia de tudo. De cada instante doloroso da vida de Steel. Do fracasso de Scarlet. Do próprio fracasso. Do que poderia ter sido, do que não fora. Do porquê de ela odiá-lo tanto. Do porquê Scarlet jamais poder perdoá-lo por tê-la deixado para trás.

– Scar – sussurrou ele, entrecortado. – Eu... Eu...

Ela ainda não conseguia encará-lo. Sentia-se exposta demais, sensível demais, como se alguém a houvesse raspado de dentro para fora com uma gilete.

– O quê?

– Eu entendo, entendo sim. – O que significava que ele não entendia. – Isso parece mesmo coisa do Zeus que eu conheci. Um rei que...

– Não venha me falar daquele canalha! Você gostava dele, eu sei. Você o respeitava. Ele foi bom para você. Antes de sua possessão. Mas como ele o tratou depois, hein? Ele o amaldiçoou e o baniu! Mas, se quer saber, ele jamais foi bom comigo ou com o seu filho.

As palavras estavam vindo entrecortadas agora, os soluços que ela temia ameaçando escapar.

Como é que Gideon ousava duvidar da legitimidade da história dela? Ele deveria estar implorando o perdão dela!

– Eu vou embora – disse ela. Embora estivesse tentando aparentar calma, usando um tom que deixava bem claro que era assim que ia ser agora, o próprio sofrimento ainda estava presente na voz. – Não venha atrás de mim. Já fez estrago o suficiente.

Tendo dito isso, ela virou-se e afastou-se, enfim, deixando para trás o marido. Ela não olhou para trás.

Essa história de fim era uma droga.

JÁ FEZ estrago o suficiente.

As palavras ecoavam na cabeça de Gideon. Tudo em seu íntimo gritava para que ele se levantasse e fosse atrás de Scarlet, prendendo-a da maneira que fosse necessária, fazendo o que fosse preciso para curar as feridas no interior dela, mas Gideon não o fez. Permaneceu agachado no chão, tremendo, lágrimas quentes rolando pelo rosto.

Ela tinha razão.

Ele *realmente* já fizera estrago o suficiente. A princípio, não quisera acreditar nela. Buscara qualquer detalhe possível que pudesse lhe desmentir as palavras. Mas a dor nos olhos dela fora real demais. O que significava que ele não só abandonara a mulher, como também o filho. Um abandono que, com o passar dos anos, levava ao assassinato do filho. Um assassinato ao qual Scarlet fora forçada a assistir, impotente.

Por que Gideon não conseguia se lembrar? Por quê?

A fúria percorreu o corpo dele com violência, como punhos de aço. Com um rugido, arrancou o colar e o arremessou longe.

– Cronos – gritou para a copa das árvores. – Cronos! Eu exijo a sua presença.

Era a verdade, mas ele foi incapaz de conter as palavras. Não queria conter as palavras. Na mesma hora, o demônio dele gritou, e a dor explodiu no peito. Dor que o fez curvar-se. Dor que se espalhou por cada centímetro do seu ser, transformando o sangue em ácido e os ossos em líquido borbulhante.

Dor que ele mereceu.

Logo se viu incapaz de se mover, mal conseguia falar. Contudo, repetidamente, gritava:

– Cronos. Cronos. Venha a mim. Preciso de você.

Uma eternidade pareceu se passar, embora a lua jamais houvesse abandonado o céu. Onde estaria Scarlet? Será que chegara a algum lugar seguro para aguardar a manhã seguinte? Era provável. A mulher sabia se virar. Era mais do que capaz de cuidar de si mesma. Bastava olhar para tudo a que sobrevivera.

Sem dúvida, era mais forte do que ele.

Deuses, não era à toa que ela não queria mais nada com ele. Tinha de odiá-lo. Ela, *de fato*, o odiava. As palavras de despedida foram carregadas da emoção. Não que pudesse culpá-la. Naquele instante, Gideon odiava a si mesmo. Ele abandonara o próprio filho para morrer. O próprio filho.

Ele merecia ser decapitado.

As lágrimas recomeçaram a fluir, e ele voltou a apertar bem os olhos. O querido Steel, com presas, chifres e até escamas. Os impecáveis deuses e deusas provavelmente o haviam feito sentir-se envergonhado dessas coisas. Coisas que Gideon teria adorado e se gabado. Coisas que teria valorizado.

Scarlet tinha razão. Houve o tempo em que Gideon gostara de Zeus, respeitara-o. O antigo rei dos deuses pode ter sido egoísta e sedento de poder, porém fora bom para com Gideon. Até o fiasco da caixa de Pandora. Depois disso, os Gregos haviam ignorado Gideon e os amigos, e, com o passar do tempo, Gideon encontrara satisfação com a nova vida.

Entretanto, o mesmo não podia ser dito da esposa e do filho. Zeus jamais fora bom para com eles, e, por isso, Zeus sofreria.

Vou destruir o canalha.

Outrora, Gideon fizera de tudo para proteger Zeus. Um elitista mimado que só pensava em si mesmo. E como fora recompensado?

Eu vingarei o meu filho. A minha esposa.

Para o inferno com a caixa de Pandora. A vingança vinha em primeiro lugar agora. Sempre.

Tsc, tsc, tsc, disse uma voz masculina de repente, e o som explodiu na cabeça de Gideon.

Ele abriu os olhos.

Cronos estava agachado diante dele, com a decepção estampada na cara.

– É um tolo por se permitir chegar a este estado. E em troca de quê? Um único instante de verdade? – suspirou ele. – Por que me chamou? Acabo de falar com Lucien e receber o meu relatório. Não preciso de outro.

– Zeus – disse Gideon, rangendo os dentes. – Eu o quero.

Mentiras gritou.

Outra verdade. Outra onda de dor.

Cronos piscou em sinal de surpresa.

– Por quê?

– Eu o quero – repetiu Gideon, ofegante.

Recusava-se a discutir sobre Steel com Cronos. Caso o deus se lembrasse do garoto e resolvesse falar qualquer coisa ruim a respeito dele, Gideon iria querer sangue *dele* também e, naquele momento, precisava do soberano como aliado.

– Não.

Gideon cerrou os dentes.

– Ele é seu inimigo. Deixe que eu o mate para você.

Estava tão acostumado a falar mentindo, que a conversa deveria ter lhe provocado verdadeiros acessos. No mínimo, deveria ter tido de pensar no que dizer. No entanto, não precisou. A verdade fluía, como se já fizesse parte dele.

– E por que você haveria de querer fazer isso? – perguntou Cronos.

– O fato de ele ainda respirar me ofende.

Mentiras choramingou.

Mais, por favor. Mais.

Pare, por favor. Pare.

A expressão do rosto do rei dos deuses ficou mais dura.

– Só após ele ter suportado milhares de anos de confinamento é que ele poderá sentir o gosto da morte. Talvez, nem assim. Agora, isso é tudo o que queria discutir comigo...?

Se Cronos não o ajudasse por vontade própria, teria de ajudá-lo involuntariamente. Tudo o que ele precisava era entrar no Olimpo. Ou do que quer que Cronos estivesse chamando o lugar. De lá, poderia seguir para o Tártaro. Passara séculos fazendo isso e ainda conhecia o caminho.

Isso, ele não esquecera.

– Quero ir até os céus. – Em meio aos gritos renovados do demônio, ele cerrou os dentes. Deuses, a dor. Mais um pouco, e ele desmaiaria. *Só mais um pouquinho, e poderá dormir.* – Permita que eu me recupere por lá, para que os Caçadores não possam me encontrar neste estado e me fazer mal.

Por fim, uma mentira. Não mitigou o sofrimento, visto que era tarde demais para isso, mas Mentiras, ao menos, suspirou de alívio.

– Um favor?

Gideon assentiu.

– Se eu fizer isso, você ficará me devendo.

Outra assentida.

– Farei... tudo o que... quiser.

Por Steel. E por Scarlet. E, talvez, enquanto estivesse esgueirando-se para dentro da prisão e cortando fora a cabeça de Zeus, Gideon pudesse descobrir o que diabos houve com as lembranças dele.

– Muito bem. – Lentamente, Cronos sorriu. – Pode ficar no céu até ter se recuperado. Nada mais, nada menos. E, em troca, poderei chamá-lo a hora que eu quiser com solicitação de pagamento, cujo atendimento receberá maior prioridade do que qualquer outra coisa.

Capítulo Dez

– AQUELE IDIOTA, aquele grande idiota. Porco. Babaca. Imbecil!

Enquanto Scarlet marchava pela floresta, batendo no tronco das árvores pelas quais passava, xingou Gideon de tudo quanto é nome em que conseguiu pensar.

– Aquele cabeça de titica. Aquele neandertal acéfalo. Aquele... pai.

Ela ficou imóvel, ofegando, suando, as palmas das mãos ardendo. Ele não sabia que era pai. Ela jogara a informação na cara dele e deixara que Gideon lidasse com isso por conta própria. Ela sabia muito bem como era impossível lidar com isso por conta própria. Durante meses, fora dormir chorando. Deixara de comer. Chegara até a deixar de falar. Talvez, se tivesse tido alguém ali para cuidar dela, teria se recuperado mais cedo.

Por mais que odiasse... Não, odiar era uma palavra forte demais. Por mais que não gostasse de Gideon, não queria que ele definhasse. O homem estava no meio de uma guerra. Não podia se dar ao luxo de definhir.

Apenas mais uma noite com ele, Scarlet pensou, odiando a si mesma quando se virou e marchou de volta para o acampamento de Gideon. Ela o escutara gritando para Cronos, o rei dos deuses que a desprezara durante toda a vida, haja vista que Scarlet era a prova da traição da esposa dele. Uma prova que os colegas deuses podiam ver.

Será que Gideon pensara em pedir a confirmação de Cronos quanto a Steel, como se as palavras e o sofrimento dela não fossem o bastante? Ou será que estaria buscando vingança contra Zeus, como ela mesma um dia quisera?

Se fosse esse o caso, Scarlet teria de detê-lo. O antigo soberano sofria muito mais trancafiado, privado de seus poderes, sabendo que o maior rival estava no controle do trono dele, do que jamais teria sofrido se ela o tivesse matado.

Rápido demais. Fácil demais.

Ainda assim, não podia deixar Gideon sozinho. Sendo assim, permaneceria com ele naquela noite, fazendo o possível para consolá-lo. Não que ele merecesse, mas, diabos, sempre fora generosa. Contudo, depois, não queria ter mais nada a ver com ele. Para valer, desta vez.

Só que, ao atravessar a última barreira de folhas, viu que Gideon já abandonara o acampamento. Tão cedo? Ela não o escutara dar um único passo. Para onde diabos fora? Scarlet girou, procurando

algum sinal do guerreiro. Tudo o que encontrou foi uma bolsa. Franzindo a testa, avançou na direção da bolsa. Pelo caminho, algo duro, quente e pequeno enroscou-se ao redor do dedão descalço.

A careta transformou-se em uma expressão de confusão e, em seguida, de irritação, e ela curvou-se e pegou... o colar de borboleta de Gideon. Por que ele o deixara para trás? Porque não queria ter mais nada a ver com ela e não queria nada que fizesse par com algo que ela tivesse?

Boquiaberta, removeu o próprio colar (como fora idiota em usá-lo) e apertou um contra o outro. O metal se esmagou de encontro ao metal.

– Corja nojenta.

Ela inspirou profundamente ao se endireitar e pôde sentir o cheiro da majestade divina. Era como um perfume enjoativo, penetrante, o suficiente para fazer as narinas arderem. Suportara aquele odor durante a maior parte da vida e ficara feliz de escapar dele ao deixar o Tártaro.

Deu-se conta de que Cronos estivera ali. Filho da puta! Para onde o rei dos deuses levara Gideon? Será que o deus lhe fizera mal ou o ajudara?

Precisava saber. E só havia um modo de descobrir...

– Mãe! – gritou.

Deuses. Jurara jamais voltar a fazer isto. Entretanto, deixar Gideon à mercê dos caprichos cruéis de Cronos não era uma opção. E, sim, era possível que os dois se dessem muito bem e que Gideon estivesse feliz agora. Ainda assim, faria tudo o que pudesse para separá-los. Sem dúvida, Cronos tentaria envenenar Gideon contra ela. Isso não deveria importar, visto que planejava partir amanhã, mas parte de si não conseguia aceitar tal desfecho.

Vários minutos se passaram, mas nada aconteceu.

– Vai bancar a difícil, não é? – murmurou. – Tudo bem, posso fazer o mesmo.

Contudo, primeiro, se prepararia. Com certeza, Gideon devia ter algumas armas na bolsa. Aproximou-se dela e abriu o zíper. No interior, encontrou roupas (camisetas e calças) e, sim, armas. Uma semiautomática, algumas facas e um machado. E o mais surpreendente? Um pacote fechado de balas.

Scarlet rapidamente vestiu um jeans e uma camiseta. O jeans, ela teve de enrolar na cintura e nos tornozelos, mas, pelo menos, ele não ficou caindo. Depois espalhou as armas pelo corpo. Os colares, enfiou no bolso.

Agora, hora de tentar novamente.

– Mãe! Responda-me ou juro que dou um jeito de voltar para o céu. Vou morar com você. Serei uma companhia constante. Não será capaz de receber ninguém sem a minha presença. Não será capaz de fazer nada sem que eu esteja ao seu lado. Está me escutando? É a sua última chance, mãe, antes que...

– Você jamais deve se referir a mim dessa maneira terrível. Quantas vezes já lhe disse isso?

Milhares. E Scarlet dava tanta importância para isso agora quanto dera todas as outras vezes. Ou seja, nenhuma.

A voz veio de trás dela, de modo que Scarlet virou-se. Lentamente. Como se não houvesse motivo para temer alguém tão poderosa como Rhea. Para falar a verdade, simplesmente não sentia

alegria nenhuma de ver a mulher que lhe dera à luz, mesmo precisando dela.

Quando seus olhares enfim se encontraram, Scarlet mal foi capaz de conter uma exclamação de surpresa.

Da última vez em que vira Rhea, achara a mulher um bocado envelhecida. O sedoso cabelo escuro estava branco e sem vida, e a pele lisa lembrava pergaminho amassado e ressecado. Agora o cabelo parecia uma perfeita mistura de sal e pimenta, e a pele estava mais lisa, com apenas algumas rugas.

De velha caquética para coroa sacudida, Scarlet pensou.

Rhea usava um manto dourado revelador, o topo descendo por entre os seios, deixando à mostra um amplo decote, a parte inferior tão transparente que Scarlet pôde notar que a calcinha era da mesma cor que o manto.

– Planeja me fitar a noite inteira, querida Scarlet? – Cada palavra era um deboche. – Sei que sou linda, mas ainda mereço o seu respeito. Conte-me por que me chamou, e vamos acabar logo com isto.

Controle-se.

– Surpresa! Eu quis presenteá-la com o troféu de mãe do ano – ela disse com secura.

Olhos negros, tão parecidos com os dela mesma, se estreitaram.

– Tenho coisas melhores a fazer com o meu tempo do que discutir com uma filha ingrata.

Ingrata. Pois sim. Scarlet simplesmente se recusava a atender todos os caprichos da mulher exigente. E por um bom motivo. Nada de bom jamais viria disso. Outrora, Rhea a amara, a tratara como um tesouro. Contudo, à medida que Scarlet foi amadurecendo, Rhea começou a ver nela uma ameaça. Para os homens, para o trono, caso viessem a escapar, como sempre planejaram fazer. Amor transformou-se em ciúmes, e ciúmes em ódio.

Esse ódio... Deuses, Scarlet tivera vontade de morrer quando se deu conta de que a própria mãe ficaria mais feliz se ela estivesse morta.

Se não tivesse sido por Alastor, o Vingador, um deus grego que se sentira atraído pela jovem e exuberante Scarlet, Rhea e Cronos, há muito, já teriam ordenado a morte de Scarlet. Porém, Alastor amaldiçoara tanto Rhea quanto Cronos. Cada vez que tentassem matá-la, envelheceriam fisicamente.

Nem precisava ser dito que tentaram várias vezes. E envelheceram, exatamente como Alastor prometera. Por fim, as tentativas cessaram, e Scarlet pôde levar uma vida normal, tão normal quanto uma garota vivendo em uma prisão poderia levar. Ou seja, nada de privacidade, lutando por cada pouquinho de comida e, o tempo todo, preparada para qualquer coisa.

Seria bom ter Alastor ao lado agora. Rhea faria o que quer que Scarlet desejasse. Sem queixas. Porém, infelizmente, Alastor morrera quando os Titãs escaparam, livrando os soberanos dos deuses de tal maldição.

Agora não é hora para reminiscências.

Ela ergueu o queixo e empertigou os ombros.

– Seu marido esteve aqui. O que ele fez com Gideon?

Rhea franziu a testa.

– Receio não fazer ideia de quem seja Gideon.

Pois sim. A mãe de Scarlet pode até não ter sabido que Scarlet e Gideon haviam se casado, ninguém sabia, mas todo mundo soubera do interesse de Scarlet pelo guerreiro. Mais do que isso. Todo mundo soubera da existência do exército de Zeus, do qual Gideon fizera parte.

– *Mãe.* Sei que está ajudando os Caçadores. Sei que seu pessoal está perdendo.

A face de Rhea ficou vermelha.

– Você não sabe de nada, garota tola.

Mas Pesadelos logo atentou à súbita onda de medo vinda de Rhea, espreguiçando-se, ronronando, querendo invadir a mente dela e explorar cada gota.

– Última chance de me contar o que quero saber, antes que eu comece a procurar Gideon por conta própria. E, cada noite que eu falhar em encontrá-lo, meu demônio a encontrará. Não será capaz de fechar os olhos sem enxergar a própria derrota. Sem ver todas as maneiras pelas quais pode morrer.

O queixo de Rhea se ergueu, o medo desaparecendo, sendo substituído pela especulação.

– Chego a quase sentir orgulho de você neste momento. Deveríamos juntar forças e...

– Onde. Está. Ele?

Scarlet jamais ajudaria a mãe. De modo algum. As coisas que esta mulher fizera com ela... esfaqueando-a, enviando homens para tentar estuprá-la, prometendo dormir com qualquer um que arrancasse o bebê da barriga de Scarlet. Não. Jamais.

Um instante se passou em silêncio. Em seguida, os olhos de Rhea se estreitaram.

– Eu poderia matá-la, sabe? Não há nada para me impedir agora. Nenhuma maldição para me envelhecer.

– Tente.

Scarlet quase desejou mesmo que ela tentasse. Não que fosse ser bem-sucedida. Scarlet era mais do que capaz de se defender agora. Na verdade, ela matara muitos dos Titãs que haviam lhe feito mal na prisão. Chegara a torturá-los. Rhea tinha de saber disso. Tinha de saber do que a filha era capaz.

Quando Rhea permaneceu imóvel, Scarlet quase sorriu. Ah, sim, Rhea sabia. Nenhum desafio seria feito hoje.

– Gideon prometeu um favor a Cronos – disse a mãe, rígida. – Eu o levarei até ele se você me prometer garantir que tal favor jamais seja levado a cabo.

Rhea a estava coagindo. Ela deveria ter sabido.

– Combinado.

Contudo, neste caso, Rhea não estava impondo a vontade dela. Scarlet odiava Cronos quase tanto quanto odiava a mãe, sendo assim, evitar que ele obtivesse algo que queria não seria muito sacrifício. E Gideon era um mentiroso. Se Gideon havia prometido algo ao rei dos deuses, jamais tivera a intenção de cumprir.

Sendo assim, não haveria favor a ser impedido.

Scarlet não tinha como sair perdendo.

– Venha então. Vamos acabar logo com isto.

Rhea agitou delicadamente a mão no ar, e, quando se deu conta, Scarlet estava de pé em um quarto desconhecido. Veludo vermelho revestia as paredes, e um lustre de cristal pendia do teto,

reluzindo como estrelas no céu noturno. Cada peça de mobília era de mogno lustrado e feita para sedução. Uma cama de quatro colunas com cobertas amarrotadas, uma espreguiçadeira para dois, prateleiras repletas de fotos de nu artístico em vez de livros. Uma cômoda cheia de vasilhas de frutas.

– Onde estamos? – perguntou Scarlet, admirada.

– Na Corte real. – Rhea olhou ao redor, com desdém. – Cronos costumava manter este quarto secreto para as amantes. – Ela deu uma risada. – Bem, pelo menos mantinha até eu incendiar o palácio todo. Porém, Zeus o restaurou para a sua preciosa Hera. Vim aqui assim que fui libertada do Tártaro, apenas para ver o que havia sido feito. – Ela voltou a rir, mas, desta vez, foi um som cruel. – Talvez Cronos e o seu Gideon estejam tendo um caso.

Gideon não jogava nesse time. O beijo dele fora a prova disso. Ele gostava de mulheres. Gostava delas mais do que deveria, mas, que seja.

– Onde ele está?

– Cronos? É bom saber que eu não observo cada um dos...

– Está abusando da minha paciência, mãe. Onde está Gideon?

Ela passou a língua pelos dentes antes de apontar para a protuberância no centro da cama.

Scarlet aproximou-se, e ali estava Gideon, na cama, o corpo tremendo e coberto de suor. Os dentes estavam fincados no lábio inferior, e ele estava gemendo. O cabelo azulado estava colado na testa e nas têmporas, a pele pálida, os olhos cerrados com força. O que havia de errado com ele? Teve vontade de correr até o guerreiro, mas não se permitiu fazê-lo. Ainda não. Não enquanto tivesse plateia.

– Ele não é muito atraente desse jeito, não é? – perguntou Rhea, puxando conversa, e os olhos de Gideon se abriram de repente. Estavam vermelhos e brilhantes e pareciam ter dificuldade em focalizar as duas mulheres. – Esse cabelo azul, esses piercings. Toda essa dor. Um guerreiro de verdade não a admitiria, quanto mais sucumbiria a ela.

– Falou a mulher que jamais conheceu a dor de verdade.

Ela fincou as unhas nas palmas das mãos.

Ninguém além de mim pode falar mal dele.

– Tendo você como filha, já tive a minha cota de dor.

Ui. Scarlet podia não gostar desta mulher, mas comentários desse tipo ainda doíam. Por um longo tempo, mesmo após a mãe começar a judiar deliberadamente dela, depreciando-a, ela ainda tentara ser uma boa filha. Fora a escrava pessoal de Rhea, atendendo a todos os caprichos dela. A mãe quisera mais comida, ela a roubara. A mãe achava uma deusa bonita demais, Scarlet quebrava o nariz da mulher. A mãe queria um tempo fora da cela, Scarlet conseguia para ela, fazendo o que quer que o guarda quisesse.

Isso fora o pior, entregar-se a homens de quem não gostava e que não gostavam dela. Mas ela se importava tão pouco consigo mesma. Sentira-se desprezível sem o amor da mãe e se vira determinada a fazer por merecê-lo. Até a primeira tentativa de assassinato. Rhea a distraíra antes de avançar no pescoço dela... e acertá-lo.

Todos olham para você. Todos a desejam. Você, uma merdinha de nada, Rhea gritara, enquanto o sangue pingara.

Cronos, que também estivera na cela, a atacara em seguida.

Você pode ser a filha da minha esposa, mas não é minha herdeira e jamais terá a minha coroa.

Alastor, que estivera passando por ali, vira Scarlet cair. Ele adentrara a cela, empurrando Rhea para o lado e tomando Scarlet nos braços.

Você não tem coroa, dissera para o antigo rei. *E jamais terá.*

Após cuidar dela, escoltara Scarlet de volta para a cela, onde Cronos e Rhea aguardavam. Àquela altura, Alastor já amaldiçoara o casal, o que não os impedira de tentar de novo, repetidas vezes. Na verdade, meses se passaram antes que se dessem conta da velocidade com que estavam envelhecendo. Foi só então que pararam.

Entretanto, às vezes, as palavras deles ainda a assombravam.

Ela riu com amargura. Tais palavras eram o próprio pequeno pesadelo pessoal dela.

– Eu a informarei quando a minha parte no acordo tiver sido cumprida – disse, procurando manter o tom de voz livre de qualquer emoção. O que seria, há, nunca. – Pode ir agora.

É claro que a mãe permaneceu onde estava.

– Nunca soube o que foi que viu nele, por que o vigiava com tanta avidez. Paris, Lucien e Galen eram os bonitões, embora não possa mais dizer isso de Lucien. – O rosto de Rhea se contorceu de nojo. – Sabin era o forte, o determinado. Strider, o divertido. Qualquer um deles teria sido melhor do que *ele*, o maluco que *gostava* de lutar.

Como se isso fosse um crime. Ainda assim, Scarlet teve de cerrar os dentes para conter uma resposta. Primeiro, não queria que a mãe soubesse o quanto Gideon significava para ela, não que significasse muito, ela procurou se convencer, e defendê-lo seria como gritar para o mundo os sentimentos dela (por mais insignificantes que pudessem ser). Segundo, odiava que qualquer um, ainda mais Rhea, o visse daquele jeito, enfraquecido e sofrendo, e qualquer comentário apenas encorajaria a deusa a ficar.

– Agora são todos maus e necessitando ser exterminados – prosseguiu a mãe.

– Engraçado que diga isso. Você é exatamente como eles, *Discórdia*.

Ah, sim. Rhea estava possuída pelo demônio da Discórdia. Ela podia negar, mas Scarlet sabia da verdade.

Rhea estremeceu.

– Pronuncie tal palavra outra vez, e seduzirei o seu amante para a minha cama. Eu poderia fazê-lo, você sabe, e nada poderia fazer para me impedir. A cada dia que passa, fico mais bonita.

Não reaja. Mais uma vez, isso apenas encorajaria a deusa.

– Faça o que quiser. Apenas deixe-nos – disse, sabendo que a ordem daria nos nervos de Rhea. – Tenho algumas coisas para discutir com Gideon, e, *então*, poderá ficar com ele.

Pronto. Isso deveria confundir a mãe.

A princípio, Rhea não obedeceu. Caminhou lentamente até a cama e passou a unha afiada pela perna de Gideon, pela barriga e, depois, pelo pescoço. Gideon agarrou-lhe o pulso e rosnou. A deusa riu.

– Vagabunda – conseguiu dizer ele, debilmente, e curvou-se com outro gemido.

– Sabe, acho que vou ficar com ele de qualquer jeito.

Tendo dito isso, a rainha desapareceu, deixando Scarlet a sós com o marido.

Por fim, Scarlet foi capaz de avançar até Gideon, como tanto desejava. Com muito cuidado, acomodou-se no colchão ao lado dele. Sentia a veia do pescoço pulsar com violência.

– Você é um prisioneiro? – perguntou, afastando o cabelo da testa úmida dele.

– Sou.

Uma mentira, ela sabia, haja vista que a resposta não foi acompanhada de outro gemido.

– Por que está aqui?

– Para não... encontrar... Zeus.

Um pouco do gelo que lhe rodeava o coração derreteu-se. Não conseguiu evitar. Quer dizer que a intenção de Gideon *fora* mesmo buscar vingança.

– Matá-lo não o fará sentir-se melhor – disse Scarlet baixinho.

Os olhares deles se encontraram, um choque de ardência.

– Não estou... disposto... a descobrir.

– Cronos não permitirá que faça isso. Sendo assim, por que ele o trouxe aqui?

O sorriso de Gideon foi breve, no entanto, carregado de dor.

– Ele não precisa da minha ajuda contra os Caçadores. Eu não lhe pedi para que me trouxesse até aqui para eu me recuperar das verdades que proferi. Não planejo seguir para o Tártaro.

– Você falou a verdade? No bosque? – suspirou Scarlet. – Homem burro. Acredite, se eu achasse que isso aliviaria a minha dor, já teria dado um jeito de matar Zeus há muito tempo.

– Scarlet.

Gideon estendeu a mão trêmula e a pousou na nuca da mulher. Apesar da fraqueza do gesto, ela não teve dúvidas do que ele estava fazendo. Estava oferecendo consolo. Consolo que durante tanto tempo lhe fora negado.

Lágrimas subitamente fizeram os olhos dela arderem.

Perigoso. Perigoso demais. Não podia permitir isto. Não podia contar com ele. Por nada neste mundo, nem mesmo por algo tão simples e maravilhoso como consolo. O que aconteceria da próxima vez que precisasse de consolo e Gideon não estivesse por perto, ou não estivesse disposto a oferecê-lo? Ela precisaria dele, não saberia como se virar sem ele.

Scarlet endireitou-se, e o marido estava fraco demais para lhe acompanhar o movimento. O braço desabou pesadamente no colchão.

Você é dura. Desprovida de sentimentos.

– É traiçoeiro aqui em Titânia – disse ela com frieza. – Você aprisionou muitos desses Titãs. Terão o maior prazer em chutá-lo enquanto estiver caído.

– Eu me importo muito.

– Deveríamos voltar para a Terra.

– Claro, claro.

Doce homem teimoso.

– Gideon...

– E se não foi Zeus quem me privou das lembranças de você e Steel? E se ele não as removeu para me impedir de beijá-lo?

Isso... isso fazia sentido, Scarlet se deu conta. Zeus fora tão poderoso; poderia muito bem ter removido as lembranças de Gideon para impedir o guerreiro de matá-lo pela morte de Steel. Embora, em geral, apenas os deuses e as deusas da memória eram capazes de fazer algo assim. No entanto, Zeus poderia muito bem ter pago um deles para fazê-lo.

A cada novo pensamento, a fúria aumentava no íntimo dela.

– Eu o ajudarei a alcançá-lo – informou Scarlet com uma calma tão letal que ela própria ficou assustada.

Queria ir naquele mesmo instante, mas a manhã aproximava-se rapidamente e ela cairia num sono profundo, incapaz de cuidar de si mesma. Com relação a isso, deu-se conta de que, de fato, precisava de Gideon e *se permitiria* usá-lo.

– Ele sofrerá – afirmou Gideon com dificuldade. – Eu juro.

Mais uma vez, gemeu de dor.

Capítulo Onze

O PORTAL para a mente de Zeus estava fechado.

Durante várias horas, Scarlet aguardou diante daquele portal. Ela arranhou, chutou e bateu, no entanto, a porta jamais se abriu.

Ele tinha de dormir. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo tinha de dormir.

E, quando ele o fizesse, ela estaria ali.

Não se satisfazia mais em apenas deixá-lo sofrer de longe. Zeus matara o filho de Scarlet diante dos olhos dela e, ao que tudo indicava, roubara as lembranças que Gideon tinha dela. Ele poderia muito bem ser o motivo para ela ter ido dormir chorando tantas noites. Podia ser o motivo de Scarlet ter se sentido abandonada, sozinha, rejeitada e usada.

Preciso me alimentar, Pesadelos avisou.

Embora não quisesse sair dali, ela se forçou a se aproximar de Galen. Machucá-lo, com certeza, a acalmaria. E, por sorte, o portal *dele* estava aberto. Só que, esta noite, os sonhos dele estavam turbulentos por conta própria. Ele estava revivendo o que Scarlet lhe mostrara, repetidas vezes. A derrota dele nas mãos de Gideon.

Pesadelos bebeu no terror dele, deliciando-se com a emoção, embora não a houvesse causado, antes de passar para outra vítima. E, em seguida, mais outra. Quando o demônio, enfim, estava saciado, Scarlet os conduziu na direção do portal de Gideon, que também estava aberto. O guerreiro ainda estava dormindo.

Que pensamentos passavam pela cabeça dele?

Ela estava tremendo ao entrar, e o que viu em seguida, lá dentro, a deixou sem fôlego. Ali estava ela, usando um lindo vestido vermelho, no entanto, acorrentada diante de um jovem forte se debatendo, de aparência metade humana e metade demônio. Zeus estava de pé atrás do garoto, com uma faca na mão. Ao redor deles, uma multidão aplaudia.

Scarlet se deu conta de que não era uma lembrança, pois Gideon errara em alguns detalhes. Estava simplesmente criando uma cena baseada no que Scarlet lhe contara.

Por um longo tempo, ficou na dúvida: ou lhe mostrava a verdade ou permitia que ele se iludisse. A ilusão seria muito mais fácil de digerir do que a realidade.

Ele precisa saber.

Será que precisava? Às vezes, ela mesma preferiria não saber.

Ele precisa saber. Por Steel.

Steel merecia um pai que soubesse como ele vivera... e morreria.

Diante disso, as reservas de Scarlet desapareceram. Por Steel, faria qualquer coisa.

Trêmula, ela estendeu a mão e a passou pelo vestido da Scarlet dos sonhos. Era a correção mais fácil de ser feita e um bom lugar por onde começar. O material desapareceu, como se a palma da mão dela fosse uma borracha. Em seguida, agitando outra vez a mão, repintou as roupas. Um manto branco sujo, manchado de sangue. Rasgado em um dos ombros. Ela acrescentou cortes e machucados ao rosto e aos braços.

Engolindo em seco, olhou para a multidão. Usando ambas as mãos, apagou-a, deixando ela mesma, Steel e Zeus a sós. Sem os aplausos, havia apenas um silêncio quase ensurdecedor.

Logo em seguida, mudou o coliseu ao fundo, onde Zeus costumava patrocinar suas corridas de carruagem, para um templo abandonado. Colunas de alabastro brancas se ergueram ao redor, hera verde subindo pela extensão delas. Havia degraus que levavam a um altar de alabastro, e tais degraus estavam manchados de vermelho devido aos inúmeros sacrifícios que haviam acontecido ali.

Tendo feito isso, ela voltou a atenção para Zeus. O manto dourado e roxo dele foi a primeira coisa a ir. No lugar, ela pintou uma armadura prateada. Lindas borboletas irregulares que lembravam a tatuagem nas costas de Scarlet, assim como a na coxa direita de Gideon, estavam gravadas na armadura. Entre cada uma das borboletas, havia um raio.

A faca nas mãos do soberano grego tornou-se um facão serrilhado, capaz de infligir o máximo de dor. A arma não apenas cortava. Ela dilacerava.

Gideon acertara nas feições do rosto do deus, então ela não mexeu nelas. Fazia sentido. Ele trabalhara para o canalha por anos. Zeus tinha uma espessa cabeleira clara e encaracolada até os ombros, olhos da cor do céu matinal e pele bronzeada. Os lábios eram finos, mas a potência do maxilar mais do que compensava a deficiência.

Por fim, Scarlet voltou a atenção para Steel. Lágrimas na mesma hora lhe arderam os olhos, e ela começou a tremer ainda mais. O tempo todo, podia sentir a impotência crescente no íntimo de Gideon. Ele não estava presente, apenas assistia a tudo na mente; contudo, o envolvimento emocional dele era completo. Tudo o que sentia aqui, sentiria mais tarde, quando acordasse.

Vá em frente. Termine.

Ela serrilhou os chifres de Steel. Os Gregos não quiseram que o garoto os usasse como as armas que eles foram criados para ser. Ela acrescentou camadas de escamas ao longo da lateral do corpo dele. Os dentes, ela afiou, de modo que duas presas se projetassem para fora dos lábios inferiores.

Humanos teriam achado o jovem grotesco... bestial. Ela o achava lindo. O coração dela deu um pulo dentro do peito, de tanto que quis puxá-lo para si e abraçá-lo com força, para sempre.

Termine.

Engolindo em seco de novo, o queixo tremendo, ela estendeu os cílios do garoto e mudou a cor dos olhos de preto, como os dela, para azul elétrico, como os de Gideon. Acrescentou vários anos à idade de Steel. Gideon o imaginara como um menino de 11 anos de idade. Na verdade, ele estava mais perto dos 16. Um adolescente que jamais tivera a oportunidade de namorar nem de fazer amor.

Um adolescente que jamais se sentira digno ou amado, um sentimento que ela conhecia muito bem.

As lágrimas começaram a fluir livremente quando Scarlet o cobriu com sujeira e com ferimentos, quebrou-lhe o braço e acrescentou cicatrizes espessas às costas dele... Centenas delas.

Pronto. Estava terminado. A cena estava pintada.

Era chegada a hora de Gideon ver como os fatos haviam se sucedido.

Engolindo em seco, Scarlet assentiu, e as imagens subitamente ganharam vida.

– Por favor, não faça isso – implorou a Scarlet dos sonhos. – Por favor. Faça qualquer coisa que queira. – Sangue escorreu-lhe pelo queixo por causa do corte no lábio. – Apenas deixe-o em paz. Por favor.

A expressão dura de Zeus permanecia impassível.

– Inúmeras vezes, você tentou escapar e, no entanto, espera um favor de mim? Diga-me que não é tão tola assim.

– Ele não passa de um menino. Não fez nada de errado. Castigue-me. Mate-me, apenas deixe-o ir. Por favor.

O tempo todo, Steel manteve a cabeça baixa, desviando o olhar. Não estava tremendo, não estava chorando. Estava em silêncio, imóvel. Esperando. Como se *merecesse* tudo o que estava sendo feito com ele.

– Enquanto o menino viver, você continuará a me desafiar – afirmou Zeus. – Sendo assim, ele deve morrer.

– Não tentarei escapar novamente. Eu juro. Voltarei para a prisão e apodrecerei lá. *Por favor.*

– Você já teve essa opção uma vez, filha de Rhea. – Com o olhar fixo nela, o rei dos deuses arremessou a arma no ar, agarrando-a pelo cabo. – O que acha, Steel? Devo matar a sua mãe ou deverá ser você?

Ante tais palavras, Steel ergueu a cabeça. A surpresa estava refletida nas feições dele.

– M-mãe?

Uma voz tão doce, embora carregada de desprezo por si mesmo.

Scarlet ofereceu-lhe um sorriso sem muita convicção.

– Amo você. Independentemente do que quer que possa acontecer, amo você. Sempre o amei e sempre o amarei. Não abri mão de você, meu querido. Você foi tirado de mim.

A surpresa de Steel deu lugar ao horror. Afinal de contas, ele era o responsável por ela estar acorrentada. Acreditando que Scarlet fosse uma inimiga da coroa, ele trouxera Zeus até ela.

– Mãe – repetiu ele, e, desta vez, havia dor na voz dele.

– Não se culpe, doce criança. Você é tudo o que eu sempre quis que fosse. Forte. Adorável. Inteligente. No seu lugar, eu teria feito exatamente a mesma coisa.

– Chega – rugiu Zeus. – E o que vai ser, Steel? A morte dela pelas suas mãos ou pelas minhas?

– E-eu não quero que a mate. – O olhar de Steel fixou-se nela, como se estivesse decorando tudo a respeito dela. – E também não quero matá-la. Permita que ela viva. Por favor.

Um instante se passou em silêncio, antes que Zeus assentisse.

– Tem razão. Ela é muito mais valiosa viva. Como filha de Rhea, ela é minha irmã. Como não é filha de Cronos, meu pai, ela é um constrangimento. Sendo assim, o que farei para castigá-la?

– Mande Steel embora – implorou Scarlet. – Isso me castigará. Sempre me perguntarei onde ele está e o que está acontecendo com ele. Por favor. *Por favor*. Nada me machucará mais do que isso.

Lentamente, Zeus sorriu e assentiu.

– Uma excelente ideia. Eu o mandarei para outro lugar.

– Obrigada. Muito obrigada.

– Eu o mandarei para a vida após a morte – acrescentou o deus.

Os olhos de Steel se arregalaram. De medo. De arrependimento. De determinação.

– Eu sinto muito, mãe.

Scarlet gritou.

– Não! *Não!*

– Sim.

Sem hesitar, Zeus ergueu a lâmina e o golpeou.

GIDEON ACORDOU com um rugido, sentando-se ereto na cama, o olhar feroz indo de um lado para o outro. Estava ofegante, suando. Lágrimas lhe rolavam pelo rosto. Com a mão trêmula, ele as enxugou. Bons deuses. Acabara de ver Zeus cortar a garganta do filho. Sentira a impotência e a dor de Scarlet. O desespero dela.

Fora assim que acontecera. Sabia disso. Scarlet lhe mostrara. Pudera pressenti-la no sonho. O doce perfume, a intensidade das emoções dela. Ela realmente teria feito qualquer coisa para salvar aquele garoto. *Qualquer coisa*. Tamanho o amor que sentia por ele. E tivera de se recuperar sozinha dessa perda.

Gideon não teria conseguido. Mal estava conseguindo aguentar agora, e *ainda* não conseguia se lembrar do garoto. Daquele lindo garoto. Como Scarlet era forte. Como era capaz. Era uma sobrevivente até o fundo da alma.

O respeito que sentia por ela dobrou. O desejo por ela triplicou.

Ela merecia ser pajeada. Merecia que lutassem por ela, pelo prêmio que era. Sendo assim, a pajearia. Lutaria por ela. Não podia compensá-la pelo passado, mas podia lhe proporcionar um futuro melhor.

Voltar a trancafiá-la? Jamais! Fora um idiota em pensar o contrário. Perigosa ou não, Scarlet era dele. Mataria qualquer um, mesmo os amigos, caso viessem a ameaçá-la.

Entretanto, teria de encontrá-la. Ela não ia querer vê-lo, mas... O olhar dele vinha circulando o quarto e aterrissou sobre o corpo adormecido da mulher. Ela estava encolhida ao lado dele, as pernas esticadas, uma das mãos pousada sobre o coração, a outra encostada na testa. O sedoso cabelo negro recaía por sobre os ombros, reluzindo como ébano lustrado. Os cílios compridos desenhavam sombras sobre as depressões da face.

Gideon estendeu a mão, dando-se conta de que estava tremendo, maldita fraqueza por dizer a verdade, e acariciou o nariz dela com a ponta dos dedos, antes que os músculos se cansassem e o braço retornasse para junto do corpo.

Ela estava aqui. Como? Por quê? Fazia diferença? Ela estava aqui! Poderiam conversar, e ele poderia começar a pajear-la. Através das portas envidraçadas que levavam à varanda, ele pôde ver que

o sol estava fraco e se pondo. Poderia começar a pajeá-la muito antes do que pensara. A qualquer instante, Scarlet iria...

Os olhos dela se abriram e, assim como ele fizera ainda há pouco, ela sentou-se ereta na cama. A cabeça dela bateu com força no queixo de Gideon, que estremeceu.

Enquanto ela esfregava o ponto de contato, os olhares deles se encontraram. Os olhos dela... tão escuros, tão misteriosos. Tão cheios de dor, esperança e arrependimento. Um tesouro como ela deveria sempre aparentar estar satisfeita.

Ela lambeu os lábios e, devagar, voltou a se deitar no colchão, virando-se de lado de modo a encará-lo. A boca abriu-se e voltou a se fechar por um instante, como se ela estivesse procurando pelas palavras certas para dizer. Gideon não queria que ela tocasse no assunto do sonho. Ainda não. Aquele era um assunto pesado, e, naquele momento, ambos precisavam relaxar. Ou melhor, ele precisava confortá-la, como não fizera antes.

– E, então, quem você não é hoje? – indagou ele, deitando-se, de modo a poder encará-la.

Houve um brilho de alívio.

– Scarlet... Long – respondeu ela.

Long. De Justin. Um homem com cabelo negro e olhos castanhos. Gideon quase chegara a sorrir. Doce progresso. Com sorte, ela jamais voltaria a escolher um louro. E, um dia, quem sabe não escolheria se apresentar como Scarlet Lord.

Será que ele falara sério? É, falara, pensou. Gostava da ideia de aquela mulher lhe pertencer. Realmente pertencer-lhe, de um modo que todo o mundo reconheceria.

– Como está se sentindo? – perguntou ela.

– Pior.

– Bom. Muito bom.

Com o que restava de suas forças, ele pousou o braço na curvatura da cintura da mulher. Ela não protestou, e ele sentiu-se encorajado.

– Quando eu estiver ainda pior, não quero explorar o palácio. Mas, maldição, tenho o meu colar, de modo que posso zanzar livremente.

Sem o amuleto, Cronos saberia onde ele estava e o que estava fazendo. O deus o deteria e o enviaria de volta para a Terra, antes mesmo que pusesse um único pé no Tártaro.

Uma das sobancelhas de Scarlet arqueou-se.

– Está dizendo que não tem o seu colar de borboleta e, sendo assim, não pode zanzar livremente pelo palácio?

Gideon assentiu.

Ela tirou as correntes do bolso, permitindo que balançassem da ponta dos dedos.

– Estou com eles. Eu encontrei o lugar onde você descartou o seu como se fosse lixo. – Ela parecia quase amarga. – Quer dizer que não são simples enfeites?

Agora, parecia... desapontada.

Ele fizera Scarlet acreditar que o colar fosse um presente dele. E, quando o encontrara, pensara que ele o “descartara como se fosse lixo”. Como se *ela* fosse lixo. Não podia permitir que ela pensasse algo assim.

Jamais voltarei a mentir para ela, jurou. Depois piscou. Espere. Jamais intencionalmente a enganaria com as mentiras dele.

– Eles não evitam que os deuses nos observem. Que nos escutem.

Enquanto ele falava, os olhos dela foram se arregalando.

– Quer dizer que são bloqueios. Como os colares usados pelos prisioneiros de Tártaro.

Pelo menos ela não explodira ante o logro.

– Exatamente errado.

– Ótimo.

Ela colocou um deles ao redor do pescoço, mas Gideon sacudiu a cabeça, detendo-a.

– Por que esperar? – perguntou Scarlet.

Tudo bem, ela agora parecia pronta para explodir. Os olhos estavam estreitados, os dentes expostos em uma careta.

– Estou forte demais para ir agora – fraco demais –, e não deveríamos esperar estar prontos para nos esgueirar para fora do castelo antes de desaparecer do radar de Cronos.

Eles, sem dúvida, deveriam aguardar. No instante em que Cronos perdesse a conexão com Gideon, suspeitaria da verdade e faria de tudo para impedir o guerreiro de ser bem-sucedido.

– Você vai se esgueirar até...

Mais uma vez, ele assentiu.

Agora os olhos dela se arregalaram de expectativa. Os dois iriam até Tártaro e iam matar Zeus.

Ela passou uma das mãos pelo rosto.

– Em quanto tempo você acha que estará recuperado?

– Não mais um dia.

Ela piscou.

– E o que devemos fazer neste ínterim?

Beijar. Tocar. Redescobrir um ao outro. Fazer amor.

– Não conversar.

– Rá! Você e eu? Conversar? Eu acho que não. Já dissemos tudo o que precisávamos dizer um para o outro. Trabalharemos juntos nisto porque somos mais fortes como um par, mas é tudo o que estamos fazendo. Trabalhando juntos. Matando juntos.

Ótimo. Ela estava voltando à teimosia habitual.

– E, de qualquer forma – prosseguiu ela –, vamos ser sinceros aqui. Eu não preciso esperar. Posso me esgueirar pelo castelo e matar qualquer deus ou deusa que cruze o meu caminho.

Um rosnado brotou baixinho da garganta de Gideon. A ideia de Scarlet percorrendo os corredores do palácio, sozinha, não lhe agradou. Ela não teria de lidar com humanos, mas com imortais. Imortais fortes e violentos. Ele a queria em segurança, feliz, não em constante perigo.

Bem, teria de mantê-la ocupada. E, já que ela não estava interessada em conversar, só restava uma opção. O que ele quisera fazer em primeiro lugar.

Reunindo até o último vestígio de forças do corpo, Gideon rolou para cima de Scarlet. Ela exclamou de surpresa, ante o peso dele, mas ele não cedeu. Não, ele se pressionou sobre o corpo dela, oferecendo-lhe mais.

– Então vamos conversar – disse ele, e, como fizera da última vez em que precisara amolecê-la, fundiu os lábios aos dela.

Capítulo Doze

SCARLET FEZ menção de protestar. Já beijara Gideon uma vez e, agora, lembrava-se do gosto decadente dele, do modo como ele podia ser ao mesmo tempo duro e macio. Não precisava de um repeteco, não precisava de outro lembrete. Não precisava voltar a ansiar por ele.

Não que houvesse parado de fazê-lo.

Ela também poderia tê-lo empurrado para longe. Ele estava enfraquecido agora e não teria sido capaz de detê-la. Nem de puxá-la de volta para os braços. Contudo, a língua dele roçou na dela, tão docemente que ela teria sido capaz de chorar, e, como se fosse uma prece, ele sussurrou:

– Scar.

Em vez de protestar, ela segurou a nuca dele com uma das mãos, enquanto, com a outra, enterrou os dedos no cabelo do guerreiro.

O que está fazendo? Não apenas faça menção de protestar. Proteste. Não pense em empurrá-lo para longe, faça-o.

Sim, sim. Era o que precisava fazer. Scarlet arrancou os lábios de cima dos dele. Ofegante, disse:

– Você quer conversar, nós conversaremos. – O corpo dela esboçou o próprio protesto, um tipo diferente de protesto.

– Sou a filha de Rhea e nasci dentro do Tártaro. Por milhares de anos, foi tudo o que conheci.

Gideon ficou imóvel. Havia decepção nos olhos brilhantes, mas também havia avidez.

– Não continue. – Contudo, ele não saiu de cima dela, e Scarlet não insistiu para que ele o fizesse. – Não quero saber tudo a seu respeito.

Outra declaração como essa, e *ela* poderia muito bem *beijá-lo*.

– A princípio, Rhea me amava, cuidava de mim. Porém, à medida que fui ficando mais velha, ela começou a me ver como uma ameaça. Ela quis me ver morta.

Isso deveria ter dado fim a qualquer ímpeto de paixão; no entanto, o sangue de Scarlet ainda fervia por ele.

Todos os músculos do corpo de Gideon ficaram tensos, e não de desejo.

Continue.

– Quando fomos libertadas, tentei segui-la até este palácio. Esperava fazer as pazes com ela, mas Rhea impediu a minha entrada. – A voz dela estava carregada de amargura, contudo, mais uma vez,

não deu fim à paixão. – Ela me disse que eu não era digna de caminhar por estes corredores.

Os olhos dele se estreitaram com perigo. Por causa de Scarlet? Que... amor.

– Como a convenceu a também deixá-la de fora desta vez? – indagou ele.

Sabendo que ele queria dizer como ela convencera a mãe a deixá-la entrar, Scarlet disse:

– Negocieei com ela. Tenho de impedi-lo de dar a Cronos o que quer que tenha lhe prometido.

A propósito, o que foi que você prometeu?

– Nós não concordamos em discutir isso mais tarde.

Ah, o velho acordo do tipo “você me deverá um favor da minha escolha quando eu escolher.”

– Mentiu para ele, é claro.

Uma afirmativa, não uma pergunta.

Gideon deu de ombros.

Scarlet interpretou o gesto como um sim.

– E aí está. Em poucas palavras, tudo o que não sabia sobre a minha vida.

– Eu... não lamento tudo o que você sofreu. Eu... não lamento o meu papel em tudo isso.

Maldição! – Gideon esmurrou o colchão. – Eu realmente adoro não poder lhe dizer o que na verdade quero, sem nos atrasar mais alguns dias.

O pedido de desculpas a derreteu como mais nada poderia ter feito. A veemência dele a deleitava. Combinados? Eram letais para ela.

– Ei, não se preocupe com isso – retrucou ela. – A língua de Gideon é meio que divertida.

A raiva desapareceu dele, e o rosto foi tomado de admiração.

– Você não é tão boa para mim. De todas as maneiras. Não, obrigada, diabinha. Por tudo.

– Não tem de quê – respondeu ela, baixinho.

Ele lambeu os lábios, o olhar fixando-se no dela, e, de repente, Scarlet descobriu que, no fim das contas, a paixão de Gideon não se extinguiu.

– Eu... eu...

– Quer me beijar?

Ele assentiu.

– Não estou *morrendo* de vontade de fazê-lo.

Eu também.

Mais uma vez, ela pensou. Deveria aproveitá-lo mais uma vez. Sexo, todavia? Não, não iria tão longe. Mas beijá-lo, tocá-lo? Ah, sim. De qualquer modo, precisava fazer hora. Pelo menos, era o único motivo pelo qual estava disposta a admitir. Além do mais, na verdade, ela não iria deixá-lo ali, indefeso, para qualquer deus ou deusa que adentrasse o aposento. Ele ainda era marido dela, por ora, e Scarlet o protegeria.

– Se fizermos isso, as sombras e os gritos retornarão. Não serei capaz de impedi-los. Fazem parte de mim, do meu demônio.

– Eu não gosto de nada que faça parte de você. Não quero experimentar tudo o que tenha a oferecer.

Se continuasse com isso, Gideon voltaria a conquistá-la.

Tenha cuidado.

– Nesse caso, me beije – ordenou ela.

As palavras doces cessariam, e ela poderia começar a reerguer o gelo ao redor do coração.

Graças aos deuses, Gideon não precisava de mais incentivos. Um segundo depois, os lábios dele estavam sobre os dela, beijando-a, como se precisasse do ar nos pulmões dela para sobreviver. Ele gemia como se jamais houvesse provado algo tão delicioso. Massageava-lhe os seios, como se nada, nem mesmo a fraqueza, pudesse evitar que se deliciassem com eles.

Mais uma vez, o sangue ferveu nas veias dela, um inferno crescente que liquefez os ossos. Os mamilos endureceram, e a pele formigou.

– Quero você vestida – disse ele, ofegante.

A única vez em que ela já tivera de traduzir as mentiras do demônio dele fora quando estavam na cama, a mente dela voltada para outras coisas, de modo que levou algum tempo para o cérebro enuviado pela paixão se dar conta de que Gideon, na verdade, a queria nua.

Sexo?, voltou a pensar. Se ficasse nua, ele acabaria dentro dela. Talvez Scarlet chegasse até a implorar por isso. No entanto, esperava ter ao menos um pouquinho de orgulho demais para isso.

– Não – conseguiu dizer.

Ele parou, erguendo a cabeça. Os olhares se encontraram, os olhos dele tão azuis que ela teve de piscar para conter as lágrimas. Gideon lambeu os lábios já úmidos. Inspirou e expirou, as narinas alargando-se e relaxando.

– Que tal nós não negociarmos?

Negociar, não é?

– Tudo bem.

Jamais poderiam dizer que ela era injusta. E isso nada tinha a ver com a sensação de que iria arder até virar cinzas se a pele dela não encostasse na dele em *algum lugar*.

– Toda, em vez de apenas metade.

Realidade: Gideon estava disposto a remover metade da roupa dela, em vez de toda. Uma concessão, sem dúvida, quando poderia ter insistido em nudez plena. Mais cedo ou mais tarde, ela teria cedido.

– E, em troca, eu levo...?

– Sem dúvida, não um orgasmo.

Os lábios dela se repuxaram.

– Quer que eu remova a parte de cima ou a de baixo?

– A de cima.

Ele queria que a calça saísse, e, deuses, Scarlet queria tirá-la.

– Combinado – disse ela, assentindo. – Pode tirar a minha blusa.

Era melhor assim.

Os lábios dele se repuxaram, pois sabia que ela entendera errado de propósito.

– Como se você não soubesse que eu não estava mentindo. Sei que, na verdade, não quis dizer que eu podia lhe tirar a calça.

Com uma força que Scarlet jamais supusera que ele fosse capaz de ter naquele momento, Gideon baixou a calça e a calcinha dela até os tornozelos. Ante o ar frio que subitamente lhe acariciava as

pernas, ela deixou escapar uma exclamação de surpresa. Entretanto, ele não lhe deu tempo para se queixar. Desceu pelo corpo dela, afastou-lhe as pernas e lambeu o local que mais lhe latejava.

As costas dela se arquearam quando Scarlet gritou, as mãos já mergulhadas no cabelo dele, puxando-o para perto. A língua de Gideon era quente, tão quente, como fogo de encontro à carne úmida. Fogo que ela desejava, ansiava, tinha de ter. Foi necessária toda a força que tinha, mas Scarlet conseguiu conter dentro de si as sombras e os gritos.

Gideon afirmara não se incomodar com eles, mas ela ainda não estava preparada para compartilhá-los.

– Não quer mais? – perguntou ele.

– Eu... eu...

Não posso admitir. Ele dirá algo doce, e o gelo se derreterá ainda mais.

Ela o soltou, de modo a poder se segurar na cabeceira da cama, qualquer coisa para se impedir de encorajá-lo. Se ele não fosse até o fim, ela o mataria, é claro, mas de modo algum permitiria que ele soubesse como ela queria desesperadamente isto.

Gideon continuou a lamber, os dentes arranhando-a, fazendo-a estremecer. Em seguida, os dedos se juntaram à brincadeira, um deles entrando e saindo, depois dois. Três. As sombras e os gritos tentando se libertar.

– Gideon – arquejou ela, incapaz de impedir que o nome dele irrompesse dos lábios.

Era tão bom, tão extraordinariamente bom. Estava trazendo-a para perto do limite...

– Terrível – murmurou ele, os olhos semicerrados, os lábios curvados, quase sorrindo. – Simplesmente terrível. Já tive o suficiente. Sempre terei o suficiente.

Ele está gostando, ela procurou se lembrar. Quer mais. Jamais teria o suficiente.

Gelo derretendo.

Não importa, ela se deu conta de repente. Ela *queria* lhe dar mais, então o faria. Scarlet apoiou as pernas nos ombros dele, os calcanhares se fincando na região lombar, as coxas apertando-lhe as têmporas.

– Mas há algo que eu gosto... Você não está se contendo comigo. – Um músculo se repuxou sob o olho quando os cílios se ergueram e Gideon a fitou com intensidade. – Onde estão as sombras e os gritos que não me prometeu?

– Eu não... Não posso...

– Não os liberte e não me mostre o nosso casamento – disse ele e, em seguida, sugou-lhe o clitóris entre os dentes.

Ela gritou, estremeceu e quase gozou, de tão intenso o prazer. Contudo, ainda não estava bem no ponto. Apenas mais um pouquinho, e voaria até os céus.

– Scarlet... Casamento... Não quero ver.

A voz dele estava tensa, como se estivesse tendo de se forçar a proferir as palavras.

– *Agora?* – Ela ofegou. Enquanto ele estava... Enquanto ela estava... – Estamos um pouquinho ocupados.

– Não pode fazê-lo enquanto estou dormindo?

Ele soprou nas dobras quentes e úmidas dela e, sensível como ela estava, a deixou ainda mais

perto do clímax.

Foi maravilhoso e terrível, gratificante e frustrante.

– Posso – resmungou ela. – Posso fazê-lo enquanto está acordado.

Podia projetar imagens na cabeça dele a hora que bem quisesse. Afinal de contas, Pesadelos também possuía a habilidade de invadir a mente das pessoas quando estavam sonhando acordadas. Contudo, Scarlet queria Gideon concentrando-se no corpo dela. No aqui e agora.

– Nesse caso, não. Quero que o faça mais tarde.

– Por quê? – Por que ele não podia aguardar até mais tarde? Porque receava que ela fosse deixá-lo? Porque achava que ela fosse se recusar? – Não importa. – Ela daria o que ele queria. – Saiba apenas que, no instante que você parar, eu paro.

Pronto. Uma troca. Justamente como ele gostava.

– Será um desprazer – ronronou ele praticamente, a língua estalando, dardejando para a frente e para trás sobre o clitóris dela.

Mais uma vez, as costas dela se arquearam. Tudo bem, talvez exigir que ele continuasse não houvesse sido o mais brilhante dos planos. Os pensamentos dela estavam se fragmentando, o sangue fervendo ainda mais, os órgãos assando antes de explodirem em chamas decadentes, os ossos se derretendo, querendo apenas se derramar sobre Gideon.

Com uma explosão, as sombras e os gritos fugiram do controle de Scarlet, girando ao redor de Gideon e tomando conta do aposento. Melhor assim. Poderia usá-los para criar o devaneio. *Concentre-se*. Scarlet revirou os arquivos mentais favoritos, que há muito enterrara e que jamais considerara rever, e encontrou o que Gideon desejava.

Na mesma hora, a cena abriu-se para ambas as mentes.

Tarde da noite, enquanto os prisioneiros do Tártaro dormiam, Gideon acordou Hymen, o deus Titã do casamento, forçou-o a se trocar e o trouxe até a nova cela particular de Scarlet. Hymen estava vestido de preto dos pés à cabeça, haja vista que preto era a cor que os Gregos usavam para se distinguir dos Titãs. A cor escondera o jovem deus de olhos curiosos.

Para Scarlet, Gideon providenciara um demorado banho, algumas horas antes, e lhe presenteara com um manto branco limpo. O manto era feito de renda, e a renda se moldava às curvas dela. Ela jamais estivera tão linda.

Quando os dois homens adentraram a cela, ela, ansiosa, jogou para trás o capuz, e o comprido cabelo escuro caiu como uma cascata sobre os ombros. Gideon estendeu a mão, pinçou uma mecha entre os dedos e a levou até os lábios. Inspirou profundamente, o olhar dele encontrando-se com o dela.

– Pavoroso. – O Gideon entre as pernas dela sussurrou, no mesmo instante em que o Gideon do sonho murmurou: *extraordinário*.

Agora, como no passado, o rosto dela corou. Mas sabia que não era ela quem era extraordinária. Não havia visão mais maravilhosa do que Gideon. O cabelo negro espetado ao redor da cabeça, os olhos azuis brilhantes, os cílios escuros os emoldurando com um leque de penas.

Podia-se notar a sombra da barba dele, assim como as maçãs do rosto salientes e o maxilar forte. Ele não tinha um único defeito. Usava uma armadura prateada fina, como ordenado por Zeus, e na

armadura estavam entalhadas borboletas irregulares, exatamente como as tatuagens que agora tinham.

– Tem certeza de que quer fazer isto? – perguntou ela com nervosismo.

Na época, a voz dela não tinha a... dureza dos dias de hoje, e até mesmo Scarlet teve de reconhecer como ela parecia doce e inocente.

Jamais tive mais certeza de alguma coisa em toda a minha vida, minha doçura.

O rubor dela intensificou-se, e ela baixou o olhar, os lábios repuxando-se em um sorriso de felicidade.

Fico feliz.

Bem, eu não estou bem certo quanto a isto, Hymen disse. Ele pigarreou e puxou o capuz de modo a cobrir o rosto, mantendo as feições nas sombras. *Se alguém souber de meu papel nisto, serei executado.*

Gideon passou o braço ao redor da cintura de Scarlet.

Eu já disse. Ninguém vai saber. Além disso, você já foi generosamente recompensado. Eu não providenciei para que fosse alimentado em abundância a semana toda?

Mas eu...

Descoberta é o menor dos seus problemas, Gideon rosnou. *Case-nos, ou sentirá o gosto da minha lâmina. São as suas únicas opções.*

Hymen mexeu-se, inquieto.

É claro, é claro. Começaremos agora mesmo. Gideon, da casa dos Gregos, diga para Scarlet, da casa dos Titãs, por que quer desposá-la.

Os penetrantes olhos azuis encontraram os olhos castanho-escuros, e ele tomou a mão dela na dele.

Desde a primeira vez em que a vi, você me encantou. Você é mais do que linda. É inteligente, forte e determinada. Quando estou com você, quero ser um homem melhor. Quero ser digno de você.

Enquanto o Gideon de outrora falava, mais o gelo ao redor do coração de Scarlet se derretia. Mas ele não havia acabado.

Quero cuidar de você. Quero lhe dar a vida que merece. E, um dia, eu o farei. Por que sei, do fundo de minha alma, que separar é morrer.

Lágrimas encheram os olhos da Scarlet do passado.

Scarlet, da casa dos Titãs, Hymen disse, ele mesmo um pouco emocionado, *diga para Gideon, da casa dos Gregos, por que quer desposá-lo.*

Enquanto as pernas tremiam, Scarlet esforçou-se para encontrar as palavras adequadas, capazes de dizer para este homem exatamente como ela se sentia.

Desde a primeira vez em que o vi, senti-me atraída por você e me odiei por isso. Porém, como eu poderia ter sabido que, por baixo do seu lindo exterior, havia uma irresistível mistura de coragem, paixão e ternura? Você rapidamente provou o seu valor e me ensinou o meu. Eu era uma escrava, mas você me transformou em uma mulher.

Ela notou que os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

Você é tudo para mim, prosseguiu. *Meu passado, presente e futuro. Meu coração, minha vida. Separar é morrer.*

Mais uma vez, Hymen pigarreou.

Beijem-se e selem para todo o sempre esta união.

Gideon nem sequer hesitou. Envolveu-a com os braços, puxou-a para si e cobriu-lhe os lábios com os dele. As línguas se encontraram, se enroscaram, o ar dele enchendo os pulmões dela, e vice-versa. Eram um só.

Contudo, no presente, Scarlet permitiu que a imagem desaparecesse. Gideon parara de lhe dar prazer, mas ela não percebera, de tão perdida que estivera na lembrança. Tão perdida, de fato, que lágrimas de verdade lhe escorriam pelo rosto.

Também corriam pelo rosto de Gideon.

Os olhares se encontraram, como acontecera na cela, e ela viu a mistura de emoções nadando naqueles olhos azuis. Fúria, alegria, arrependimento, ternura. A mesma ternura que ela outrora valorizara.

Ele era o mesmo, no entanto, totalmente diferente. As diferenças não eram físicas, embora o cabelo dele agora fosse de um azul tão brilhante quanto os olhos. Ele era mais duro, mais ríspido, mais distante. Antes, sorria com facilidade e se deliciava em tranquilizá-la com suas observações, tanto sobre os Gregos quanto sobre os Titãs.

Sabe por que esta prisão é tão grande?, perguntara ele, certa vez. *Tártaro está tentando compensar pelo tamanhinho de seu membro.*

Ela quase engolira a língua ao arquejar ante a irreverência dele. Sempre quisera insultar seus carcereiros, porém sempre tivera medo demais. Gideon lhe dera a liberdade para fazê-lo, para enfim extravasar, mesmo que de um modo tão insignificante.

No presente, ele abriu a boca, mas as palavras não emergiram. Talvez não quisesse mentir naquele instante, o que a deixou grata. Ela estava sensível demais, vulnerável demais, como se o coração tivesse sido arrancado do peito e entregue a ele, embrulhado para presente.

Lentamente, Gideon subiu pelo corpo dela. Ainda sem falar, ele a beijou. Mais uma vez, ela não protestou. Apenas abriu a boca, aceitando a língua dele. Sentiu o próprio gosto, doce e quente, mas também o saboreou. Açucarado e ardido, como se ele houvesse acabado de mascar chiclete. Antes, as mãos dele haviam estado por tudo quanto era lugar, massageando-a, recebendo e dando prazer. Agora seguravam o rosto dela, infinitamente delicadas.

Em algum momento durante a interação entre os dois, ele abriu a própria calça. O membro exposto cutucava-a entre as pernas. Sem afundar dentro dela, mas apenas roçando. Enquanto as línguas se enroscavam e se saboreavam, a parte inferior dos corpos deles parecia buscar uma à outra.

Ela não o teria impedido caso ele houvesse se preparado para a penetração. Mas Gideon não o fez. Contentou-se com os beijos e com a esfregação, simplesmente deliciando-se com tudo o que ela tinha a oferecer, assim como Scarlet fez com ele.

Por um instante, ela fingiu que ainda estavam no interior daquela cela. Que este homem, de fato, era marido dela. Um marido que a amava, que colocava as necessidades dela acima de tudo, inclusive de si mesmo. Fingiu também que ele voltaria a procurá-la no dia seguinte, com o amor ainda brilhando no olhar. Fingiu que o único obstáculo que tinham a enfrentar era o fato de ela ser prisioneira.

– Gideon – gemeu ela.

Talvez ele estivesse fazendo o mesmo, fingindo, mas o som da voz dela fez com que os movimentos dele se tornassem mais intensos, mais bruscos. Sem cessar, esfregou-se nela. Os beijos intermináveis. Jamais sequer interrompidos. Ela o saboreava, deliciava-se com tudo o que ele tinha a oferecer.

Fora assim antes. Ele sempre fora gentil com ela, tratando-a como se fosse um tesouro, mesmo quando o sexo era depravado, devasso, voraz. Mas Scarlet sabia que ele estava diferente agora; sabia que as necessidades sexuais dele haviam mudado. As dela haviam. Como ele provara antes, para ela gozar, precisava ser duro e ardente. Só que, desta vez, ela não queria que a ternura parasse. Era disso que a alma dela precisava.

Merda. Merda, merda, merda. Era justamente disso que ela tivera medo. De que Gideon pudesse fazê-la apaixonar-se de novo por ele. O gelo não estava apenas derretendo, ele desaparecera. Desaparecera por completo!

E, no momento, não havia nada que pudesse fazer a respeito. A cada segundo que passava, o prazer se intensificava. As sombras e os gritos voltaram a aparecer, desta vez mais escuras, mais altos. Nem ela nem Gideon notaram.

– Não me toque – implorou ele.

Por fim, ela soltou a cabeceira da cama, largando as mãos sobre as costas dele. As unhas não afundaram na carne, apenas roçaram sobre a pele, quase fazendo cócegas.

– Você... você... – disse ele, antes de se interromper. – Scar.

O membro comprido e duro dele pressionou o clitóris dela, e todos os músculos do corpo dela se enrijeceram. Ela finalmente atirou-se do precipício da paixão, tremendo, gritando, agarrando-se a ele.

– Gideon!

Pouco depois, ele também começou a tremer, e o sêmen quente jorrou na barriga de Scarlet, o que apenas fez intensificar o prazer dela, sensibilizando ainda mais todo o seu ser. Ele estava em cima dela, pressionando-a, a essência dele espalhando-se por toda a pele dela. Sim, sim. Era por isso que ansiara por todos aqueles séculos. O que se convencera de que jamais poderia ter outra vez.

Uma eternidade mais tarde, desabaram juntos; Scarlet no colchão, Gideon, ainda sobre ela. As sombras e os gritos foram se dispersando, mas nenhum dos dois se moveu. Ficaram deitados ali por um longo tempo, tentando recuperar o fôlego, perdidos no momento. Scarlet deu-se conta de que este era, talvez, o único instante de relaxamento, de contentamento, que teriam, pois ela não podia permitir isso outra vez. Tinha de reerguer o gelo.

Não havia outra maneira de proteger o frágil coração dela. Um coração que ela não podia se dar ao luxo de entregar a outra pessoa. Não de novo. Mal sobrara pedaços.

Salve-se. Depressa!

Ela o empurrou de cima de si e sentou-se na cama.

– Descanse um pouco – sugeriu com frieza. – Ficarei aqui para garantir que ninguém entre no quarto.

Da última vez, ele não se queixara da abrupta mudança nela. Simplesmente seguira as ordens

dela. Desta vez, agarrou-lhe o braço e a puxou para trás, girando-a para que ela aterrissasse de barriga para baixo.

Antes que Scarlet tivesse tempo de protestar, ele ergueu a blusa dela e lascou um beijo carinhoso na região lombar, onde ficava a tatuagem SEPARAR É MORRER. O gesto foi tão inesperado, tão chocante e secretamente bem-vindo, que ela cerrou os lábios de modo a conter o soluçar. Maldito seja. *Maldito seja!*

– Não fique. Não me deixe segurá-la nos braços – sussurrou ele. – Por favor.

Resista. Você precisa resistir.

Mas ela se flagrou assentindo e sussurrando de volta:

– Tudo bem.

Idiota.

Amanhã eu me encarregarei dos remendos necessários.

Se é que, àquela altura do campeonato, algum remendo seria capaz de dar jeito.

Capítulo Treze

A IMPACIÊNCIA conduzia Strider como se ele fosse um maldito pônei de circo. Dois dias haviam se passado desde que recebera uma mensagem de texto de Gideon. A última notícia que Strider tivera fora que Gideon estava deixando o hotel devido a uma infestação de Caçadores. Compreensível. Contudo, Mentiras tinha mais um dia para dar notícias ou para retornar, antes que Strider tivesse de sair à procura dele. Diabos, Gideon podia estar em apuros e contando com isso.

Só que Strider tinha de permanecer na fortaleza. Alguma encrenca da pesada estava para acontecer.

Que merda, pensou. Amun, Aeron e William haviam partido há pouco tempo para realizar uma operação de resgate nas profundezas flamejantes do inferno, de todos os lugares. Strider teria gostado de acompanhá-los. No mínimo, de tê-los seguido para oferecer toda a proteção de que fosse capaz. Mas também não podia fazer isso.

Em vez disso, encontrava-se postado dentro do quarto de Torin. O guardião da Doença estava sentado diante de uma parede de monitores, cada um revelando um local diferente da fortaleza, das montanhas ao redor e da cidade próxima, enquanto o guerreiro digitava em um teclado.

Em geral, Torin era impecável, irreverente e sereno. Hoje, passara a mão pelo cabelo branco mais vezes do que Strider fora capaz de contar, fazendo com que os fios se arrepiassem para tudo quanto era lado ao redor da cabeça. As roupas dos pés até o pescoço estavam amassadas (o sujeito não podia fazer contato pele com pele com ninguém sem, basicamente, espalhar a peste), e as luvas que usava a cada minuto do dia estavam manchadas. A expressão do rosto dele estava séria e sombria, e rugas de tensão lhe ladeavam os olhos.

– Onde é que os Caçadores estão postados mesmo? – indagou Strider.

– Ali, ali, ali e ali. – Torin gesticulou com a cabeça na direção de diferentes monitores. – Estão em grandes grupos e estão cercando por completo a fortaleza.

– Como é que foram capazes de se agrupar e se aproximar sem o nosso conhecimento?

Os olhos de águia de Torin costumavam não perder nada. O fato de poder invadir qualquer sistema, mesmo os da cidade e os do governo, e observar áreas por meio dos monitores *deles* ajudava um bocado.

– Simplesmente apareceram do nada – murmurou o guerreiro. – O que significa que alguém os

teleportou. Lucien só é capaz de teleportar quem ele está tocando, sendo assim, quem quer que tenha feito isso é doentiamamente poderoso. Invoquei Cronos, mas ele...

– Está aqui. – Uma voz dura completou.

Strider e Torin se viraram, deparando-se com Cronos postado no canto oposto da sala. O rei dos deuses avançou, a bainha do manto branco dançando ao redor dos tornozelos. Interessante.

Não houvera nenhuma explosão de luz, como o soberano costumava preferir. Como os Caçadores, ele simplesmente apareceu.

E, como Torin, estava em um estado de desalinho. O cabelo escuro, agora sem qualquer fio branco, rodeava-lhe a cabeça aos tufos. A pele bronzeada, agora sem rugas, estava retesada devido à sua careta de preocupação.

– O que está acontecendo? – quis saber Strider.

Não se incomodava de lutar contra os Caçadores. Na verdade, adorava fazê-lo. Vivia para isso. O demônio dele também. Cada vitória era como uma injeção de heroína direto na veia. Bem, se ele fosse humano. Ainda assim, era uma viagem, um vício. Mas isto...

Alguns dos amigos não estavam ali. A fortaleza estava lotada de mulheres. Mulheres delicadas, que precisavam ser protegidas. Diabos, a mulher de Maddox estava grávida. Como poderia Strider vencer esta batalha?

Cronos deteve-se atrás de Torin, mais perto do que qualquer um ousara chegar do guerreiro em anos.

– Por ora, Galen está fora de combate, de modo que, minha... esposa – ele praticamente cuspiu a palavra – está lidando diretamente com os humanos. E ela ordenou que atacassem esta fortaleza, que a destruíssem, assim como todos em seu interior, e que roubassem os artefatos dos destroços.

Maldição. Maldição, maldição, maldição.

Um rosnado brotou da garganta de Cronos.

– A ousadia dela... me ofende.

– Mate-a então – sugeriu Torin, falando sério.

Strider concordou com a sugestão.

Jamais haviam visto o rei dos deuses mais melancólico.

– Não. Não posso.

A total convicção do tom dele surpreendeu Strider.

– E se eu o fizesse?

Matar mulheres não era o que mais gostava de fazer, mas já o fizera antes. Caçadores adoravam usar mulheres para distrair os Senhores do Mundo Subterrâneo, para aprender a respeito deles e, no fim das contas, traí-los. Strider fazia o que fosse preciso para proteger os amigos. Sempre o fizera e sempre o faria.

Cronos sacudiu a cabeça, o brilho melancólico ainda presente no olhar.

– Não.

O que diabos o fazia conter-se?

– Por acaso ama a sua mulher ou coisa parecida?

– Amar aquela vagabunda? Não!

A palavra fora cuspidá com o mesmo desdém de antes.

Strider jogou os braços para o alto.

– Neste caso, deixe-me dar cabo dela.

Cronos voltou-se para ele, a fúria tomando conta das feições, e agarrou Strider pela camisa.

– Você não tocará nela. Está me entendendo?

Era um desafio. Um desafio que Strider não podia ignorar. O demônio dele despertou com um rugido, feliz, ansioso por atacar. Agora, nada poderia salvar a rainha dos deuses. Não sem provocar o sofrimento de Strider, o que era exatamente o que acontecia quando ele perdia. O guerreiro sofria. Strider faria de tudo para evitar isso. Ele queria a heroína.

O soberano deve ter se dado conta do erro. Cronos soltou Strider, erguendo as mãos espalmadas.

– Minhas... desculpas, Derrota. Faça o que quiser.

Embora não parecesse um pedido de desculpas sincero, as palavras surtiram o efeito desejado.

A ansiedade de Derrota foi mitigada. O desafio foi retirado. Desapontado, Strider assentiu e alisou a camisa.

– O que está acontecendo? Você não a ama, mas a quer viva. Ela só faz lhe causar problemas; no entanto, recusa-se a dar um fim a Rhea. Não entendo.

– Se Rhea morrer, eu... – Cronos passou a mão pelo rosto subitamente cansado. – O que estou prestes a lhes dizer não pode deixar este aposento. Se deixar, eu saberei e retaliarei.

Strider e Torin entreolharam-se, e, em seguida, ambos assentiram.

Cronos fechou os olhos. Vários minutos se passaram em silêncio. Em seguida, os ombros descaíram, e ele suspirou, voltando-se para eles.

– Se Rhea morrer... eu morro. Estamos... conectados.

O primeiro pensamento deles após absorver a notícia? Ah, merda, não. Isso não era bom. Nada bom. Os Senhores do Mundo Subterrâneo precisavam de Cronos. Por ora, pelo menos. Pois o rei dos deuses os estava ajudando de uma maneira que eles nem sequer sabiam precisar. Ele lhes fornecera os pergaminhos antigos que listavam todos os imortais possuídos por um dos demônios de Pandora. Desse modo, os Senhores podiam chegar a eles antes dos Caçadores. Cronos era capaz de transportá-los para onde quer que quisessem ir, como, por exemplo, até as profundezas flamejantes do inferno. Ele lhes dera colares que impediam os outros deuses de saber o que estavam fazendo ou onde estavam.

Strider passou os dedos pelo colar em questão. Uma borboleta, exatamente como a que estava tatuada na lateral esquerda do quadril dele, pendia do centro da corrente. O que fariam sem a ajuda de Cronos?

Retornar para uma vida de ser ignorados pelos deuses? Em teoria, parecia bom, mas e se mais alguém, alguém que não quisesse que fossem bem-sucedidos, ficasse interessado pela causa deles?

Torin parou de digitar e girou na poltrona, olhando para o soberano.

– Mas Rhea está ajudando Galen. E Danika, “O Olho Que Tudo Vê”, previu que Galen o mataria. Se Danika estiver certa, Galen também será responsável pela morte de Rhea. Sendo assim, por que a sua mulher ajudaria Galen?

Boa pergunta. Há meses que sabiam que Galen tentaria obter a cabeça de Cronos, mas não sabiam o porquê. Até algumas semanas atrás. Quem quer que presenteasse a cabeça do rei dos deuses aos Impronunciáveis receberia o Cetro Divisor, o último dos artefatos necessários para se encontrar a caixa de Pandora.

Strider e alguns dos outros haviam viajado até o Templo dos Impronunciáveis, e as bestas enfim haviam aparecido. Realmente eram criaturas saídas de um pesadelo. Parte homem, parte animal, totalmente venenosas. Havia oferecido uma troca, mas Strider não aceitara por não confiar cem por cento nelas. Os Impronunciáveis eram escravos de Cronos, que seriam libertados com a morte dele e dariam qualquer coisa para obter a liberdade. Diabos, talvez nem soubessem onde estava o cetro.

Além do mais, não havia como prever o tipo de estragos que causariam quando estivessem livres. Afinal de contas, gostavam de comer humanos. Tipo, devorá-los por inteiro e cuspir os ossos.

O cetro não valia o fim do mundo. Pelo menos, ainda não.

– Já que Rhea teleportou os Caçadores até aqui, será que não pode teleportá-los para outro lugar?
– perguntou Strider para Cronos.

O deus sacudiu a cabeça.

– Ela simplesmente os teleportaria de volta. Talvez, da próxima vez, para dentro da fortaleza.

– Muito bem – retrucou Strider, pensando em voz alta. – Atualmente, metade das nossas forças está faltando. O que significa que não podemos enfrentar esses Caçadores. O que significa que teremos de nos separar. Eu posso levar um dos artefatos. Reyes pode levar Danika, e Lucien e Anya podem levar o artefato restante. Seguiremos em direções diferentes. Os Caçadores não serão capazes de seguir a todos. E com os nossos novos colares...

– Prefiro grilhões – disse Torin, lembrando um pouco mais a costumeira irreverência.

– Tudo bem. Com nossos novos grilhões, nem mesmo Rhea saberá onde estamos.

Cronos acariciou o queixo, aparentemente perdido em pensamentos.

– E quanto aos outros? – Torin perguntou, claramente reconhecendo uma boa ideia quando a escutava.

– Maddox pode levar Ashlyn para algum lugar. Sabin e Gwen sabem se cuidar. Não correm perigo. Olivia pode levar Aeron até o céu. Os outros, bem, Kane, Cameo e Paris, podem ficar aqui com você, para defender o nosso lar. Gideon poderá ajudar quando retornar.

Se retornar.

Ele retornará. Strider recusava-se a acreditar no contrário.

Um instante passou-se em pesado silêncio.

– E quanto ao quarto artefato? – indagou Cronos, voltando a tomar parte na conversa. – Quem vai procurar por ele?

A verdade é que não podiam permitir que os Caçadores o obtivessem. Mesmo à custa da cabeça de Cronos.

– Eu vou – afirmou Strider. – Levarei o Manto da Invisibilidade comigo. Desse modo, não terei de lutar com ninguém caso o encontre. Posso simplesmente pegá-lo e fugir.

Com os olhos verdes brilhando, Torin arqueou uma das sobrancelhas negras ao fitá-lo.

– Tem alguma ideia de por onde começar a procurar?

É. Ele tinha. Pelo Templo dos Impronunciáveis.

Cronos deve ter se dado conta do rumo tomado pelos pensamentos dele, pois deixou escapar outro rosnado.

– Não vou traí-lo – garantiu Strider, erguendo as mãos espalmadas, exatamente como o deus fizera para ele. Ao contrário de Gideon, ele podia mentir. Contudo, se estava mentindo ou não, não saberia dizer ao certo. – Permanecerei invisível, escutando. Se os Caçadores chegarem, se os Impronunciáveis mencionarem qualquer coisa sobre o cetro, estarei lá. Eu o encontrarei primeiro.

Cronos relaxou um pouco.

– Muito bem. Pode ir. Você tem a minha bênção.

– E, há, temos de colocar todo mundo a par das novidades e a caminho – disse Torin, o tom de voz voltando a ficar duro. – Os Caçadores estão se movendo.

O olhar de Strider voltou-se outra vez para os monitores, e ele pôde confirmar que os grupos de Caçadores estavam se aproximando da fortaleza.

– Conte para os outros o que está acontecendo – disse Strider para Torin. – Vou pegar a capa e matar o maior número dos canalhas que puder ao deixar a fortaleza.

Derrota voltou a se manifestar, mais uma vez feliz e ansioso. Ele mesmo sentindo-se feliz e ansioso, Strider pegou uma faca e uma semiautomática, sua combinação de armas favorita. Uma delas pegava o alvo de surpresa, permitindo diminuir qualquer distância, e a outra matava de perto, com um toque pessoal.

Isto ia ser divertido, pensou.

BONS... DEUSES. O calor era insuportável, o cheiro de enxofre e podridão agredia as narinas de Amun. Milhares de gritos atacavam-lhe os ouvidos, cada um mais torturado do que o outro.

Por que concordara em vir aqui? Ah, sim, para salvar Legião. Por Aeron.

Aeron e William estavam sentados no interior da embarcação pequena, porém robusta, que Cronos providenciara para eles após teleportá-los até ali. Neste momento, estavam navegando o rio Estige, tomando cuidado para permanecer o mais imóveis e silenciosos possível. Uma gota daquele líquido na pele e a força vital deles começaria a se extinguir.

– Por que Lúcifer o teme? – perguntou Aeron para William, rompendo o silêncio enquanto remava com suavidade.

O guerreiro, que estava reclinado no fundo do barco, afiando a espada, deu de ombros.

– Simplesmente teme.

– Sempre há um motivo.

– É verdade, mas não significa que eu queira falar sobre tal motivo.

William tratou de manter a mente em branco, evitando que Amun lhe lesse os pensamentos.

Que viagem agradável. E estavam apenas no início dela.

Tinham de seguir o rio até este afluir em quatro outros rios que cruzam o Hades. O rio Flegetonte, que significava o lago de fogo, o rio Aqueronte, o lago do infortúnio, o rio Cócito, o lago das lamentações, e o rio Lete, o lago do esquecimento. E tinham de fazer isso sem perturbar Caronte, o barqueiro do mundo subterrâneo, responsável por transportar os mortos até o seu novo lugar de

descanso.

Alguns meses atrás, não teriam tido de se preocupar com ele. Porém, quando Cronos fora libertado do Tártaro, o rei dos deuses devolveu o Hades ao seu estado natural, incluindo a reconstrução, por assim dizer, de seus guardiões.

Caronte, se Amun estava se lembrando corretamente, não passava de um esqueleto ambulante. Na opinião dele, seres vivos eram abominações, e fazia de tudo para erradicá-los. Com os mortos, contudo, era cortês.

Eu os ajudaria com as provações que estão prestes a enfrentar, Cronos lhes dissera antes de desaparecer, *mas não posso. Fiz um pacto com Hades. Eu não interferiria neste reino, e ele não interferiria no meu*. Em seguida, acrescentou: *Desejo-lhes boa sorte, pois precisarão de muita. Você levou a melhor sobre Lúcifer, Aeron, e, agora, ele quer desforra*.

A tal “melhor que ele levará” era o motivo de Legião estar ali. Ela fizera um acordo com Lúcifer. Beleza além da imaginação e quatorze dias para atrair Aeron para a cama dela. Se tivesse sido bem-sucedida, teria tido permissão para viver em Budapeste. Caso falhasse, Lúcifer teria obtido a posse do corpo dela.

Ela, é claro, falhara, pois o coração de Aeron pertencia a Olivia, e ele jamais conseguira levar outra mulher para a cama. No entanto, permitira a si mesmo morrer antes do prazo concedido, destruindo qualquer esperança que Lúcifer tinha de vitória.

É claro que, amando-o como ela amava, Olivia encontrou um modo de trazê-lo de volta à vida.

Olivia não ficará aborrecida por você tê-la deixado para trás? Amun sinalizou, e William traduziu, o olhar demorando-se sobre as águas escuras e nebulosas, à procura de outra embarcação.

Um músculo repuxou-se sob os olhos violetas de Aeron. Olhos que também estavam percorrendo as águas.

– Ficaré.

– Como é que conseguiu? – perguntou William. – Conheço as mulheres, e aquela é mais determinada do que a maioria.

– Lysander ajudou.

Lysander, um anjo. Um anjo da elite, para falar a verdade. Ele era o mentor de Olivia, o responsável pela morte de Aeron, e o único homem poderoso o suficiente para impedir que um anjo habilidoso como Olivia seguisse o seu homem.

– Ela me odiará quando isto tiver terminado – acrescentou Aeron com morosidade.

Amun captou a maior parte dos pensamentos dele. Aeron quase cancelara a viagem para impedir que isso acontecesse, o que o enchera de culpa. Olivia era a vida dele, o futuro dele. Ele a amava mais do que amava a si mesmo, aos amigos. Ela era tudo para ele, mas ele não seria o guerreiro por quem ela se apaixonara se deixasse Legião ali para morrer. No entanto, não fora capaz de tolerar a ideia de trazer a inocente Olivia até este lugar perverso e sombrio.

Ela já estivera aqui antes, e vários demônios haviam tentado estuprá-la. As lembranças ainda a assombravam de vez em quando, e Aeron queria que ela jamais tivesse de reviver tais momentos de desespero. Sendo assim, a enganara para ficar com Lysander, que agora a mantinha prisioneira no céu.

Apesar de tudo, parte de si queria voltar para buscá-la e trazê-la até ali, se fosse esse o desejo dela. Qualquer coisa para impedi-la de odiá-lo.

– É, você talvez tenha razão – retrucou William sem demonstrar misericórdia, como era o costume dele. – Mulheres não são conhecidas pela clemência.

Aeron amarrou a cara para ele. E o guerreiro simplesmente riu. A risada intensificou a fúria de Aeron, que acelerou o ritmo das remadas. Com delicadeza, Amun retirou os remos das mãos dele e assumiu a tarefa no lugar do amigo.

Devido à espessura da névoa, Amun conseguia enxergar muito pouco diante dos olhos. Entretanto, começou a ver o que pareciam ser pontos de luz. Fogueiras talvez? Será que estavam próximos do rio Flegetonte?

Virou-se, com a mesma lentidão e tranquilidade com que remava, para, em silêncio, pedir aos outros para verificarem. Só que avistou várias ondulações na água. Ondulações que não se originavam do barco deles. O sangue ferveu, o que nada teve a ver com o calor de quase cem graus.

Amun rapidamente travou os remos nos apoios e pegou as pistolas. Aeron e William, notando a tensão dele, fizeram o mesmo.

– O que viu? – sussurrou William, passando os olhos pelos arredores.

Aeron empoleirou-se na beirada do barco, fitando intensamente a noite. Um instante se passou.

– Há outro barco – sussurrou ele. – Vários metros à frente.

Amun libertou a mente, permitindo que o demônio dele procurasse pensamentos conscientes errantes. Tudo o que escutou foi:

Deve morrer, deve morrer, deve morrer.

Caronte, pensou, avistando o outro barco. Um homem usando uma comprida capa preta estava postado no centro da embarcação. Em vez de cabelo, tinha labaredas, e o rosto era feito apenas de ossos. Pior, os olhos eram profundos buracos negros, nos quais milhares de almas pareciam dançar... ou se contorcer de dor.

– Deixe-me cuidar disso – falou William.

– À vontade – retrucou Aeron.

– Você me conhece, velho amigo. Sou eu, William, o Amado – gritou William. – Não queremos lhe fazer mal. Queremos apenas passagem.

Velho amigo? William, *o Amado*?

Caronte ergueu ambas as mãos e apontou o dedo ossudo para Aeron e William.

Ah, merda. Os pensamentos de William invadiram a mente de Amun. *Acho que eu não deveria ter traçado a mulher dele da última vez em que estive aqui.*

– O que significa quando ele aponta para você? – Aeron perguntou baixinho.

– Significa que estamos na lista negra dele – respondeu William, com uma expressão tão séria que parecia estar comparecendo a um enterro.

Amun, a criatura ignorara. O que não fazia... A resposta lhe veio à cabeça, vinda dos pensamentos da criatura. Caronte pressentia o demônio no interior de Amun e não ligava se ele entrasse ou não no inferno.

Exatamente como, naquela mesma manhã, não havia ligado se Galen entrasse.

Sei que você exige pagamento, Galen dissera, antes de jogar várias cabeças humanas no barco de Caronte.

Caronte assentira em sinal de aceitação e estendera o braço para trás, oferecendo passagem para Galen. Mas Galen permanecera onde estava, com um músculo se repuxando sob o olho. Olhou sobre o ombro, para a frente, e novamente sobre o ombro.

Mais uma vez, Caronte estendeu o braço para trás, indicando que Galen tinha permissão para passar.

Galen passou a mão pelo rosto.

Não posso. Ainda não. Há algo que preciso fazer na superfície primeiro. Ele cerrou o punho. *Alguém que tenho de matar, antes que o canalha me mate. Mas eu voltarei.*

– Ei, Amun, cara – disse Aeron, despertando Amun dos pensamentos. – Está escutando? Alguma ideia quanto ao que devemos fazer? William diz que nem sequer podemos olhar o canalha nos olhos sem perder as nossas almas e que não podemos tocar nele. Se o fizermos, ele poderá nos obrigar a olhar nos olhos dele.

Amun notou que o barco de Caronte se aproximava aos poucos, e faíscas dançavam ao redor dos dedos dele. *Matar, matar, matar,* pensava o barqueiro. Aeron não estava mais possuído por um demônio, e William não passava de um imortal. Era óbvio que Caronte não os deixaria passar se não estivessem mortos. Ou sem as almas. E o esqueleto ambulante planejava fazer de tudo para garantir o seu intento. Infelizmente, tudo o que precisava fazer era espirrar água neles.

Graças aos deuses, Olivia havia lhes providenciado um frasco contendo a água do rio da Vida do céu. Ela anularia os efeitos *desta* água. O único problema era que, quando ela acabasse, acabou. Não haveria mais. Nunca mais.

Contudo, bastava uma gota, e era melhor para um homem usar uma gota do que três homens usarem três gotas. Além disso, a alma de Amun estava amarrada ao demônio dele, de modo que Caronte não iria querê-la. O que significava que Amun era o único capaz de olhar para o demônio e tocar nele.

O que significava que teria de ser Amun a agir.

Tenho um plano, Amun sinalizou. *Ao meu sinal, remem em direção à margem.*

– Ótimo, mas qual é o sinal? – sussurrou William.

Este.

Amun saltou sobre Caronte, jogando a ambos no rio. A água quente os envolveu, praticamente corroendo-lhe as roupas e queimando a pele dele. Mas ele não soltou Caronte, aprisionando a criatura com os braços fortes. Mãos esqueléticas o empurraram, e elas eram mil vezes mais quentes do que a água, como descargas elétricas atingindo-lhe o coração, fazendo com que o órgão falhasse.

Ainda assim, Amun não largou.

Logo a falta de oxigênio começou a lhe confundir o cérebro. Ele abriu a boca por acidente, engolindo um pouco daquele terrível líquido podre, e se engasgou. A morte arrastava-se por ele, destruindo-o, célula por célula, a deterioração apoderando-se do corpo dele. Enfraquecendo-o. Foi então que Caronte conseguiu se soltar.

O barqueiro impulsionou-se na direção da superfície. Embora pontos escuros dominassem a

visão de Amun, ele também lutou para chegar à superfície. Antes que pudesse se orientar (será que Aeron e William estavam em segurança?), Caronte acertou-o com o cotovelo duro na testa, fazendo-o afundar de novo. Mais daquela água nojenta escorreu-lhe garganta abaixo, chegando ao estômago, que agora se contorcia e ardia de náusea.

Mais uma vez, Amun lutou para chegar à superfície. No instante em que emergiu, inspirou o máximo de ar que conseguiu. Ainda bem. O barco dele sumira de vista, e Caronte estava fulo da vida e determinado a dar um fim a *Amun*. Demônio ou não.

Seus olhares se encontraram. As almas giravam cada vez mais rápido, borrões brancos que hipnotizavam. *Castigar, castigar, castigar*. Caronte agarrou Amun pelo cabelo e o empurrou para baixo. Desta vez, o guerreiro não teve forças para se libertar. Pôde apenas se debater, engolindo cada vez mais água, morrendo um pouquinho mais a cada segundo que passava.

Bons deuses. Seria o fim para ele?, Amun pensou, sentindo os músculos se retraírem, travando os ossos e impedindo qualquer movimento. É, era o fim. Já vivera tanto tempo que deveria estar feliz. No entanto, jamais se apaixonara e amara alguém da maneira que os amigos amavam as mulheres deles, e descobriu que lamentava a oportunidade perdida.

No interior da cabeça dele, Segredos rugiu. Rugiu tão alto e durante tanto tempo que os músculos dele voltaram à vida.

Não posso desistir. Não. Posso. Desistir.

Com toda a força que lhe restava, Amun chutou Caronte no peito, separando-os bruscamente, e nadou para cima e para longe. Olhou para a esquerda e para a direita e avistou a margem, pois William estava segurando alguma espécie de vareta brilhante e fazendo sinal para ele.

Determinado, nadou na direção da luz. Até Caronte lhe agarrar o tornozelo e detê-lo. Segredos rugiu uma segunda vez, e, desta vez, Amun estremeceu. Jamais ouvira o demônio tão furioso a ponto de até perder o domínio sobre a outra metade dele. Algo que não acontecera em séculos.

Segredos estendeu uma garra mental na direção do barqueiro e libertou uma onda de imagens dentro da cabeça dele. Boas imagens. Os poucos bons segredos que Amun guardava. Segredos que haviam salvado vidas humanas. A doação de dinheiro. A doação de órgãos.

Caronte o largou, levando as mãos às próprias têmporas ossudas. Ofegante, ainda morrendo por dentro, Amun tratou de chegar à margem. William estendeu a mão para ele, mas Aeron o deteve.

– Não pode tocá-lo. Você também enfraquecerá.

Amun largou-se no chão, pedras pontiagudas penetrando nas costas nuas, repletas de bolhas.

– Abra a boca – ordenou Aeron.

Ele estava pensando: *Jamais vi um homem nestas condições. Será que esta água é o suficiente para salvá-lo?*

Amun mal teve forças para obedecer... e não deve ter sido bem-sucedido, porque a água fresca que Aeron tentou derramar na boca dele escorreu pela lateral do rosto. Maldição, fora mais do que apenas uma gota.

– Abra a boca ou eu a abrirei por você – rosnou William.

O guerreiro estava falando sério.

Amun destravou o maxilar, forçando-se a separar os lábios, e, um segundo mais tarde, um filete

de água fresca derramou-se na boca dele, lentamente afugentando a fraqueza e a ardência.

– Já chega – disse William. – Sobrou tão pouco.

– Ele está...

– Vai ficar bom. Olhe, os restos chamuscados da pele já estão se remendando.

– É, mas quanto tempo...

De repente, Aeron parou de falar.

A alguns metros de distância deles, uma gargalhada ecoou. Amun não precisava enxergar para saber que vários pares de olhos vermelhos espiavam de trás de uma rocha manchada de sangue.

Aeron e William já estavam se preparando para outra batalha.

Capítulo Catorze

RECUPERADO E pronto para a luta, Gideon pensou, na noite seguinte. Bem, talvez “pronto para a luta” fosse um pouco de exagero. “Mal se aguentando em pé e se forçando a entrar em ação” era uma descrição melhor. Estava conduzindo Scarlet por passagem secreta após passagem secreta e tropeçando nas próprias pernas a cada meia dúzia de passos.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou Scarlet, apertando-lhe a mão.

– Claro – mentiu descaradamente.

De modo algum iria dar meia-volta e retornar àquele quarto. Para começo de conversa, faria amor com ela. Não tinham tempo para isso, e, pior ainda, ela teria de se encarregar de todo o trabalho pesado, o que o faria parecer um cretino. Um cretino ainda maior. E, em segundo lugar, a vingança aguardava.

– Tem certeza de que sabe para onde está indo? – indagou ela em seguida.

– Não.

Milhares de anos haviam se passado desde a última vez em que estivera neste palácio celestial, mas lembrava-se destas passagens ocultas. Os deuses sabiam que, tendo feito parte da elite de Zeus, Gideon as usara um bocado. Ele as usara para levar o rei dos deuses às suas amantes e as amantes ao rei, o tempo todo atento a espões e a planos contra vossa majestade. Tanto antes quanto agora, o que ajudava era que muitas destas paredes eram espelhos bidirecionais.

– Lindo – exclamou ela de repente, puxando-o, tentando fazer com que Gideon se detivesse.

– Podemos admirar tudo mais tarde.

Não, na verdade, não poderiam. Ele não podia esquecer que Scarlet jamais estivera ali antes. Que, embora filha de uma rainha, fora tratada como escrava por toda a vida. Os lustres feitos de poeira estelar, as quedas d’água de mármore reluzente e as orquídeas brotando direto das paredes eram novidade para ela.

Como pôde a mãe esconder isto dela? Como pôde a mulher que lhe dera à luz tratá-la tão mal?

Como você tratou o seu próprio filho?

Gideon estalou a mandíbula.

Alguém me privou da lembrança dele, maldição.

Entretanto, isso não lhe aliviava o sentimento de culpa. Deveria ter se lembrado daquele menino

precioso. Pelo menos, alguma parte de si deveria tê-lo feito. No entanto, de todas as vezes que Gideon vislumbrara flashes de Scarlet, jamais vislumbrara flashes de Steel. Não tinha uma única tatuagem para representar, e honrar, o filho morto.

Sou o pior pai do mundo.

Mentiras nada tinha a dizer a respeito do assunto. Era como se o demônio não se importasse com o menino, vivo ou morto, verdade ou mentira, em qualquer grau.

Porém, Steel não podia ser mentira. Ninguém poderia fingir a dor que Scarlet projetara ante o assassinato dele. Nem mesmo os atores que Scarlet gostava de devorar com os olhos.

Com a mão livre, Gideon coçou o couro cabeludo. Mesmo agora, ainda não conseguia se recordar da vida com Scarlet. Não conseguia se lembrar, embora o casamento dos dois tivesse sido a coisa mais linda que já vira. Ela reluzira. Ah, como reluzira. De amor, de promessa... de esperança. Sentia-se tocado só de pensar nisso.

E, sim, queria que Scarlet voltasse a olhar para ele daquele jeito. Não que merecesse, mas Gideon não conseguia conter o desejo.

– Pode se imaginar morando aqui? – perguntou ela com admiração. Admiração misturada com arrependimento e tristeza. – Quero dizer, fui forçada a morar em criptas e cavernas, e *esta* era a minha herança. Puxa. Simplesmente, puxa.

– Acredite em mim, eu não prefiro morar na Terra.

Aqui, ele não passava de mais um entre milhares que eram tão fortes quanto ele, senão mais fortes. Gideon voltou a levar os dedos ao colar de borboleta ao redor do pescoço. Graças aos deuses, Scarlet o encontrara e o trouxera de volta para ele. Ali, ele era um homem de poder.

Queria ser todo-poderoso ante os olhos de Scarlet. Queria ser capaz de cuidar dela.

– De jeito nenhum.

Com um puxão, ela libertou-se da mão dele e parou, pressionando as palmas das mãos de encontro ao espelho. O colar dela fez barulho ao encostar no vidro.

Gideon suspirou ao deter-se ao lado dela.

– Demore-se o quanto quiser. Não há pressa alguma em chegarmos ao quarto de Cronos. Ele não retornará em breve, e não precisaremos estar longe quando isso acontecer.

– Sei disso, mas por quê? – O olhar dela estava colado nas pesadas cortinas de veludo e nas mesas com detalhes dourados que preenchiam a sala de estar vazia. Não, vazia não, Gideon deu-se conta. Alguém, um homem alto e louro, avançava na direção da estante de livros. – Ele pode nos escutar? – Scarlet sussurrou.

Será que ela queria que ele escutasse?

– Pode.

– Ah. Ótimo. Assim podemos babar em paz.

Gideon não reconheceu o deus, o que não o impediu de odiar o homem à primeira vista.

– De qualquer modo, como eu estava dizendo – prosseguiu ela. – Por que você precisa entrar no quarto de Cronos? Por que não seguimos direto para a prisão?

– Nenhum de nós é capaz de se teleportar, de modo que não precisaremos de uma chave para entrar no Tártaro. Agora, sabe quem é esse?

Para eu saber o nome do próximo homem que matarei.

– É claro que sei. Esse é Hipérion, o deus Titã da luz. Ele é lindo, não é?

Maldita seja Scarlet e sua queda por louros.

– Não conheço o nome. Também não sei que Hipérion é um sociopata. Ele não adora tocar fogo em imortais apenas para vê-los arder e escutar os gritos deles.

– Sexy.

Se Scarlet sequer pensasse em beijar outro homem do modo como beijara Gideon, se pensasse em permitir que outro homem a tocasse do modo como Gideon a tocara, queimar até a morte seria a menor das preocupações dela. Naquele momento, ela pertencia a Gideon. Era esposa dele. E ele não a compartilharia com ninguém.

Amarrando a cara, o guerreiro agarrou-a pela mão e a puxou adiante.

– Não chega disso.

Com passos rápidos e as botas ecoando no piso de mármore, eles viraram em outro corredor, e outro aposento apareceu. Um salão de baile. Fadas brilhantes voavam de um lado para o outro, espanando poeira e lustrando todo o recinto.

Ao dobrar outro canto, o corredor tornou-se uma ladeira íngreme, e, apesar das coxas ainda cansadas lamentarem a ardência, ele não desacelerou. A fúria crescente lhe dava forças. Raiva, não ciúmes. Não sentia ciúmes.

– E, então, quem você não é hoje?

Deu-se conta de que ainda não havia perguntado.

Diga Lord. É melhor a resposta ser Lord.

– Scarlet... Hipérion. É, soa bem.

Agora já era demais. Chega. No topo da ladeira, Gideon parou e virou-se. Scarlet esbarrou nele. Ele a segurou pelos ombros e a sacudiu. Ela desviou o olhar e... Será que isso foi... Será que ela estava... Isso mesmo. Os lábios dela estavam se repuxando. A bruxinha estava se esforçando para não rir.

Sentindo a raiva ir embora, Gideon a soltou. Raiva, não ciúmes.

– Você não está implorando para levar umas palmadas, sabia?

– Eu... – Uma exclamação de surpresa lhe interrompeu as palavras. Mais uma vez, Scarlet libertou-se e se colou no vidro. – Aquela é Mnemosine, minha tia.

Ele acompanhou a direção do olhar dela. No interior de um opulento quarto de cerejeira e mármore com detalhes dourados, uma loura esbelta sentava-se em uma cama rosada. Feminina. O cabelo encaracolado pendia até o meio das costas, e ela usava um delicado vestido preto com aberturas para a passagem de ambas as coxas.

– Não estamos com pressa, lembra-se?

Gideon passou o braço ao redor da cintura de Scarlet. Não ousara fazê-lo antes. Sabia que ela o teria repreendido. Porém, agora, a mulher estava distraída, e ele não se fez de rogado ao se aproveitar da oportunidade. Queria tocar nela. O tempo todo.

– Quero falar com ela, Gideon. Por favor. – Os olhos escuros se voltaram para ele, implorando. – Ela é a deusa da memória e pode saber o que houve com a sua. Ela pode saber quem mexeu com a

sua cabeça. Ou, no mínimo, como o fizeram. Deuses, não acredito que não pensei em falar com ela antes.

Era a primeira vez que Scarlet lhe pedia qualquer coisa, e, mesmo tomado de pressa, Gideon descobriu que era incapaz de lhe negar qualquer coisa.

– Tem certeza de que não pode confiar nela?

Franzindo a testa, Scarlet inclinou a cabeça para o lado.

– Ela sempre foi gentil comigo. Espere. Pelo menos, eu acho que foi. Ela costumava me abraçar quando eu estava triste. Eu acho, de novo. Minhas recordações dela são meio vagas.

Vagas. Isso não combinava com Scarlet. Ela se lembrava de praticamente tudo.

O olhar dela encontrou-se com o de Gideon, e ela franziu ainda mais a testa.

– Espere. O que eu estava dizendo?

– Não estávamos falando sobre a sua tia.

– A minha quem?

Ele a fitou com incredulidade. Ela não conseguia se recordar de uma conversa de dois segundos atrás? Estranho. E errado. O olhar dele se voltou para a tia de Scarlet. Mnemosine. Deusa da memória, não é? Gideon nunca tivera de lidar com a mulher. Ela fora trancafiada antes mesmo de ele ser criado, e jamais ouvira mexericos a respeito dela. Nada de bom ou nada de ruim.

Scarlet acompanhou o olhar dele.

– Ah, olhe, Gideon. Aquela é minha tia Mnemosine. Ela é a deusa da memória. Talvez possa nos contar o que houve com a sua.

Certo.

Claramente, alguém (quem sabe, a própria Mnemosine?) mexera com a cabeça de Scarlet. Porque, quando ela não estava olhando para a tia, não conseguia se recordar da mulher. Será que Mnemosine também roubara as lembranças de Gideon?

Só havia um jeito de descobrir.

– Apenas... não me dê um minuto para pensar na melhor maneira de abordá-la. Está bem? E, não importa o que aconteça, pare de olhar para a sua tia.

– Eu... Tudo bem. Mas por que quer que eu fique olhando para ela?

– Apenas não faça o que estou pedindo.

Não queria que ela voltasse a se esquecer.

Havia uma porta na passagem secreta que levava ao quarto. Na verdade, havia uma porta para todos os aposentos no palácio. Mas ele não queria sair por ali e revelar a passagem para Mnemosine, para o caso de ela não saber da existência dela. Enquanto ela permanecesse em segredo, Gideon poderia usá-la como rota de fuga. Sendo assim, só lhe restava uma opção. Aguardar. Ele e Scarlet teriam de aguardar que a deusa deixasse o quarto, usar a saída da passagem, e, em seguida, aguardar o retorno dela.

Isso poderia causar tudo quanto era tipo de problemas, considerando que precisavam sair do palácio, mas Cronos não podia encontrá-los, sendo assim, deviam ficar escondidos. Scarlet precisaria dormir em breve, e isso os forçaria a permanecer ali por mais doze horas. No mínimo. Era um pouco mais de espera do que Gideon gostaria.

– Por que está fazendo isto outra vez? – perguntou uma voz feminina, vinda do quarto.

Mas Mnemosine não movera os lábios. Uma criada acabara de sair do armário.

– Sem Atlas aqui – retrucou a deusa, com um tom de voz entediado –, preciso de um amante.

Atlas, o deus Titã da força. Certa vez, o deus tentara fugir do Tártaro, e Gideon ajudara a caçar o homem e a trancafiá-lo de novo. E não fora fácil. Foram necessários seis guerreiros.

Para onde fora o deus da força?

– Mas e Cronos? – Um par de sapatos de salto alto pendia dos dedos da criada quando esta se aproximou da cama. Ela era alta e magra, com cabelo encaracolado curto e castanho lhe cobrindo a cabeça. O corpo estava coberto por um tecido azul e liso, e ela não usava uma única peça de joia que fosse. – É amante dele há apenas seis dias, e ele já a enxotou de seus aposentos por causa de um homem. Já descobriu quem é o homem?

– Ainda não, mas vou descobrir.

– Cronos está...?

– Tendo experiências com um amante masculino? Quem sabe? Também descobrirei isso e eliminarei o canalha.

A moça suspirou.

– Sua irmã jamais a perdoará por ter tomado o lugar dela ao lado do rei.

Mnemosine riu, despreocupada.

– Ah, Leto, sua tolinha. Independentemente do que eu fizer, minha irmã não me incomodará.

Ah, Gideon conhecia o nome. Leto era a deusa secundária da modéstia. Dera à luz dois dos filhos de Zeus, e Hera a odiara por isso. Hera também tentara matá-la. Daí Leto ter sido encarcerada com os Titãs e, mais tarde, provavelmente, ter ajudado Cronos a recuperar o trono.

Leto agachou-se diante de Mnemosine e amarrou os sapatos aos pés da deusa.

– Como pode ter certeza?

– Tenho uma apólice de seguro.

– Mas...

Uma Mnemosine de cara amarrada ficou de pé.

– Você está me incomodando agora. Vá embora.

O rosto de Leto ficou vermelho, mas ela ficou de pé, curvou-se e deixou o aposento.

O silêncio tomou conta do quarto quando Mnemosine avançou até o espelho de corpo inteiro logo à frente de Scarlet e Gideon e girou, admirando-se o mais demoradamente possível.

– Perfeito – sussurrou ela com evidente satisfação.

Scarlet estendeu a mão e, com o dedo, desenhrou o contorno do rosto da mulher no vidro.

– O tom que usou com Leto... Não é do feitio dela. Ela é gentil. Sempre cordial... Eu acho. Quero dizer, embora tudo no meu íntimo me diga que ela costumava me abraçar e sussurrar palavras doces no meu ouvido, no fundo da minha cabeça, posso vê-la me espezinhando.

– Suas lembranças estão ficando mais vagas?

Mais claras, ele quis dizer.

Ela entendeu.

– Estão. Quanto mais a observo, mais claras elas ficam.

Tão rápido assim? Deuses, quem dera fosse tão fácil para ele. Simplesmente pensar em algo e, bum!, estar tudo ali. Cada detalhe. Gideon queria tanto reviver cada detalhe de seus momentos com Scarlet.

– Pode se preocupar. Você não falará com ela.

– Obrigada.

Uma tristeza tão intensa irradiava dela que o peito dele começou a doer.

Tinha de haver um outro jeito de entrar naquele quarto. Ele olhou para o caminho adiante na passagem, onde localizou várias outras portas.

– Fique aqui – ordenou, tendo uma ideia.

Ele a puxou consigo. O próximo quarto estava ocupado por um casal fazendo sexo, mas o seguinte estava vazio. Gideon girou a maçaneta, e a passagem se abriu.

No interior do aposento, ele fechou a porta e observou quando o painel desapareceu em meio à parede espelhada. Em seguida, virou-se para Scarlet e pousou o dedo em riste nos lábios. Silêncio.

Ela assentiu, compreendendo.

Deixar para trás a cama de penas vazia foi difícil. Podia imaginar Scarlet em cima dele, cavalcando o membro sempre duro. Contudo, Gideon forçou-se a colocar um pé diante do outro. Tinha de manter o foco. No corredor, várias fadas passaram voando com material de limpeza. Gideon agiu como se ali fosse o lugar dele, e elas o ignoraram. Como inúmeros imortais costumavam passar pelo palácio, elas já deviam estar habituadas com estranhos.

A porta de Mini (Mnemosine era difícil demais de se pronunciar) estava fechada. Scarlet pensava lembrar-se da mulher espezinhando-a, de modo que, no que dizia respeito a Gideon, a desgraçada era uma inimiga.

Vamos acabar logo com isto. Com a mão livre, o guerreiro sacou de um punhal e invadiu o aposento. A deusa exclamou de surpresa ao voltar-se para encará-lo, uma das mãos pousando sobre o coração.

– Olá, tia M – disse Scarlet, ao lado dele.

Gideon sentiu orgulho da mulher. Havia uma determinação ferrenha no tom de voz dela.

Os olhos azuis se arregalaram.

– S-Scarlet?

– A própria.

– Como foi que chegou aqui? Sua mãe...

– Não importa. Temos perguntas, e você tem as respostas. Respostas que vai nos dar.

Mini engoliu em seco, para, em seguida, rir, trêmula.

– Sim, é claro. Eu a amo tanto. Você sabe disso. Eu faria qualquer coisa por você, justamente como fiz quando você era criança. Lembra-se?

Um instante se passou. A cabeça de Scarlet inclinou-se para o lado, e ela cerrou os lábios.

– Eu... É, eu lembro.

– Fico feliz. Agora venha até aqui e dê um abraço na sua tia favorita.

Mini abriu os braços, o próprio retrato do amor.

Scarlet avançou num ímpeto.

– Lamento tanto tê-la assustado. Juro que não vamos lhe fazer mal.

Gideon fez menção de puxá-la para trás, mas Scarlet já estava fora do alcance dele, atirando-se nos braços da tia, e o guerreiro foi forçado a assistir quando uma satisfação presunçosa tomou conta dos olhos da deusa. Sem dúvida alguma, uma desgraçada, pensou. Além do mais, o demônio dele, de repente, parecera enlouquecer. De alegria. O demônio gostava dela.

Mentirosos compulsivos costumavam provocar tal reação.

– Estou tão feliz em vê-la – prosseguiu Scarlet, esquecida.

– E eu estou tão... feliz de que esteja viva.

Mentira. Tanto ele quanto o demônio puderam reconhecer.

– Agora, fale-me do homem que me trouxe. – O olhar dela pousou em Gideon. Logo em seguida, o reconhecimento brilhou no olhar dela, seguido de choque. – O... O q-que está fazendo aqui? Com Scarlet? Que perguntas tem para me fazer?

Ele passou a língua pelos dentes. Perguntas tão reveladoras. Mini o conhecia e esperava que ele fosse ficar longe de Scarlet.

– Scarlet, diabinha – disse ele, fazendo sinal para que ela retornasse até o lado dele –, não pergunte se ela ferrou com a minha memória.

Um pânico súbito apossou-se das feições da deusa. Ela empertigou-se, estremecendo.

– Scarlet, minha querida. Gideon está sendo muito rude. E, infelizmente, ele já se portou desta maneira antes, não se portou? Mesmo você se esforçando tanto para lhe ensinar bons modos.

– Gideon – censurou Scarlet, soltando a tia e voltando-se para ele. – Como ousa tratar a minha tia favorita dessa maneira? Você sabe muito bem. Já lhe disse várias vezes para tratar a minha família com respeito.

Hein? Como disse?

Mini permanecia atrás dela, mais alta do que Scarlet e aparecendo sobre o ombro da sobrinha, mas apenas usando-a como escudo.

– Não lhe pergunte! – gritou ele.

Uma trêmula Mini pousou a mão no ombro de Scarlet.

– Scarlet, você sabe que eu a amo. Sabe que eu jamais lhe faria mal. E, agora, sabe que Gideon a usou para chegar a mim. Ele e eu já fomos amantes, e ele sempre me quis de volta. Não é verdade? Já falamos sobre isso.

Mentirosa!

E, no entanto, poder vibrava de cada uma das palavras dela, e Gideon chegou quase a acreditar que usara Scarlet para chegar até ali. Que, o tempo todo, ele quisera matar as duas, pois, se ele não pudesse ter Mini, ninguém mais teria.

Mentiras riu, um som muito alegre, e uma imagem apareceu na cabeça de Gideon. Breve e vaga, porém presente. Uma imagem de Gideon andando de um lado para o outro, planejando. E, quanto mais analisava a imagem, mais detalhes iam aparecendo. Estivera no quarto em Budapeste e...

Mais uma vez, Mentiras riu.

Odeio, odeio, odeio.

Desta vez, ele foi despertado de seus pensamentos. Se Mentiras “odiava” tanto as imagens, elas

deveriam ser fabricadas. E, se eram imagens fabricadas, Mini deve tê-las plantado. E, se Mini as plantara...

– Você me usou – acusou Scarlet, o sentimento de traição absoluta estampado nos olhos.

Será que as mesmas imagens falsas haviam aparecido na cabeça dela? É claro que tinham. Mini era mais poderosa do que ele jamais imaginara.

– Diabinha, você não tem de acreditar em mim. Eu não mataria a sua tia se você não estivesse diante dela.

Vamos, querida, saia da frente.

– Como pôde fazer isso comigo? – perguntou Scarlet. – Como pôde me usar para conquistar de volta a minha tia, depois de todo o mal que já me fez?

– Eu jamais... – Merda. Não podia dizer o que queria. Não podia falar a verdade. – Para mim, sua tia é linda. – Entenda o que estou dizendo, por favor, entenda. – Você não é a única que eu quero.

Sorrindo agora, medo dissipado, Mini afastou-se de Scarlet.

– Vou buscar ajuda, minha querida. – Apesar da expressão do rosto, o tom de voz dela ainda era triste. – Mantenha-o aqui. Custe o que custar.

– Sim.

Scarlet afastou as pernas, cerrando os punhos. Posição de ataque... e ele era o alvo.

O que diabos?

– Scar, isto não é... – começou Gideon a falar, mas, antes que pudesse proferir outra palavra, Scarlet saltou na direção dele, com intenção de matá-lo mais do que evidente ao golpear a sua garganta.

Capítulo Quinze

TRAÍDA OUTRA vez, Scarlet pensou, sombriamente. Pelo mesmo homem. E ela não podia culpá-lo por completo. Vivia permitindo que isso acontecesse porque se sentia atraída por ele. Bem, chega. Não iria matá-lo, embora parte de si soubesse que era a única maneira de, verdadeiramente, dar um fim à loucura no seu íntimo, mas Scarlet *ia* lhe dar uma tremenda surra e mantê-lo aqui até que a adorada tia retornasse.

Não estava nem aí para o que pudesse acontecer com ele depois disso.

Ela *não dava* a mínima.

Ao caírem no chão, Gideon arqueou-se para trás para evitar as unhas dela. Ele também absorveu com o corpo a maior parte do impacto. A nuca dele chegou a bater com força no piso de mármore, e ele estremeceu. Ela deve tê-lo machucado para valer, pois espirrou sangue. Para surpresa dela, o guerreiro não tentou resistir quando ela sentou no peito dele, fitando-o.

– Eu jamais deveria ter confiado em você – rosnou ela. – Confiar em você sempre destrói alguma parte da minha vida.

As mãos dele, quentes, firmes e calejadas, pousaram nas coxas de Scarlet, como se a estivesse mantendo no lugar, em vez de tentando expulsá-la.

– Aquela mulher estava dizendo a verdade. Eu fiz isso com você. Ela não. Ela não estava mentindo. Não estava manipulando as suas lembranças e inserindo histórias falsas na sua cabeça.

As palavras escaparam dos lábios dele.

Mnemosine mentir para ela? Pois sim!

– Você é o único mentiroso aqui. – Ela enterrou o punho no nariz dele, e mais sangue espirrou. – Isso é por ter se esquecido de mim – disse. Há muito tempo que vinha querendo fazer isso. Nada a deteria agora. Voltou a esmurrar-lhe o rosto. Mais sangue. – E isso é por ter abandonado o seu filho.

Pare, Pesadelos gritou no interior da cabeça dela. Não o machuque.

Decidiu acordar, não é? Bem, pode ir calando a boca!

Não o machuque. Por favor.

Defendendo o canalha?

Você é o meu demônio. Não o dele. Agora faça o que foi criado para fazer e amedronte-o. Cubra-o de aranhas.

Não.

Tudo bem. Ela o destruiria sozinha. Só que, quando ergueu o punho para desferir o terceiro soco, Gideon não se mexeu. Ele aguardou, com expressão resignada, até ansiosa e de autocensura, e então Scarlet se deteve. Ele estava permitindo que ela o machucasse, maldito seja. Scarlet tentou recuperar o fôlego. Não havia satisfação na aceitação dele. Apenas vergonha.

– Não pense nisto, diabinha.

Diabinha. A versão dele de *meu anjo* ou de *meu bem*. Não era a primeira vez que usava o termo carinhoso, e, como antes, ela sentiu um aperto no coração.

– *Você* não me chame assim. Não tem o direito de me chamar assim. – Não mais. – Além do mais, não há nada em que pensar. Você estava me usando para castigar a minha tia.

– Maldição, se você não é a criatura mais frustrante que já conheci.

– Acha mesmo? – Scarlet ficou de pé e o chutou na barriga. Sem piedade. Não podia lhe mostrar qualquer piedade. – Isso foi por ter dormido com ela. Na verdade, isso é por ter dormido com todas as suas vagabundas enquanto estava casado comigo.

Pare. Pesadelos outra vez. Desesperado. *Você deve parar.*

Sem piedade.

Não até que ele esteja morto.

O demônio vermelho brilhou nas profundezas dos olhos de Gideon.

– Não ouse me escutar, escutar o que eu estou, de fato, querendo dizer. Eu dormi com ela. Dormi. Está bem? Entendeu?

Havia algo na reinvidicação dele, algo que ela deveria estar considerando, porém, no momento, era incapaz de dar importância a pensamentos racionais. Tudo o que conseguia enxergar era o corpo nu de Gideon enroscado no da tia dela, os dois perdidos na paixão. Tudo o que conseguia escutar eram os gemidos de prazer de Gideon.

O tempo todo, ele quisera Mnemosine.

Os punhos de Scarlet cerraram-se, as unhas cortando a pele.

– Vai se arrepender de ter me conhecido. É uma verdade com a qual pode contar.

– Você não é tão teimosa – disse o guerreiro, por entre os dentes cerrados, permanecendo exatamente como estava. Imóvel, dela, para abusar. – Sempre a trairei. Não entende? Sempre. Trairei. Você.

– Eu sei.

Outro chute.

O ar explodiu da boca dele. Gideon fechou os olhos por um instante, rugas de frustração espalhando-se para tudo quanto era lado.

– Não pense a respeito – repetiu ele. – Já encontrei a sua tia milhares de vezes. Há muitos motivos para...

– Cale a boca. Não há nada para eu pensar a respeito.

Amarrando a cara, ela começou a andar de um lado para o outro ao redor do corpo imóvel do marido. Outro chute. Contudo, mais uma vez, a satisfação durou pouco.

Rosnados subitamente preencheram a cabeça dela. Pesadelos parara de implorar e agora se

contorcia de fúria.

Pare, ou eu a farei reviver a morte de Steel. Sem parar.

– Você não me conhece melhor do que qualquer um – suspirou Gideon. – *Por que* eu não haveria de precisar de você para conquistá-la de volta? *Como* poderia tocá-la se eu queria você?

As perguntas não faziam o menor sentido. Por que ele... Espere! Gideon era Mentiras, ela lembrou-se. Ele não podia falar a verdade. Tradução: por que haveria de precisar de Scarlet, e como poderia tocar em Scarlet, se queria Mnemosine? Era isso que ele, na verdade, estava perguntando.

Ela ergueu o punho cerrado.

Último aviso.

– Porque você... – Scarlet deteve-se, franzindo a testa. Boas perguntas. Ela considerou as opções dele, o demônio dela bufando, aguardando o ataque dela para desencadear uma onda de sofrimento sobre ela. Uma onda que *não* a deteria. – Porque... precisava de mim para deixá-la com ciúmes.

Sim. Era isso. A noção solidificou-se à medida que ela foi trazendo à tona as lembranças de seu tempo com Gideon.

Todas as vezes em que ele a beijara e tocara nela, estivera distante. Não fizera amor com ela, não tentara penetrá-la. Porque isso teria sido levar as coisas longe demais. É, é isso mesmo. Quanto mais ela considerava isso, mais as coisas faziam sentido. Mais *certa* a tia parecia estar.

– É, porque esse é bem o meu estilo – retrucou ele com secura.

Estilo ou não, fazia sentido.

– Seu... canalha! Eu não era boa o bastante para foder, não é? Estava poupando a sua preciosa vara para ela.

Scarlet impulsionou o punho cerrado para baixo, determinada a mergulhá-lo orelha adentro, fazendo com que o cérebro de Gideon fosse cuspidos pela outra.

Uma imagem de Steel, ferido e sangrando, morrendo, instalou-se no cérebro dela, e ela choramingou.

Em um piscar de olhos, Gideon estava sentado, agarrando-a pelos pulsos. Os olhos estreitados. Os lábios cerrados.

– Você não quer penetração? Eu não lhe darei penetração.

Com um puxão brusco, ele a girou para o chão. Antes que Scarlet pudesse protestar, rolou para cima dela, aprisionando-a com o peso do corpo musculoso.

Pesadelos removeu a odiada imagem sangrenta e gemeu.

Sim!

De jeito nenhum Gideon iria... Ah, sim. Ele iria. Ele estava mexendo na cintura da calça dela, tentando abri-la e puxá-la para baixo.

– Pare – disse ela com a respiração trêmula. O que estava acontecendo? – Pare!

Mais, o demônio de Scarlet exigiu.

O guerreiro ficou imóvel. Mas estava ofegante ao fitá-la, lembrando-a de si mesma há apenas alguns instantes. Quando estivera furiosa e enciumada e... irracional? Com certeza não. Estava pensando com clareza pela primeira vez em séculos.

– Você não pode me acusar de um bocado de coisas, Scar, e não desejá-la mais do que o próprio

ar que respiro é uma delas.

Outra tradução se fez necessária: ela podia acusá-lo de um bocado de coisas, e de desejá-la mais do que o próprio ar era uma delas. Quer dizer que... ele realmente a queria. A prova: ele não estava se contorcendo de dor.

Scarlet engoliu em seco a emoção que de repente se acumulara na garganta dela. Ele. A. Queria. Então por que a tia... Espere. Era isso que ela vinha tentando se lembrar há algum tempo. Ele tinha de falar usando mentiras ou sofreria. Violentamente. E ele dissera: *dormi com ela. Dormi*. Falando de Mnemosine. No entanto, não sentira fraqueza nem desfalecera.

Sendo assim, *tinha* de estar mentindo. Ele não dormira com a tia dela.

Isso... Isso não fazia sentido.

– Preciso pensar – disse ela baixinho.

Gideon saiu de cima dela, mas não se afastou.

Primeiro, Mnemosine o acusara de tentar deixá-la com ciúmes. Mas o que ele fizera para deixar a tia dela com ciúmes? Nada, isso sim. Ele viera até ali para encontrar Zeus e vingar Steel. Scarlet o seguira, e ele ficara verdadeiramente surpreso ao vê-la. O que significava que ele não planejara para que ela o seguisse.

Ela lhe falara da tia, e Gideon não reagira como se conhecesse a mulher. Tudo bem que podia ter sido uma mentira. Mas, por outro lado, por que teria dado um jeito de Scarlet vê-la se queria manter em segredo a relação dos dois? Tudo bem, tinha o lance do ciúme, mas ele não pusera o braço ao redor da cintura de Scarlet enquanto Mnemosine olhava. Não tentara beijar Scarlet nem seduzi-la de qualquer modo que fosse. Apenas berrara com ela, ordenando para que ela descobrisse se a tia havia mexido com a memória dele.

Foi então que Mnemosine pousara a mão quente no ombro de Scarlet e lhe contara o plano de Gideon. Isso mesmo, lhe *contara*. No instante em que Mnemosine falara, a primeira imagem de Gideon e da tia, rolando na cama, nus, aparecera na cabeça de Scarlet. A princípio, a imagem parecera vaga, contudo, quanto mais Scarlet acreditara na possibilidade, mais clara a imagem fora se tornando.

– Di-diga que deseja a minha tia – disse Scarlet, concentrando-se no homem diante de si.

Havia um brilho duro no olhar dele.

– Eu desejo a sua tia.

Nenhum indício de dor. Ele mentira.

Não ousando ter esperanças, ela disse:

– Diga que me usou para conquistá-la.

– Eu a usei para conquistá-la.

Mais uma vez, nada de dor. Outra mentira.

Scarlet fechou os olhos. Qualquer coisa para esconder o alívio que com certeza ali residia. Gideon não a traíra. *Gideon não a traíra!* Saber disso serviu, em parte, de bálsamo aliviador para o coração sofrido e, em parte, para alimentar a súbita culpa devastadora.

– Desculpe por tê-lo chutado – admitiu ela baixinho. – E por tê-lo socado. E por ter gritado com você.

Por fim, Pesadelos acalmou-se.

Lentamente, Gideon saiu por completo de cima dela.

– Você não está perdoada.

As palavras ofereciam absolvição, entretanto, não havia qualquer emoção no tom de voz dele.

Scarlet abriu os olhos apenas para ver que Gideon já se virara, oferecendo-lhe as costas. Ainda zangado? Escondendo a expressão?

– Ela é poderosa. Para me fazer acreditar na sua crueldade, e com tanta intensidade, tão depressa... – Scarlet estremeceu. – Não consigo acreditar que a mulher doce de quem me lembro fez isso comigo.

– É, ela é um verdadeiro docinho de coco. – Gideon lançou-lhe um olhar sobre o ombro ao ficar de pé. Não, não estivera escondendo a expressão. Esta era tão desprovida de emoções quanto o tom de voz dele. – E estou certo de que todas as lembranças que tem dela estão corretas.

Corretas queria dizer erradas. Cada músculo do corpo de Scarlet se retesou. Ele tinha razão. A imagem que tinha da tia não se encaixava com a mulher que acabara de encontrar. *É claro* que Mnemosine havia manipulado as percepções dela em algum momento.

Afinal de contas, oportunidade foi o que não faltara para Mnemosine. Por séculos, as duas compartilharam uma cela. Um simples toque, uma palavra e bum! A vida de Scarlet foi alterada por completo.

Bons deuses. Quantas vezes Mnemosine mexera com a cabeça dela? Quantas das lembranças dela eram falsas?

Quais lembranças eram falsas?

O ar ardeu no nariz, nos pulmões dela. De repente, Scarlet não confiava em mais *nada* do que acreditava. Nem mesmo em... O olhar agitado pousou em Gideon.

– Não precisamos sair daqui – disse ele, estendendo a mão.

Não pense nisso agora. Não pode se dar ao luxo de entrar em pânico.

Engolindo em seco, entrelaçou os dedos aos dele e permitiu que Gideon a levantasse do chão. Como antes, quando ele lhe segurara a coxa, a pele dele era quente, áspera e calejada. Capaz de deixá-la toda arrepiada.

– Já se passou tanto tempo que duvido que Mnemosine tenha ido buscar ajuda. Ela fugiu. Provavelmente está escondida. Caso contrário, os soldados já estariam aqui, apontando as armas para nós.

Gideon deu de ombros.

– Seguro não morreu de velho.

– Não podemos ir embora. Temos de encontrá-la. Preciso... falar com ela, descobrir de que outras mentiras ela me convenceu.

Decidido, Gideon sacudiu a cabeça.

– O que Zeus fez...

– Pode ser uma mentira.

Levando a mão livre à boca, Scarlet deixou escapar uma exclamação de surpresa ao se dar conta disso. Talvez Zeus não tivesse matado Steel. Talvez outra pessoa o fizera. Ou talvez Steel jamais

tivesse sido morto. Talvez ainda estivesse vivo. Talvez estivesse por aí, aguardando que ela o encontrasse.

A esperança brotou no íntimo dela, preenchendo-a com uma alegria que não sentia desde a última vez em que tivera Steel nos braços.

– Temos de invocar Cronos. – Ela agarrou Gideon pela camisa. – Temos de descobrir se ele sabe alguma coisa a respeito de Steel.

A expressão dele suavizou, e ele levou as mãos ao rosto de Scarlet.

– Scar, diabinha...

Diabinha. Mais uma vez, a forma de tratamento carinhosa. Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido nos lábios dele. Lábios que ainda estavam inchados por ter encontrado o punho cerrado dela. Lábios cujo piercing estava faltando. Será que ela o arrancara?

– Por favor. Eu acho... Eu espero... E se ele ainda estiver vivo, Gideon? E se o nosso filho ainda estiver por aí?

Ele abriu a boca. Para protestar? Depois sacudiu a cabeça com violência, escamas reluzindo sob a pele, um rosto esquelético cobrindo as feições duras como se fosse uma máscara.

– Ah, doce luz do sol e rosas – murmurou, soltando-a para arrancar o colar do pescoço, enfiando a corrente no bolso.

Puxa. Essa fora a pior praga que ela já o escutara proferir.

– Cron! – gritou ele, erguendo o punho cerrado. – Não quero falar com você.

Um instante se passou em silêncio. Scarlet mal podia se conter. Os nervos estavam à flor da pele. Sabia que não aguentaria por muito mais tempo. Logo começaria a bramir ameaças. Desmembramento, a remoção do órgão sexual do rei dos deuses.

– Cron!

– Tenha modos, Mentiras. Tenha modos. Você está na minha casa. Você não exige a minha presença. Você a solicita gentilmente.

A voz veio de trás deles, e os dois se voltaram ao mesmo tempo. Cronos estava empoleirado na beirada da cama, os lábios retorcidos em uma careta de desagrado.

E quem dava a mínima para o desagrado dele? O importante é que ele estava ali. Os ombros de Scarlet descaíram de alívio. Respostas estavam ao alcance dela, a esperança era uma entidade viva em seu íntimo.

– Não agradeço por vir – disse Gideon, curvando a cabeça em sinal de respeito.

Ele jamais fizera isso antes, e Scarlet sabia que só o fazia agora por causa dela. Porque ela estava desesperada, e ele não queria correr riscos.

O gelo voltou a se derreter.

– Ora, ora – disse Cronos, passando os olhos pelo guerreiro dela. – Vejo que recuperamos nossas forças. Não esperava que se recobrasse tão depressa. Mas o que está fazendo no quarto de Leto?

Amenidades? Agora?

– Deixe que eu falo – disse Scarlet para Gideon antes de voltar-se para o soberano. Conhecendo-o como conhecia, sabia que não poderia simplesmente ir direto às suas exigências. – Descobrimos

algo desconcertante a respeito de Mnemosine. Ela...

– O. Que. Está. Fazendo. No. Quarto. De. Leto? – voltou a perguntar Cronos, a atenção dele jamais se desviando de Gideon.

Argh.

– Sua amante estava aqui. Queríamos falar com ela.

Uma das sobancelhas escuras se ergueu. Mas foi só isso. A única reação às palavras dela. Maldito seja! Por séculos, ele tentara matá-la. Após a maldição do envelhecimento ter sido lançada, decidira ignorá-la, fingir que ela não existia. Afinal de contas, Scarlet não passava de um constrangimento para ele. Prova de que a mulher o traía.

Como se ele pudesse falar de alguém. A amante dele era a irmã da esposa.

Gideon suspirou, e havia um quê de fúria no gesto. Por causa dela? O sentimento de culpa retornou. Jamais deveria tê-lo socado. Pelo menos, não tantas vezes.

– Sua amante não estava aqui.

– Qual delas? – indagou o soberano, impassível.

Quantas será que ele tinha?

– Não foi Mnemosine – respondeu Gideon.

Uma cortina desceu sobre as feições de Cronos, ocultando as emoções dele.

– E?

– E ela não tentou foder com a memória de Scarlet.

– E? – voltou a perguntar o deus.

– E nós não queremos falar com ela.

Cronos inclinou a cabeça para o lado ao analisar Gideon.

– Ela veio até mim. Contou-me que estavam aqui. Tentou me convencer de que estavam aqui para me matar, mas o que ela ainda não percebeu é que os truques dela não funcionam comigo. No momento, ela está trancada no meu quarto, enquanto tento descobrir qual é o jogo dela.

– Deixe-me ajudá-lo com isso – ofereceu Scarlet, determinada.

Tinha algumas ideias de como extrair informações da tia. Envolvia agulhas. Martelos também.

Mais uma vez, Cronos a ignorou.

– Quero que Segredos a interrogue, mas, no momento, ele está em um lugar além do meu alcance.

– E espera que eu não vá buscá-lo para você? – perguntou Gideon.

– Espero que retorne à sua fortaleza e que me chame no instante em que ele retornar. *Esse é o favor que espero de você como pagamento pelo tempo que passou no meu palácio.*

Um músculo se retraiu na mandíbula de Gideon. Na dela também. A “exigência” que Rhea fizera para Scarlet era que ela *impedisse* Gideon de invocar Cronos quando Amun retornasse, e ela quase rugiu de frustração. Se achar Amun era o único modo de obter informações a respeito de Steel, ela não impediria Gideon. Independentemente do que quer que tivesse prometido à mãe.

Independentemente do que isso pudesse lhe custar.

Já escutara histórias sobre o que acontecia com aqueles que quebravam promessas feitas a imortais, e tais histórias jamais tinham final feliz. O mentiroso era sempre prejudicado, amaldiçoado,

e a morte era sempre o resultado final.

A ideia de morrer antes de ter o filho novamente nos braços não a agradava.

Talvez *ela* pudesse invocar Cronos, pensou em seguida, sorrindo. Olá, brecha. Porém, o sorriso rapidamente desapareceu. E se o rei a ignorasse? E se a mãe considerasse que ela *ainda* quebrara a promessa feita?

– Está se sentindo bem? – sussurrou Gideon no ouvido dela, chamando-lhe a atenção.

Bem. Queria dizer mal.

– Estou bem – respondeu ela. Ele deve ter ficado preocupado com a distração dela. – Obrigada.

– Se Mnemosine está ajudando Rhea – disse Cronos –, deve ser destruída. Se não estiver... – Ele deu de ombros. – Ainda não me cansei dela nem do modo como ela incomoda a minha esposa. De qualquer modo, não acho que vou permitir que falem com ela.

Scarlet teve de resistir à vontade de adiantar-se e esmurrar Cronos. De quebrar o nariz dele, os dentes e de apresentar a virilha dele ao joelho dela. Várias vezes. Gideon deve ter pressentido o rumo tomado pelos pensamentos dela, pois entrelaçou os dedos aos dela e apertou. Para consolá-la?

– Não tenha dúvidas – disse ela em tom duro. – Eu vou confrontar a minha tia. E, se ela mentiu a respeito da morte do meu filho, vou matá-la, independentemente de Mnemosine tê-lo traído ou não. Quer a queira viva ou não.

Cronos a fitou com incredulidade, olhando para ela pela primeira vez desde que adentrara o aposento.

– Seu filho? – O olhar dele retornou para Gideon. – Do que ela está falando?

– De Steel, maldito seja – gritou Scarlet. – Há alguma chance de que ele ainda esteja vivo?

Silêncio. Um silêncio denso e indesejado que a envolveu como uma cobra, pronta para picá-la, para envenená-la.

E em seguida:

– Scarlet – disse o soberano com um tom surpreendentemente gentil. – Ficamos trancafiados na mesma cela desde o momento do seu nascimento até enfim conseguirmos fugir. Você jamais deu à luz. Jamais esteve grávida.

Capítulo Dezesseis

FOI A primeira vez que Gideon viu Cronos exibir qualquer tipo de compaixão. E isso por uma mulher que ele odiava... Bem, Gideon agora podia perdoá-lo pelo modo como ele tratara Scarlet antes, ignorando-a como fizera. No entanto, Gideon desejou não haver motivo para tal compaixão.

Você jamais esteve grávida. As palavras, embora dirigidas a Scarlet, atingiram Gideon, e ele soube. Soube a *verdade*. Cronos só falava a verdade. O que significava apenas uma coisa. Não fora a memória de Gideon que sofrera alterações. Fora a de Scarlet.

Não era à toa que Mentiras gostava tanto dela, no entanto, não fora capaz de determinar se ela falava ou não a verdade. Ela estava vivendo uma mentira. Jamais haviam tido um filho. Provavelmente nem sequer foram casados.

O que era uma droga. Gideon já se acostumara a pensar em Scarlet como esposa dele.

Contudo, talvez *houvessem* se casado. Em segredo, como ela dissera. Afinal de contas, da primeira vez que a vira, quando ela lhe dissera que haviam sido casados, imagens dela apareceram na mente dele. Imagens dos dois nus e suados, rumo ao clímax. Pensara que tais imagens fossem lembranças. E, sim, elas podem muito bem ter sido.

Porque a verdade era que também a vira em sonhos. *Antes* de terem se encontrado. Isso tinha de significar alguma coisa, não tinha?

Quanto a Steel, todavia, ele não vislumbrara imagens do filho. Nem mesmo uma. Isso também tinha de significar alguma coisa. E, no entanto, não tinha de se questionar sobre o que sentia pelo menino. Agora que a fúria referente ao suposto tratamento do jovem desaparecera, ele se dava conta de que possuía uma fagulha de amor pelo que poderia ter sido. Ele realmente lamentava a morte do garoto.

E se ele sofria ao apenas vislumbrar o menino uma vez, um vislumbre oferecido por Scarlet, o quão pior *ela* deveria estar se sentindo? Na mente dela, ela o vira crescer.

O olhar de Scarlet se alternava entre o rei dos deuses e Gideon. Ela estava sacudindo a cabeça com violência, tremendo, com dificuldade para respirar. O coração dele, na verdade, saltava dentro do peito, batendo nas costelas. Gideon detestava vê-la daquele jeito. Tão arrasada e vulnerável.

– Você está enganado. Tem de estar enganado. Eu segurei o meu filho. Eu o *amei*.

A última parte fora proferida com fúria, como se desafiando o soberano a contradizê-la.

Franzindo a testa, Cronos levantou-se da cama.

– Há olhos e ouvidos demais por aqui.

Ele agitou a mão, e o aposento simplesmente desapareceu, sendo substituído por uma vasta extensão de nuvens e névoa. Branco. O ar era fresco, perfumado com a doce fragrância da ambrosia, a droga preferida dos imortais.

Gideon inspirou profundamente, saboreando este momento de calma antes da tempestade que estava por vir. A névoa começou a se dissipar, e ele viu que estavam no meio de um campo de ambrósia, as compridas videiras floridas erguendo-se do chão, as flores rosadas voltadas para o sol brilhante.

Sol. Brilhando. A atenção dele voltou-se bruscamente para Scarlet. Esperava encontrá-la caída de joelhos, os olhos se fechando, à medida que o sono a dominava, mas ela permanecia de pé. Acordada. Nem sequer estava bocejando.

Como?

– Esta é uma dimensão onde a noite e o dia são um só – explicou Cronos, como se houvesse lido os pensamentos de Gideon.

Diabos, provavelmente lera mesmo. Alguns imortais eram capazes de fazê-lo. Gideon sabia que Amun era um deles.

Não se incomodava quando Amun o fazia. Com Cronos, no entanto, a história era outra. O que estava sentindo por Scarlet e Steel era particular. Era dele. Não queria compartilhar. Não porque as emoções mais delicadas que se apossavam dele o constrangessem, mas porque as queria para si em toda a sua totalidade. Reais ou não.

Não importava agora. A mulher dele era tudo o que importava.

Ele envolveu a cintura de Scarlet com os braços, com a intenção de consolá-la, mas ela o empurrou para longe, ainda sacudindo a cabeça, tremendo com mais violência.

– Meu filho era real. Meu filho *é* real.

– Na sua cabeça talvez. – Cronos girou nos calcanhares e seguiu em frente, forçando Gideon e Scarlet a irem atrás dele. Os dedos dele roçaram nas pontas das videiras quando disse: – Deixe-me explicar como Mnemosine trabalha. Ela pousa a mão em você, pois o contato aumenta o poder das sugestões. Ela lhe diz algo. Se é algo que você deseja, sua mente aceita a sugestão com mais facilidade. Caso contrário, ela diz outra coisa, e mais outra coisa, até ter pintado o quadro na sua mente.

Scarlet tropeçou em uma videira, e Gideon a agarrou pela camiseta, ajudando-a a recuperar o equilíbrio e a ficar de pé. Ela não pareceu notar, apenas seguiu em frente, permanecendo próxima a Cronos, atenta a cada palavra.

Deuses, como ela era linda sob a luz do sol. Mesmo tomada de tristeza e confusão, parecia absorver os raios do sol e brilhar.

– Entende agora? – perguntou Cronos.

– Não. Os métodos dela nada explicam – retrucou Scarlet. – Conheço todos os detalhes da vida de Steel. *Todos* os detalhes. Minha tia não poderia ter criado um quadro tão complexo.

– Poderia e, obviamente, o fez. Assim que Mnemosine oferece uma sugestão, a semente da lembrança é plantada. Quanto mais pensa na semente, mais ela é regada, e mais ela cresce. À medida

que ela vai crescendo, a sua própria mente começa a preencher as lacunas, por assim dizer, tornando a lembrança plausível. Tornando-a tão real para você, como se, de fato, houvesse acontecido.

Gideon manteve o olhar fixo no interminável mar de verde e rosa diante de si. Não ousava olhar para Scarlet. Ela era a mulher mais forte, ou melhor, a pessoa mais forte que ele já conhecera, mas duvidava que mesmo ela fosse capaz de suportar notícias tão devastadoras sem ruir. Uma ruína que ela não gostaria que ninguém testemunhasse.

– Eu... eu...

A voz dela tremia. Estava tomada por uma agonia tão avassaladora como ele jamais vira igual. Para ela, deveria ser como assistir novamente à morte de Steel, impotente para salvá-lo.

Naquele instante, Gideon teria, de bom grado, morrido para dar vida ao menino.

– Não posso falar sobre Steel agora – disse ela com um tom de voz trágico que se comparava ao de Cameo, guardião do demônio da Infelicidade. – Apenas me diga se Gideon e eu fomos... fomos...

Lentamente, bem lentamente, Cronos sacudiu a cabeça.

– Vocês não foram.

Mentiras rugiu, com furiosa incredulidade.

Gideon bufou de decepção. Ele desejava Scarlet mais do que já desejara qualquer outra e gostava de tê-la consigo. Mais do que tudo, adorava saber que ela pertencia a ele, e a nenhum outro homem.

Talvez... talvez se casasse com ela agora. Para valer, desta vez. No mínimo, era algo que valia a pena considerar. Porque, maldição, *detestava* a ideia de ficar sem ela.

Não, Mentiras disse. *Não*. Sim, sim.

– Por que Mnemosine não faria algo assim? – Gideon indagou.

Ele ficou surpreso com a aspereza da própria voz, como se a garganta houvesse sido lixada.

Cronos suspirou.

– Posso adivinhar. A mãe de Scarlet. Pouco depois de Rhea e eu termos sido amaldiçoados com um feitiço de envelhecimento, Scarlet inesperadamente começou a ficar feliz. Não porque estávamos envelhecendo, ela mal parecia notar isso, mas porque era óbvio que ela tinha um segredo. Pensando bem, percebo que Mnemosine deve ter começado a tecer tais lembranças de você a pedido de Rhea, para castigar a filha pelo feitiço. Entenda, cada vez que Rhea tentava matá-la, a rainha envelhecia.

E se a rainha se parecia com Cronos quando deixaram o Tártaro, ela tentara muitas, muitas vezes dar cabo da doce Scarlet. Como já deixara claro, Gideon não se opunha a matar mulheres e acrescentou o nome de Rhea à sua lista de quem merecia morrer dolorosamente.

– As irmãs haviam notado como Scarlet o observava – prosseguiu o soberano. – Todo mundo notara. Havia verdadeiro anseio no olhar dela. Foi por isso que, tenho certeza, foi tão fácil para Mnemosine plantar a sugestão de um casamento entre vocês, quando, na verdade, os dois nem sequer haviam falado um com o outro.

– Ah, deuses – exclamou Scarlet, cobrindo a boca com as mãos. O olhar horrorizado pousou sobre Gideon. – Eu... eu...

Ela o desejava, mesmo então, e saber disso o encheu de orgulho. Mas Scarlet não gostou que ele soubesse, isso ficou bem claro, e Gideon descobriu que queria tranquilizá-la, mesmo com relação a isso.

Ele se deteve, agarrou-a pelos ombros e a sacudiu.

– Não se lembre de que, mesmo antes de conhecê-la, eu a via na minha mente. Não se lembre de que eu até me tatuei com os seus olhos, que fiz a mesma tatuagem que você tem. Talvez tenhamos nos casado, e talvez tenhamos nos conhecido, mas eu também não a notei.

Entenda-me, meu bem. Mesmo então, eu a desejava.

Contudo, à medida que falava, várias perguntas foram chamando a atenção dele. Como ele soubera a respeito da tatuagem? Como a vira antes de, de fato, encontrar a mulher? Será que houvera algum tipo de conexão entre eles? Será que ela lhe invadira os sonhos sem que Gideon soubesse?

Scarlet começou a relaxar, assentir, mas então estremeceu, tentando se libertar dos braços dele. Um frio glacial se apossou dos olhos dela.

– Após o nosso... casamento de mentira, eu costumava entrar nos seus sonhos. Todas as noites. Eu não usava o meu demônio contra você, mas costumava visitá-lo. Deve ser assim que você me viu.

Bem, outra pergunta respondida. E, mais uma vez, Gideon não gostou da resposta. Scarlet também não. O horror dela apenas aumentara.

– Você não me quis na prisão – disse ela, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Nem sequer me notava naquela época.

Aquelas lágrimas quase o fizeram ficar de joelhos.

– Diabinha.

Ele estendeu as mãos na tentativa de forçá-la a aceitar o abraço dele. Ele a consolaria, maldição. Talvez não a houvesse notado na época, mas a notava agora.

Ela tratou de ficar fora do alcance dele, e várias lágrimas pingaram na mão do guerreiro.

– Eu o odiei. Durante tanto tempo, eu o odiei por me abandonar. Até o culpei pela morte de Steel e quis castigá-lo. *Sonhei* em castigá-lo. Depois entrei na sua vida e, de fato, o machuquei. Nos seus sonhos, o presenteei com o seu maior medo. E fiquei satisfeita. Gostei de tê-lo feito. Gostei de machucá-lo. Depois, hoje, eu o esmurrei novamente. No entanto, você nada fizera de errado. Você jamais fez algo de errado.

Ela se engasgou com a última palavra, soluçando com os trêmulos lábios entreabertos.

– Diabinha, você fez tudo errado. Culpe a si mesma. Eu não teria feito o mesmo.

Por favor, compreenda.

Jamais fora tão importante que uma pessoa entendesse o que ele estava, de fato, dizendo.

Sacudindo a cabeça, ela enxugou as lágrimas que ainda rolavam com as costas da mão.

– Eu sinto muito. Você jamais saberá o quanto eu sinto por tudo que lhe fiz. Eu... Eu... Eu tenho de ir. Mande-me para casa. Por favor.

O olhar dela voltou-se para Cronos. Ou melhor, para onde Cronos havia estado.

Mas não conseguiu avistar o rei dos deuses em lugar algum.

– Cronos. Cronos!

No instante seguinte, os campos desapareceram e paredes de pedra acinzentada os cercaram. Gideon olhou ao redor. Deu-se conta de que estava no quarto dele. No quarto em Budapeste. O luar entrava pela janela, iluminando a mobília. Ali estava a cama baixa, com a colcha branca e marrom. As mesinhas de cabeceira de cerejeira, uma com um abajur vermelho e a outra com uma tigela de

bombons. As estantes, a poltrona de couro. A cômoda. O armário mais entupido de armas do que de roupas. A porta que levava ao banheiro.

Em casa. Estava em casa. Mas não parecia ser um lar sem Scarlet. Onde ela estava? Será que Cronos a abandonara naquele campo? Sozinha com o próprio sofrimento? Ele rugiu, como Mentiras havia feito antes, furioso, impotente, desesperado. Ele ia...

Calma.

Scarlet apareceu no centro do aposento, e Gideon suspirou aliviado. Só que...

As lágrimas haviam desaparecido. O horror e a dor de Scarlet não estavam mais ali. O rosto dela era uma tela em branco, completamente desprovido de emoção.

– Scar – disse ele.

Ela o encarou e ergueu uma das mãos.

– Eu lhe desejo uma vida segura e feliz. Nada mais precisa ser dito.

Scarlet tentou passar por ele, mas Gideon a segurou pelo braço, detendo-a.

– Aonde você não vai?

– Embora.

De jeito nenhum. Gideon a conhecia, sabia que ela planejava castigar a mãe e a tia pelo que haviam feito com ela.

– Nós a beijaremos juntos. – Mataremos juntos. – Não?

– Não. – Algo no olhar dela endureceu. Como um líquido se resfriando e se solidificando em aço. Entretanto, como no restante dela, era impossível enxergar qualquer emoção. – *Eu* cuidarei de minha mãe e de minha tia.

Apertando-lhe o braço com mais força, ele a puxou de encontro ao corpo inflexível. Ela chocou-se contra ele com um suspiro, mas recusou-se a fitá-lo. O olhar dela permaneceu fixo na pulsação acelerada na base do pescoço dele.

Gideon se deu conta de que estava ofegante. Ela tinha o perfume dos campos de ambrósia e irradiava calor.

– Você deve ter me escutado direito. Nós a beijaremos *juntos*.

Por fim, o olhar de Scarlet se ergueu. Os cílios estavam semicerrados, mas ele podia enxergar a escuridão das íris. Riscos vermelhos reluziam a cada poucos segundos, como se o demônio dela estivesse pronto para se libertar.

– Antes de matar minha tia, quero que ela remova essas lembranças. Todas elas. Quero começar do zero, passar uma esponja no passado. Porque, neste momento, não faço ideia do que seja real e do que seja mentira. Eu não sei, e isto está me matando. Será que consegue entender? Está me *matando*.

A fúria dele foi desaparecendo, e ele beijou a testa dela.

– Eu não sinto muito. Não sinto tanto, diabinha. Mas não vou ajudar você a matá-la.

Quanto à outra coisa, bem, Gideon preferia morrer a permitir que as lembranças que Scarlet tinha dele fossem removidas.

Um tremor percorreu o corpo dela, e Scarlet engoliu em seco.

– Como pode querer me ajudar depois de tudo que lhe fiz?

– Eu não... gosto de você. Também não sinto saudades dele.

Ele não precisou se estender em explicações. Scarlet sabia de quem Gideon estava falando. Mais uma vez, os olhos dela se encheram de lágrimas. Ele jamais pensou que ficaria feliz em ver uma mulher chorando, mas era bem mais fácil lidar com a tristeza dela do que com a esterilidade emocional.

– Ele não era real – sussurrou Scarlet, as mãos agarrando a camisa de Gideon e retorcendo-a.

– Tem razão. Ele não era.

– Eu sei... espere. O quê?

Ela piscou os olhos de surpresa. O guerreiro só podia falar mentiras, sendo assim, o que disse deveria tê-lo derrubado. Mas ele estava de pé ali, ainda forte. O que queria dizer que Gideon *mentira*. Steel *era* real. Para eles dois, nos corações deles, ele era.

– Nós não as faremos pagar por isto, diabinha. Só preciso que... não confie em mim.

Confie em mim, por favor.

– Elas me manipularam – disse ela, o frio que ele vira nos olhos dela passando para a voz. – Riram de mim durante todos esses anos. Por quê? O que foi que eu fiz para elas?

– Não são monstros. – Elas eram. Maiores do que qualquer demônio que ele já encontrara. – Teve tudo a ver com você. – *Nada* a ver com a querida Scarlet dele. Com a mão livre, não ousava largá-la com a outra, passou os dedos pelo cabelo dela, oferecendo todo o consolo de que era capaz. – No entanto, elas não acertaram em uma coisa. No que me diz respeito, nós não somos casados de fato.

Ela franziu a testa, mas a frieza a estava abandonando...

– Está dizendo que nos considera casados?

Em vez de tentar explicar com o jeito peculiar de falar, Gideon assentiu.

– Diabos, não – disse ela com veemência, batendo com um punho cerrado no peito dele. – Não.

Não era a reação que ele estava esperando. Nem a que desejava. As palavras haviam saído por si só. De maneira natural, com sinceridade. Ele a *teria*.

– Nós dois? – prosseguiu Scarlet. – Acabou. Estamos acabados. Não que algum dia houvéssemos começado.

Não era bem assim.

– Tem razão.

Os olhos dela estreitaram-se ainda mais, os cílios quase se fundindo uns aos outros. Desta vez, ele não conseguiu ver as íris.

– Agora escute bem o que vou dizer. Demos sorte de escapar de um compromisso eterno. Somos terríveis um para o outro. Completamente errados. – Ela riu com amargura. – Não é à toa que você não me notou na primeira noite que tentei falar com você.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

Que noite?

– Você estava em uma boate. E traçou uma mulher humana em um canto escuro, onde qualquer um poderia vê-los.

Outrora, aquele tipo de coisa era uma constante na vida dele. Gideon não deveria ter sido capaz de isolar uma única noite na lembrança e saber, *saber* que ela estivera lá. Mas ele era capaz. E o fez.

Uma noite como qualquer outra, em que álcool e sexo eram o foco. Houvera uma densa nuvem de escuridão perto da mesa dele, que os olhos não haviam sido capazes de penetrar. Ele imaginara que os excessos tivessem lhe afetado a mente. Em especial quando o perfume de orquídeas lhe penetrara as narinas. Em especial quando Mentiras tentara saltar para fora da cabeça dele. Em especial quando a vara dele tinha...

– Não a pressenti – disse ele. – Não possuí outra mulher achando que *ela* fosse responsável pelo desejo que eu sentia, quando, na verdade, era mesmo.

Não era.

– Eu... eu... Ainda assim. – O rosto dela enrubesceu. – Ainda somos errados um para o outro.

– Está certa novamente.

E, de repente, tudo em que Gideon conseguia pensar eram as palavras dela, um pouco antes, sobre a possibilidade de ele não desejá-la, pois jamais tentara penetrá-la.

Era no que dava mostrar consideração por ela. Dar-lhe espaço.

Bem, chega de consideração. Ele tomaria o que queria. *Tudo* o que queria. Ia possuir esta mulher, e ela ia aceitá-lo. Ela ia admitir que o lugar deles era um ao lado do outro. Que *eram* perfeitos um para o outro. Todo o resto poderia ser discutido mais tarde.

Mas o que havia a ser discutido? Ela o divertia, o intrigava, incendiava-lhe o sangue. Scarlet jamais recuava e não temia qualquer parte dele. Nem mesmo o demônio dele. Ela estava à altura de todos os desafios. Provavelmente era mais forte do que ele.

Mais do que isso, naquele instante, ambos precisavam de consolo, e só havia um modo de obter isso. Na cama.

Gideon apoiou ambas as mãos na cintura de Scarlet e a empurrou para cima da cama. Ela quicou no colchão, mas, quando enfim parou, não fez menção de se levantar da cama. Ela o fitou, confusa.

– O que está fazendo?

– Terminando isto – disse ele, avançando na direção dela.

Enfim, estava começando.

Capítulo Dezessete

VENCER, VENCER, vencer. Precisa vencer.

– Eu sei.

O suor escorria pelo rosto e peito de Strider quando ele dobrou a esquina, reduziu o ritmo da corrida para uma caminhada acelerada e se escondeu nas sombras projetadas por uma enorme coluna. Graças aos deuses, havia uma multidão de curiosos, cada um deles olhando os altíssimos restos brancos do Templo de Vesta e tirando fotos para sempre recordar o momento, de modo que ele foi capaz de se misturar. Bem, meio que se misturar. Era mais alto do que todos ao redor e muito mais musculoso.

Ele também teria gostado de admirar a cena. Afinal de contas, ajudara a construir o templo... *depois* de ter ajudado a destruir o que havia sido erguido antes dele. Não que jamais houvesse recebido crédito pelo trabalho. Não que quisesse receber o crédito.

Bons atos podiam arruinar a reputação de um homem. Porque, com sinceridade, um guerreiro sensível jamais provocaria medo nos corações dos Caçadores.

E, às vezes, medo era a única coisa capaz de mantê-los longe.

Há milhares de anos que vinha combatendo-os. Nos dias de outrora, eles o haviam seguido de cidade para cidade, deixando sangue, gritos e morte no rastro deles. Construções haviam sido derrubadas, a história, prejudicada. Ele e os outros haviam retaliado com tanta selvageria, com tanta brutalidade, que ele pensara ter exterminado a todos. Vários anos de paz se seguiram, tempo muito aproveitado pelos demônios dele, deleitando-se com a vitória, mas, é claro, os sobreviventes escondidos um dia esqueceram o medo e voltaram a se erguer. Voltaram a atacar. A guerra foi retomada, como se jamais houvesse sido interrompida.

Ele deveria ter sabido que uma nova safra de Caçadores o seguiria *de volta* para Roma.

Porém, mais uma vez, pensara ter destruído as forças deles, pois cada soldado cercando a fortaleza fora apresentado ao punhal dele. Intimamente. Não sobrara ninguém.

Deveria ter aprendido com o passado. Deveria ter sabido que outros estariam escondidos, aguardando.

Vencer, vencer, vencer, o demônio da Derrota cantarolava no interior da cabeça dele. Precisa vencer.

– Eu sei, droga.

Contudo, o Manto da Invisibilidade atualmente estava com ele. Strider não podia arriscar ser ferido, e imobilizado, em uma luta. E, se ao menos pudesse ficar sozinho por um instante, poderia vestir o maldito manto e desaparecer.

A única coisa que o impedia de usar o treco agora era a possibilidade de que os Caçadores ao encalço dele não soubessem que o manto estava com ele. Não havia motivo para mostrar-lhes e alimentar-lhes ainda mais a determinação.

Tentou ser gentil com os humanos ao forçar a passagem por entre eles. Alguns resmungavam a respeito da grosseria dele, outros viravam-se para gritar com ele, apenas para fechar as bocas ao avistá-lo. Sombria como deveria estar a expressão dele, provavelmente devia parecer pronto para matar alguém.

Nada mais adequado. Estava mesmo.

Será que os Caçadores haviam encontrado Lucien e Anya aonde quer que fora o casal? Será que encontraram Reyes e Danika? Logo, assim que estivesse a salvo, ligaria para eles, alertando-os de que o inimigo podia estar por perto.

As solas das botas ecoavam sobre as ruas pavimentadas da praça pública. Pássaros protestaram e levantaram voo. A luz do sol refletiu no chão, e ele precisou piscar rapidamente para lubrificar as córneas que ardiam. Se pudesse percorrer mais alguns quarteirões, alcançaria o Aedes Divi Iuli. Poderia desaparecer nas ruínas, algo que os Caçadores que o perseguiram não conseguiriam fazer.

Pelo menos, ele achava que não. Conhecia esta área, pois já havia morado ali. Eles não.

Pop. Zip.

Silenciadores.

– Merda!

No instante em que a praga deixou os lábios dele, uma forte ardência espalhou-se por trás do ombro. Acompanhando a ardência, veio a sensação de um líquido quente escorrendo. Fora atingido. Já fora baleado tantas vezes no passado que conhecia bem a sensação.

Merda! Merda!

Vencer. Vencer!

– Eu vencerei.

Talvez devesse ter fugido para os Estados Unidos. Multidões maiores, território maior. Mais fácil de desaparecer. Mas quisera conversar com os Impronunciáveis. Ver se poderia convencê-los a mudar os termos do acordo deles. Tipo, em vez de lhes trazer a cabeça de Cronos, libertá-los, e provavelmente colocar o mundo todo em perigo, talvez eles se satisfizessem em governar a sua própria dimensão ou coisa parecida. Caso ele conseguisse que concordassem, poderia procurar Cronos e apresentar a opção.

Por sorte, notara que estava sendo seguido *antes* de alcançar o templo e seguira para o Fórum Romano. O estrago que poderia ter causado se inadvertidamente houvesse permitido que o inimigo escutasse os planos dele era... enorme.

VENCER!

– Dê-me um minuto.

O que fazer, o que fazer? Ele estava usando o maldito colar de borboleta, de modo que Cronos

não sabia onde ele estava, nem o que estava acontecendo. O que significava que Cronos não ia aparecer para salvar o dia. E Strider não podia tirar o colar, pois *Rhea* poderia aparecer para *arruinar* o dia.

Pop. Zip.

Outra picada dolorida, desta vez, na panturrilha. Ele cambaleou, mas continuou andando.

Vencer.

– Já lhe disse que estou providenciando isso.

Tudo indicava que, tendo um momento sozinho ou não, teria de usar o Manto da Invisibilidade.

Strider enfiou a mão trêmula no bolso das calças e retirou de lá o pequeno quadrado de tecido cinza. Ficava surpreso cada vez que via a coisa. Como um artefato tão poderoso podia vir em um embrulho tão pequenino?

Alguém se colocou no caminho dele, e Strider simplesmente forçou a passagem, quase atropelando-o. Outro *pop* e *zip* ecoaram. Os humanos podiam não reconhecer o som abafado, mas reconheceram o perigo e correram para se abrigar.

Strider girou para a direita, no exato instante em que uma bala passou por ele. Nuvens de poeira o envolveram e entulho choveu ao redor.

Derrota ria como uma criança que acabara de abrir o presente de Natal antes da hora e descobrira que ganhara exatamente o que pedira a Papai Noel.

Vencendo!

Acelerando o passo, ele lançou um olhar sobre o ombro. Havia quatro Caçadores, três homens e uma mulher, correndo atrás dele, espalhando-se para cercá-lo por todos os lados, zigue-zagueando por entre a multidão como se já houvessem feito isso milhares de vezes.

Um plano começou a se formar na mente de Strider, e ele sorriu. No fim das contas, não precisaria do Aedes Divi Iuli. Dobrou a próxima esquina como se os pés estivessem em trilhos e abriu a capa com uma sacudidela. Quanto mais a sacudia, mais o manto se desdobrava. Quanto mais ele se desdobrava, maior ficava. Logo, ficou grande o suficiente para lhe cobrir todo o corpo.

– Vocês viram aquilo? Ele está com o manto! – gritou um dos homens.

– Matem-no!

– Sem piedade!

Vencer, vencer, vencer.

Mais *pops*, mais *zips*. Tantos que ele nem conseguia contar. Algumas semanas atrás, os Caçadores teriam feito de tudo para mantê-lo vivo. Capturá-lo, sim, mas também garantir a sobrevivência dele. Temiam libertar o demônio dele e soltar o mal em um mundo que de nada desconfiava. Só que Galen havia encontrado um modo de juntar os demônios libertados com novos hospedeiros. O plano dele? Uni-los a pessoas da escolha dele. Humanos que seguiriam cada comando dele.

Uma bala alojou-se na lombar de Strider, outra na coxa. Merda. Neste ritmo, sangraria até a morte antes mesmo de envolver os ombros com a capa.

Vencer, vencer, vencer.

Não passava de um choramingo agora, dolorido e inseguro. Uma dor que irradiava pelo corpo

de Strider.

– Não desista ainda – murmurou ele. – Prometo que a situação está sob controle.

Com ambos os braços tremendo, ele deu um jeito de se enrolar na capa e cobrir a cabeça com o capuz. No instante seguinte, o corpo dele desapareceu de vista, e ele mesmo era incapaz de vê-lo. O que era estranho.

Saltou para longe do caminho que vinha seguindo, desacelerou e virou-se. Os Caçadores também desaceleraram, cada um deles vasculhando a multidão que se dissipava atrás de algum sinal dele. Antes, haviam se afastado um dos outros, mas, agora, tentavam reduzir a distância que os separava.

– Onde ele foi? – perguntou um deles.

– Ele usou a capa. Maldição! Jamais o encontraremos.

– Acham que ele ainda está fugindo ou será que, agora, tentará nos seguir?

Vencendo! Derrota voltou a exclamar, feliz mais uma vez, embora não completamente satisfeito. Ninguém morrera.

– Ele é um demônio covarde. Está fugindo.

– Não podemos ter certeza disso. O que significa que não podemos retornar à base.

– E também não deveríamos estar de papo. Maldição!

Nenhum dos Caçadores olhara para o chão. Caso o houvessem feito, teriam avistado o sangue que deixava a proteção da capa e aparecia sobre as pedras. Strider saiu dos rastros de sangue, tomando cuidado para não esbarrar em ninguém e não entregar a localização dele.

– Nesse caso, o que quer que façamos? – perguntou a mulher, falando pela primeira vez.

– Separem-se – disse o mais alto do grupo. Era claramente o líder. Tinha cabelo escuro, olhos escuros e pele escura. Para Strider, lembrava um pouco Amun. Na verdade, lembrava um bocado. Os dois poderiam ter sido irmãos. – Apenas vaguem pela cidade até que eu ligue e lhes diga para fazerem algo diferente. Contudo, movam-se o mais rápido que puderem.

Cada um deles assentiu, antes de se separarem, afastando-se rapidamente. Bem, com exceção do líder e da moça. Eles se entreolharam por um instante, em silêncio. Um músculo pulsava na mandíbula do sujeito. Ele inclinou-se e deu um beijo rápido nos lábios dela.

– Tenha cuidado – disse, antes de afastar-se dela.

Interessante. E útil. Era óbvio que os dois eram amantes. O líder provavelmente se empenharia para conseguir a mulher de volta.

Em vez de procurar um abrigo para cuidar dos ferimentos, Strider seguiu a moça.

Novo desafio, disse para o demônio dele.

Vencer.

Eu vencerei.

Ela era *mignon* com cabelo louro curto. Em meio ao louro todo, havia rajadas de rosa vibrante. Ela estava vestindo uma blusa da Hello Kitty branca e jeans rasgados. Provavelmente devia haver armas ocultas por todo aquele corpinho curvilíneo. Havia um piercing prateado na sobrancelha, e um dos braços estava coberto de tatuagens.

Havia algo de familiar nela, e, cada vez que ele passava os olhos pela moça, era sacudido por uma

onda de... ódio. Sim, ódio. Não havia como confundir a emoção sombria com alguma outra coisa. Estranho. Ele não se recordava de já a ter encontrado. Não em nenhuma das batalhas que tivera com os Caçadores. Contudo, isso não significava que não a conhecia. Só que ela não lhe causara nenhuma impressão na ocasião. Por que, então, o ódio?

Vencer. Vencer!

Preocupe-se com quem ela é mais tarde, seu babaca!, disse Strider a si mesmo.

Pequena como ela era, ela foi capaz de se mover com mais rapidez do que ele esperava. Ele não conseguiria acompanhar devido à fraqueza crescente.

Já lhe disse que vencerei. Ela já está no papo.

Quando a moça dobrou uma esquina e seguiu na direção de um prédio bem movimentado, Strider a agarrou pelo cabelo e a puxou. Um golpe baixo, porém necessário. Ao cair, ela gritou de surpresa. Um segundo depois, no entanto, ela estava de pé, com um punhal em cada mão.

– Canalha – rosnou ela. – Sabia que viria atrás de mim, o suposto elo frágil. Bem, esse foi o seu primeiro erro.

Vários humanos voltaram os olhares para ela, obviamente tentando imaginar com quem ela estava falando.

Strider não respondeu, apenas posicionou-se atrás dela, apertando-lhe a carótida com ambas as mãos, interrompendo o suprimento de sangue para o cérebro.

– E qual foi o meu segundo? – perguntou, presunçoso.

A princípio, ela resistiu, tentando girar o corpo.

– O quê...

Porém, em seguida, as pernas bambearam e os olhos dela se reviraram.

Sem mais delongas, ela apagou.

Nós vencemos. Nós vencemos!

Sentindo o prazer apossar-se dele, Strider sorriu. Um sorriso que só fez se alargar quando o guerreiro tomou a moça nos braços, escondendo-a dentro do manto, e a carregou para longe dali.

SIENNA ARRASTOU-SE para fora da cama, as correntes ao redor do pescoço, dos pulsos e dos tornozelos chacoalhando, cortando a pele. Quando ficou de pé, com as pernas trêmulas, as correntes puxaram com força e cortaram mais profundamente, impedindo-a de ir além.

Uma tela vermelha cobria-lhe os olhos, colorindo-lhe a visão, pintando de carmesim tudo o que ela fitava. Nada mais justo, visto que ela queria ver tudo no aposento banhado em sangue. Sangue dela, de Cronos. Ela desejava isso, ansiava por sangue. As cortinas de veludo, as flores brotando nas paredes, a madeira lustrosa e as estátuas de alabastro de homens altos demais e excessivamente musculosos... Tudo pingando...

Basta. Preciso alcançá-lo, pensou.

Ou, talvez, o pensamento pertencesse ao demônio. Ira. O inimigo no íntimo dela. O inimigo que deveria desprezar, mas que não conseguia. Naquele momento, Ira era o único elo que ela tinha com a vingança.

Paris ajudará. Desta vez, soube exatamente a quem as palavras pertenciam. Ao demônio. *Paris*

poderá protegê-la até que esteja forte o suficiente para atacar Cronos.

Talvez Paris a protegesse. Talvez não. Instantes antes de morrer, ela lhe dissera o quanto o odiava. E odiava mesmo. Tinha quase certeza de que sim. Ou não. Deus, ela estava tão confusa. Quanto mais o demônio falava de Paris, menos intensa ia se tornando a aversão dela.

Paris ajudará.

– Escutei da primeira vez – retrucou ela.

Parte de si, a parte humana, acreditava que poderia tentar matar o guerreiro quando o alcançasse. Parte de si, a parte feminina, achava que poderia beijar aquele rosto lindo. A única coisa de que tinha certeza era de que o *encontraria*, e de que *ia* usá-lo, como Ira sugerira. Ele também era possuído por um demônio e, enquanto a protegesse, se é que o faria, poderia ensiná-la a controlar este novo lado mais sombrio de si.

E assim que isso acontecesse... Era tchauzinho Cronos.

Determinada, insistente, ela avançou. Ou tentou fazê-lo. As malditas correntes se recusaram a ceder. O corpo dela incendiou-se, de fúria, de ódio, e as asas ainda brotando entre as omoplatas bateram sem controle.

Cada emoção dava-lhe forças. Ela voltou a avançar. E de novo. Carne abriu-se, vasos estouraram. A dor, a dor, a dor... Contudo, por fim, uma das correntes rachou-se.

AMUN CAMBALEOU pela caverna enevoada, apoiado em William e Aeron, que o impediam de beijar o chão coberto de ossos. *Crec, crec*. Suor escorria dele, exaurindo-o. A pele estava fatiada como a de um tender de Natal, mas esse não era o pior dos tormentos dele. Segredos demais... estavam bombardeando-o, consumindo-o. Segredos perversos, segredos vis. Roubos, estupros e assassinatos. Ah, os assassinatos.

As almas apodrecendo nesta prisão subterrânea haviam matado seus semelhantes das maneiras mais hediondas, deliciando-se com cada instante da tortura que infligiam. E, agora, os demônios que aqui viviam estavam se deliciando com cada instante das torturas que *eles* infligiam. A retaliação era tão doce para eles.

Demônios, pelo menos, não guardavam segredos. Tinham a maior satisfação em compartilhar os detalhes repulsivos das vidas deles. Porém, Amun também era capaz de lhes ler as mentes e lhes conhecia os pensamentos mais vis. Podia sentir-lhes os desejos de roubar, de estuprar, de matar. Podia enxergar através dos olhos deles quando o faziam.

Amun jamais se sentira tão sujo e duvidava que algum dia seria capaz de purificar-se disso. Segredos, contudo, estava adorando. Adorando cada segundo. Estava vibrando, sugando cada nova revelação como se fosse chocolate dentro de um canudinho.

– Nada a respeito de Legião? – inquireu Aeron pela milésima vez.

Ele sacudiu a cabeça, estremecendo de dor.

– Não podemos continuar zanzando às cegas por este lugar – disse William. – Estamos os três feridos e sangrando devido ao último embate com demônios inferiores. Eles podem ser pequenos, mas, diabos, como são ardilosos. Pensei que fosse perder os meus colhões.

Lúcifer podia até ter medo do guerreiro, porém os criados dele não tinham. Atacaram William

com a mesma intensidade com que atacaram Amun e Aeron.

– Vai ter de roubar as lembranças de um demônio – acrescentou Aeron. – É o único jeito. Desta vez, William tem razão. Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais seremos forçados a lutar e mais fracos ficaremos.

Não, Amun pensou, ao mesmo tempo em que assentia. Sabia que não teria outra opção. Torcera pelo contrário e resistira o máximo que pudera. Se as coisas já estavam ruins agora, ficariam muito piores depois que roubasse todas as lembranças de um demônio. Não haveria como se purificar mais tarde. Elas fariam parte dele para sempre.

Afinal, por que mesmo estava fazendo isto?, perguntou-se. Porque amava Aeron. Queria ver o amigo feliz e sabia que não haveria outra maneira de isso acontecer.

E quanto à sua felicidade?

Ignorou a pergunta. Talvez acabasse se convencendo a não levar adiante o que estava prestes a fazer, e não podia se dar a tal luxo.

Encontrem um demônio, sinalizou. *Tragam-no para mim, vivo. Quanto mais alto no sistema de castas, melhor.*

– Quer um dos Lordes Superiores? – perguntou William.

Um Lorde Superior era o que possuía cada um dos Senhores do Mundo Subterrâneo. Eram os mais poderosos e os que mais sabiam a respeito do que ocorria ali embaixo.

Ele assentiu.

Se possível.

Também seriam os mais difíceis de capturar.

Os amigos o conduziram até a entrada sombria da caverna e o pousaram no chão. Cada músculo do corpo cansado dele suspirou de alívio, praticamente se liquefazendo. Amun fechou os olhos. Descansaria por um instante.

Alguém o cutucou no ombro. Alguém colocou uma pistola na mão dele. Depois ele escutou o som de passos. Quanto tempo ficou sentado ali, a arma aos poucos deslizando para fora da mão frouxa, ele não poderia dizer. Tudo o que sabia era que, da outra vez que abriu os olhos, os amigos já haviam retornado.

Aeron e William estavam diante dele, ofegantes, mal conseguindo conter o demônio que se debatia violentamente entre eles. A criatura era tão alta quanto eles, com escamas verdes lhe recobrendo partes do corpo e um rosto feito apenas de ossos. Vários chifres emergiam da espinha e até dos pés.

– Não é um dos Lordes Superiores, mas é o melhor que conseguimos – explicou Aeron.

Havia um novo corte na testa dele, e sangue escorria para dentro do olho esquerdo.

– Faça o que tem de fazer – ordenou William. – Antes que seja tarde demais.

Embora tivessem sido necessárias todas as suas forças, Amun conseguiu estender a mão e pousá-la no crânio da criatura, que se debateu ainda mais. Gritos frenéticos ecoaram. Por duas vezes, a mão suada de Amun deslizou para fora do lugar; entretanto, após algum tempo, ele conseguiu estabelecer a conexão mental, e as mãos não foram mais necessárias.

O guerreiro foi invadido por lembrança após lembrança. Uma vida inteira de fúria, dor e

tortura. Tudo infligido aos outros. A criatura era o segundo em comando do Lorde Superior Dor, o demônio de Reyes. Quando Dor escapara, esta criatura assumira as atribuições dele. Ah, e como ela se deliciara em machucar os outros. De todas as maneiras imagináveis e até de algumas que Amun jamais considerara.

Chegara até a machucar Legião. E, agora, os gritos dela estavam aprisionados na cabeça de Amun. A expressão apavorada dela era a única coisa que Amun conseguia enxergar. Ele sentiu vontade de vomitar. E, de fato, vomitou, no instante em que a conexão foi interrompida.

William e Aeron puderam soltar o fardo deles, que desabou no chão, completamente inútil agora.

Uma mão pousou na cabeça de Amun, acariciando-a, detendo-se na nuca dele e massageando. Um toque confortador, cuja intenção era aliviá-lo. Contudo, ninguém seria capaz de aliviá-lo. Nunca mais.

– Sabe onde ela está? – perguntou Aeron com delicadeza.

Ele assentiu, as lágrimas ardendo-lhe nos olhos. Os gritos... o sangue... era demais.

A mão na nuca imobilizou-se.

– Onde? Conte-me, Amun. Por favor.

Amun ergueu o olhar, pronto para vomitar de novo.

Ela é entregue a um novo demônio a cada dois dias. Nos dias em que se intercalam, ela é devolvida a Lúcifer. Está com ele hoje. E ele... ele... ele sabe que você está aqui. Planeja matá-lo diante dela.

Capítulo Dezoito

SCARLET NÃO falou nem se moveu enquanto Gideon lhe subia pelo corpo. Ele não se apressou, retirando-lhe as botas, as meias e a calça pelo caminho. Ela poderia ter protestado a qualquer momento. Mas não o fez. Deu-se conta de que precisava disto. Só desta vez. Um instante de beleza e de prazer para compensar uma vida de ódio e de arrependimento. De tristeza e de dor.

Qualquer outra coisa com ele... não. Enquanto a tia fosse capaz de lhe manipular os pensamentos, Scarlet era perigo para ele.

– Tão feia – sussurrou ele com reverência, traçando as pontas dos dedos ao longo da parte interna das coxas dela.

Ela ficou toda arrepiada, mas, quando Gideon se deu conta do que dissera, ficou paralisado e fitou-a com crescente pânico.

– Eu sei o que você quis dizer – disse Scarlet baixinho.

Ele a deixara de camiseta, calcinha e sutiã, de modo que não pôde ver como as pontas dos mamilos dela estavam duras. Não pôde ver o quanto ela já o desejava.

Lentamente, ele relaxou.

– Você não me surpreende, diabinha. – Os dedos dele alisaram a depressão atrás dos joelhos dela, acariciando-a, provocando-a. – Não me diga que sabe disso.

Como ele podia ser tão gentil com ela? Como podia suportar tocá-la? Após tudo o que haviam acabado de descobrir?

Ela criara fantasias ao redor deste homem. *Ela* criara. Por conta própria. A tia apenas sugerira que haviam sido casados, e Scarlet criara a história toda. Ela estava constrangida. Sentia remorso. Estava vulnerável. Estava sensível. Estava constrangida. Será que já dissera isso?

Mas o que estava mesmo era de luto. Seu lindo casamento jamais acontecera. Jamais havia ficado deitada nos braços deste homem, esperançosa e saciada. Não lhe dera um filho. O queixo dela estremeceu, e lágrimas lhe encheram os olhos.

– Não precisa fazer isto. – Ela podia não querer que ele parasse, mas aquilo precisava ser dito. Se Gideon estava fazendo aquilo por pena, bem, Scarlet não poderia suportar mais constrangimento, e isso a constrangeria mais do que qualquer outra coisa. – Você não é meu marido.

– Continue falando – murmurou ele, erguendo a blusa dela, curvando-se e beijando o umbigo

dela. – Estou adorando o que tem a dizer.

Um tremor, ardente e voraz, percorreu-lhe o corpo. “Continue falando” significava “cale a boca” no modo peculiar de Gideon falar.

– Tudo o que estou tentando dizer é que você não me deve nada. – Seria dela aquela voz ofegante? – Na verdade, sou *eu* quem estou em dívida com *você*.

Ele interrompeu-se, erguendo a cabeça de novo, os olhos se estreitando, os cílios se entrelaçando uns aos outros, cobrindo aquele lindo azul oceânico.

– Você me deve muito. – Havia uma fúria incontida no tom de voz dele. – Por isso, estamos aqui.

Cerrrrto.

– Eu não a desejo desesperadamente – rosnou ele. – Será que não entende? Meu corpo não lateja pelo seu. Não tenho sonhado em estar com você desde o primeiro instante em que a vi. O passado importa. Importa muito.

Várias lágrimas rolavam pelo rosto de Scarlet. Lágrimas de *constrangimento*. Mas, ainda assim, ela não conseguia dar um basta àquilo. O passado não importava para ele?

– De verdade?

Gideon assentiu, o olhar ardente jamais se afastando do dela.

E, de uma hora para a outra, algo estalou no íntimo de Scarlet. Talvez a resistência a ele que ela se esforçara tanto para erguer. Tudo o que restava no íntimo dela era desejo. Tanto desejo. Ela o teria. *Só desta vez*, procurou se lembrar. Não se conteria de modo algum. Ela lhe daria tudo.

O que aconteceria com o coração dela, depois, não sabia (*Mentirosa. Vai partir.*), mas só se preocuparia com isso até ser absolutamente necessário. Agora, Gideon estava com ela. Ele a queria. Isso teria de ser o suficiente.

Embora tivesse sentido vontade de ser a agressora cada vez que ele chegara perto dela, Scarlet jamais se permitira agir assim com ele. O ressentimento e o orgulho a impediram. De novo, não desta vez.

Lentamente, Scarlet sentou-se, forçando Gideon a fazer o mesmo, até ele ficar montado sobre as coxas dela. Primeiro, ela tirou a blusa, revelando o sutiã e a calcinha. O cabelo dela caiu sobre os ombros, mas não era comprido o suficiente para cobrir os seios, o que a irritou por um instante. Algo assim teria sido sexy, e ela queria ser sexy para este homem. De todas as maneiras possíveis.

Queria que ele a desejasse com a mesma intensidade que ela o desejara durante todos esses anos. Todos esses séculos.

Ele inspirou fundo.

– Chega.

Mais.

– Ainda não. Quero vê-lo.

Scarlet agarrou a bainha da camisa de Gideon e a puxou sobre a cabeça do guerreiro. Agora foi ela quem inspirou fundo. Deuses, ele era magnífico. Perfeito em todas as maneiras. A pele era dourada, a barriga trabalhada. Os olhos negros e os lábios vermelhos que tatuara no peito e no pescoço lhe chamaram a atenção, e ela os contornou com a ponta dos dedos. Talvez um dia viessem

a descobrir como ele vira imagens dela em pensamentos quando jamais haviam se encontrado de verdade.

Porém, o que ela realmente gostava nele era a argola azulada que lhe perfurava o mamilo e o pingente de safira no umbigo. Azul outra vez.

– Por que gosta tanto de azul? – perguntou ela, antes de chicotear com a língua a argola no mamilo.

Um gemido escapou dele.

– Você não quer falar sobre isto *agora*? – Ele espalmou a mão sobre a ereção que ameaçava sair da cintura das calças e a esfregou. – Não há nada melhor para fazermos.

– É, eu quero conversar.

E ela o achara magnífico antes. Como fora tola.

Gideon abaixou a mão e suspirou. Mas não se afastou de Scarlet.

– Não havia esse garoto no Tártaro, e ele não era a coisinha mais feia que eu já vira. Um dia, eu não deixei um prisioneiro na mesma cela, e o garoto não pediu um jogo. A única coisa que consegui encontrar foi papel e um creiom. Não era azul. Quando eu não os entreguei, o garoto não sorriu o sorriso mais doce que eu já vira e não me disse que azul era a melhor cor que existia, como o céu do qual ele já ouvira falar, mas jamais vira. Naquele dia, azul não passou a representar... liberdade para mim.

Enquanto ele falava, Scarlet parou de respirar. Um tremor percorreu a extensão da coluna dela.

– Esse menino – disse ela, engolindo em seco. – Por acaso tinha a cabeça raspada e olhos negros?

Franzindo, Gideon inclinou a cabeça para o lado.

– Como é que... – Ele ficou paralisado. O olhar se arregalou, e ele fixou a atenção no rosto dela, examinando-o com intensidade. – Não era você – conseguiu dizer. – Mas você...

– Tinha a cabeça raspada, como um menino. É. – Talvez fosse assim que ele se lembrara dos olhos dela, mas isso não explicava como se lembrava dos lábios. – Foi uma das únicas gentilezas de minha mãe de que me recordo. A maioria dos prisioneiros sabia que eu era uma menina, mas era melhor não lembrá-los disso. Era melhor eu ser... o menos atraente possível.

– Por acaso alguém...

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– Tártaro estava cheio de deuses e deusas acostumados a terem tudo o que queriam. Acostumados a exercer o seu poder sempre que desejavam. Estavam zangados, frustrados e desolados. O que você acha?

Scarlet poderia ter mentido. Ter se feito passar por pura, intocada. No entanto, tudo o que queria entre eles era sinceridade. Ah, quanta ironia, pensou.

Um músculo se repuxou sob o olho do guerreiro.

– Não fui até Zeus e pedi a libertação do menino, você sabe. Não tive o meu pedido negado.

Cada palavra foi dita com maior aspereza do que a anterior.

– Obrigada – disse ela, e estava sorrindo agora. – Foi muita gentileza de sua parte. – Quer dizer que haviam se falado no interior daquela prisão. Aquilo era verdadeiro. Uma lembrança verdadeira. E a haviam compartilhado um com o outro. Não era à toa que adorara aquele homem desde a primeira

vez que o vira. – Estou cansada de conversar. Espero que também esteja.

– Não – respondeu ele com rispidez.

Ainda estava pensando no passado. Ainda estava zangado com o tratamento que ela recebera. Scarlet o queria concentrado nela, só nela. Com um empurrão brusco, ela o fez cair de costas na cama e montou a cintura *dele*.

Gideon bufou, mas permaneceu imóvel enquanto ela lhe abria as calças. Cueca preta. Ótimo. Ela ficou com água na boca. Antes que a noite chegasse ao fim, ela teria aquela vara dura e grossa dentro da boca e do corpo. Não permitiria que Gideon deixasse aquela cama antes que ambos houvessem chegado ao clímax uma dúzia de vezes. No mínimo.

Rapidamente, pôs-se a trabalhar, puxando tanto a calça quanto a cueca pelas pernas dele e jogou ambas no chão. Ele já chutara as botas para longe e as meias, se é que as estivera usando. Agora, por fim, estava nu. E todo dela.

Ela sentou-se sobre os tornozelos de Gideon, admirando o restante dele. As pernas eram compridas, magras, no entanto, perfeitamente musculosas. Havia uma camada de pelos negros nas canelas que ficava mais esparsa ao chegar às coxas e que voltava a ficar mais espessa ao redor do membro.

– Não me toque – sussurrou ele. – Seu olhar não está me matando.

Quer dizer que ele achava que estava morrendo, não é?

– Neste caso, sinto muito por você, pois eu nem sequer comecei a torturá-lo.

Um gemido. De expectativa? Ela torcia para que fosse.

Scarlet inclinou-se para a frente e lhe lambeu o saco. Ele deixou escapar outro gemido, este muito mais intenso. Apenas para atormentá-lo mais um pouco, ela soprou sobre a umidade que deixara para trás, o ar quente resfriando de encontro à pele. Outro gemido. Gideon até curvou as costas como se quisesse um contato mais prolongado.

– Agarre a cabeceira e não solte – ordenou ela. – Está entendendo?

A princípio, ela supôs ter pegado pesado com o dedicado guerreiro, acostumado ao autocontrole. Ele simplesmente ficou a fitá-la, com incerteza no olhar. Contudo, em seguida, os braços ergueram-se acima da cabeça dele e os dedos se cerraram ao redor da parte superior da madeira, apertando com tanta força que as juntas chegaram a perder a cor.

Ela se deu conta de que a incerteza dele não proviera de relutância em cumprir as ordens dela, mas, sim, do receio. Ele estava com medo de ter esperança.

Gideon *queria* ser privado do controle, mas não podia lhe dizer isso.

É claro. As humanas com quem estivera não teriam como saber disso, pois ele não teria sido capaz de lhes contar. Era melhor nem mencionar que Scarlet queria matar as mesmas humanas por terem tocado e provado o guerreiro.

– Conte-me o que quer de mim. – Ela queria escutá-lo dizer. Queria que ele soubesse que apenas ela, e nenhuma outra, entendia o que ele queria dizer. – Admita. Do seu próprio jeito.

– Eu... eu... – Ele lambeu os lábios. Não havia vergonha nos olhos brilhantes, a não ser aquela esperança aflita. – Não sei o que quer que eu admita.

Sabia sim.

– Fale, Gideon, ou vou embora. Será o fim disto.

Seria Scarlet capaz de cumprir a ameaça? Ela não saberia dizer. Felizmente, ele não a faria descobrir. Ela já estava úmida e cheia de desejo, latejando por ele.

Seria Gideon o amante que ela inventara na cabeça? Ou melhor ainda?

– Eu não quero que você esteja no comando – sussurrou ele, como se receasse ser levado ao pé da letra.

– Ótimo. Isso é muito bom. Porque, nesta cama, eu decido cada ato seu. Nesta cama, você é *meu*.

O alívio que tomou conta do rosto dele a excitaria pelo resto dos dias dela.

– Se você hesitar, uma só vez que seja, eu não permitirei que se sacie. Terá de ficar olhando eu me dar prazer, sabendo que não poderá chegar ao clímax. Está entendendo?

Ele assentiu, incapaz de disfarçar a ansiedade. Até mesmo a vara dele vibrava.

Ela jamais se mostrara tão agressiva, sexualmente, é claro, contudo, estaria mentindo se não admitisse estar gostando. Com Gideon, ela queria o controle. Queria que ele fosse dela. Pelo menos, por este pouquinho de tempo. Ele já era parte dela de tantas maneiras.

– Não se mexa – ordenou ela, baixando a boca na direção da ereção dele.

Apesar disso, ela não tocou nele, apenas permitiu que a respiração continuasse a acariciá-lo. Por um instante, ela chegou a pensar que ele houvesse parado de respirar.

– Diabinha – sussurrou ele, por fim. Mas não se mexeu. Ah, não, ele não se mexeu. – Posso esperar para sempre. Por favor, por favor, não... faça nada. Por favor...

Ela ainda ficou esperando. Até o sangue ter se derretido nas veias dela. Até Gideon estar tremendo. Até ela se sentir prestes a saltar para fora da própria pele, a escuridão e os gritos rodopiando dentro de si, ansiando desesperadamente pela liberdade. *Só então* Scarlet o lambeu, da base até a ponta. Ele gritou o nome dela, uma oração, uma maldição. Ela rodopiou a língua ao redor da cabeça, da fenda nele, provando um pouco da semente salgada, depois desceu, colocando-o todo na boca. Até que, grande como ele era, atingir o fundo da garganta. *Meu homem*.

A boca subia e descia, e, ainda assim, Gideon não se moveu. Scarlet sabia que ele queria fazê-lo, pois conseguia sentir a tensão nos músculos dele. Ele podia não ser o marido dela, contudo, naquele instante, sem dúvida pertencia a ela. Ele era dela, como ela afirmara, a paixão dele lhe pertencia, e saber disso inebriou-a, enevoou-lhe a mente, aqueceu-lhe ainda mais o sangue.

Scarlet segurou a base o mais forte que pôde, e Gideon gritou. Não de dor, mas de prazer intensificado. Com a outra mão, segurou-lhe as bolas, massageando-as.

– Mova-se. Agora pode se mover.

Qualquer que fosse o controle que ele exercia sobre o corpo, este rompeu-se e Gideon estremeceu repetidamente, bombeando os quadris na direção das mãos de Scarlet, tentando deslizar a vara para dentro e para fora delas. Porém a mulher jamais afrouxou a pressão, jamais permitiu que houvesse fricção, sendo assim, o sêmen não emergiu. O membro permaneceu duro como um cano de aço.

– Bom menino – elogiou ela. – Merece uma recompensa.

A única resposta dele foi um suspiro sofrido. Suor lhe recobria o corpo trêmulo enquanto ela

subia pela barriga dele, beijando-o. Scarlet interrompeu-se, brincando com os mamilos dele, sugando um e, em seguida, o outro. Logo, o guerreiro estava tremendo com tanta intensidade que a cama toda sacudia, as molas rangendo.

No interior da cabeça dela, Pesadelos cantarolava.

Quando Gideon tentou arquear a vara até o ápice do centro úmido dela, ainda coberto pela calcinha, ela mordeu o anel no mamilo dele e o puxou. Ele gemeu, e a madeira que estava segurando se rachou, mas Gideon forçou os quadris a se acomodarem de novo no colchão. Estava cada vez mais ofegante.

Scarlet endireitou-se e voltou a montar a cintura dele. Lentamente, tirou o sutiã, permitindo que a peça de vestuário caísse sobre a cabeça do guerreiro. O olhar ardente dele devorou os seios. Enquanto Gideon os admirava, Scarlet levou as mãos a eles, massageando os mamilos.

Ele ergueu a cabeça, tentando alcançá-los.

– Não. – Foi um grito do demônio dela e um apelo do corpo, mas ela sacudiu a cabeça. – Pode abaixar a cabeça.

Relutante, Gideon obedeceu.

Dizer não a ele não era uma demonstração de poder para ela. Longe disso. Ele lhe cedera o controle; na verdade, ficara feliz em abrir mão dele. Isso significava que queria alguém que lhe dissesse não. Alguém que o conduzisse. Qualquer outra mulher teria permitido o ato, e Gideon não queria o mesmo que sempre tivera. Queria algo diferente. E, independentemente da oposição, ela estava disposta a lhe dar isso.

– Diabinha – gemeu ele.

Querida.

– Ponha a mão entre as minhas pernas.

A cabeceira, enfim, quebrou devido à pressa em obedecer. Embora Scarlet houvesse lhe dito para usar apenas uma das mãos, gemendo, como se estivesse sofrendo, ele colocou uma entre as pernas dela, e a outra na coxa.

Ela não o repreendeu. Ainda.

– Leve-me ao clímax assim.

No momento seguinte, ele estava puxando o obstáculo da calcinha para o lado, os dedos deslizando pelo clitóris lubrificado. Agora foi *ela* a gemer. Pesadelos também. *Tão bom*. As sombras e os gritos por fim se libertaram, emergindo dela, cercando a cama, envolvendo-os.

Como antes, Gideon pareceu não se importar. E, por um bom tempo, apenas a esfregou. Depois de alguns instantes, ela passou a se mover com o toque dele, tentando forçar os dedos a afundar nela, em vez de apenas lhe provocar o íntimo sensível. Deuses, ele a estava deixando no ponto, de modo que quando, abençoadamente, a penetrou com um dos dedos, Scarlet na mesma hora chegou ao clímax, apertando-o e segurando-o com força.

A cabeça dela foi jogada para trás enquanto ela se deixava levar pelas ondas de satisfação até o céu, estrelas cintilando por trás das pálpebras fechadas. Quanto tempo passara flutuando, não saberia dizer. Sabia apenas que, quando voltou a si, Gideon estava imóvel, aguardando a próxima ordem, com o corpo tão tenso que parecia que ia se partir em dois.

Entretanto, não era o suficiente. Ela o queria fora de si de desejo. Ela o queria implorando pelo clímax.

Por ora, ralhou com ele.

– De novo – ordenou. – Antes de ter direito ao seu próprio prazer, vai me fazer gozar de novo. Quem sabe, da próxima vez, aprenderá a obedecer às minhas ordens ao pé da letra.

Não haverá uma próxima vez.

Um segundo dedo se juntou ao primeiro, entrando e saindo, dominando a atenção dela, apagando a tristeza que ameaçava apossar-se dela. O tempo todo, o polegar de Gideon lhe massageava o clitóris. Estímulo duplo. Tão bom, tão bom, bom demais. Mais sombras. Mais gritos.

– Não goze, diabinha, não goze.

Os quadris dele se moviam em sintonia com as palavras, esfregando-se nela, aumentando o prazer dela.

E, de um instante para o outro, Scarlet foi propulsionada de volta para o céu, se contorcendo, se libertando, tão arrebatada que talvez jamais viesse a ser a mesma. Talvez? Rá.

– Não me deixe possuí-la, por favor, não me deixe possuí-la.

Palavras que ele, provavelmente, jamais dissera para outra. E o fato de ainda não a ter possuído, de estar aguardando a permissão dela, deixava evidente a intensidade do desejo dele de abrir mão do controle. Era por isso que ela não dava o que ele queria. Ainda não.

– Arranque de vez a minha calcinha, mas não me penetre.

O fino tecido azul foi arrancado dos quadris dela e, em questão de segundos, estava repousando ao lado do sutiã. Gideon a agarrou, os dedos se fincando nas nádegas dela. Ele a segurou com tanta força que Scarlet sabia que iria deixar marcas. Marcas bem-vindas.

Podia-se notar rugas de tensão ao redor dos olhos do guerreiro, e ele estava mordendo o lábio inferior com tanta força que havia um filete de sangue escorrendo pelo queixo abaixo. Gideon estava no limite, desesperado, mas ainda assim aguardava.

Isso a excitou ainda mais, como se já não houvesse alcançado o clímax duas vezes.

– O que você já fantasiou fazer com outras mulheres? – perguntou ela.

– Outras mulheres? Eu me lembro de todas as outras mulheres.

Uma confissão feita com esforço. Tensa.

Meu querido.

– Dentro – disse ela, e ele a ergueu, arremetendo fundo, rugindo bem alto e demoradamente, antes mesmo que a última sílaba deixasse os lábios de Scarlet.

Ela chegou ao clímax de imediato, estremecendo, berrando. Deuses, ele a alargou, acertou-a no ponto, e o orgasmo foi mais intenso do que qualquer outro que já experimentara. Até mesmo as sombras e os gritos estremeceram. Até mesmo Pesadelos berrou.

Gideon também chegou ao apogeu na mesma hora, gritando o nome dela, jorrando o sêmen quente dentro dela. Marcando-a, reivindicando-a. *Possuindo-a*. Ela poderia ter ficado desfrutando tais sensações para sempre, poderia ter permanecido parte de Gideon, um ser só, por toda a eternidade.

Ou, pelo menos, até a porta do quarto dele ser arrombada e dois furiosos Senhores do Mundo Subterrâneo invadirem o quarto de armas em punho.

Capítulo Dezenove

GIDEON ESCUTOU o choque de madeira contra o metal e teve certeza de que a porta fora arrombada. Em seguida, escutou o som de passos zangados.

– Que diabos? – murmurou o amigo Kane, guardião do Desastre.

– Merda! – rosnou Lucien, o guardião da Morte.

Tinham de estar confusos. As sombras de Scarlet preenchiam o aposento, de um canto a outro, densas, escuras e se contorcendo. Os gritos que acompanhavam as sombras eram mais altos do que o som saído de um megafone.

– O que devemos fazer? – perguntou Kane.

Era óbvio que nenhum dos guerreiros era capaz de enxergar além do próprio nariz. Merda, o mesmo podia se dizer de Gideon. O guerreiro não queria ver os amigos atirando primeiro e fazendo perguntas depois.

– Não sou eu – gritou ele, sobre a barulheira, rolando Scarlet para debaixo de si e puxando as cobertas para cima do corpo nu.

Por sorte, ela não resistiu, e a vontade que ele tinha de cegar qualquer um que pudesse vê-la tão... resplandecente desapareceu.

No que dependesse de Gideon, ninguém além dele jamais a veria nua. E, maldição, iria fazer de tudo para ver feita a vontade.

– Quem está aí? – quis saber Lucien.

– Não é Gideon.

– Gideon? – A surpresa de Kane era evidente. – Strider nos disse que você partiu.

– Não voltei.

– O que diabos está acontecendo aqui?

Lucien de novo.

– Não me deem um instante, e eu não resolverei tudo. Ah, e não fiquem onde estão.

Gideon ergueu uma sobrancelha para Scarlet.

– O quê?

Puxando o lençol consigo, ela arrastou-se, saindo debaixo dele e apoiando-se de encontro à cabeceira rachada. Embora estivesse ruborizada, a expressão do rosto dela estava impassível. O cabelo

escuro estava embaraçado ao redor do rosto lindo, e ela alisou vários fios com a mão firme.

Firme.

Gideon não gostou disso. Não quando *ele* se sentia como se houvesse acabado de passar por um terremoto.

– Como se você não soubesse.

– Tudo bem. Se você quer plateia para o nosso pós-coito, vai ter uma plateia.

Ela fechou os olhos, as feições se endurecendo de determinação. Um instante mais tarde, as sombras começaram a desaparecer e os gritos foram se calando.

Enquanto ela o montava, enquanto ele arremetia a vara profundamente nela, Gideon se esquecera de onde estavam. Diabos, ele se esquecera de tudo, que não fosse o prazer, é claro.

E, deuses, como ela lhe dera prazer. Nada igual jamais havia acontecido com ele. Mas ele sonhara com isso. Já sonhara em estar à mercê de uma mulher enquanto ela tomava o que queria dele. Provavelmente não era algo com o qual a maioria dos guerreiros sonhava, contudo, ao longo dos anos, Gideon desapontara incontáveis mulheres, e isso fora um inferno para o ego dele.

Ele diria algo como: “Não me diga o que quer, eu não quero saber”, de modo que as mulheres não lhe contavam, e ele tinha de adivinhar e, é claro, às vezes, na maioria das vezes, errara. Desta vez, não quisera pensar no que fazer em seguida. Não quisera se perguntar se estava fazendo a coisa certa.

Scarlet lhe dissera.

É, ele gozara como um virgem de merda assim que a penetrou, o que o constrangeu para caramba, mas isso só fazia provar o quanto ela o excitara. Ele sabia que ela estava gostando, que estava tomando exatamente o que precisava e que isso só fizera intensificar o prazer dele. Na verdade, tudo em Scarlet lhe intensificara o prazer.

O corpo dela se encaixava no dele como uma peça de quebra-cabeça. O perfume dela era como o néctar dos deuses para o nariz e melhor do que qualquer outra coisa que ele já cheirara. É, já experimentara um bocado na vida. A pele dela era suave, o contraste perfeito para as mãos calejadas dele, e o cabelo era perfeito para ser agarrado. Por dentro, ela fora úmida, quente e estreita o suficiente para apertá-lo.

Contudo, da próxima vez, seria *ele* no controle. Iria exigir, deste jeito, que ela lhe dissesse exatamente o que queria. Ela entenderia o que ele queria dizer e lhe contaria a verdade. Contaria o que realmente queria que ele fizesse com ela. E Gideon o faria. Cada coisinha. Nada seria tabu. Na verdade, quanto mais depravado melhor.

Kane pigarreou e, pouco à vontade, alternou o peso do corpo entre uma perna e a outra, de modo que Gideon se deu conta de que estivera, em silêncio, olhando fixo para Scarlet, que ainda o fitava, impassível. Ele tentou não corar... e falhou.

– Quem é ela?

Com um brilho divertido nos olhos cor de mel, Kane guardou as duas pistolas que trazia nas mãos. Ele não deve tê-la visto na masmorra.

Gideon examinou o guerreiro. O cabelo dele, uma mistura de castanho, dourado e preto, estava mais curto do que da última vez em que Gideon o vira. Sem dúvida, os fios da cabeleira do amigo haviam pegado fogo. De novo. O demônio do homem se alimentava de catástrofes, de modo que,

deliberadamente, as atraía. Na verdade, uma das farpas de madeira que voara da porta arrombada se alojara na lateral do corpo de Kane, o sangue jorrando do ferimento e ensopando a camisa.

– Ela é minha esposa – afirmou Gideon, e, embora as palavras fossem uma mentira, ele gostou de proferi-las.

O orgulho no tom da voz dele era perceptível.

– Na verdade, não sou ninguém – contradisse-o Scarlet. – Não sou nada.

De jeito nenhum, ele pensou, lançando-lhe um olhar sério. Ela era... tudo.

Tudo? Ele franziu a testa. Com certeza, era um exagero. Gostava de estar com ela, gostava dela, provavelmente se casaria com ela para valer. Mas seria ela tudo para ele?

Não conseguia pensar em nada que valorizasse tanto quanto ela. Nem nas guerras e muito menos nas armas. Nem mesmo nos amigos. Sendo assim, é. Talvez.

– Ela é Pesadelos – disse Lucien, mantendo as lâminas apontadas para Scarlet.

Ao contrário dos de Kane, os olhos dele não exibiam um brilho divertido. Os olhos, um deles azul, capaz de enxergar o mundo espiritual, e o outro castanho, que via o mundo real, eram calmos e determinados.

– Eu não sugiro que abaixe as suas armas. Estou certo de que adoraria que eu ameaçasse Anya dessa maneira, exatamente como estou adorando que esteja ameaçando Scarlet.

Anya, a noiva de Lucien. O rosto de Lucien exibia cicatrizes terríveis, e, quando ele passou a língua pelos dentes, tais cicatrizes pareceram ainda mais evidentes. Ele possuía uma força de vontade ferrenha, adorava regras e jamais corria riscos em se tratando da segurança de seus entes queridos.

– Você pode estar dizendo isso sob pressão – retrucou Lucien. – Acho que vou manter as minhas armas onde elas estão.

– Tem razão. Estou sob pressão.

Agora guarde essas malditas armas antes que eu me veja forçado a fazer algo de que nós dois nos arrependemos, Gideon teve vontade de gritar. Lucien era amigo dele, e Gideon não queria lhe fazer mal. No entanto, para proteger Scarlet, atacaria sem hesitação. Ela já sofrera o suficiente.

Por fim, as lâminas foram embainhadas.

– Por que não estão aqui? Sintam-se à vontade para não me dizer e, depois, fiquem o quanto quiser.

O que significava: *digam logo e deem o fora!*

– Kane me mandou uma mensagem dizendo que algo estava acontecendo no seu quarto, e eu me teleportei até aqui para ajudar, haja vista que Torin e Cameo são as únicas outras pessoas ainda na fortaleza. Não esperava encontrá-lo aqui. Strider me contou que você havia partido com Pesadelos.

– Ela não tem um nome. – Seria mesmo dele aquela voz irritada, ofendida? – Não é Scarlet.

Queria apenas que os amigos a tratassem direito, que a tratassem com respeito. Não era como se ela fosse um estorvo ou um inimigo, e ele precisasse tomar cuidado quando ela estivesse por perto.

– E, tchá-tchá. – Scarlet abriu os braços. – Estamos de volta. Ou ele está. Eu estou prestes a me mandar. – Ela girou as pernas para fora da cama, tirando o lençol do lugar. No instante seguinte, os dois seios maravilhosos estavam expostos. – Mas foi um prazer revê-los.

Dois pares de olhos se arregalaram, antes que os dois homens girassem de modo a lhes dar as

costas.

– É, é o que vai acontecer.

Onde diabos ela pensava que estava indo?

Amarrando a cara, Gideon segurou-a pela nuca e a empurrou de volta para a cama. Estava sendo bruto, ele sabia, mas Scarlet podia aguentar. Era algo que gostava nela. Com a outra mão, puxou o lençol para cima. Depois sentou-se ao lado dela, envolvendo-a com os braços e mantendo-a no lugar.

Scarlet também era uma guerreira e poderia ter resistido, mas não o fez. E não era porque ela se importasse que a vissem nua. Era óbvio que não tinha vergonha do corpo. Não que tivesse algum motivo para ter. Mas ainda assim. Gideon estava pronto para matar os amigos, mesmo com as armas deles estando embainhadas. Agora eles sabiam como os mamilos dela eram de um cor-de-rosa perfeito.

– Tenho coisas a fazer – disse ela, rígida –, e você também tem coisas a fazer. É chegada a hora das despedidas.

– Claro. Já que *não* concordamos em cuidar dessas coisas juntos.

Como Lucien, ela passou a língua pelos dentes.

– Eu menti.

Talvez, talvez não. Ainda era incapaz de afirmar com ela. O que, pensando bem, era estranho. Não haviam sido casados. Seus passados não estavam entrelaçados. Bem, pelo menos não tanto quanto haviam suposto. Ele sabia que as lembranças dela eram falsas. Sendo assim, por que o demônio dele era incapaz de saber quando ela estava ou não falando a verdade?

– Será que já podemos nos virar? – perguntou Kane com um tom de voz divertido.

– Não – respondeu Gideon na mesma hora em que Scarlet disse:

– E por que haveriam de querer se virar? Estamos decentes.

Ambos os guerreiros giraram nos calcanhares. Lucien passou o dedo pela gola da camisa, e Kane claramente reprimia um sorriso.

– Precisamos conversar – disse Lucien, olhando sugestivamente para Scarlet. – Um bocado de coisas aconteceu enquanto você estava fora.

– Não precisa falar mais nada. – Na mesma hora, ela tentou se libertar de Gideon e ficar de pé. – Saquei a indireta.

Ele a segurou com força.

– O que quer que tenha a me dizer não pode ser dito na frente dela.

Scarlet ficou imóvel... O que foi, ao mesmo tempo, bom e ruim. A pele dela estava se esfregando na dele, e, bem, a cada segundo que passava, o tecido cobrindo o colo de Gideon estava ficando mais alto.

Com a face corando pela segunda vez nos últimos cinco minutos, Gideon a levantou e a colocou diante de si, de modo a esconder a crescente ereção com o corpo dela. Foi um grande erro. O membro grosso alojou-se na fenda do traseiro dela, e Gideon teve de reprimir um gemido.

Ela deixou escapar uma exclamação de surpresa, como se ele a houvesse queimado, e tentou sair de cima dele.

Os braços dele a envolveram uma segunda vez, e ele prendeu as pernas dela com as dele.

– Não fique à vontade. Você vai a algum lugar.

– Gideon.

– Scar.

Com um suspiro que pareceu, ao mesmo tempo, de frustração e de alívio, ela relaxou de encontro a ele. Chegou até a descansar a cabeça no ombro dele. Perfeito.

– Bem. Estão esperando o quê? – disse ela para os amigos dele. – Comecem a falar. Quanto mais cedo começarem, mais cedo isto terminará.

O que Lucien quisera dizer? Kane, Cameo e Torin eram as únicas pessoas ainda na fortaleza? Por quê? E por que Lucien se teleportara de volta para a fortaleza? Onde ele estivera?

– Têm certeza de que não querem se vestir antes? – perguntou Kane com esperança.

– Não. – Para começo de conversa, a curiosidade dele fora despertada. Em segundo lugar, não queria nenhum dos dois homens dando outra boa olhada em Scarlet. E, em terceiro, não queria soltar Scarlet. Talvez estivesse sendo egoísta. Há anos que Kane não tinha uma amante, receando demais que o demônio dele pudesse de alguma maneira ferir fisicamente suas mulheres, o que não era nenhum medo irracional. Já acontecera antes. Várias vezes. Contudo, naquele momento, a verdadeira preocupação de Gideon era com Scarlet. Se a soltasse, ela poderia fugir antes que tivessem a oportunidade de acertar as coisas entre eles. – Não siga o conselho dela e explique.

Lucien assentiu.

– Vamos começar pelo básico. Talvez não saiba disso, mas Aeron, Amun e William viajaram para o inferno para resgatar Legião. Ninguém teve mais notícias deles desde então.

É, Cronos lhe contara um pouco a respeito disso. Mas sem notícias? Fabuloso. Gideon só poderia partir depois que falasse com Amun e não tinha certeza se seria capaz de impedir que Scarlet partisse sem ele.

É claro que ela deveria impedi-lo de contatar Amun, e ele planejava permitir que ela cumprisse a missão dela, libertando-a da promessa feita a Rhea. Entretanto, ela não poderia impedi-lo se ele não conseguisse encontrar Amun. Sendo assim, mais uma vez, ele tinha de aguardar.

Infelizmente, Gideon jamais fora um homem paciente. Queria acabar logo com isto. Queria ter Mini à mercê dele... ou seja, na ponta da espada. Queria tempo para conquistar Scarlet e provar para ela que as coisas poderiam dar certo entre eles. E, por ora, tudo isso fora adiado.

– Pronto para o resto? – perguntou Lucien, reprimindo um sorriso. – Você parece distraído.

Ele não podia corar. De novo.

– Não continue – disse, gesticulando com a mão.

– Caçadores cercaram a fortaleza, desesperados para roubar os nossos artefatos. Decidimos nos separar. Anya e eu levamos a jaula, Reyes levou Danika, e Strider ficou com o manto.

– Não estamos mais cercados? – perguntou Gideon, olhando para o armário.

Tinha um baú de armas lá dentro.

– Strider matou a maioria ao deixar a fortaleza.

Ótimo.

– Os outros?

– Por via das dúvidas, Maddox não queria Ashlyn aqui, sendo assim, ele a levou embora – disse

Kane. – Sabin e Gwen levaram Gilly.

É, isso deixava apenas Kane, Torin e Cameo. Seriam eles capazes de defender a fortaleza de um ataque de Caçadores? É, havia tudo quanto era tipo de armadilhas na subida da montanha, até chegar à fortaleza, e qualquer intruso, primeiro, seria forçado a enfrentar explosões, armas acionadas por sensores e garras de metais ao redor dos tornozelos. Mas isso não deteria centenas. Os sobreviventes teriam acesso à fortaleza.

– Posso contar com a sua presença aqui? – indagou Kane.

Acrescentar mais um guerreiro à defesa não seria uma solução miraculosa, mas *ajudaria*.

Gideon jogou a cabeça para trás e ela bateu na cabeceira da cama. Ele fechou os olhos. Maldição. Se a fortaleza fosse atacada e ele fosse ferido antes do retorno de Amun, se isso adiasse o confronto dele com Mini... era algo com que teria de lidar, pensou.

– Não – respondeu. – Não pode contar comigo.

Scarlet não reagiu.

– Agora, fiquem aqui – disse para os guerreiros. *Sumam*. – Não preciso de um tempo a sós com ela.

– Divirta-se – respondeu Lucien.

– E tente controlar... o que quer que seja que nós encontramos antes – acrescentou Kane. – Aquilo foi simplesmente esquisito.

Tendo dito isso, os dois homens viraram-se e deixaram o aposento. Um deles permaneceu no corredor, tentando devolver a porta às dobradiças. Ao falhar, quem quer que fosse apoiou a madeira de encontro à entrada, de modo a bloquear a visão da maior parte do quarto, deixando apenas uma fresta de luz visível.

Enfim a sós.

– Não fique aqui comigo – disse Gideon para Scarlet, mais uma vez odiando o demônio dele. Mais do que qualquer coisa, queria que Scarlet ficasse ali com ele e estava disposto a implorar para conseguir isso. Implorar com determinação. Com sinceridade. Porém, não podia se permitir ao luxo de deixar o corpo enfraquecer naquele momento. Os amigos precisavam dele. – Não quero ficar com você. Não quero tentar fazer as coisas darem certo entre nós.

– Por quê? – perguntou ela, finalmente libertando-se dele, ficando de pé e voltando-se para o guerreiro com os brilhantes olhos negros.

Deuses, ela era esplendorosa na nudez. A pele ainda rosada e reluzente, os mamilos enrijecidos devido ao ar fresco, as pernas esbeltas afastadas, a barriga lisa e o umbigo profundo.

Deixe que ela vá.

Um apelo de Mentiras para mantê-la ali.

Estou me esforçando para isso. Mas que diferença faz para você?

Não é minha.

Não é mesmo, ele retrucou, fazendo com o demônio o mesmo que Scarlet, às vezes, fazia com ele. Embora soubesse que o demônio estava mentindo, respondera como se ele estivesse falando a verdade. *Ela é minha*. E isso não estava aberto a debates.

– Você não prometeu à sua mãe me impedir de ajudar Cronos – disse para Scarlet. – Não tem

que...

Uma risada amarga o calou.

– Adivinha só? Eu menti para a minha mãezinha querida. Além disso, você e eu não temos um passado – prosseguiu ela, antes que ele pudesse responder. – Sentimos atração um pelo outro, sim, mas isso vai desaparecer. Neste momento, sou o reluzente brinquedo novo que entende você e o seu parceiro, e isso deve ser um alívio para você. Mas temos objetivos diferentes, e isso é o que importa. Vou matar a minha tia, mesmo que isso leve uma eternidade. Você vai proteger os seus amigos.

Uma reluzente boneca nova. Vá à merda! Ele ficou de joelhos, tirando o lençol completamente do lugar. Sim, a ereção dele estendeu-se na direção dela, e, sim, ela percebeu, chegando até a dar um passo para trás, mas Gideon não a cobriu. Ela que visse o que *a reluzente boneca nova* fazia com ele.

Não a agarre, Mentiras ordenou.

Agarrá-la? Perderia um dos braços.

Temos de fazer isto com astúcia.

– É óbvio que você está considerando isto tudo racionalmente, Scar. Você não cumpre a sua promessa e viverá feliz para sempre. – De uma coisa ele tinha certeza. Para imortais, uma promessa quebrada era fatal. Ele mesmo já aprisionara vários Gregos por tal crime. Sendo assim, Scarlet não deixaria de cumpri-la. – Em segundo lugar, você encara a sua tia, e ela não lhe dará novas lembranças. Ela não a derrotará. – Gideon também riu com amargura. Ambos sabiam que ela não teria a menor chance. – Ela não colocará em você a coleira que bem quiser. Está tendo problemas para se lembrar do que aconteceu hoje?

Ela empertigou os ombros e ergueu o queixo.

– Estou preparada agora. Sei o que esperar.

– Isso vai fazer toda a diferença.

– Bem, é um risco que estou disposta a correr.

Ele não estava.

– Não fique aqui comigo, e eu não a ajudarei a derrotá-la. Você sabe que, juntos, somos mais fracos. – Mais fortes. – Quero dizer, eu não a ajudei a recuperar a razão da última vez, ajudei?

Ele a ajudara.

A fúria brilhou nos olhos dela quando Scarlet cruzou os braços diante do corpo.

– E quanto tempo espera que eu fique?

Gideon não respondeu. Não podia. Não sabia quanto tempo precisaria ficar protegendo a fortaleza e seus ocupantes. Não sabia quanto tempo se passaria antes do retorno de Amun.

– Foi o que pensei – disse ela, dando-lhe as costas. A elegante curva das costas dela o deixou suando, e aquelas tatuagens... Jamais as lambera, jamais lhes dera a atenção que mereciam. Um dia. Um dia, dedicaria toda uma noite às costas de Scarlet. Desde que ela deixasse, é claro. – Você me manteria aqui indefinidamente, e isso eu não posso permitir. Estou indo embora.

Sim. Sim. Deixe-a ir.

Detenha-a.

– Scar.

– Estou indo embora – repetiu ela, permanecendo parada no lugar. – É, estou indo.

Um passo, dois.

O demônio choramingou. Outro passo. E depois... silêncio. Um rosnado. *Detenha-a*, Mentiras gritou, e foi a primeira vez em todos os séculos que passaram juntos que o demônio falara a verdade. *Por favor.*

Gideon piscou os olhos de surpresa, ao mesmo tempo em que o demônio gritou de dor. Dor que se espalhou por todo o corpo. Um gemido escapou dos lábios de Gideon, os músculos dando a impressão de estarem sendo arrancados dos ossos, os ossos dando a impressão de estarem rasgando a pele.

– Não – rosnou ele. – Não!

Scarlet deteve-se.

De... tenha-a.

Outro gemido. A visão dele começou a escurecer.

Cale a boca! Temos de permanecer fortes.

Detenha...

O suor brotou dele, pequenos rios escorrendo por todo o corpo.

– Não me dê alguns dias para descobrir mais sobre o que está acontecendo e sobre como posso ajudar, para que eu possa ir embora com a consciência tranquila.

– Por favor. Nós dois sabemos a verdade, Gideon. Você jamais deixará este lugar com a consciência tranquila. Não importa quanto tempo eu lhe dê. E, não, não estou fazendo isto para ser cruel. Por favor, acredite nisso.

Tendo dito isso, ela percorreu o resto da distância que a separava do armário.

Detenha... Detenha...

Ofegante, ele disse:

– Já dormi com muito poucas mulheres. – Muitas. – Todas me deixaram completamente saciado. – Ele tivera prazer, sim, mas se sentira vazio e sozinho. – Mas, com você, é tudo físico. – Não era. – Não admiro a sua força e coragem, e, merda, não quero ver o seu sorriso.

Ele queria. Mais do que tudo.

– Você não me conhece – respondeu ela de dentro do pequeno recinto.

– E não quero conhecer.

– Cale a boca! Simplesmente cale a boca! Eu *tenho* de ir. – Uma pausa. Uma fungada. – Eu tenho.

Um sussurro.

Não!

Um grito.

Gideon rugiu quando mais daquela dor terrível abateu-se sobre o corpo dele.

– A manhã não chegará em breve. Não aguarde pelo menos mais um dia.

Fique para sempre.

Com um fino tecido preto pendendo dos dedos, ela espiou para fora da janela.

– A lua está alta. Tenho várias horas para encontrar um lugar seguro. Ficarei bem. E, em breve, vou mudar de fuso horário de qualquer maneira, de modo que estarei acordada enquanto os seus

Caçadores estiverem dormindo.

O quê?

– Eu entendo. – Talvez pudesse enrolá-la. Mantê-la falando até o nascer do sol. – Não explique.

Ela voltou a desaparecer. Gideon escutou o ruído das roupas.

– A cada alguns meses, a hora de dormir do meu demônio muda. Desse modo, em algum momento, todo mundo no planeta tem uma chance de conhecê-lo.

A resposta exigira menos explicação do que ele esperara.

– Como é que seu demônio sabia que eu amava tanto aranhas?

– Ele simplesmente sabe. Sempre sabe. Por que tem medo delas? Eu fiquei curiosa.

Gideon gostava que ela se sentisse curiosa a respeito dele. Mesmo no tocante a isso.

– Antes de ser possuído – após – e nunca de vez em quando – sempre –, eu não as sentia percorrendo todo o meu corpo. Eu não as espantava aos tapas, e muitas outras não apareciam.

Algo caiu no chão com um barulhão. Gideon escutou um palavrão abafado.

O que mais poderia perguntar a ela? O cérebro dele estava confuso, enevado pela dor, mas, com certeza, devia haver alguma coisa.

– Então por quê... – Diabos, o quê? – Por que...

– Pare. Pode parar. Você jamais foi tão falante, de modo que sei o que está tentando fazer.

Uma pistola foi engatilhada, o metal deslizou sobre couro, e Scarlet, por fim, emergiu do armário. Mais uma vez, estava com uma expressão impassível. No entanto, desta vez, estava tremendo.

O cabelo estava preso em um rabo de cavalo na nuca. Estava usando uma das camisetas dele e calça de algodão. Ambas as peças estavam enroladas de modo a caber no corpo menor. Em vários lugares, havia volumes reveladores. Aparentemente ela estava roubando... quatro armas dele. Não que ele se importasse.

Gideon ficou de pé, determinado a cruzar a distância que os separava, a agarrá-la para lhe mostrar como as coisas eram boas entre eles. Contudo, enfraquecido e sofrendo como ele estava, as pernas não aguentaram o peso do corpo, e ele desabou no chão.

Com um grito de preocupação, Scarlet avançou até onde Gideon estava. Porém, antes de tocá-lo, deteve-se e recuou.

– Não se preocupe. Por favor, entenda, Gideon. – Fria, tão fria. – Tem de ser desse jeito. Estar com você... dói. Há simplesmente obstáculos demais no caminho. Eu represento uma desvantagem grande demais para você. E sei que a culpa não é sua, é minha, mas isso não muda nada.

Ele queria dizer que ela não era uma desvantagem. Mas não podia. Verdade ou mentira, Scarlet saberia o que ele queria dizer. Mini a influenciava com demasiada facilidade. Isso não significava que ela não valia o risco. Ela valia qualquer risco.

Apenas uma coisa o impedia de tomá-la nos braços e amarrá-la na cama. Queria que ela fosse feliz. Mesmo se isso significasse a própria tristeza. E, como Scarlet insinuara, ela não podia ser feliz com ele. *Doía*.

Não suportava a ideia de vê-la sofrer. Ela já passara por tanta coisa.

– Além do mais – continuou ela do mesmo modo frio e distante. Franzindo, ela esfregou as

têmporas, como se a cabeça estivesse latejando. Ou talvez o demônio dela fosse tão barulhento e intrometido quanto o de Gideon. – Minha memória em breve será apagada. Vou me certificar disso. Não me lembrarei mais de você, de modo que não há razão para começar algo que não tem futuro.

Não, não, não, pensaram o demônio *e* Gideon. E, no entanto...

Tremendo ante o esforço necessário para se mover, ele gesticulou na direção da porta. Ela hesitou apenas um instante antes de deixar o quarto... antes de deixar a vida de Gideon.

Não, Pesadelos, volte! Mentiras gritou, e foi a última coisa de que Gideon teve consciência.

Capítulo Vinte

O VELHO colchão rangeu quando a mulher desacordada se debateu sobre ele, perdida no que, provavelmente, era um pesadelo sangrento e violento.

Terei de agradecer à mulher de Gideon mais tarde, Strider pensou. E não se sentiu nem um pouco mal pela falta de compaixão.

Analisara a prisioneira enquanto esta dormira. Cada centímetro dela, chegando até a levantar-lhe as roupas para uma espiada em todos os lugares escondidos. Poderia haver armas ocultas em qualquer lugar. Alguns diriam que o guerreiro não tinha escrúpulos, e ele seria forçado a concordar. Não tinha. Não com esta mulher. Jamais com esta mulher.

Agora sabia quem ela era, e sabia que ela não era merecedora da leniência dele. Ela merecia era o fio da lâmina dele.

Ali, deitada na pequena cama de motel, trancafiada com ele neste quarto minúsculo, estava Haidee, a mulher que conduzira Baden, o guardião da Desconfiança, à morte.

Ela ajudou a destruir o meu melhor amigo!

A decapitação ocorrera milhares de anos atrás, e Haidee fora humana. No entanto, ali estava ela, tão jovem quanto havia sido na ocasião. O que significava que, agora, era imortal. Como isso acontecera, Strider não saberia dizer, mas ia descobrir. Ia descobrir um bocado de coisas com esta desgraçada.

Demorara algumas horas para reconhecê-la, porque as tatuagens, os piercings e as faixas cor-de-rosa no cabelo dela o confundiram. No passado, a aparência dela era bem diferente. O cabelo era muito mais escuro, embora ainda louro, e a pele vermelha de queimaduras de sol. Ela usava roupas conservadoras e pouco atraentes de uma serviçal e, embora bonita, não passara de mais um rosto na multidão.

Ele jamais a teria reconhecido a não ser pela tatuagem de placar nas costas dela.

Senhores: IIII

Haidee: I

Ela dividira as costas em duas, um lado para os Senhores do Mundo Subterrâneo, e outro para si mesma. Strider também sabia exatamente o que as marcas representavam, pois Baden também se marcara do mesmo modo. Vagabunda.

Os quatro que ele e os amigos supostamente haviam matado, o guerreiro não saberia identificar.

E, sim, era bem provável que ele os houvesse matado. Em seus muitos séculos, Strider matara milhares. Saber disso deveria ter mitigado a raiva que sentia pela mulher. Mas não mitigou. Baden fora o melhor homem que Strider já conhecera. O mais gentil para com os amigos, o mais solidário e amoroso.

É claro que ser possuído pelo demônio da Desconfiança o mudara, assim como ser possuído por uma força tão sombria mudara todos os outros. Mas Baden fora o primeiro a recuperar a razão. O que liderara todos os outros na direção da luz. Ele era o que mais se sentia culpado pela destruição provocada pelos Senhores do Mundo Subterrâneo. Fora o primeiro a estender a mão, em uma tentativa de se redimir com os humanos.

Baden também odiava o que se tornara, mais do que qualquer um dos outros. Odiava desconfiar de si mesmo, de todos ao seu redor, até mesmo dos amigos. Especialmente dos amigos. Mas isso apenas fizera Strider amá-lo ainda mais. Baden fora a salvação de Strider. Strider quisera ser a salvação de Baden.

Haidee destruíra essa chance.

Enquanto a moça continuava a se debater, os olhos fechados com força, o suor cobrindo-lhe a pele, os braços e as pernas tentando se libertar das amarras, o celular dela tocou. Strider sorriu. Vinha torcendo para isso acontecer, e nem precisava adivinhar quem era. O namorado. O líder dos Caçadores que o estavam perseguindo.

Ele estendeu a mão, pegou o aparelho sobre a mesinha de cabeceira ao lado dele e o atendeu.

– Lamento, mas ela está meio enrolada no momento e não pode atender – disse para o aparelho.

Houve uma pausa. Uma respiração alterada.

– Se você a machucar...

Ah, sim. O namorado.

– Se? – Strider riu com gosto. – Essa é boa. Muito boa mesmo.

Agora, houve um rugido.

– Que maldito de merda é você?

– Não importa. Tudo o que importa é que este maldito de merda está com a sua mulher. E não pretende devolvê-la. A não ser em pedacinhos.

O guerreiro escutou estática na linha, seguido de um barulhão alto e um palavrão. O sujeito deve ter esmurrado a parede.

– O que você quer com ela? O que quer em troca dela?

– Mil corações de Caçadores. Ah, esqueci. Caçadores não têm coração. Sendo assim, acho que não há nada que eu queira em troca dela.

– Seu maldito de merda! Ela é uma boa pessoa. Ela tem família. Ela...

– *Eu* sou uma boa pessoa. Eu tenho família. – Strider podia imaginar como tais palavras deveriam estar enfurecendo o Caçador. – E, no entanto, ela teria cortado a minha cabeça sem hesitação. Não posso deixar de fazer o mesmo por ela.

– Você não é bom, e sabe muito bem disso. É egoísta, pervertido e corrupto. Seu lugar é no inferno.

Egoísta? Pervertido? Sem dúvida. Mas corrupto? Não era bem assim.

– Tudo o que fiz foi tentar me proteger por milhares de anos.

– E, ao se proteger, matou os meus amigos.

– Assim como a sua mulher matou o meu. – Strider esmurrou o tampo da mesinha de cabeceira, rachando a madeira. O olhar dele voltou-se para a prisioneira, e ele ficou imóvel. Ela não estava mais se debatendo. Estava fitando-o com flamejantes olhos castanhos. – E pode acreditar – acrescentou com calma. – Ela vai pagar caro por isso.

Nenhuma reação de Haidee.

O namorado, contudo, explodiu.

– Eu *vou* encontrá-lo e vou matá-lo, seu maldito filho da puta!

Lentamente, Strider sorriu.

– Agora, isso pareceu um desafio. A boa notícia é que eu aceito. – Dentro da cabeça dele, o demônio pulava de alegria. – Encontre-me, e faremos uma festinha.

Strider fechou o aparelho, interrompendo a ligação, de modo a ser dele a última palavra.

Sem tirar os olhos da mulher, ficou de pé. A expressão assassina no rosto dele não mudou ao caminhar até o banheiro. Sabia que telefones podiam ser rastreados e localizados e não estava disposto a permitir que isso acontecesse. Sendo assim, esmagou bem o plástico e os fios e os jogou privada abaixo.

Ao juntar-se outra vez a ela, voltando para a cadeira ao pé da cama, estendeu as pernas e entrelaçou as mãos atrás da cabeça, em pose de arrogante relaxamento.

– Sentindo-se melhor após a soneca, Haidee?

A surpresa escureceu aqueles olhos castanhos.

– Ninguém me chama mais assim, *Derrota*.

Quer dizer que ela também sabia quem ele era. Mas por que o namorado não sabia?

– E como é chamada agora?

– Executora.

Uma provocação.

Em vez de esbofeteá-la, como queria fazer, ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Vou simplesmente chamá-la de Ex então. Visto que vamos ficar um bocado íntimos.

A surpresa foi substituída pela raiva. Mais uma vez, ela começou a se debater sobre a cama, forçando as amarras. Os lábios repuxaram-se, deixando à mostra os dentes brancos (ela deve ter usado aparelho em algum momento, pois ele se lembrava daqueles dentes sendo ligeiramente tortos), e a mulher sibilou para ele.

– Toque em mim e arranco a sua pele.

– Como se eu fosse tocá-la dessa maneira.

Ele estremeceu. Não se sentia atraído por esta mulher. Nem um pouco.

– Como se eu fosse burra o bastante de acreditar em um demônio.

– Não, só foi burra o bastante de matar um.

Nenhuma vergonha. Nenhum arrependimento.

– Mas de qualquer modo – prosseguiu ele, determinado a assustá-la de novo. – Planejo apresentá-la intimamente às minhas armas.

Engraçado. Isso a acalmou.

– Pode até tentar. – Foi tudo o que disse.

– Farei mais do que tentar. – Antes que ela pudesse responder, e o contrariar novamente, Strider disse: – Você mudou.

Ela o olhou de alto a baixo, sorrindo com desdém.

– Você não.

– Obrigado.

Ele estava sendo sincero.

– Não foi um elogio.

Fúria renovada.

Excelente.

– Claro que foi. Eu sou lindo.

– Também é um covarde – rosnou ela. – Um homem de verdade teria enfrentado alguém do seu tamanho.

Ele quase sorriu. Já fora chamado de coisas piores. Talvez por isso insultos como aqueles não o abalavam.

– Na verdade, sou um guerreiro muito esperto. Fui atrás do elo mais fraco, é verdade, mas agora, o restante da corrente vai enfraquecer. Pense um pouco. Com a sua morte, os homens enlouquecerão. Serão governados pela emoção. Cometerão erros. Tudo o que terei de fazer é aguardar o momento certo e matá-los.

Ela sequer estremeceu ante as palavras dele. Ou não acreditava que ele, de fato, mataria uma mulher, o que era uma estupidez, haja vista que Strider já o fizera antes, o que, como Caçadora, ela deveria saber ou considerava a si mesma infalível. O que, ele se deu conta, era... possível.

– Sei que você é mais do que humana. – Ao passar os olhos pelo corpinho compacto da Caçadora, a cabeça dele tombou para o lado. – O que eu não sei é o que você é e como ficou assim.

– E jamais saberá – respondeu ela com convicção.

– Presumo que isso não importa. Até mesmo imortais podem ser eliminados.

Um sorriso curvou os cantos dos lábios dela. Presunçoso, satisfeito e zombeteiro.

– Eu sei.

Duas simples palavras, mas que atearam fogo ao íntimo dele, que espalhou-se com fúria. Strider sentiu uma vontade quase irresistível de ficar de pé, avançar até a mulher e esganá-la até a morte. Queria machucá-la, queria fazê-la sofrer eternamente.

E o faria.

Sempre fora um homem possessivo. O que considerava dele era dele. Mulheres, carros, armas, não importava. Jamais dividia algo com alguém. E, naquele instante, considerava aquela mulher propriedade dele, e a desgraça dela, missão dele.

Haidee era dele para fazer com ela o que bem entendesse.

O que nós bem entendêssemos, o demônio corrigiu.

Quer dizer que Derrota também queria um pedaço dela. Talvez, só desta vez, Strider pudesse dividir.

Ele se esforçou para aparentar uma expressão calma. Achou que talvez centelhas vermelhas estivessem brilhando nos olhos dele, mostrando como o demônio estava perto de irromper, porque Haidee, ou melhor, Ex, ficou pálida, com veias azuladas aparecendo sob a pele.

Dentro da cabeça dele, Derrota riu, quase com alegria, adorando ver a mulher intimidada.

– Capturá-la foi a coisa mais fácil que já fiz – disse o guerreiro. – Não foi desafio algum. Você não é lá uma grande guerreira, é? O que me faz perguntar por que eles a mantêm por perto. Será que é porque gostam de passá-la de mão em mão? Porque conseguiu matar um dos Senhores do Mundo Subterrâneo, um feito que ninguém dos da sua laia foi capaz de repetir?

Os olhos dela se estreitaram.

– Talvez eu tenha permitido que me capturasse. Talvez eu seja isca e, agora que estamos juntos, irei conduzi-lo ao matadouro. Mas permitir que os homens me usem? Não! Estou com um só, e ele vai castigá-lo por isso. Tem a minha palavra.

– A palavra de uma Caçadora? Lamento, mas não significa nada para mim.

– Se acha que vou implorar para que me solte, está enganado. Se acha que vou tremer de medo aos seus pés, está enganado. Eu vou vencer no fim.

– Você pode até tentar – retrucou ele, usando as palavras anteriores dela.

– Farei mais do que isso. Darei ao meu amante a sua cabeça de presente de aniversário.

A maioria já estaria chorando àquelas alturas. Strider não tinha como negar que ela era corajosa.

– É claro que você não me conhece direito, se acha que vai estar viva para o próximo aniversário do seu amante... Mas você é uma Caçadora. Eu não deveria ter esperado que inteligência fosse uma de suas qualidades.

Fumaça pareceu sair pelas narinas dela. A princípio, Strider pensou ter se enganado. Contudo, não. Era de fato vapor.

– Ah, eu conheço você – disse ela. – É Strider, guardião da Derrota. Já vi fotos suas, escutei as histórias de suas façanhas. Você incendiou cidades, atormentou inocentes e, em seguida, destruiu as famílias deles.

– Isso foi há muito tempo.

Ela ainda não terminara.

– Você não resiste a um desafio. Não pode perder sem sentir dor. Pois bem, adivinhe só? Não acho que seja capaz de me manter neste quarto sem me amarrar. Não acho que seja forte o bastante.

Que vagabunda. Então ela queria desafiá-lo, não é? Em breve, perceberia o erro que cometera. Ele ficou de pé, avançou até a cama e sacou de uma faca. Surpreendentemente, ela não se encolheu quando ele a abaixou na direção dela.

Com rápida perícia, ele cortou cada uma das amarras. Na mesma hora, ela tentou correr para a porta. Ele a agarrou pelo pulso e a puxou de volta para a cama. Uma exclamação de surpresa escapou dos lábios da Caçadora.

No instante seguinte, Strider estava em cima dela, o peso dele a esmagando. Ela resistiu, ah, como resistiu, tentando mordê-lo, batendo nele com as mãos, tentando lhe acertar a virilha com o joelho. Strider aguentou a dor, e ela logo se cansou, ofegando, suando, com mais vapor saindo das narinas.

O vapor cheirava a... turfa e madeira queimada. Estranho.

– Você realmente deveria pensar antes de falar. Está há muito tempo sem ser alimentada ou sem ter o que beber. – Como se ela fosse um animal. – Está fraca demais para me enfrentar.

Quando ela ficou imóvel por completo, ele agarrou os pulsos dela, imobilizando-os acima da cabeça dela. Prendeu as pernas da Caçadora com as dele e aninhou o corpo ao dela.

A mulher era macia, quente, o perfume de turfa estranhamente erótico. Sentiu a vara se alongando, engrossando, e rosnou subitamente furioso.

– Está vendo? Fácil – disse para ela.

Ela o fitou através da proteção densa dos cílios, os olhos escuros firmes, impassíveis.

– O primeiro assalto é seu. Não que faça diferença.

– É o que diz a perdedora.

O demônio dele ronronou de alegria. A alegria deu lugar ao prazer, e tal prazer lhe percorreu o corpo. Ah, era por isso que se sentia excitado. Nada tinha a ver com a mulher. Graças aos deuses.

– E agora? – perguntou ela com aquela voz calma e imperturbável.

– Agora mandamos um pedaço seu para o seu namorado. Depois mandamos o restante para os meus amigos.

QUANDO ALCANÇARAM o palácio de Lúcifer, Amun já estava inútil e receava ter enfraquecido os companheiros. Houvera outras batalhas com demônios. No entanto, Aeron e William tiveram de lutar sozinhos, enquanto o protegiam. Agora estavam machucados e ensanguentados, tendo ainda de arrastá-lo com eles. Até mesmo William, que os demônios inferiores não quiseram enfrentar. Que os demônios inferiores deixaram em paz, enquanto o guerreiro lhes cortava as cabeças.

Seria melhor para os amigos que o deixassem para trás.

A nova voz na cabeça dele... deuses, era pior do que qualquer outra que já acolhera. Tantas novas vontades... matar, mutilar, destruir. Lembrava Amun de seus primeiros anos com o demônio. Tantos atos malignos... tantas lembranças.

Uma daquelas lembranças ocupava a mente dele naquele mesmo instante. Três almas humanas nuas e acorrentadas diante de si, todas tremendo, implorando piedade. Contudo, ele não tinha misericórdia. Estava ansioso demais por aquilo. Afiou as garras até se tornarem duas pontas letais e, com rapidez, arrastou cada ponta sobre os dois homens profundamente, cortando a carne e acertando os ossos, deixando a mulher ver o que, em breve, seria feito com ela, alimentando o pavor dela. Ambos os homens gritaram, pois as garras estavam banhadas em ácido.

O ácido atravessou as almas humanas, apodrecendo tudo o que tocava.

Logo as peles dos homens se transformaram em carvão, que foi se espalhando. Foi então que ele os virou, um de cada vez, o doce odor de podridão no nariz, e os estuprou. Os gritos ficaram mais intensos, as contorções ficaram mais intensas, e ele riu. Riu com verdadeira alegria. Isto era divertido. Isto era sempre divertido.

A mulher observava cada arremetida, indefesa, com medo, sabendo que seria a próxima.

Em breve, prometeu para ela. Por fim, aliviou-se no segundo homem e virou-se para a mulher, já endurecendo de novo. Ele estava sempre duro. Sempre pronto. Quanto mais relutante a vítima,

melhor.

Ela tentou se arrastar para longe dele, mas a corrente ao redor do pescoço a impediu. Ele riu.

Não, Amun gritou dentro da própria cabeça. Não sou eu. Não sou eu.

Na realidade, ele curvou-se e vomitou. Pelo menos, os espasmos do corpo serviram para bloquear o restante da lembrança.

Mãos fortes acariciavam as costas dele, oferecendo consolo.

– Isso mesmo. Ponha tudo para fora – disse Aeron.

Assim que esvaziou por completo o estômago, ele endireitou-se. Ou tentou fazê-lo. Os joelhos, enfim, cederam, e nem mesmo os amigos foram capazes de segurá-lo. Ele estava pesado demais. Peso morto.

Eles conseguiram arrastá-lo até uma árvore retorcida e apoiá-lo de encontro ao tronco recortado.

Gemendo, Amun forçou as pálpebras a ficarem abertas. A voz nova continuava a gritar, a se fazer presente, e a dor na cabeça dele foi aumentando, mas ele preferia sentir dor a ter que ver aquelas imagens terríveis.

A floresta que os cercava era feita de cinzas e de folhagem seca. Não havia verde nem flores coloridas. Apenas um interminável mar negro.

– Descanse um pouco para recuperar as forças – disse William, olhando para a colina ao longe, onde ficava o palácio de Lúcifer – Estamos quase lá.

Tijolos pretos erguiam-se do oceano monocromático com duas torres em ruínas conectando-se no centro para formar uma cabeça de caveira gigantesca. Uma escadaria cercada por estacas que continham cabeças humanas decapitadas levava à boca aberta da caveira, na qual os afiados dentes amarelados pendiam como lustres. Ele jamais conseguiria chegar lá.

Apenas deixem-me aqui, tentou sinalizar.

Não achou que fosse conseguir, mas, mesmo assim, William o entendeu.

– Você precisa vir conosco. Se vier a ser necessário, e eu torço para que não seja, apenas você poderá descobrir onde Lúcifer escondeu a garota.

Seriam as lembranças de Lúcifer tão piores do que as deste demônio? Será que Amun conseguiria aguentar mais? Sabia a resposta, e esta não era de bom agouro para ele.

– Você já esteve aqui antes – disse Aeron para o guerreiro. – Anya disse que Lúcifer até tem medo de você. Por quê?

– Anya não sabe o que diz.

William, cauteloso, protegia os pensamentos.

– Eu acho que não. Conhecimento é poder, e precisamos de todo o poder possível. Olhe só para nós.

Com a mão, Aeron gesticulou na direção do próprio corpo ensanguentado.

Estava no limite da paciência, pronto para explodir à menor provocação.

– O motivo não importa – retrucou William. Ele também estava se preparando para uma batalha. – Ele lutará comigo, assim como lutará com você.

A discussão não estava levando a nada. Amun estendeu uma mão trêmula para que o ajudassem a se levantar. Os joelhos quase voltaram a ceder, mas dois braços fortes o envolveram, verdadeiras

âncoras na tempestade.

Mais uma vez, os três seguiram em frente. Quando chegaram ao topo da colina, estavam ofegantes, praguejando. Não havia guardas demônios postados na entrada da escadaria; todavia, Lúcifer não tinha a intenção de mantê-los fora do palácio. O príncipe das trevas estava aguardando lá dentro.

Subiram as escadas com poeira abundante sob os pés. A porta da frente estava aberta. Após a mais breve das pausas, adentraram o enorme saguão, onde havia pilhas de ossos em cada canto. O chão estava manchado de vermelho de sangue e pegajoso devido a coisas que Amun nem quis pensar.

Ele libertou-se dos braços dos amigos, determinado a ficar de pé sozinho. Não os atrapalharia mais do que já atrapalhara.

– Fiquem preparados – sussurrou Aeron, espadas já em mãos.

– Já estou preparado – retrucou William, espadas também em mãos.

As balas haviam acabado, e eles tiveram de se desfazer das pistolas.

Juntos, avançaram em linha reta. Amun sempre tropeçando nos próprios pés. Mas estava andando, e, no momento, era tudo o que importava. Por fim, alcançaram um quarto com esquentantes chamas douradas lambendo cada uma das paredes e espalhando o calor em todas as direções.

O demônio dele suspirou. E, se o guerreiro não estava enganado, proferiu a palavra: *casa*. O enjoo voltou a se apossar dele. Ali, no centro do aposento, havia uma plataforma feita de enxofre e, no topo do enxofre, havia um trono de metal e ossos retorcidos.

O príncipe das trevas estava refestelado nele, calmo, sem se deixar perturbar pelos visitantes inesperados.

– Até que enfim – Lúcifer disse, bebendo de um cálice enfeitado com joias. Era forte, com cabelo e olhos negros. Teria um rosto bonito, que teria feito as mulheres se derreterem, exceto pela insensibilidade dos olhos. Eles o entregavam, revelavam a maldade dele para todos verem. – Como demoraram.

– Onde está Legião? – quis saber Aeron.

– O quê? Nada de cordialidade? Nada de “como vai, mestre”?

– É claro – disse William com calma. – Estou bem, obrigado, escravo.

Lúcifer cerrou os dentes antes de assentir em sinal de cumprimento.

– William. Fiquei surpreso ao saber que havia retornado.

– Apenas diga logo para o homem o que ele quer saber, e iremos embora. Seu sangue não terá de ser derramado.

Amun concentrou todas as suas energias no príncipe, conectando-se à mente dele, sintonizando os pensamentos dele. A princípio, não houve nada. Apenas silêncio. Mas Amun continuou a forçar, a ir mais fundo, e deve ter, enfim, penetrado algum tipo de barreira. De repente, foi atingido por uma intensa onda de ódio. Ódio e medo, como Anya previra.

Meu, meu, meu. Vocês não levarão o que é meu.

– Lamento que meus subordinados os tenham tratado tão mal – disse Lúcifer. O tom era tão

tranquilo quanto fora desde o início, como se os pensamentos não estivessem entoando algo completamente diferente. – Eu vou, é claro, castigá-los. Afinal de contas, você foi o criador deles.

Uma veia saltou na têmpora de William.

Criador? Como? Os pensamentos dele ainda estavam protegidos, e Amun não tinha forças para alcançá-los. Além do mais, isso poderia ter rompido o vínculo com o príncipe.

A cabeça de Lúcifer inclinou-se para o lado, e ele sorriu, a atenção voltando-se para Aeron.

– Há algo diferente em você, Ira. – Pensativo, ele acariciou o queixo. – Não, não. Não posso chamá-lo assim, posso? Você não é mais Ira. Está livre de demônios. Gostaria de mudar isso?

– Apenas nos diga onde está a garota ou nos enfrente. Você está me entediando e tenho coisas a fazer – disse William.

A atenção de Lúcifer retornou para ele, os olhos se estreitando.

– Ah, sim, e sei exatamente que coisas são essas. Seduzir uma garota menor de idade chamada Gilly. Seu desejo por ela cresce a cada dia que passa, não é? *Irmão*.

Irmão?

Aeron se enrijeceu, lançando um olhar chocado e furioso para William.

Lúcifer riu dentro da cabeça, satisfeito consigo mesmo.

Ele está tentando dividi-los, Amun sinalizou, sem ter certeza se Lúcifer falara sério. Não quanto a Gilly, pois Amun sabia que aquela parte era verdade, mas no tocante ao vínculo familiar. Nenhum dos guerreiros lhe deu atenção.

– Ele está mentindo, é claro – afirmou William com calma. Ou, pelo menos, tentou fazê-lo. A voz dele tremeu ligeiramente. – Posso ter a mulher que eu desejar. Jamais possuiria uma criança.

Uma das sobrelhas escuras arqueou-se presunçosa e divertidamente.

– Se é o que diz. Agora, vamos dar início ao entretenimento da noite e aliviar o tédio de vocês.

Ele bateu palmas, e o som ecoou, agitando as labaredas que os cercavam.

À esquerda, dois demônios, Lordes Superiores, adentraram o aposento. Estavam ansiosamente aguardando o chamado. Entre eles, estava Legião, os ombros curvados, o cabelo claro emaranhado ao redor da cabeça. Estava despida e acorrentada, e havia chagas nas coxas, indicando os lugares onde fora chicoteada. Sabendo que não podia se dar ao luxo da distração, Amun bloqueou os pensamentos dela... mas não antes de vislumbrá-los por um instante. Ah, as coisas terríveis que haviam sido feitas com ela... Tão pior do que as que o demônio da dor lhe mostrara, pois aquela criatura apenas testemunhara parte da tortura dela.

Ela talvez jamais se recuperasse.

Estava tão ferida quanto ele, e havia uma aflição no olhar dela que não estivera presente antes. Contudo, ao avistar Aeron, ela começou a se debater, a gritar, preocupada com ele, esperançosa por si mesma.

– Aeron! Aeron!

Os demônios a seguraram com força, e Aeron fez menção de avançar na direção deles, mas William o agarrou pelo braço, mantendo-o no lugar.

– É o que ele quer.

Lúcifer estava observando Aeron, deliciando-se com a reação dele, adorando a palidez da pele, o

cerrar dos dentes dele.

– Nada a dizer, Aeron?

Aeron assentiu.

– Você morrerá por isso.

– Só isso?

O guerreiro voltou a assentir.

O príncipe foi tomado de desapontamento, pois quisera ver Aeron esbravejar e amaldiçoá-lo.

Mas isso não mudaria os planos dele. O que arquitetara com certeza levaria Aeron, que arruinara as intenções dele de possuir Legião e de destruir os Senhores do Mundo Subterrâneo, ao limite.

– Nesse caso, que tal darmos início às festividades?

Capítulo Vinte e Um

SCARLET ESTAVA experimentando os cinco estágios da perda. Todos ao mesmo tempo. Negação: Gideon *não estivera* se contorcendo de dor quando ela o deixara. Raiva: a vagabunda da mãe dela ignorara-lhe os chamados, repetidamente, de modo que ela não conseguira ainda voltar para o céu para começar a tentar localizar Mnemosine. Negociação: *permita que Gideon enfim vença a guerra dele*, rezara para ninguém em particular, *e esquecerei a vingança contra a minha tia*. Ele estaria a salvo, e Scarlet não seria uma desvantagem. Depressão: jamais voltaria a ver o lindo guerreiro, tinha certeza disso. Aceitação: fizera a coisa certa ao deixá-lo. Ele ficaria melhor sem ela.

Lágrimas lhe arderam os olhos, mas ela tratou de enxugá-las. Apenas um dia se passara, mas sentia uma saudade terrível dele. E, como uma viciada precisando de uma dose, ainda estava em Budapeste, perto dele. Perto o suficiente para escalar a cerca de ferro ao redor da fortaleza, caminhar até a porta da frente, bater, agarrá-lo quando ele abrisse a porta em questão e beijá-lo.

Diabos, não. Mal tivera forças para ir embora da primeira vez. Jamais conseguiria fazê-lo uma segunda vez.

Idiota. Frustração e desespero juntaram-se às outras emoções dela. Teria tentado invocar outra pessoa além da mãe para obter uma passagem para Titânia, mas nenhum dos deuses, Gregos ou Titãs, gostava dela. Ou, se gostavam, ela não se *lembrava*. Maldita Mnemosine.

Volte para Gideon, Pesadelos implorava. *Eu me comportarei. Prometo*.

O demônio dela também experimentara os cinco estágios da perda, mas sempre retornava à negociação.

Você sempre gostou dele. Por quê? Não compreendo. Você não gosta de ninguém.

É meu.

Quem dera.

Não sou boa para ele.

Mas queria ser. Deuses, como queria ser.

Ele podia não ser o marido dela, ela podia não ter nenhuma história com ele, mas, durante a última semana, viera a... gostar dele. E ele viera a gostar dela. Ela tinha certeza. Ele tentara convencê-la a ficar. Dissera que queria mais dela. E, ah deuses, escutar aquelas palavras quase dera fim à determinação de partir.

Contudo, no fim, Scarlet soubera que partir era a melhor, a única, opção. Também soubera que tinha de fechar por completo a porta que levava a eles. Caso contrário, ele poderia ter vindo atrás dela. Até a tia dela estar morta, tinham de permanecer separados. Enquanto Mnemosine estivesse viva, Scarlet estaria vulnerável. Ou, melhor dizendo, a mente dela estaria. E, se a mente dela estivesse vulnerável, isso significava que Gideon estaria vulnerável. Ela poderia ser convencida a machucá-lo, a matá-lo, ou até ser convencida de que ele estava determinado a machucá-la ou a matá-la. Ele não merecia isso.

Era um homem bom. Um homem bom, forte e lindo, e ela já lhe tumultuara demais a vida. Porém, assim que a tia estivesse morta, se ele ainda quisesse tentar um relacionamento, ela estaria disposta. Entretanto, duvidava que ele fosse querer tentar. Houvera frustração, desespero, raiva e tristeza no olhar dele quando ela o abandonara.

Na noite passada, Scarlet ficara tentada a lhe invadir os sonhos. A mente dele estava aberta para ela, de modo que ela poderia ter facilmente entrado. Foram necessárias todas as suas forças para resistir. Na verdade, quase morrera de vontade de fazê-lo. A única coisa que a salvara, ironicamente, fora a tia. Scarlet aguardara do lado de fora do portal que levava à consciência da mulher, porém, Mnemosine jamais adormecera.

Próximo da manhã, Pesadelos estava um irrequieto caldeirão de voracidade, e Scarlet soltara as rédeas do demônio. Uma onda de tormentos rapidamente fora deflagrada, moldando os sonhos sombrios de milhares. Incluindo Rhea.

Isso, Scarlet gostara, tomando o cuidado de presentear a mãe com o maior medo dela: perder para o marido.

Agora o sono voltava a dominar Scarlet, e, mais uma vez, ela estava aguardando do lado de fora do portal da tia. Já que não conseguia alcançar Mnemosine, iria trazer Mnemosine até ela e se divertir um pouquinho no processo. Fora por isso que removera o colar de borboleta que Gideon lhe dera. Para que pudesse ser encontrada. *Logo...*

Scarlet teve de aguardar por várias horas, mas, desta vez, a porta de Mnemosine se abriu com um rangido... apenas para se bater tão rápido que ela não conseguiu espiar lá dentro. Ora, ora. A tia estava lutando contra o sono. Em breve, contudo, a deusa da Memória perderia. Sempre perdiam.

O tempo todo, como antes, a fome de Pesadelos foi crescendo.

Só mais um pouquinho, dizia ela para o companheiro.

O demônio choramingou dentro da mente dela, e as sombras e os gritos que faziam parte dela há milhares de anos, tanto que mal os notava mais (até Gideon levá-la à loucura, mas ela não se importou na ocasião), aumentaram de intensidade, tentando se libertar. Em busca de um alvo.

Eu prometo, ela acrescentou.

Se tivesse de permitir outra onda desenfreada de tormentos, era o que faria.

Porém, por fim, a espera valeu a pena.

Mnemosine cochilou, a porta se entreabriu, e Scarlet correu lá para dentro. Antes que ela pudesse fechar de novo, o que estava em vias de fazer, Scarlet se agarrou ao doce sonho reluzente, ainda tentando se formar, e puxou, arrastando a tia para um estado de sono cada vez mais profundo. Seduzindo-a...

O sonho prosseguiu.

Mnemosine se viu no trono celestial, rainha tanto dos deuses quanto dos mortais. Dava ordens que eram obedecidas, e poemas eram escritos sobre a beleza dela. Embora fosse amante de Cronos, na verdade, este não era o homem que ela realmente desejava. Tal honra pertencia ao deus Titã da Força, Atlas. Era um homem bonito, com cabelo escuro e olhos de um tom mais escuro de azul do que os de Gideon, e estava sentado à direita dela.

A cena era tão tranquila, tão auspiciosa.

Scarlet teve vontade de gritar! A tia não merecia tamanho louvor, nem mesmo nos sonhos. Não após tudo o que fizera. Não após toda a dor que causara.

Amarrando a cara, Scarlet estendeu a mão e começou a apagar o fundo. Atlas foi o primeiro a ir, seguido do trono dourado e do palácio. No lugar deles, brotaram espinhos e chamas. Ela colocou Mnemosine no centro das intensas labaredas, observando enquanto elas lambiam o corpo da tia, consumindo a pele, a beleza dela.

Mnemosine gritou de horror, de completa agonia. O sonho era tão real que a pele deveria estar queimando na vida real. Não a mataria, Scarlet não permitiria que as chamas durassem o suficiente para isso, mas a machucaria e a deixaria horrorizada ao se ver de manhã. Ao ver a beleza desaparecer, sendo substituída por uma bruxa revoltante. Ah, sim. A pele voltaria a crescer. Mas até que isso acontecesse...

Pesadelos dançava dentro da cabeça dela, adorando cada instante.

Scarlet mandou embora as chamas. Gemendo, a tia caiu ao chão, as pernas fracas demais para sustentar o peso do corpo. Scarlet caminhou até ela, rearranjando a cena com cada passo que dava. As acinzentadas paredes lisas do Tártaro apareceram, seguidas dos vários catres que se alinhavam ao longo da parede dos fundos da cela compartilhada. Em seguida, Cronos e Rhea apareceram, discutindo em um canto.

Por fim, Scarlet acrescentou a si mesma. Maltrapilha, suja, com uma coleira de escrava ao redor do pescoço e o emaranhado do cabelo descendo até a cintura. Cortá-lo fora um prazer e uma das primeiras coisas que fizera ao ser libertada. Na visão, encostou as costas nas barras da cela e olhou na direção da tia.

– Lembra-se disto? – perguntou ela.

Mnemosine mal teve forças para erguer a cabeça, mas foi o que fez, o ódio reluzindo no olhar. Cada respiração vinha com dificuldade, e lágrimas lhe rolavam pelo rosto. As lágrimas salgadas tinham de arder.

– Ou vem ao meu encontro – disse Scarlet agachando-se até ela e agarrando-lhe o queixo, apesar da tentativa da tia de evitar o contato –, ou virei visitá-la cada vez que adormecer.

– Sua puta. – Mnemosine cuspiu. – Cronos a matará quando vir o que fez comigo.

– Ótimo. Aguardo ansiosamente as tentativas dele. Enquanto isso, aproveite o seu primeiro gostinho do inferno.

GIDEON AGUENTOU dois dias. Dois malditos dias. Assim que recuperara as forças, ajudara a fortificar a fortaleza, esgueirara-se até a cidade em diversas ocasiões para perseguir os Caçadores, encontrara

alguns desgarrados, os interrogara, não descobrira nada e os matara.

Agora, ia atrás de Scarlet.

As lembranças que ela tinha dele eram criação dela, e, sim, agora ela sabia que eram lembranças falsas. Todavia, falsas ou não, ela inventara um bocado de bons momentos entre os dois. E ainda o desejava. Embora pensasse que ele a abandonara na prisão, embora achasse que ele a traía com inúmeras mulheres, ainda viera até Budapeste atrás dele.

Ele não poderia deixar por menos.

A simples verdade é que a amava. Amava Scarlet com cada fibra do ser dele, cada célula do sangue, cada osso, cada órgão que possuía. Ele a amava até as profundezas da própria alma. Ela era forte e corajosa, e o entendia como ninguém jamais fora capaz de entender. Ela o provocava e jamais parecia se irritar por ele não poder dizer a verdade. Ela até se divertia com isso.

Scarlet era linda e combinava perfeitamente com ele. Gideon não conseguia pensar direito quando ela não estava por perto, porque só conseguia pensar nela. Só conseguia tentar imaginar onde ela poderia estar e o que poderia estar fazendo. Imaginar se ela sentia saudades dele, se precisava dele, se pensava no prazer que haviam proporcionado um ao outro... e que poderiam se proporcionar de novo.

Tudo o que tinha de fazer era encontrá-la.

Não, Mentiras suspirou concordando. Não, obrigado.

Não precisa agradecer.

Determinado, Gideon massageou a nuca. Ele chegou a uma conclusão. Scarlet queria destruir a deusa da memória. A última pessoa a ver a deusa fora Cronos. No céu. Apenas imortais capazes de se teleportar ou que tinham asas podiam entrar no céu por conta própria, e Scarlet não estava incluída em nenhum dos grupos. Sendo assim, precisaria de ajuda.

Ela sabia que Cronos não a ajudaria. Ela teria procurado a mãe, como fez quando estava procurando Gideon. Mas será que a rainha dos deuses a ajudaria outra vez? Scarlet estava agora determinada a destruí-la.

Provavelmente não.

Quem restava?

Maldição. Não conseguia pensar em ninguém. O que o fazia voltar à estaca zero. Ela jamais mencionara um amigo ou um aliado.

Não fazia diferença. Ainda iria atrás dela.

Gideon marchou até o quarto de Torin. Antes que pudesse erguer a mão para bater, o amigo gritou:

– Entre.

Gideon girou a maçaneta e entrou no quarto, fechando a porta atrás de si.

– Eu o estava aguardando muito antes – revelou Torin, girando a cadeira de modo a fitá-lo.

As duas mãos estavam pousadas no colo, o retrato de um homem relaxado. Tinha cabelo branco e sobrancelhas negras, um rosto tão sereno e lindo que, às vezes, era difícil olhar para ele. Mas era incapaz de fazer qualquer contato pele a pele com qualquer um, o que era uma tremenda maldição. Gideon não conseguia imaginar não ser capaz de tocar em Scarlet.

Preferiria morrer.

Antes de dar início a um discurso sobre ter de partir, ou, na língua de Gideon, como diria Scarlet, precisar ficar, perguntou:

– Como não está todo mundo hoje?

Todos os Senhores se comunicavam com Torin pelo menos uma vez por dia.

– Vivo. É tudo o que sei. Embora Strider tenha me mandado uma mensagem de texto dizendo que, em breve, estaria em casa com um presente para todos.

Um presente. A curiosidade dele foi despertada, mas Gideon apenas assentiu.

– Escute, não tem algo que eu preciso falar com você...

– Pode parar por aí. – Torin ergueu a mão. – Não há necessidade de inventar alguma coisa em uma língua que eu ainda tenho dificuldades em decifrar. Como eu disse, eu o estava aguardando muito antes. Soube da sua “esposa” e, sinceramente, estou surpreso que tenha esperado tanto. Kane, Cameo e eu temos a situação sob controle aqui. Desde que Strider se despediu cortando a garganta de todos que cercavam a fortaleza, ninguém tentou nos atacar, e não vi nada que indicasse que planejam fazer isso no futuro próximo. Sendo assim, vá buscar a sua mulher. De qualquer modo, podemos usá-la do nosso lado.

Gideon foi tomado de alívio.

– Eu o odeio, homem. Você não sabe disso, não é?

Torin sorriu.

– Agora, *isso*, eu não tenho dificuldade em decifrar e também o odeio. Mas nem pense em me abraçar. Não sou do tipo que gosta de abraços. Minhas afeições são capazes de matá-lo de verdade.

Poderia valer a pena.

– Você sabe que eu não o faria, não é? – perguntou Gideon com uma expressão séria. – Quero dizer, abraçá-lo. Também não lhe sapecaria nos lábios um beijo bem molhado.

O que significava que certamente o faria. Porque, ainda assim, seria capaz de beijar Scarlet. É, estaria infectado e a infectaria, mas nenhum dos dois morreria e jamais seriam capazes de tocar em outra pessoa.

Gostava da ideia de ter Scarlet toda para si.

O guardião da Doença fez beicinho.

– Nesse caso, não permita que eu o detenha. Já faz tanto tempo que eu estou desesperado. A essa altura, até você está me parecendo uma tentação.

Gideon não tinha certeza se, algum dia, Torin já fora beijado, mas também se viu sorrindo.

– Você é...

– Mentiras! – gritou uma voz dura do lado de fora, ecoando por meio dos alto-falantes de Torin. – Mentiras! Sei que está aí. Venha aqui fora agora mesmo! Venha aqui fora me enfrentar!

Com a expressão divertida desaparecendo do rosto, Torin girou a poltrona e olhou as telas dos computadores. Gideon aproximou-se para enxergar mais de perto. Ficou embasbacado com o que viu. Galen, guardião da Esperança, líder dos Caçadores, pairava do lado de fora da fortaleza, as asas brancas batendo freneticamente.

Em geral, o guerreiro usava um manto branco impecável. Para combinar melhor com anjos e

deuses. Hoje, o manto estava coberto de fuligem e sangue, e a bainha estava puída.

– Você não vai me matar – gritou o guardião da Esperança, os braços abertos, espadas reluzindo em ambas as mãos. O cabelo claro estava em pé, e os olhos azul-celeste pareciam selvagens. – Vou me certificar disso.

Seria isto um sonho? Nada parecido já havia acontecido antes. Galen agia nas sombras. Galen enviava humanos para fazerem o trabalho sujo. Porém, Galen jamais, *jamais*, desafiava alguém abertamente.

– Ele está completamente são, não está?

– Não sei por que ele cismou com você. – Torin digitava com fúria no teclado. – Não há Caçadores por perto que eu consiga localizar. Ainda assim, não confiaria nele para não ter reforços escondidos em algum lugar.

– Mentiras! Ou vem aqui fora me enfrentar ou eu incendiarei a sua casa.

Merda. Gideon não precisava disso, não agora. Qualquer outra hora, teria tido o maior prazer em enfrentar o maior inimigo dele. Scarlet era mais importante para ele do que, enfim, acabar com esta guerra.

Se acabar com a guerra, terá mais tempo para Scarlet.

Verdade.

– Posso tentar abatê-lo – disse Torin –, e você pode...

– Não. Não vou até lá.

– Mentiras!

Torin assentiu.

– Só por garantia, estou mandando uma mensagem de texto para Kane e Cameo. Estou mandando que sigam para a floresta para se certificar de que você não será emboscado.

– Não, obrigado. Agora, não diga para o nosso amigo que estarei lá fora em cinco minutos.

Mais uma vez, Torin assentiu.

Gideon correu até o quarto. Já estava carregando várias armas, um guerreiro jamais podia se descuidar, mas pegou o lançador de granadas-foguete, uma granada e sorriu. Há muito tempo que não usava essa gracinha. Sabin a considerara perigosa demais para se usar com inocentes por perto.

Hoje não havia inocentes por perto.

Ele correu até o lado da fortaleza em que Galen se encontrava e agachou-se diante da janela mais alta, o que o colocou acima do Caçador. Galen estava olhando para o chão, esperando que ele emergisse pela porta da frente. O mais silenciosamente possível, Gideon abriu a janela e passou a boca do cano do lançador pela abertura da cortina.

– Mentiras! – gritou o impaciente imortal. – Covarde!

Não. Inteligente. Gideon carregou a granada na boca do cano, pousou no ombro o pesado lançador, mirou, segurou a arma com firmeza, sorriu de novo quando Galen apareceu na alça de mira e apertou o gatilho.

Bum!

Por mais forte que fosse, Gideon foi jogado para trás devido à força da granada-foguete, mas rapidamente se endireitou e examinou o resultado de seus esforços através da fumaça deixada para

trás.

Atingira o alvo, lançando Galen a vários metros de distância, girando-o no ar e provocando uma explosão de fogo e fuligem no céu. Aquilo teria matado qualquer mortal. Contudo, Galen estava ferido e sem uma das mãos (o troco mais do que merecido), mas ainda não estava fora de combate.

Apenas parecia ainda mais furioso.

Com um rugido, o agora flamejante guerreiro propulsionou-se através da janela do aposento ao lado. O vidro espatifou-se, e Gideon escutou um gemido. Em seguida, passos fortes ecoaram. Gideon sacou de dois punhais e correu na direção do corredor, os quadros e as mesas recém-polidas não passando de borrões ao lado dele.

Chocou-se com o inimigo no meio do corredor em uma confusão de socos, chutes e estocadas. As asas do Caçador estavam quebradas, e o pulso mutilado estava espirrando sangue, que encharcou as roupas de Gideon. Havia um buraco fumegante no ombro, onde o foguete deve ter atingido primeiro; entretanto, a força dele permanecia inalterada. Algo que a determinação era capaz de fazer.

– Você não vai tomar a minha cabeça – rugiu o Caçador, golpeando com a mão ainda intacta.

Ele conseguira não perder a espada e, agora, cortava a lateral do rosto de Gideon. O sangue começou a escorrer do corte.

Com um rugido, Gideon golpeou com as facas que tinha. Um corte no pescoço de Galen, e outro no ombro bom dele. Este homem fora amigo de Gideon durante muitos anos, no entanto, fora inimigo dele durante milhares mais. Não restava amor. Nem boas lembranças.

Era a hora de dar um fim a isto.

A respiração faltou a Galen, que segurava o pescoço agora aberto. Gideon soltou-se dele e ficou de pé, ofegante, suando, sangrando, fitando o homem responsável por boa parte do sofrimento dele. Se Galen não tivesse existido, ele jamais teria pensado em roubar e abrir a caixa de Pandora. Teria permanecido no céu, um soldado de Zeus. Talvez, enfim, teria notado Scarlet e a teria libertado, como ela sonhara. Talvez teriam vivido felizes para sempre.

Ou, talvez, ele teria sido trancafiado quando os Titãs escaparam do Tártaro. Talvez os Titãs não teriam escapado se ele e os outros guerreiros houvessem estado lá. Mas isso não importava. O que estava feito estava feito. Agora tinha a chance de consertar as coisas.

Ao fundo, Gideon conseguiu escutar as batidas de dois pares de botas e soube que Cameo e Kane estavam correndo para ajudá-lo.

Ele riu. Parecia tão simples, tão fácil. Este homem fugira dele, causara problemas de longe, mas fora abatido em questão de minutos. A vida não poderia ser melhor.

Ele ergueu a faca. Mais um golpe, e a cabeça de Galen rolaria.

E, claro, foi naquele instante que Rhea, a rainha dos deuses, apareceu de repente em uma explosão de luz azulada. Estava pálida e trêmula, o rosto contorcido em uma careta. Será que estivera observando-os esse tempo todo?

– Como ousa? – gritou ela. – Ele é o meu guerreiro. *Meu*. Você não deveria tê-lo ferido. Agora, pagará por isso.

No instante seguinte, Gideon se viu levado da fortaleza e aprisionado dentro de uma jaula quatro por quatro, cercada por barras de todos os lados, acima e abaixo, e admirando um quarto palaciano

de veludo e mármore. Ambrósia perfumava o ar, e pinturas dos deuses Titãs decoravam as paredes. Havia uma cama de quatro colunas com um dossel de renda cor-de-rosa e um lustre de cristal que pendia do céu por uma única videira de hera. O teto, contudo, era transparente e abobadado, e dava para se ver o maravilhoso céu azul.

Merda! *Cuidado com o que deseja*, ele pensou com amargura. Quisera alguém que o levasse aos céus, para que pudesse procurar Scarlet, e, agora, ali estava. Só que estava à mercê da rainha dos deuses.

E ela não era famosa pela misericórdia.

Capítulo Vinte e Dois

GIDEON FOI deixado sozinho na cela por várias horas. Sozinho no quarto também. Entretanto, não teve de se perguntar onde estava Rhea. Podia adivinhar. Estava com Galen, cuidando da saúde dele.

Ele é o meu guerreiro, ela gritara. Meu. Você não deveria tê-lo ferido.

O que ele, de fato, se perguntou é se estaria preso ou não em uma prisão como a Jaula da Coação que Lucien estava tentando esconder, na qual a pessoa aprisionada dentro dela era compelida a fazer tudo o que o dono da jaula em questão queria. Ser escravo de Rhea não era uma proposta muito atraente, ainda mais levando em conta que queria a cabeça dela em uma bandeja. Uma bandeja que, então, entregaria a Scarlet, como prova da afeição dele.

Scarlet...

Onde estaria ela? O que estaria fazendo? Especularia todos os dias até vê-la. Também não era porque estivesse preocupado com ela. A garota era capaz de se cuidar melhor do que qualquer um que ele conhecia. Era porque sentia saudade dela. Ela era parte da vida dele agora. A melhor parte.

Gideon queria criar novas lembranças com ela, melhores do que as que ela mesma inventara. Queria estar ao lado dela e compensar todos os anos em que a ignorara enquanto ela apodrecia no Tártaro.

Porém, primeiro, teria de escapar desta arapuca.

– Ray! – gritou ele, sacudindo as barras. Deuses, parecia até Galen. – Ray!

Mais uma vez, uma brilhante luz azulada apareceu de repente. Gideon permaneceu de joelhos, embora detestasse fazê-lo. Mas não havia espaço na gaiola, de modo que ficar de pé não era uma opção.

Rhea apareceu no centro do quarto, com o rosto bonito cansado e franzido, e o cabelo escuro emaranhado. Estava usando um manto branco que estava manchado de sangue e fuligem. É, estivera com Galen.

– Você chamou? – Havia ódio e presunção misturados no tom dela, criando um timbre que doeu os ouvidos dele. – Ansioso para receber o seu castigo?

Gideon sabia que ninguém viria em socorro dele. Tentara remover o colar de borboleta, que escondia o paradeiro dele de todos os imortais, mas, de algum modo, o metal se fundira com ele e recusava-se a sair. Nem sequer conseguia erguer a corrente por sobre a cabeça.

Obra de Rhea, ele tinha certeza.

Talvez para que Cronos não o encontrasse ou para que não soubesse o que ela fizera com ele.

A deusa gesticulou com a mão, e, surpreendentemente, as barras ao redor dele desapareceram. Como as barras de trás estavam suportando o peso do corpo dele, ele caiu de costas no chão. Entretanto, Gideon recuperou-se rapidamente e ficou de pé com um salto. Estava desarmado; as armas tinham sido removidas num passe de mágica.

– Esperteza de sua parte – comentou ele.

– Ataque-me, eu o desafio – retrucou ela, permanecendo onde estava.

Os dentes dela estavam à mostra, como se não visse a hora de destruí-lo e extravasar um pouco as frustrações.

Gideon teria adorado fazer a vontade dela. Afinal de contas, queria a cabeça dela em uma bandeja. Mas não era Strider, e não precisava aceitar todo e qualquer desafio. Não precisava dar àquela vagabunda o que *ela* queria. Além do mais, não sabia que poderes ela possuía, não sabia do que ela era capaz, mas sabia muito bem o que o marido dela podia fazer, e se ela fosse sequer um pouquinho parecida com ele... Gideon estremeceu. Rhea acabaria com ele.

– E aí, covarde? Simplesmente vai ficar parado aí?

– Vou.

Ele lhe deu as costas, escutando uma ofendida exclamação de surpresa, e caminhou até o lado oposto do aposento, como se não tivesse qualquer preocupação no mundo. Deteve-se diante da penteadeira, ergueu um frasco de perfume até o nariz e fungou, fazendo uma careta. Será que ela, de fato, usava aquela merda? Era potente, como asas de morcego misturadas com olhos de salamandra, com uma ligeira pitada de fragrância de bolsa escrotal.

– Eliminei todas as saídas, então pode tirar da sua cabecinha qualquer ideia de fuga. Está tão preso neste quarto quanto estava na gaiola.

Verdade, Mentiras sibilou dentro da cabeça dele.

– Parece maravilhoso.

Devolveu o perfume ao devido lugar e pegou uma escova. Vários fios de cabelo estavam enroscados nas cerdas.

– O que quer dizer com maravilhoso? É terrível, e sabe muito bem disso.

Ela sabia que ele estava possuído pelo demônio das Mentiras, apenas ainda não havia ligado uma coisa à outra, e não se dera conta de que ele não era capaz de falar a verdade. Ah, como poderia se divertir com ela, pensou ele, reprimindo o sorriso antes que este pudesse se formar.

– Não estou nada curioso quanto ao motivo de ter me trazido aqui e quanto ao que pretende fazer comigo.

– Rá! Sei que não é verdade. Você está fervilhando de curiosidade.

Ele simplesmente deu de ombros, deixando a escova cair sobre o tampo da penteadeira, observando quando ela deslizou e chocou-se com um recipiente de maquiagem verde. Era evidente que Rhea se preocupava com a aparência.

– Na verdade, estou morrendo de preocupação com Galen. Por favor, diga-me que ele está recuperado, ó, linda rainha.

– Mentiroso! Você não liga a mínima para Galen. – Gideon não escutara a mulher se mover, mas, no instante seguinte, ela estava atrás dele, as garras se fincando no pescoço dele, girando-o. – Você o odeia, quer vê-lo morto. Pois adivinhe? Seu desejo não se realizará. Ele está vivo e ficará bom.

– Fantástico.

Ela cerrou os dentes, os olhos reluzindo.

– Ele me implorou para matá-lo. Eu recusei, disse que tinha outros planos para você.

Mais uma vez, a verdade.

– Sorte a minha.

Franzindo a testa, ela o soltou, mas não por muito tempo. Logo depois, voltou a agarrá-lo; contudo, desta vez, foi um ato de determinação, não de raiva.

– Você se considera imperturbável, não é? Pois vamos ver o que eu posso fazer quanto a isso. Vamos deixá-lo bem confortável.

A voz dela ficara rouca de promessa sensual.

Diabos, não. Scarlet era a única mulher que ele queria levar para a cama. Porém, não conseguia se afastar de Rhea. De algum modo, ela o imobilizara no lugar.

Relaxe a expressão, rapaz. Não deixe que ela veja que está mexendo com você.

Um dos dedos dela passou pelo centro da camisa dele, consumindo o tecido, o algodão incendiando-se por completo, deixando-o de peito nu. A pele dele permanecia fria ao toque.

Ah, sim, ela era poderosa.

– Uau. Obrigado. – Ele permaneceu calmo, tranquilo. Nada de demonstrar o quanto odiava isto. – Assim é bem melhor.

Atordoada, ela deu um passo para trás, ampliando a distância que os separava.

– Pensei que gostasse de minha filha.

– Errado.

– Que joguinho é esse que quer fazer?

– Nenhum joguinho.

Um sorriso ergueu os cantos da boca de Rhea.

Por um longo tempo, ela simplesmente ficou a fitá-lo, avaliando. Depois, empertigou os ombros.

– Está mentindo. Você a ama. Dá para perceber. Mas vamos ver quanto tempo isso vai durar.

Com o olhar fixo nele, ela estendeu a mão na direção do corpete da roupa e puxou. O material abriu-se no meio e escorregou pelos braços dela, caindo no chão, deixando-a completamente nua.

Gideon cerrou os dentes. Podia até imaginar a confissão para Scarlet, pois não havia como tentar esconder algo como aquilo dela. Não queria segredos entre os dois. Jamais. E, além do mais, melhor ela escutar dele do que da vagabunda da mãe dela, que distorceria os fatos.

Ei, diabinha, a sua mãe, você sabe, a mulher que você tanto ama, não se despiu diante de mim, e eu não vi como ela prefere se depilar.

– Sou linda, não sou?

Rhea passou as mãos pela irregular tatuagem de borboleta (exatamente como a dele, exceto pela cor e localização), alisando os seios e os ombros, descendo pelas laterais, passando pela curva perfeita

dos quadris e seguindo lentamente para o apogeu das coxas, onde os dedos se demoraram no pequeno tufo de cabelo escuro.

Exatamente como o covarde que ela o acusara de ser, ele olhou para o teto abobadado, observando a passagem das nuvens. O receio brotou no peito dele e espalhou-se pelo restante do corpo. Podia muito bem adivinhar o que viria em seguida.

– E então? – indagou ela.

– Ah, sim, linda.

– *Ora, ora*, seu tom sugere que esteja mentindo de novo, mas ambos sabemos que me deseja. E, em breve, Scarlet também saberá.

Filha da puta! Quer dizer que o palpite dele estava certo. Ela planejava estuprá-lo (seria estupro, pois, de modo algum, Gideon consentiria) e dedurá-lo para a filha. Rhea, receba o seu prêmio de Mãe do Ano. Ou não.

Mais uma vez, Rhea estendeu a mão. Tocando-o. Os dedos dançaram sobre a cintura da calça de Gideon, que também se incendiou, sem afetar a pele dele.

– Assim não é bem me... melhor.

Um gemido de frustração escapou dos lábios de Rhea.

Sem dúvida, ela acabara de ver o membro flácido. O pequenino Gideon não responderia a ela de modo algum.

Não ria.

– Espero que isto a faça se sentir muito bem – disse ele. – O que está planejando, é claro. Afinal de contas, você não magoou Scarlet o suficiente ao longo dos anos. E estou certo de que ela mereceu tudo o que você fez. Porque ela nunca a amou mesmo, não é? Ah, sim, você deve estar sentindo muito orgulho de si mesma.

Com cada palavra dele, a rainha estremecia um pouquinho mais.

– Terminou?

Ela passou as unhas pelo peito dele, tirando sangue. Centelhas avermelhadas reluziram nos olhos, revelando o demônio que ela se esforçava tanto para esconder.

– Claro.

Há poucas semanas, Gideon descobrira que Rhea era a guardiã do demônio da Discórdia. Ela se alimentava de conflitos. Talvez o ódio que sentia pela filha estivesse além do controle dela. Porém, isso não diminuía o nojo que Gideon sentia por ela.

O demônio de Reyes, Dor, outrora quisera machucar todo mundo que encontrava. Reyes aprendera a voltar tal desejo contra si mesmo, cortando-se para salvar os outros.

O demônio de Maddox, Violência, outrora quisera emergir a cada palavra irritada, a cada toque accidental. Mas Maddox aprendera a conter a fúria dentro de si.

O demônio de Lucien, Morte, outrora quisera roubar a alma de todo mundo que cruzava o caminho dele. Lucien aprendera a aguardar até que os humanos morressem antes de remover a alma do corpo.

Gideon poderia continuar indefinidamente. Cada guardião dos demônios enfrentara dificuldades e provações, mas havia feito o necessário para domar a respectiva besta que possuía, para

controlar os desejos mais sombrios. Rhea poderia ter feito o mesmo, mas não o fez. Preferiu gerar discórdia, mesmo entre aqueles que deveria amar e proteger.

– Acabo de me dar conta de algo – disse Rhea. – Você fala o oposto do que realmente quer dizer. Acha que Scarlet é inocente. Acha que eu deveria amá-la e protegê-la. O que não sabe é que, desde o início, ela tem tramado e planejado me destruir e roubar a minha coroa. Ela até dormiu com o meu marido. O seu líder.

Mentira. Tudo mentira. O demônio dele ronronou de prazer, ao mesmo tempo em que Gideon reprimia uma raiva como jamais conhecera antes. Não de Scarlet, jamais, mas de Rhea. Como ela ousava dizer tais coisas sobre a mulher dele? E, sim, Gideon era capaz de enxergar a ironia.

Ficou tentado, tão tentado a gritar com esta mulher, falar de seus verdadeiros sentimentos por ela e pela preciosa Scarlet. Queria que ela soubesse e ficou mais frustrado do que nunca por não poder exprimir de maneira direta os pensamentos. Caso não precisasse manter as forças na presença dela, teria mandado tudo à merda e ido em frente. Mas ele se conteve. Por Scarlet.

Rhea inclinou a cabeça para o lado ao estender a mão e arrastar uma das unhas ao longo da curva do queixo de Gideon. Foi a vez do guerreiro de rosnar. Ele recuou do toque dela, mas não antes que ela o queimasse, incendiando a pele dele e deixando para trás uma ferida aberta e sensível.

– Ora, ora. Veja só quem está disposto a acreditar no melhor no tocante à minha filha desapontadora. Estupidez sua, mas é admirável. Talvez, um dia, você se dê conta do seu erro e *me* estenda tal lealdade.

Jamais.

– Totalmente possível.

Ela passou os braços ao redor do corpo dele e apertou a nudez dela de encontro à dele. A vara dele, é claro, permaneceu flácida. Contudo, isso não a desanimou. Ela mordiscou o lábio inferior dele e se esfregou nele, subindo e descendo o joelho pela coxa de Gideon.

– Minha filha quer me arruinar nos meus sonhos, você sabe. Posso senti-la ao redor da minha mente, aguardando. Mas ela vai aprender a não me desafiar. Quer saber como?

Que os deuses o ajudem.

– Cada vez que ela invadir os meus sonhos, você vai fazer amor comigo. E acredite quando digo que o fará.

– Eu não prefiro morrer.

– É uma pena. Não posso matá-lo, assim como o meu marido não pode matar os meus Caçadores. Mas há outras maneiras de assegurar a sua cooperação.

Ele. Ia. Estrangulá-la. Com os pés ainda plantados no chão, Gideon inclinou-se na direção dela, permitindo que o corpo dele a atingisse com todo o seu peso. Mas ao estender as mãos para o pescoço dela (Rhea não pensara em imobilizá-las), determinado a cerrar os dedos ao redor do pescoço frágil, as mãos dele se depararam com algum tipo de barreira invisível.

Uma risada tilintante escapou dos lábios da deusa.

– Demônio bobinho. Nada de mal pode acontecer comigo no interior deste aposento. Por que outro motivo eu haveria de permanecer aqui? Agora deixe-me mostrar-lhe por que fará amor comigo sempre que eu quiser.

Ela deu alguns passos para trás, forçando-o a endireitar-se.

Sorrindo, Rhea rodopiou com rapidez. Ao virar-se para ele outra vez, ainda estava nua, mas não era mais Rhea. Possuía o rosto encantador de Scarlet. Os olhos negros de Scarlet, nos quais era impossível saber quando a pupila terminava e a íris começava. Os lábios vermelhos como sangue de Scarlet. A pele perfeita de Scarlet e o corpo mais alto e mais forte.

Gideon ficou boquiaberto de surpresa e de receio e intensificou a análise, procurando alguma imperfeição. A única coisa que faltava em Rhea eram as tatuagens de Scarlet. Aquelas fantásticas tatuagens que imploravam para serem lambidas. Bem, isso e a sensual mistura de intensidade e vulnerabilidade de Scarlet.

– O quê? Não gosta?

Ela até falava com a voz rouca de Scarlet.

– Não.

Bem no fundo, ele sabia que aquela não era a mulher dele; por isso, o corpo dele não reagiu como Rhea esperava.

– Nem mesmo quando faço isto?

Olhando fixo para ele enquanto se movia, ela deslizou os dedos pela barriga lisa, segurou os seios e beliscou os mamilos, endurecendo-os até lembrarem pequenas pérolas.

Tudo bem. Incapaz de se conter, o corpo dele reagiu a *isso*. Para o membro dele, aquela era a mulher dele. Em breve, a esposa, ele torcia. E a vara dele estava faminta por ela, sentia uma saudade desesperadora dela.

Não é Scarlet, não é Scarlet, não é Scarlet, ele repetiu freneticamente para o traidor, desejando que o sangue abandonasse a ereção crescente.

Porém, Mentiras estava adorando. Adorando saber que Rhea estava *vivendo* uma mentira. Na verdade, o demônio jamais se sentira tão excitado.

Você me implorou para forçar Scarlet a ficar. No entanto, agora, está disposto a traí-la?

Scarlet. Amo Scarlet.

Uma mentira.

Mas... Mas... Você disse que ela era sua.

Ela é.

Não é.

O que diabos?

Maldição. Fazemos parte do time de Scarlet. Está entendendo?

Claro, claro, foi a resposta.

O que significava que Mentiras *não* estava no time de Scarlet.

O que diabos? Gideon voltou a se perguntar.

– Bem que eu disse.

Rhea sorriu, um brilho maligno naqueles olhos escuros, e regamente agitou a mão no ar. De repente, Gideon se viu deitado na cama, estendido, mais uma vez imobilizado no lugar, incapaz de se mover. Era como se fosse um boneco de pano, sendo jogado para onde ela bem quisesse, e estava cansado disso.

– Olhe, meu bem, você... ufa.

Rhea subira nele, os joelhos ladeando-lhe a cintura. Mais uma vez, ela parecia ela mesma, e o corpo dele, assim como o demônio dele, perdeu o entusiasmo. Graças aos deuses.

Quer dizer que voltou a fazer parte do time de Scarlet?

É.

Não.

Não entendo.

– Ah, Gideon. – O sorriso de Rhea não desapareceu. Na verdade, ficou até mais largo. – Olhe – disse ela, apontando para a direita.

Gideon foi tomado de receio ao virar a cabeça. Ele viu... nada e franziu a testa. Por que ela havia... Não, espere. Pequenas luzes brancas estavam brilhando diante do colchão, crescendo, fundindo-se umas às outras... E, em seguida, ali estava Scarlet. Estava toda vestida de preto. Camiseta preta, calça de couro preta, botas pretas. Até mesmo pulseiras de couro pretas. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo, revelando a graciosa extensão do pescoço. Um pescoço que não exibia o colar de borboleta.

Ela avistou Gideon, com uma sorridente Rhea em cima dele, e deixou escapar uma exclamação chocada, de horror.

– Diabinha – gritou ele, mas ela desapareceu no instante seguinte, como se jamais houvesse estado lá. – Sua vagabunda – gritou em seguida para Rhea, e Mentiras rugiu dentro da cabeça dele.

Uma explosão de dor percorreu o corpo dele, rapidamente acompanhada pela odiada fraqueza. Com uma careta, ele se contorceu, repleto de ódio... de dor.

De novo, não.

Contudo, não foi capaz de se segurar. Estava tão cheio de ódio, de arrependimento, de fúria, que não conseguiu conter as palavras.

– Eu vou matá-la. Era o que eu planejava mesmo fazer, só que, agora, sofrerá na minha mão. Você se arrependerá de todo o mal que fez à sua filha.

Mais dor, mais fraqueza.

Por fim, o sorriso de Rhea desapareceu, a pele ficando pálida. Ela escorregou lentamente de cima dele, ficando de pé ao deixar o colchão. As pernas deviam estar bambas, pois ela cambaleou.

– E-está mentindo de novo. Sei que está.

Antes que Gideon pudesse retrucar, outra voz ecoou.

– Rhea. Você precisa deter a sua filha.

Quando Rhea, nua, virou-se desanimada, o olhar de Gideon, que estava se estreitando e se tornando mais sombrio a cada segundo que se passava, voltou-se para o centro do aposento. Cronos aparecera e trouxera consigo... uma mulher? Sim, definitivamente era uma mulher. A pele estava enegrecida e o cabelo havia sido consumido por chamas, mas a delicadeza do porte dela era evidente. Na opinião dele, um pouco evidente demais.

Talvez ele tivesse gemido. Talvez o rei dos deuses apenas o pressentira. De qualquer modo, o olhar de Cronos pousou sobre ele. Surpreso, o rei dos deuses inspirou profundamente.

– Quer dizer que acha que pode usar um dos meus guerreiros. – Duro, no entanto,

completamente desprovido de emoção. – *Depois* de termos concordado em não tomar tal rumo.

Rhea ergueu o queixo, e um manto branco apareceu do nada, envolvendo-a.

– Garanto que ele adorou cada instante.

– Deve ser por isso que ele parece a ponto de vomitar. – Cronos também ergueu o queixo. –

Trouxe Mnemosine até aqui para que você a curasse. Apesar de, no presente momento, ela estar em desgraça, não quis vê-la sofrer deste jeito. Mas você me traiu mais uma vez e não merece tal dádiva.

Mnemosine? Aquele esqueleto coberto de fuligem era a deusa da Memória, a tia de Scarlet?

Gideon rolou para fora da cama. Não tinha forças para ficar de pé, podia apenas arrastar-se até a mulher, planejando agarrá-la e não soltá-la até encontrar um jeito de chegar em casa.

– Agora – prosseguiu Cronos – vou dá-la a Gideon.

Um som terrível escapou dos lábios de Rhea, e, quando Gideon ergueu as mãos para tapar os ouvidos feridos, viu-se na própria cama, no próprio quarto. Mini estava no chão dele, para fazer o que bem entendesse com ela, aparentemente, haja vista que uma coleira de escrava rodeava o pescoço dela.

– Obrigado – gritou ele, rezando para que Cronos pudesse escutar e para que o rei apunhalasse a rainha no coração podre e negro.

Com esta última verdade, o demônio dele rugiu, e a dor triplicou-se, queimando como fogo. A escuridão apossou-se da visão dele, mas ele jogou-se no chão e arrastou-se até Mini.

Ela choramingou, tentando fugir.

– Não há por que querer escapar, minha querida. Você vai se divertir muito.

Agarrando o braço dela, ele ficou de pé, as pernas ainda bambas, e começou a arrastá-la até a masmorra.

Capítulo Vinte e Três

AQUELA VAGABUNDA! Scarlet pensou ao acordar, erguendo-se bruscamente. A mãe, enfim, a pegara em Budapeste para levá-la ao céu. Onde a vira nua montando o namorado dela nu. E, então, a mãe a largara em algum lugar ensolarado. Onde, Scarlet não saberia dizer. Vislumbrara alguns carros passando rapidamente e alguns prédios altos antes que os olhos se fechassem por vontade própria e a mente tivesse de se entregar a um sono profundo.

Agora estava (ela olhou ao redor) em um maldito hospital. Deve ter apagado em uma rua movimentada, e ninguém fora capaz de acordá-la, de modo que a levaram até onde poderia receber atendimento médico. Um monitor cardíaco bipava ao lado dela. Eletrodos estavam presos ao peito, e uma sonda intravenosa saía do braço dela. Haviam lhe substituído as roupas por um avental fino como papel e lhe retirado as armas. A polícia local provavelmente viria falar com Scarlet a respeito delas, e, diabos, naquele instante, era a última coisa de que precisava.

Maldição, voltou a pensar. Com movimentos precisos, arrancou a agulha do braço, o sangue escorrendo da parte interna do cotovelo, e puxou os fios dos eletrodos. O monitor ficou maluco, apitando em alto e bom som quando ela girou as pernas para a lateral da maca.

Passadas ecoaram, e uma mulher baixinha e rechonchuda adentrou em disparada o quarto de Scarlet. Ao avistar Scarlet tentando se sentar, prestes a ficar de pé, a tensão deixou o rosto dela, mas ela estendeu os braços para empurrar Scarlet de volta para a cama.

– Senhorita, senhorita, precisa se deitar.

– Eu estou bem e estou indo embora.

Determinada, ela empurrou a mulher para o lado e ficou de pé. As pernas estavam bambas e quase cederam, mas ela jogou o peso sobre os calcanhares e firmou-se nos pés. Foi tomada de uma onda de tonteira.

O que diabos injetaram nas veias dela?

Mãos fortes pousaram nos ombros dela e fizeram pressão. Recusando-se a ceder, Scarlet voltou a empurrar para longe o braço da mulher.

– Onde estão minhas roupas?

O colar de borboleta estava no bolso da calça, e ela o queria de volta.

A humana claramente não estava acostumada a ser desafiada. Ela empalideceu ao recuar, com as

mãos erguidas, as palmas viradas para a frente.

– Com o seu arsenal.

– E onde está o meu arsenal?

– Com a polícia. Há um policial aqui querendo falar com você, sendo assim, pode relaxar. Não deveria estar de pé. Ainda estamos realizando exames, tentando descobrir o que há de errado com você.

Merda. Se as roupas dela estavam trancafiadas em alguma delegacia de polícia, recuperá-las exigiria um bocado de tempo e esforço. Tempo e esforço dos quais ela não dispunha.

– Olhe, não há nada de errado comigo, com a exceção de minhas roupas e armas terem sido roubadas. Agora, onde diabos eu estou?

– Northwestern Memorial.

– Não. Qual cidade?

– Chi-Chicago.

Por que diabos a mãe a enviara até ali?

– Vou chamar a sua médica e avisar que você está pronta para receber alta – avisou a enfermeira.

É claro que Scarlet sabia que ela estava mentindo. Graças a Gideon, agora considerava-se um detector de mentiras em forma humana. A enfermeira ia chamar o policial.

Scarlet permitiu que a mulher deixasse o quarto sem protestar. No instante em que ficou sozinha, libertou as sombras da cabeça. Elas a cercaram, abraçando-a com força, envolvendo-a com uma escuridão impenetrável. Bem, impenetrável para todo mundo que não ela. Ninguém seria capaz de enxergá-la, mas ela veria tudo sem problemas.

Contudo, em vez de ir embora, Scarlet apertou-se de encontro à parede, bem ao lado do vão da porta. E bem na hora. O policial, 20 e poucos anos, em boa forma e determinado, vinha correndo no fim do corredor, com um copo de café na mão. No caminho, deixou o café no balcão do posto das enfermeiras, sem desacelerar, a outra mão permanecendo pousada sobre a arma.

Scarlet deixou escapar uma exclamação de horror ao se dar conta de que ele era um Caçador. Havia uma tatuagem no pulso dele, um símbolo do infinito.

Por isso a mãe a teleportara até ali. Devia haver um contingente deles com base ali. Pelo menos, a mãe não a teleportara para o meio do contingente em questão. O que significava que, de certa maneira, Rhea ainda a amava.

Quem dera. Você sabe muito bem que não é esse o caso.

O mais provável é que Rhea houvesse calculado mal a distância.

Quando o homem chegou ao quarto de Scarlet, atravessou voando o vão da porta, exatamente como fizera a enfermeira dedo-duro, com a expressão do rosto dura, determinada. Ele deteve-se e rosnoou ao perceber que estava sozinho.

– Aonde ela foi? – quis saber.

Nenhuma das enfermeiras estava disposta a chegar perto.

Será que Rhea tivera tempo de lhe dizer quem era Scarlet? O *que* Scarlet era? Talvez não. Caso contrário, teria havido mais do que apenas um Caçador esperando que ela acordasse. Então por que ele viera?

Deu-se conta de que, provavelmente, houvera um boletim sobre a aparição dela do nada, e ele deve ter querido saber como ela o fizera. Afinal de contas, ela se materializara diante de uma dúzia de testemunhas.

Fúria renovada brotou no peito dela. Ela adormecera diante de todas aquelas testemunhas. Poderiam ter feito o que quisessem com ela, e Scarlet não teria tido como se defender. Outro pecado pelo qual a mãe desnaturada teria de ser punida.

Enquanto o policial pedia reforços pelo rádio e dava ordens para que a equipe do hospital trancasse todas as portas do prédio, Scarlet esgueirou-se corredor abaixo, esforçando-se para permanecer nas sombras, de modo que as sombras *dela* pudessem passar despercebidas.

Não havia como as portas da emergência serem trancadas, haja vista que vítimas de acidente estavam dando entrada no hospital, então Scarlet chegou até lá fora sem maiores aborrecimentos. A lua estava alta no céu, dourada, e a noite perfumada com as fragrâncias do verão. Pássaros cantarolavam no céu, e carros trafegavam pela estrada ali perto. Uma ambulância estava com as sirenes ligadas quando parou no estacionamento.

Scarlet seguiu para o estacionamento, com a intenção de roubar um carro. Mas aonde iria? A tia estava fraca demais para encontrá-la. Não poderia chegar ao céu para dar uns bons tapas na mãe e não podia esconder a sua localização dos deuses. Sendo assim, poderia ser encontrada por eles a qualquer momento e jogada em outra cova de Caçadores.

Gideon não estava em casa, então ele não poderia...

Gideon. Será que os amigos sabiam onde ele estava? E com *quem* estava? Ela cerrou os punhos ao lado do corpo.

Alto lá. Tem certeza de que ele estava fazendo sexo com a sua mãe? Não parecia um homem entregue ao prazer.

Scarlet tentou se lembrar da cena e franziu a testa. Sem dúvida, Gideon e a mãe estavam ambos nus. E, sem dúvida, a mãe estava montada na cintura dele. E, tudo bem, era bem verdade que não houvera promessas trocadas entre ela e Gideon. Scarlet dissera que estava tudo terminado. Na cabeça dele, ele deve ter se sentido livre para fazer o que bem entendesse com quem bem entendesse. Mas houvera pânico nos olhos dele. Pânico, dor e fúria.

E se ele não tivesse estado lá por livre e espontânea vontade?

Ela engoliu em seco, apavorada demais para ter esperanças. Contudo, conhecendo a mãe, poderia muito bem ser esse o caso. Isso explicaria por que a mãe a teleportara até lá para testemunhar o ato e depois a enxotara antes que Gideon pudesse falar qualquer coisa. Que maneira melhor de feri-la?

A mesma esperança que ela receava subitamente criou asas e voou. Mas se estivesse enganada quanto ao que acontecera, e ele quisesse Rhea, ela... o quê? Mataria a ambos? Tentaria lembrá-lo de como fora bom entre *elas*?

Não. Isso ainda não era uma opção. Ainda era perigoso demais. Porém, finalmente, Scarlet sabia para onde tinha de ir e o que tinha de fazer. Maldição.

Deprimente.

GIDEON ESTAVA sentado diante da cela da masmorra, olhando para Mini lá dentro, que, apesar de ainda um bocado queimada, tivera sarado consideravelmente. Fios de cabelo claro brotaram do couro cabeludo, e uma pele nova estava se formando sobre o rosto e os membros. A coleira de escrava, que evitava que ela usasse os poderes divinos, tornara o processo de cura mais lento.

Ele não estava usando uma coleira, mas o processo de cura dele também parecia mais lento. Após dois dias, ainda estava fraco e mal conseguira atravessar a fortaleza e descer os degraus até chegar à masmorra, onde permanecera, porém a determinação o encorajara a persistir.

Ele *obteria* respostas para Scarlet.

– Você... não... – Gideon abaixou o volume da voz para dizer “não”, na esperança de que Mini escutasse apenas o que ele quisesse que ela escutasse – responderá todas as minhas perguntas. Se não o fizer... não... incendiarei a sua pele regenerada.

Não eram ameaças vãs. Ele o faria. Com um sorriso nos lábios.

– Es-está bem – respondeu Mini.

Estava deitada no catre, as mãos repousando sob o rosto. As pálpebras se abriram, revelando o branco dos olhos, um surpreendente contraste com as manchas pretas que os rodeavam.

Gideon estava acostumado a torturar Caçadores para obter qualquer informação, de modo que ficou um pouco surpreso por ela ter concordado com tanta facilidade. Estava certo de que teria de queimá-la ao menos uma vez para ter alguma resposta dela. Uau.

– Por que... não... atormentou Scarlet todos esses anos?

– Que diferença faz para você? – A voz dela estava áspera, rouca, devido à fumaça. – Não é marido dela.

Quero ser. Um dia, eu serei.

– Não – disse ele baixinho – responda a pergunta – berrando com fúria.

Ele mostrou um isqueiro.

Ela estremeceu.

– Tédio. Para a minha irmã, a rainha, me dever um favor. Por que outro motivo?

Verdade. Ele odiou a si mesmo naquele instante, pois, de certo modo, a culpa era dele. Estivera ali, no Tártaro. Havia tanto que poderia ter feito para proteger Scarlet. Poderia tê-la mudado para uma cela particular. Poderia ter matado Rhea e Mini, ou, pelo menos, alertado do que aconteceria se não parassem. No entanto, nada fizera. Não notara Scarlet, a pessoa mais importante da vida dele.

Como fora possível não notá-la? Como fora idiota!

De fato, não a merecia, contudo, não permitiria que isso o impedisse de tentar conquistá-la.

– Há alguma maneira de desfazer o estrago que você... – Ele abaixou a voz – não – Em seguida, permitiu que ela voltasse ao normal – causou?

– Sim, posso remover todas as lembranças dela.

O que era o que Scarlet queria. Mas não Gideon. Ele queria Scarlet como ela era. Mas também colocava a vontade dela em primeiro lugar e faria o que fosse necessário para deixá-la feliz. Até mesmo isso.

É claro que isso não o impediria de tentar conquistá-la outra vez.

– Mas será que eu apagarei as lembranças dela? – continuou Mini. – Não. Acredite quando digo

que é melhor ter Scarlet como inimiga do que Rhea.

E, no entanto, ela se tornara amante de Cronos. Contudo, talvez isso tivesse sido a pedido da irmã, como uma maneira de vigiar o homem. Interessante. Amun seria capaz de descobrir a verdade, motivo pelo qual Cronos queria a ajuda do guerreiro em primeiro lugar.

– Para ser sincera – acrescentou Mini –, depois do que ela fez comigo, prefiro morrer a ajudar Scarlet.

E, sendo essa a única opção dela, ela poderia muito bem ver feita a vontade. Porém, ela mudaria de ideia no instante em que ele se aproximasse dela com o isqueiro e uma lata de gasolina. Tinha certeza. Entretanto, não voltou a ameaçá-la. Não havia necessidade. Scarlet não estava ali, sendo assim, por que forçar a barra?

– Por que a mãe... não... a odeia?

Mini rolou até ficar de barriga para cima, a respiração um silvo dolorido.

– Minha irmã não pôde evitar. Ela achou que amava o pai de Scarlet; no entanto, ele estava apenas usando-a. Era casado e descartou Rhea assim que soube da gravidez dela. Logo depois, os Gregos capturaram os Titãs e os jogaram na prisão, impedindo que ela se vingasse do mortal tolo.

– Quer dizer que ela... não... culpou Scarlet?

Vagabunda.

– Não a princípio. A princípio, amou a criança. Ou melhor, amou a criança tanto quanto foi capaz. Contudo, à medida que Scarlet foi crescendo, lembrando cada vez mais o pai, o amor de Rhea foi morrendo. E o fato de Scarlet estar se transformando em uma linda mulher não foi de grande ajuda. Já haviam tomado tanto de Rhea. O trono, o poder, a liberdade. Não ser mais considerada a mais linda do reino foi um golpe que o ego dela não pôde suportar.

Por causa de vaidade, ela jogara a própria filha aos lobos.

Gideon não via a hora de estar novamente na presença da mulher, com uma faca na mão. Ele lhe cortaria a garganta sem hesitação.

– Então, quando foi unida à Discórdia, todos os sentimentos dela se intensificaram – prosseguiu Mini. – O ódio, a inveja, a necessidade de provar algo a si mesma. Ela foi *compelida* a causar problemas. Como você bem sabe.

– Você... não... recebeu um demônio.

Uma afirmativa. Não uma pergunta.

Mas a deusa respondeu de qualquer forma.

– Não. Fui poupada.

– Por quê? Não – completou ele com um sussurro.

– Zeus escolheu quem seria unido a cada demônio, e cada escolha adveio do rancor. Uma espécie de castigo. Eu jamais lhe fiz mal. Nada de que ele pudesse se recordar, é claro.

Verdade.

Mentiras sibilou.

Zeus contara para alguns dos Senhores do Mundo Subterrâneo por que haviam recebido os demônios. Lucien recebera Morte porque abrira a caixa de Pandora, quase levando ao fim do mundo. Maddox recebera Violência porque matara o maior número de soldados para chegar à caixa.

Paris seduzira Pandora, para distraí-la, sendo assim, recebera Promiscuidade.

Nesse caso, por que Gideon recebera Mentiras? Fora um bom guerreiro para o rei dos deuses. Sim, ajudara a roubar a caixa de Pandora, mas a participação dele fora mínima, porque se sentira culpado por trair o rei. O criador dele.

Diante dessa linha de raciocínio, outra pergunta se apresentava. Por que Scarlet recebera Pesadelos?

Mentiras começou a ronronar.

Gideon franziu a testa. Por que ronronar? Isso demonstrava afeição.

Pensei que houvesse esquecido Scarlet.

Não é minha, Mentiras disse. O que, na verdade, queria dizer: *Toda minha.*

Não pode fazer isso, seu merdinha. Não pode mudar de ideia o tempo todo, uma hora, desejando-a, na outra, descartando-a.

Não é minha.

Eu deveria pedir ao demônio dela para...

NÃO É MINHA.

Espere. O quê? O demônio... dela?

NÃO É MINHA.

Os olhos dele foram se arregalando à medida que as peças iam se encaixando. Será que os dois demônios haviam sido... amantes enquanto estavam na caixa?

O ronronar ficou mais alto, e Gideon pôde apenas sacudir a cabeça de admiração. Esse tempo todo com o demônio, e jamais se dera conta de que tais criaturas eram capazes de formar tais tipos de vínculos. Mas deve ter sido o que Mentiras e Pesadelos fizeram.

Isso explicava muitas coisas. Como por que Mentiras quisera ficar com Scarlet, mas não se importara com a própria Scarlet. Como por que Mentiras se mostrara disposto a fazer algo que abominava, como dizer a verdade. Como por que Mentiras respondera a Rhea quando ela ficara igual a Scarlet. O demônio apenas enxergara a embalagem e presumira que Pesadelos estivesse lá dentro.

Talvez Zeus soubesse da conexão. Talvez Zeus também houvesse sabido do desejo de Scarlet por Gideon. Talvez houvesse dado a Gideon o demônio das Mentiras como um presente.

E você estava tentando encontrar um jeito de matá-lo. Talvez devesse um grande e sincero “obrigado” ao homem. Contudo, preferia mesmo era beijar Scarlet. Onde ela estava? O que estava fazendo?

Será que ela saltaria no pescoço dele da próxima vez em que o visse? Afinal de contas, ela achava que ele estava transando com a vagabunda da mãe dela. Ou será que ela tentaria evitá-lo pelo resto da eternidade?

Mesmo que quisesse, não seria capaz de fazê-lo. Scarlet estava ao encalço de Mini e, mais cedo ou mais tarde, descobriria que a trilha da mulher levava até ali. Quer dizer que eles *se encontrariam* de novo. Apenas teria de se certificar de estar preparado. Cruzar os dedos para que ela não o matasse enquanto dormia ou que não lhe removesse a cabeça antes que tivesse a chance de explicar. Cruzar os dedos para que ela quisesse ao menos escutar a explicação dele.

– Falando em perda de memória... acho engraçado que você e Scarlet tenham se encontrado novamente.

A voz de Mini o despertou dos pensamentos, e ele arqueou a sobrancelha para ela. Novamente?

– Você provavelmente não lembra – disse ela, com um sorriso –, mas veio à procura dela uma vez. Bem, do menininho que você descobriu ser do sexo feminino. Ela já estava crescida na ocasião, e você claramente gostou do que viu.

O sangue dele ferveu. Lembrava-se do menininho, e, agora, sabia que se tratava de Scarlet.

Mentiras se agitou de tal forma no íntimo dele que a emoção apossou-se do corpo de Gideon.

– Isso é novidade para você? Que estranho. De qualquer maneira, por algum motivo, você jamais retornou. Deixou-a lá. Uma pena.

Ele levantou-se com um salto, bufando de raiva.

– Ah, quer esquecer novamente? Dê-me a sua mão e assim será feito. Mesmo com a coleira, posso entrar na sua cabeça.

– Um dia – rosnou ele, agarrando as barras, sacudindo-as.

– Ah, é? – perguntou ela, ansiosa. – Um dia?

– Eu vou... eu vou...

Não deixe comigo, Mentiras esbravejou e, antes que Gideon se desse conta do que estava acontecendo, o demônio explodiu do corpo dele, uma aparição de escamas, presas e ossos. De maldade. Mini gritou de surpresa e pânico enquanto a criatura a mordia, antes de desaparecer dentro dela. Ela estremeceu. Pouco depois, lágrimas começaram a rolar pelo rosto dela.

– Sou tão feia – gritou ela. – Tão indefesa.

Tudo o que Gideon pôde fazer foi observar, a fúria perdendo-se nas sombras do fascínio dele. O demônio a deixou e retornou para ele, acomodando-se dentro da cabeça dele e ronronando com ainda mais satisfação. Gideon não fazia ideia de que a criatura era capaz de fazer aquilo. De fazer com que as pessoas acreditassem piamente nas mentiras.

Agora quem sorriu foi *ele*. Finalmente. Um ponto para o time de Gideon.

Capítulo Vinte e Quatro

FOLHAS SECAS e quebradiças estendiam-se da multidão de árvores, esbofetando o rosto de Strider, piorando ainda mais o terrível mau humor dele. Ex estava amarrada a ele e seguia na frente, suportando o grosso das bofetadas das folhas, enquanto resmungava, se queixava e o xingava de tudo quanto era tipo de nome feio. “Canalha” era um dos mais leves.

No hotel, deitara-se sobre ela, jurando machucá-la mais do que ela jamais fora machucada, contudo, no fim, não a cortara em pedacinhos, nem sequer a arranhara, e isso o deixava furioso. Erguera a faca para fazê-lo. Para, no mínimo, cortar fora um dedinho. Afinal de contas, era o que ela merecia por ter matado Baden. Mas ela o encarara com tanta coragem, com tamanho desafio, dando a impressão de que queria que ele desse um fim a ela. Sendo assim, Strider segurou a mão. De modo algum daria à desgraçada o que ela queria.

Como se pressentindo o rumo dos pensamentos dele (e, diabos, talvez ela pressentisse mesmo, considerando que era imortal agora, mas ele não sabia como ela se tornara assim nem o que ela era), ela gritou sobre o ombro.

– Deveria ter me matado, idiota!

Os olhos castanhos reluziam, a pele estava vermelha e coberta de suor, e os cachos rosados colados no rosto.

Mesmo esgotada, ela era uma bela visão. Graças aos deuses, “vagabundas lindas” não faziam o tipo dele.

– E acabar com o seu sofrimento? Rá!

– É você quem vai sofrer. Se acha que vou ficar sofrendo calada, é mais burro do que parece. E você parece ser infinitamente burro! Planejo lhe contar sobre tudo o que me incomoda. A começar pelos insetos. Estão me comendo viva!

Durante meia hora, ela só fez reclamar dos malditos insetos. Contudo, foram necessários apenas cinco minutos para os ouvidos dele sangrarem com a estridência da voz dela.

Por que fora mesmo que não a matara?

– Dá um tempo – gritou ela. – Estamos caminhando há horas. Preciso descansar.

– Nada de tempo. Estamos próximos de onde eu quero chegar. Nada de descanso.

– Dá um tempo. Ou está com medo de descansar alguns minutos?

Com medo? Era um desafio, e um desafio que o demônio dele aceitou. Amarrando a cara, Strider deteve-se abruptamente. Ex não percebeu e continuou andando até que a corda ao redor do tornozelo dela, que estava amarrada ao pulso dele, esgotou toda a folga e se retesou, puxando-a. Ela foi de cara no chão, rapidamente rolou e virou-se para fitá-lo.

A cara amarrada do guerreiro tornou-se um sorriso quando ele largou a mochila no pé de uma árvore e sentou-se ao lado dela.

– Aí está o seu tempo.

Ex permaneceu no chão, embora houvesse se sentado e puxado os joelhos até o peito.

– Canalha – murmurou ela.

– Se encostar no seu tornozelo, corto fora as suas mãos. – Uma ameaça vã, talvez, mas ela não sabia disso. – E aqui vai outra verdade desagradável, mocinha. De agora em diante, cada vez que me desafiar, considerarei o ato um convite para fazer sexo com você.

Ele estava certo de que nada seria mais repulsivo para ela.

A vermelhidão abandonou o rosto dela.

– Aviso entendido.

Ótimo. Agora, como estavam descansando “por alguns minutos”, ele poderia muito bem aproveitar.

– Está com fome?

– Estou.

Ele abriu a mochila e retirou de lá uma caixa de doces de canela.

Ex a avistou, e os olhos quase saltaram de dentro da cabeça.

– Foi isso que você trouxe para servir de rações de viagem? Seu idiota! Burro é uma palavra generosa demais para defini-lo. Doces não nos sustentarão.

– Fale por si mesma.

Ele encheu a boca com uma porção, fechando os olhos ante o gosto delicioso. Talvez até tenha gemido.

Franzindo a testa, ela estendeu a mão.

– Tem certeza de que quer um pouco? Isto aqui é só para idiotas, burros demais para trazerem rações de viagem apropriadas.

– Me dá.

Strider colocou um pouco dos preciosos doces na mão da Caçadora antes que pudesse mudar de ideia quanto a alimentá-la, depois enfiou o máximo que podia na boca. Mais uma vez, fechou os olhos de êxtase: canela. Não havia nada mais gostoso. Nem mesmo as mulheres podiam se comparar. A não ser que tivessem gosto de canela, mas jamais encontrara uma que tivesse. Pelo menos, não naturalmente.

– Aonde vamos, afinal? – perguntou Ex.

Ele engoliu.

– Não é da sua conta.

Apesar de dita de modo gentil, a resposta não deixava margens para discussão.

A verdade é que a estava levando para Budapeste. Só que estava pegando o caminho mais longo.

Por meio da floresta e desertos e o que mais ele pudesse imaginar. Qualquer coisa que a fizesse desmoronar, que a enfraquecesse, que a forçasse a depender dele. Naquele momento, estavam na ilha recém-erguida dos Impronunciáveis, seguindo para o templo, mas mantendo-se longe da civilização.

De qualquer maneira, ele queria visitar os Impronunciáveis ou, no mínimo, espioná-los, agora que tinha o Manto da Invisibilidade, e pensara por que não mostrar para Ex o que era um monstro *de verdade*.

Não tinha como sair perdendo. Eles a amedrontariam, e ela se daria conta de que Strider não era tão ruim quanto ela pensava e seria grata por ele a ter protegido. Em breve, confiaria nele para *sempre* protegê-la. Iria abrir-se com ele e lhe contaria tudo o que Strider quisesse saber sobre ela e os Caçadores. Considerando que, obviamente, não tinha estômago para matá-la, por ora, pelo menos, poderia muito bem usá-la. E, depois, traí-la. Assim como Ex traía Baden.

Quando Strider houvesse terminado com ela, quando ela confiasse por completo nele, poderia muito bem devolvê-la aos Caçadores. Depois que soubessem como ela fora desleal, é claro. Então *eles* poderiam matá-la.

Contudo, para conquistar a confiança dela, não poderia ser bonzinho demais. Pelo menos, não no início. Ela ficaria desconfiada. Além do mais, não era tão bom ator assim. Odiava aquela mulher, e a ideia de ser bonzinho com ela dava-lhe nos nervos.

– Tem água? – perguntou Ex naquele tom de voz queixoso.

Dava-lhe nos nervos.

– Tenho.

Ele pegou uma das garrafas de água que trouxera, tirou a tampa e esvaziou a maior parte do conteúdo enquanto ela observava. Um choramingo escapou dos lábios dela, e Strider apertou a garrafa com demasiada força, rachando o plástico.

– E então? Vai dividir?

Forçando-se a dar de ombros, ele jogou o que restava para ela.

– Cuidado para não pegar nada de mim – alertou ele.

– Estou em dia com as minhas vacinas.

Em questão de segundos, ela esvaziou a garrafa, depois olhou para ele, visivelmente irritada com o pouco que Strider deixara para ela.

– Fique grata por eu ter lhe dado alguma coisa – disse ele com sinceridade.

– Canalha perverso.

– Vagabunda assassina.

Pare. Não é assim que vai conquistá-la. E daí se ela ficar desconfiada com um comportamento mais doce?

Conquiste-a, Derrota ordenou. Vencer. Vencer. Vencer.

Ótimo. O demônio dele encarava conquistá-la como um desafio. Era um desafio que ele poderia ter dispensado, porém não havia como ignorá-lo agora. Tinha de convencê-la a... ele quase rosnou... gostar dele.

Com movimentos precisos, Strider vasculhou a mochila até encontrar a carne desidratada que trouxera consigo. Retirou da mochila um saco da carne, assim como outra garrafa de água, e atirou

ambos para a mulher.

Ela os pegou com facilidade, notou o que eram e resmungou:

– Obrigada.

– De... nada.

Eca. Isso não fora fácil de falar. Na verdade, deixou um gosto de cinzas na boca.

Strider a observou enquanto ela comia em silêncio. O rosto dela estava sujo, e havia pequenos arranhões ao longo do queixo. Insetos haviam lhe picado o pescoço, deixando para trás enormes círculos inchados. As roupas estavam molhadas de suor e tão sujas quanto o rosto.

Por que isso nada contribuía para deixá-la menos bonita?

Provavelmente fez um pacto com o diabo. Assim como Legião.

Ao contrário de Aeron, ele não estava disposto a morrer por tal ato.

– Há quanto tempo namora o seu homem?

Os cílios escuros se levantaram, e os olhos castanhos fitaram a alma dele.

– Por que quer saber?

– Mera curiosidade.

– Tudo bem. Eu conto. Mas, primeiro, me responda uma pergunta.

– Claro.

O que não queria dizer que responderia com sinceridade.

– Tem namorada?

– Não.

Verdade. Não havia por que mentir sobre isso.

– Foi o que pensei.

Strider cerrou os dentes. O quê? Ela não achava que ele fosse bonito o suficiente para conquistar uma mulher? Não achava que alguém fosse capaz de aturá-lo por muito tempo? Bem, estava enganada. Não tinha namorada por que não queria. O demônio dele se alimentava do desafio de conquistá-las, porém, assim que o coração dela lhe pertencia, a atração da besta desaparecia.

E então, é claro, as mulheres tentavam desafiá-lo de outras maneiras. Maneiras que ele *detestava*.

Aposto que não consegue passar o dia inteiro comigo, se divertindo. Aposto que não me ligará todas as noites durante uma semana.

Era melhor, para todos os envolvidos, ele manter as coisas temporárias.

– E então? – indagou ele. – Há quanto tempo está namorando o seu homem?

– Dois anos.

Dois anos? Tanto assim? Sério? Strider estava vivo há séculos, no entanto, de repente, “dois anos” pareciam uma eternidade.

– Por que ainda não se casaram?

Ela deu de ombros e enfiou o último pedaço de carne seca na boca.

– Deixe-me adivinhar. Você queria, mas ele não?

– Na verdade – respondeu ela, hesitante –, ele queria, mas eu não.

Interessante, e inesperado.

– Por que não quis? Está apenas usando-o para sexo?

O rubor retornou ao rosto dela, suavizando-lhe as feições, tornando-a ainda mais bonita. Fazendo-a parecer vulnerável... doce.

– Algo parecido – murmurou ela.

Ele sentiu um aperto no peito. Um aperto que não entendia e que não queria pensar a respeito.

Você não se sente atraído por esta mulher.

– Não para mudar de assunto, e com isso quero dizer que estou pronta para mudar de assunto, por acaso se lembra de ter me matado? – perguntou ela. – Quero dizer, da primeira vez.

– Lembro.

Ele enfiara a espada na barriga dela, furioso pelo que ela fizera com Baden.

– Nenhuma culpa?

– Nem um pouquinho. Por acaso se sente culpada pelo que fez ao meu melhor amigo?

– Nem um pouquinho.

Ele não imaginava que ela se sentisse mesmo. E isso... o incomodava. Não deveria tê-lo incomodado. Sabia quem e o que ela era... em grande parte. Acabar com o mal era o objetivo principal dela, e ela considerara Baden mau. Porém, será que teria sido tão difícil para ela *fingir* remorso?

Amarrando a cara, Strider fechou a mochila e ficou de pé.

– Tempo esgotado. De novo – rosnou.

Ele estremeceu logo em seguida. Não quisera ser tão brusco.

Ex não se apressou em obedecer. Na verdade, ela o fitou por um longo tempo, as mãos subindo e descendo pelas panturrilhas.

– Vamos – disse ele com um pouco mais de gentileza, puxando a corda.

Contudo, a corda veio sem encontrar resistência. De algum modo, a mulher conseguira cortá-la, embora ele jamais houvesse visto as mãos se aproximarem dela. Com certeza, ela não estivera segurando uma faca. Pelo menos, não uma que ele conseguira ver.

– Dá um tempo.

Sorrindo, ela projetou a perna com mais força do que alguém do tamanho dela deveria possuir, varrendo os tornozelos dele com o movimento, derrubando-o no chão. Como um raio, ela levantou-se e saiu correndo.

Pegar, pegar. Vencer, vencer. Derrota gritou quando Strider levantou-se com um salto e saiu em disparada atrás dela. *Você está perdendo. Precisa vencer.*

Ao correr, levou a mão ao manto que prendera ao peito, escondendo-o ali, porque sabia que a última coisa que Ex iria querer fazer era apalpá-lo. Só que ele não estava lá.

A... vagabunda! De algum modo, ela o roubara. Assim como com a corda, não fazia a menor ideia de como ela o fizera. Só sabia que tinha de alcançá-la. *Antes* que ela alcançasse o namorado.

TÃO ALTO... tão terrível. De algum modo, Amun estava de pé, segurando uma espada. William e Aeron o estavam ladeando, cercando-o de modo a protegê-lo. Uma nova horda de demônios os rodeava (já haviam enfrentado a primeira e a segunda leva), alguns pequenos, outros grandes, mas todos determinados. Os pensamentos deles... completamente concentrados em sangue, dor e morte.

Provar, pensavam. Machucar. Matar.

Atacavam os guerreiros com as garras, mordiam-nos com as presas envenenadas, chutando e batendo, rindo e zombando.

A batalha vinha se estendendo há dias. Talvez anos. Cada homem estava exausto, ferido, sangrando, tremendo, no limite, provavelmente tomado de dores agoniantes, e cada vez que matavam um demônio, três outros tomavam o seu lugar. Porém, recusavam-se a desistir.

Amun tentava ajudá-los. Contudo, cada vez que se mexia, cada vez que estendia o braço para golpear uma das criaturas, a voz mais recente dentro dele ficava mais alta, novas imagens explodiam no interior da sua cabeça (mais estupros, mais torturas, mais mortes), quase deixando-o de joelhos.

Durante tudo isso, Lúcifer permaneceu sentado no trono, observando, sorrindo, com Legião aos pés dele. De vez em quando, ele lhe acariciava a cabeça, como se ela fosse o cachorrinho favorito dele. E, quando ela tentava se levantar, desesperada para ajudar Aeron, o príncipe das trevas fincava as garras no couro cabeludo dela, mantendo-a no lugar até ela se render com um choramingo.

– Não sei quanto mais sou capaz de suportar – disse Aeron.

– Meus... braços... mal... estão... aguentando – retrucou William.

E não era exagero.

Preciso ajudá-los. Amun pensou. O ar estava quente, sugando o que restava das forças dele. E a fumaça. Deuses, tudo o que queria fazer era tossir. Tossir até finalmente, abençoadamente, morrer.

O que poderia não demorar muito para acontecer. O cheiro da morte vinha impregnado a cada inalação, chamuscando as narinas dele. *Resista. Ignore a voz, as imagens.* O único motivo pelo qual os dois guerreiros ainda estavam de pé, apesar do veneno que devia estar percorrendo o corpo deles de todas aquelas mordidas de demônios, era que haviam bebido o que restava da Água da Vida.

Se isto não terminasse logo, a água perderia a potência e nada seria capaz de salvá-los.

Não posso permitir que morram.

Ele, sim. Receberia de bom grado o próprio fim. Mas não o dos amigos. Jamais o dos amigos. Com um rugido, Amun, enfim, ergueu o braço, a espada pronta para ser usada. E, sim, a voz e as imagens aumentaram de intensidade, porém ele não permitiu que nada o detivesse desta vez. Ele avançou, deixando o arco de proteção dos amigos, e golpeou. Golpeou, golpeou e golpeou. Demônios tombaram, um após o outro, grunhindo, gemendo, sangrando aos pés dele.

Quando alcançou o centro da formação, estava pingando com os fluidos vitais deles, os olhos ardendo, o gosto de podridão preenchendo-lhe a boca, mas, ainda assim, não parou. E, logo, não quis mais parar. As imagens... Ah, sim, queria matar. Queria mutilar.

Deceitou o braço de um demônio e sorriu. Quebrou em duas a perna de outro e gargalhou. Arrancou olhos, línguas, até mesmo partes íntimas, e só fez rir mais alto. Isto. Era. Divertido.

O medo brilhou nos olhos deles, e logo recuavam diante dele. Mas Amun não permitiria isso. Precisava de mais. Na verdade, estava excitado. Sexualmente excitado. Duro como pedra. Queria esfolar a todos, escutá-los gritar enquanto os estuprava. Queria escutá-los implorando para que ele parasse. Mas não pararia. Os apelos apenas o fariam arremeter com mais força.

Sim. *Divertido.*

– Detenham-no! – gritou Lúcifer, não mais relaxado. – Tirem a cabeça dele.

– Que tal, em vez disso, tirarmos a sua cabeça? – perguntou uma nova voz. – Ficaré ótima na minha estante de troféus.

Amun reconheceu a voz, sabia que ela pertencia a alguém que ele admirava, porém não se deu ao trabalho de olhar para quem estava falando. Tantos alvos apenas aguardando a espada dele. Cortou uma garganta, perfurou um coração, sentiu o sangue quente espirrar no rosto e o lambeu.

Delicioso.

– Lysander – sibilou Lúcifer.

– Ah, Aeron – gritou uma mulher. – Meu pobrezinho. Você está um caco.

– Olivia! Saia daqui. Vá! Não deveria ver isto.

– Não sem você. E se tivesse alguma ideia do que eu tive de fazer para convencer o Conselho Celestial a enviar um exército até aqui, estaria implorando o meu perdão por ter me deixado para trás, e não me agradecendo imediatamente por ter vindo em seu socorro.

Os anjos haviam chegado, Amun pensou, distante. Provavelmente deveria estar feliz com isso, mas os demônios ao redor fugiam aos gritos da câmara, deixando-o sem ninguém para matar. Nem possuir. Isso *não* era divertido.

Amarrando a cara, virou-se. Viu um exército de anjos vestidos de branco formando um semicírculo ao redor de Lúcifer. Viu o príncipe das trevas sibilando para eles enquanto tentava fugir. Um dos anjos estava com uma soluçante Legião, outro com um quase inconsciente William, e Olivia envolvia com os braços um trêmulo Aeron.

Se Amun não podia matar demônios, imaginava que poderia matar anjos. Sim, sim, poderia. A ideia o fez sorrir. Talvez até fossem alvos melhores. Gritariam mais alto, tombariam com mais violência, sofreriam com mais facilidade.

Sorrindo, ele avançou, a espada erguida... Golpeando... Prestes a acertar um dos canalhas alados nas costas. Divertido, divertido, divertido. Porém, uma mão firme cerrou-se ao redor do pulso dele, contendo-o.

Amun rugiu de fúria. Há muito tempo que não falava, e as cordas vocais estavam dormentes devido ao desuso, o som produzido por elas rouco.

– O que está fazendo, Segredos? – quis saber Lysander, sacudindo-o. – Esse é o meu povo, que veio em seu socorro. Não os ataque. Jamais.

Mais uma vez, Amun rugiu. De esguelha, pôde observar quando o enfraquecido Aeron tentou se libertar dos braços de Olivia.

– Solte-o, Lysander. Ele está fora de si.

– Aeron, pare – pediu Olivia, as asas envolvendo o guerreiro, puxando-o para si. – Olhe para os olhos de Amun. Ele é completamente demônio agora. Fique longe dele ou também poderá ser infectado.

Infectado? Amun jamais se sentira melhor. Jamais se divertira tanto. Os amigos teriam muita sorte se pudessem experimentar aquilo.

– Apenas deixe-me conversar com ele – implorou Aeron. – Amun está desse jeito por minha causa.

– Conversa não adiantará com você – disse Lysander, os olhos azul-celeste num turbilhão

intenso, praticamente fitando a alma sombria de Amun. A voz calma, hipnótica. – Adiantará, demônio?

Amun libertou-se e golpeou o anjo, surpreso de encontrar um braço de demônio ali. Quando é que o arrancara? Contudo, Lysander estava esperando o golpe e o bloqueou com uma das mãos e, com a outra, criou, do nada, uma espada flamejante.

– Não! – gritaram Aeron e William em uníssono.

Mas era tarde demais. O movimento do bloqueio do anjo girara Amun, estonteando-o e deixando-o de joelhos. Era a posição perfeita para uma decapitação.

Só que Lysander não lhe tomou a cabeça.

A espada de fogo descendeu, acertou-o no peito, queimando roupas e pele, deixando para trás um enorme buraco.

A princípio, Amun ficou atordoado demais para fazer outra coisa que não fitar, embasbacado, o buraco. Em seguida, veio a dor, atravessando o corpo dele, devorando-o vivo, espantando, com violência, a voz e as imagens no íntimo dele. Ele caiu de cara no chão, todos os músculos do corpo contorcendo-se de agonia.

Lysander ajoelhou-se ao lado dele.

– Se você tiver sorte, isto o matará – disse o anjo. – Caso contrário, sobreviverá, mas desejará não tê-lo feito. De qualquer modo, passará o restante dos dias aprisionado.

Capítulo Vinte e Cinco

SCARLET REFUGIARA-SE em uma cripta. Isso durara seis horas.

Depois, roubara um barco, planejando passar seus dias em alto-mar. Percorrera três quilômetros. Depois *disso*, voara até a Sibéria. Por três minutos.

Todas as vezes, fora teleportada de volta para Budapeste. Para o interior da fortaleza. Todas as vezes, tivera de se esgueirar para fora dela, sem ser notada, contudo, estava cansada de ter de se esgueirar, pois sabia que simplesmente seria trazida de volta. Por quem? Não sabia. Também não queria mais saber.

Era óbvio que alguém achava que ela tinha assuntos inacabados a tratar ali. Sendo assim, terminaria esses assuntos e retornaria ao exílio autoimposto. Nada de vingança. Nada de batalhas. Nada de amor.

Nada de Gideon.

Era mais seguro assim. Para ele. Para ela mesma.

Desta maneira, não poderia ser usada contra ele. Se viesse a machucá-lo outra vez, porque a tia voltara a mexer com a cabeça dela... Se viesse a vê-lo com a mãe de novo, nu, e *gostando*...

Ela cerrou os punhos. Colou-se na parede do corredor que levava ao quarto de Gideon, as sombras do demônio dela ocultando-a por completo. Ninguém seria capaz de vê-la, porém, com certeza, seriam capazes de escutá-la. Os gritos de Pesadelos eram tão intensos quanto as sombras. Contudo, com sorte, pensariam que era apenas o vento assoviando pelas árvores das redondezas.

Entretanto, conhecendo os Senhores do Mundo Subterrâneo como conhecia, duvidava que fosse esse o caso.

Eles eram cautelosos, desconfiados, e tendiam a agir primeiro e perguntar depois. Algumas das muitas razões pelas quais os admirava. Porém, não estava disposta a correr riscos. Encontraria Gideon, falaria com ele e partiria.

A porta do quarto do guerreiro ficava dobrando o corredor, à direita.

Tudo no íntimo dela gritava para ela correr até ele, para se jogar nos braços dele, afinal, era Gideon, seu doce Gideon que lhe proporcionara mais prazer do que qualquer outro jamais fizera. Porém, tinha de manter o passo lento ou qualquer um que esbarrasse nela perceberia que havia algo errado. Errado. Jamais teriam a chance de falar.

– É, há, ei – disse uma voz masculina, embora não houvesse ninguém ao redor. – Sei que está aí, Scarlet, e acabo de enviar uma mensagem de texto para Gideon para *avisá-lo*, sendo assim, deve avistá-lo a qualquer...

– Scar! – Ela escutou Gideon gritar em seguida, com o coração quase saltando do peito. Ele dobrou correndo a esquina do corredor, dizendo: – Torin não a avistou no interior da fortaleza, de modo que não sei que está... – Ele deteve-se a poucos metros dela, suspirando aliviado. – Aqui.

Pesadelos suspirou, contente pela primeira vez em dias.

Merda! Ele era tão lindo. O cabelo azul espetado na cabeça, os olhos azuis brilhantes, a pele bronzeada e perfeita. As mãos dela ansiavam por tocá-lo. A língua não via a hora de contornar as tatuagens dele. A única vez em que fizeram amor, ela não o explorara o suficiente. Estivera ansiosa demais para tê-lo dentro de si. Da próxima vez, pensou.

Próxima vez? Não poderia haver uma próxima vez.

– Não me deixe explicar o que você viu – apressou-se ele em dizer. – Sua mãe não me teleportou até o céu e não me desintegrou as roupas, de algum modo, me imobilizando e subindo em mim. Eu não a queria. Juro para você.

No instante em que as últimas palavras lhe saíram dos lábios, o rosto dele se contorceu de dor e ele caiu de joelhos no chão.

Maldição. Verdade. Ele dissera a verdade. Scarlet chamou as sombras e os gritos de volta para dentro de si e curvou-se, envolvendo a cintura dele com os braços, ajudando-o a ficar de pé novamente.

– Idiota – disse ela. – Eu já chegara a tal conclusão. – Em parte. – Deveria ter mentido para mim. Não deveria ter se enfraquecido na minha presença. *Idiota!* – repetiu.

Agora poderia se aproveitar dele.

– Mas... amo... você...

– O quê? – Tomada de choque, Scarlet o largou, e ele desabou no chão com um grunhido. – Desculpe – murmurou, curvando-se e erguendo-o outra vez.

Bons deuses. Ele não pode ter acabado de dizer que... Era impossível...

Gideon não podia amá-la. Ela não era digna de ser amada. Era dura demais, teimosa demais, violenta demais. Ele merecia uma pessoa doce, carinhosa, que o apoiasse em tudo.

– Eu... Eu... – murmurou ela, e engoliu em seco.

– Você não precisa dizer de volta. – Ele estava ofegante agora, as palavras lhe deixando os lábios com mais rapidez, como se soubesse que estava prestes a desmaiar. – Apenas saiba que estou com a sua tia. Cronos a deu para mim.

Ela quase voltou a largá-lo, mas deu um jeito de continuar avançando com Gideon. Por fim, dobraram o corredor e adentraram o quarto dele. A tia dela estava ali. A maldita tia estava ali. A tia poderia fazer o que Scarlet agora mais temia.

– Onde ela está?

– Masmorra.

Ele gemeu.

– Droga, Gideon. Comece a mentir para mim!

– Lamento.

Ele grunhiu.

Mais verdade.

– Não se lamente. Apenas cale a boca antes que cause algum dano permanente a si mesmo.

– Importante... demais.

Ele sibilou.

– Cale a boca!

Com esforço, Scarlet o ajudou a chegar até a cama. Musculoso como ele era, Gideon provou ser extremamente pesado. Contudo, após algum tempo, ele estava estendido sobre o colchão, as pálpebras se fechando, a cabeça se debatendo de um lado para o outro.

– Não... vá – pediu ele, a dor, mais uma vez, tão intensa que lhe roubou a voz. Às cegas, estendeu a mão na direção dela, tentando segurá-la. – Apenas... Scarlet?

Ela sabia o que ele estava perguntando. Se ela tomara o sobrenome de outro ator.

– Sim, sou apenas Scarlet – sussurrou ela. – Agora, fique quieto, como eu já mandei. Por favor.

Com os olhos ardendo de repente, ela entrelaçou os dedos aos dele e sentou-se ao lado dele, incapaz de contrariá-lo, apesar da vontade desesperada de irromper na masmorra e dar cabo da tia de uma vez por todas. Isso se tivesse a coragem para chegar perto da mulher.

Na mesma hora, Gideon acalmou-se, e os olhos dela arderam ainda mais.

O luar entrou pela janela do quarto, acariciando-o, fazendo a pele coberta de suor reluzir, como se ele estivesse coberto de purpurina. Como sentira saudade de Gideon. Como ansiara por ele.

Maldito seja. Ele arruinara tudo. *Amo você*, dissera, e estava falando sério. Não poderia abrir mão dele agora. *Será que em algum momento foi capaz de fazê-lo?* Scarlet passou os dedos trêmulos pela testa. Ele soltou outro daqueles suspiros de alívio, parecido com os de Pesadelos, o corpo virando-se para ela, desejoso.

Sinceramente. Como ele podia amá-la?

Não podia, decidiu. Estava confuso, só isso. Talvez se sentindo grato por ela enfim ter lhe dado o sexo que sempre quisera. Bem, assim que deixasse de ser novidade, Gideon se daria conta de que Scarlet não servia para ele. Iria se dar conta de que outra pessoa seria melhor para ele e descartaria Scarlet.

Ela seria *forçada* a abrir mão dele.

As unhas dela estavam aumentando de comprimento, ficando mais afiadas até se tornarem garras enquanto imaginava o magnífico guerreiro beijando e tocando outra mulher. Mas Gideon deve ter pressentido a aflição dela, pois começou a se debater de novo. Assim que o toque dela tornou-se mais gentil, ele voltou a se acalmar.

Um bom tempo se passou, Scarlet lhe acariciando o rosto, e logo ele caiu em um sono profundo. O alívio dela foi tão palpável quanto o dele fora antes. Não gostava de vê-lo sofrer. Se alguém merecia paz, era este homem.

– Galen veio atrás dele, você sabe – disse a mesma voz do corredor de repente.

O olhar dela se ergueu, percorrendo o quarto. Mais uma vez, não avistou ninguém, o que significava que havia alto-falantes em tudo quanto era lugar. E, era evidente, o sujeito a estava

observando, o que significava que também havia câmeras em tudo quanto era lugar, observando cada movimento dela.

– Quer dizer que também estão com Galen trancafiado, não é?

Ela lidaria com ele e com a tia quando descesse até o calabouço. Se ousasse fazê-lo, acrescentou novamente. Será que seria capaz de tirar a vitória do chapéu desta vez?

– Não. Galen estava prestes a tombar, finalmente, e balbuciando sobre não permitir que Gideon o matasse, quando a rainha dos deuses apareceu. Ela teleportou ambos os homens para longe daqui.

Galen balbuciando sobre não permitir que Gideon o matasse. O calor abandonou o corpo de Scarlet, deixando-a uma casca oca de si mesma. Galen viera especificamente atrás de Gideon. *Gideon*. Por causa dela, deu-se conta. Por que ela interferira nos sonhos de Galen.

Quisera atormentá-lo, fazê-lo recuar. No entanto, tudo o que conseguira fora envolvê-lo ainda mais na guerra, deixá-lo ainda mais determinado a vencer. Isso era outra coisa que fizera para destruir a vida de Gideon. Outro motivo pelo qual outra pessoa seria melhor para ele. Ela o machucara inúmeras vezes. Sentiu-se enjoada.

Scarlet ficou de pé, tomando o cuidado de não incomodar Gideon, e deixou o quarto na ponta dos pés. Na última visita à fortaleza, memorizara a planta do lugar e sabia exatamente para onde ir.

Sim. Ela ousava fazê-lo.

– Não permitirei que a mate – disse a voz.

– Quem é você? – indagou, ao descer as escadas.

Algumas das janelas eram vitrais, e, quando os raios dourados da lua os atingiam, fragmentos de arco-íris espalhavam-se pelas paredes.

– Torin, guardião da Doença e protetor do universo. – Independentemente de onde estivesse, a voz permanecia sempre no mesmo volume. – Bem, pelo menos, da fortaleza – corrigiu-se. – De qualquer modo, Gideon ainda não terminou de interrogar a mulher, sendo assim, eu me certificarei de que permaneça viva para que ele possa terminar.

Um amigo leal. Não via nada de errado nisso e, na verdade, estava até feliz de que Gideon tivesse um sistema de apoio tão eficiente. Era algo que sempre desejara, mas que jamais tivera.

– Devo informá-lo de que ele a estava guardando para mim.

– Ele terá de me dizer isso.

Ela dobrou uma esquina, desceu por outro corredor e chegou a outra escadaria. Esta era mais larga, menos refinada, mais suja. Até mesmo o ar que respirava estava se tornando mais espesso, mais empoeirado.

– Caso não tenha notado, ele está meio incapacitado no momento.

– O que significa que terei de me certificar de que ela permaneça viva. Acredite quando digo que a derrubarei caso sequer pense em tentar matá-la.

– E como planeja fazer isso?

Ele riu com humor sincero, e foi um som gostoso.

– Como se eu realmente fosse contar os meus segredos.

– Tudo bem. Vou apenas conversar com ela – disse Scarlet.

Mentira ou verdade, não tinha certeza. Descobriria quando encontrasse a tia. Finalmente, chegou

ao pé da escada e adentrou o calabouço.

Conhecia-o muito bem, havendo ocupado ela mesma uma cela por várias semanas.

As quais, pensando bem, haviam sido algumas das melhores semanas da vida dela. Ficara perto de Gideon.

Concentre-se.

Não precisou procurar por Mnemosine. A tia estava logo na primeira cela, a mesma que Scarlet ocupara. Usando um manto branco sujo, Mnemosine estava deitada em um catre, com várias partes da pele rosadas e saudáveis, enquanto outras ainda estavam enegrecidas e queimadas. Parte do cabelo havia voltado a crescer, embora ainda estivesse fino e curto.

Outrora, Scarlet se convencera de que odiava as paredes rochosas da cela. Agora, as adorava. Qualquer coisa que atormentasse a tia era digna de um prêmio. Sorrindo, ela agarrou as barras.

– De amante do rei dos deuses a churrasco imortal, e prisioneira dos Senhores do Mundo Subterrâneo. Pobrezinha.

Os olhos de Mnemosine se entreabriram, e ela deixou escapar uma exclamação de surpresa. Em seguida, a tia levantou-se com um salto, recuando até encostar na parede dos fundos da cela.

– O que está fazendo aqui?

Scarlet deliciou-se com aquele medo.

– Vim dizer alô, mais nada.

– E implorar para que eu lhe apague as lembranças.

– Implorar? – Scarlet riu. – Não.

A tia ergueu o queixo.

– Não adiantaria, de qualquer jeito. Você deveria me agradecer, sua bastardinha, não me condenar.

– Deveria mesmo? – Ela ergueu a sobrancelha, apertando com mais força as barras, as juntas dos dedos empalidecendo.

– Não teria tido a coragem para vir à procura do seu precioso Gideon se não achasse que ele já a desposara. Você o admirou de longe durante anos, medrosa demais para chamar a atenção dele, receando que ele a rejeitasse.

– Por milhares de anos, venho levando a vida acreditando que vi o meu filho morrer. Sendo assim, obrigada? – Ela sacudiu as barras com tanta força que toda a estrutura sacudiu. – Não. Não será isso que receberá de mim.

– Mate-me então. Vá em frente.

Lentamente, ela sorriu.

– Eu já disse. Não é assim que vou lidar com você.

Deu-se conta de que, no fim das contas, não mataria a tia hoje, embora a vontade *estivesse* presente e ela *estivesse* tentada. Não por Gideon, mas porque a mulher não merecia que sua existência chegasse ao fim sem dor, sem sofrimento.

É mesmo?

Tudo bem, pensou, amarrando a cara. Não agiria agora porque Gideon ainda não ordenara a morte da mulher. Scarlet queria demonstrar a mesma lealdade para com ele que o amigo

demonstrara. Talvez, então, fosse digna de ser mulher dele.

Será que queria ser digna dele?

Sim. Queria sim. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, até mesmo do que a vingança contra a tia. Ela o amava. O amava tanto que chegava a doer. Ele não era marido dela; no entanto, o amava como se fosse. Talvez fosse por causa das lembranças que inventara, talvez não. De qualquer modo, ele era dono do coração dela. Se houvesse uma chance de que pudessem ficar juntos, mesmo uma pequena chance...

– Seu homem me procurou, sabe? – disse Mnemosine, despertando-a dos pensamentos. – Ele queria saber por que eu a odeio tanto, mas eu me recusei a contar.

Ela parecia quase presunçosa.

Scarlet deu de ombros.

– Sinceramente, não ligo para o motivo que o fez fazer comigo. Tudo o que importa é que o fez.

Mnemosine piscou os olhos, perdendo a compostura por um instante, antes de sacudir a cabeça e amarrar a cara.

– Liga sim. Sabe que liga.

– Talvez, no passado, eu ligasse. Mas quer saber? Você não é importante, e o que fez, *na verdade*, me levou a Gideon.

Tendo dito isso, Scarlet virou-se, pronta para voltar lá para cima e ficar com o homem dela. Para consolá-lo. Para dar a ele tudo o que precisava.

– Aonde está indo? Volte aqui, Scarlet.

Um passo, dois, ela foi subindo.

– Scarlet! Você não pode ir embora. Sua mãe não podia matá-la enquanto éramos prisioneiros, sabe disso. A mera tentativa significava que ela envelheceria. Mas ser bem-sucedida significaria ficar velha por toda a eternidade, sem esperanças de um dia ter de volta a grande beleza de outrora. Sendo assim, ela me incumbiu do seu tormento, e eu aceitei porque... porque...

Ela se deteve na metade do caminho, a visão da cela da tia bloqueada pela parede. Mas a voz dela, ah, a voz dela...

– Prossiga.

– Quando estava atingindo a sua maturidade sexual, uma vidente foi jogada na cela conosco. A vidente deu uma olhada em você e riu, alegando que, um dia, você mataria a sua mãe e se apossaria do trono celestial. Eu retirei a lembrança de todos os outros na cela. Exceto da sua mãe e de Cronos. Os dois estão vinculados a um nível celular. O que significa que, quando um morrer, o outro automaticamente irá logo em seguida.

Scarlet recuou até ficar novamente diante da cela.

– A vidente, nós matamos – prosseguiu a tia. – Você, nós mantivemos ocupada com romance e tragédia, torcendo para que você mesma desse cabo da própria vida. Mas não o fez.

Contudo, quantas vezes desejara fazê-lo? Inúmeras.

– E, então, quer saber o motivo verdadeiro para Cronos ter me dado para Gideon? – Era Mnemosine quem sorria agora. – Foi para eu provar a minha lealdade à coroa.

Antes que Scarlet tivesse a chance de se mover, Mnemosine retirou, e atirou, três pequenas

estrelas de prata. Afiadas, elas atravessaram o pescoço de Scarlet, cada uma delas cortando veias e artérias, até mesmo as suas cordas vocais. Por vontade própria, as sombras e os gritos emergiram de sua cabeça, envolvendo-a, chorando por ela.

E então, como Gideon, ela não soube de mais nada.

Capítulo Vinte e Seis

– GIDEON. GIDEON!

A voz agitada de Torin despertou Gideon de seu sono e o mergulhou em um rio de dor. Ardente, cortante, ossos se partindo e despejando estilhaços na corrente sanguínea dele, dilacerando tudo o que encontravam pela frente.

– Gideon, cara. Pode me escutar? Você precisa acordar.

Por que ele estava... Ah, sim. Contara a verdade para Scarlet. Valera a pena, pensou logo em seguida, quase sorrindo. Scarlet estava ali, sua linda Scarlet, e ela, agora, sabia que Gideon a amava. Finalmente.

Sabia que ele não dormira com a mãe dela. Ela se identificara como Scarlet. Não Scarlet Pattinson. Não Scarlet Reynolds. Apenas Scarlet.

Sua Scarlet.

Ela tinha de também querê-lo.

Quando as forças retornassem, faria de tudo para conquistá-la. Provaria que os dois tinham de ficar juntos.

Até mesmo Mentiras ronronou de aprovação ao plano.

Não quero ir até ela.

– Gideon!

Embora a mente e o corpo quisessem afundar de novo na inconsciência, Gideon forçou as pálpebras a se abrirem. A luz da lua estava indo embora, a luz do sol lutando para conquistar um espaço no céu. A mulher dele adormeceria muito em breve. Poderia abraçá-la. Poderia simplesmente inspirar-lhe o perfume.

– Scarlet foi ferida. Kane a está carregando até o seu quarto agora. Deverá estar aí em menos de um minuto. Ele tropeçou algumas vezes e torceu o tornozelo. Aquela desgraçada da Mnemosine fez alguma coisa com a cabeça dele, e Kane a deixou sair da cela. Ela está tentando deixar a fortaleza, e não há ninguém para detê-la.

Os pensamentos de Gideon se concentraram na primeira frase. *Scarlet foi ferida.*

Diabos, não. Ele ergueu-se rápido como um raio, ofegante, suando, olhando com agitação ao redor. Muito ferida? Onde ela estava?

A porta abriu-se de repente, e Kane cambaleou para dentro do quarto, com a imóvel Scarlet nos braços. O sangue empapava o pescoço, os ombros, a camiseta, o cabelo dela, e Gideon gemeu. Não. Não!

Ele saltou de cima da cama, as pernas cedendo sob o peso. Quando ele desabou no chão, Kane, com cuidado, colocou Scarlet sobre o colchão. Ela não fez qualquer som. Gideon esforçou-se para ficar de pé, conseguindo apenas alcançar a cama, a visão turva devido à dor que ainda se apossava dele. Ele passou os olhos pela mulher dele, avaliando o estrago.

Havia três feridas profundas no pescoço. Uma abrangia a extensão da carótida, outra, da traqueia, e a terceira, da junção com o ombro. Duas eram golpes fatais, mesmo para imortais, e a terceira tinha o propósito de apenas prolongar a agonia.

– O quê...

– Não sei – disse Kane, calando-o. – Ela...

– A deusa mexeu com a memória dele – disse Torin, calando Kane. – Enquanto ele estava ocupado tomando Scarlet nos braços, Mnemosine estendeu a mão entre as barras e segurou o tornozelo dele. Ela lhe disse que Scarlet estava dentro da cela e que ele tinha de abri-la para socorrê-la. Foi o que ele fez. Ela também lhe disse que não havia mais ninguém na cela; sendo assim, ele não reparou quando a deusa saiu correndo da masmorra. Eu gravei tudo.

Gideon deveria tê-la matado quando tivera a chance. Não o fizera, e agora Scarlet... A sua Scarlet... Lágrimas arderam os olhos dele. Ele apertou a palma da mão trêmula sobre o coração dela. A batida era fraca, irregular e perigosamente lenta.

Os cortes ainda estavam sangrando, e, se não fossem fechados logo, ela sangraria até a morte. Torin não poderia fazer muito. De modo algum Gideon permitiria que a mulher dele fosse infectada com as doenças do guerreiro. É claro que ele poderia usar luvas para evitar o contato pele com pele, mas, ainda assim, seria arriscado demais. Gideon não estava disposto a correr tal risco.

Kane também não seria de muita ajuda. O homem mal era capaz de manter a *si mesmo* vivo. Reboco adorava cair na cabeça dele, pisos adoravam ceder debaixo dos pés dele. De modo algum permitiria que o homem operasse Scarlet.

Restava apenas Gideon, fraco e trêmulo como estava. Não havia tempo de levá-la para um hospital.

– Não preciso de um estojo médico – avisou.

Ele já costurara a si mesmo e os amigos milhares de vezes.

– Não pode... – Kane fez menção de dizer.

– Não *agora*! – rosnou.

Kane assentiu e se pôs em ação.

A sós com ela, Gideon podia escutar Mentiras choramingando dentro da cabeça dele, entoando: *doces sonhos, doces sonhos, doces sonhos*.

Gideon traduziu. Pesadelos, Pesadelos, Pesadelos. Teve de reprimir um rugido.

– Você vai ficar boa, Scarlet – disse. Não houve uma renovada onda de dor, nem um aumento na letargia. A mente e o demônio dele viam as palavras dele como uma mentira. – Você vai ficar boa – repetiu, as lágrimas fluindo livres agora.

As mãos tremeram ao alisar o cabelo e limpar o sangue do rosto dela. O gesto fez com que os músculos no ombro dele se retesassem, mas Gideon não ligou. A dor não era nada diante *disto*.

– Você não está em condições de fazer isso – argumentou Torin.

Como se houvesse outra opção. Não fazer nada era vê-la morrer. E ele *se recusava* a vê-la morrer. Scarlet ia sobreviver independentemente de qualquer um deles acreditar nisso.

Kane voltou correndo para o quarto com uma mancha branca no rosto. Reboco deve ter despencado sobre ele no caminho, como Gideon soubera que aconteceria.

– É todo seu. – Kane largou o estojo de couro preto sobre a cama. – Só espero que saiba o que está fazendo.

Tremendo ainda mais, Gideon retirou o material do estojo. Pegou a linha, a agulha e o pequeno par de tesouras e se pôs a trabalhar. Demorou uma eternidade para costurar apenas uma das feridas, os olhos constantemente embaçando, as mãos perdendo as forças, mas ele o fez. Passou a trabalhar na seguinte, e na seguinte, até que Scarlet não estivesse mais sangrando.

Mas a verdade era que ela já perdera um bocado de sangue, e ele não tinha o equipamento para fazer uma transfusão. Algo de que ela precisava. Desesperadamente. E que teria. Sendo assim, ele imaginou que teria de fazer isso à moda antiga.

Imortais tinham o mesmo tipo sanguíneo e não precisavam se preocupar com coisas como reações adversas, feito os humanos. Contudo, Scarlet era metade humana, e ele jamais realizara uma transfusão desse tipo. Apenas entre si e os outros Senhores do Mundo Subterrâneo. Ainda assim, não permitiria que isso o detivesse. Pegou uma seringa do estojo, espetou-se na dobra do cotovelo e retirou o máximo do fluido vital que o recipiente era capaz de conter. Em seguida, enfiou a agulha no braço de Scarlet, lentamente injetando o fluido nela.

Repetiu a ação tantas vezes que perdeu a conta de quantas. Repetiu até Kane agarrar-lhe o braço e dizer:

– Já chega. Você está drenando a si mesmo.

Verdade. Ele estava fraco. Mais fraco do que jamais estivera. Contudo, se Scarlet precisasse de mais, ele daria mais. Daria até a última gota.

– Não há nada que possa fazer, cara – disse Kane com gravidade. – A não ser aguardar. E rezar.

Doces sonhos, doces sonhos, doces sonhos.

Uma ova que não havia mais nada que pudesse fazer, Gideon pensou, sombriamente. *Havia* algo que pudesse fazer. Apenas tinha de descobrir o que era.

SOMBRAS E gritos envolveram Scarlet, arrastando-a para um mar de escuridão e barulho e mantendo-a cativa. Eram mais fortes do que ela e aprisionados em seu íntimo, de modo que não tinham outra saída, nenhuma outra maneira de se alimentar, e precisavam de medo. Muito, muito medo.

Medo que obteriam com ela.

Uma imagem terrível após outra passou pela cabeça dela, quase todas envolvendo Gideon. Gideon com outra mulher e adorando cada segundo. Gideon sendo decapitado por Galen. Gideon indo atrás de Mnemosine para vingar a morte de Scarlet e encontrando a própria morte.

Scarlet tentou se inserir em cada cena e mudar o fim, mas isso só tornou as coisas piores. Gideon

ria dela ou pulava no pescoço dela. E, deuses, como o pescoço dela estava *doendo*. Tinha dificuldades para respirar, e os membros estavam pesados e frios. E ela sabia que o que estava imaginando era errado, coisas que Gideon jamais faria, o que acrescentava culpa à volátil mistura de emoções dela. Ela...

Piscou de surpresa. Um fogo quente lhe incendiara o sangue, atravessando o corpo, deixando para trás pequenos bolsões de energia. Energia que ela usou para se arrastar para fora do manto de escuridão opressiva e erguer-se.

O que estava acontecendo? Como é que...

– Diabinha? Não consegue me escutar? Não consegue me enxergar?

Gideon. Gideon estava ali! Empolgação apossou-se dela, rapidamente acompanhada de uma onda de decepção e fúria. A voz sexy do guerreiro a chamava do fundo de um longo túnel escuro, e ela queria gritar de volta: *estou aqui*. Mas sabia que ele não passava de uma miragem. Outra maneira de atormentá-la.

– Diabinha. Não fale comigo! Não me diga onde encontrá-la. Está tão claro aqui.

Não pode ser real.

Apesar de Scarlet ser capaz de entrar na cabeça dos outros, eles não eram capazes de entrar na sua.

– Vá embora. Me deixe em paz.

– Sempre. – Ele correu pelo atoleiro espinhento com a escuridão na cola dele, perseguindo-o, e deteve-se. Lentamente, sorriu para ela. – Não graças aos deuses. Aí não está você. Eu não estava com tanto medo...

Mesmo sabendo que era outro pesadelo, ela o devorou com os olhos. Cabelo azul espetado, olhos elétricos, piercing na sobrancelha, corpo musculoso. O coração dela bateu mais rápido, subitamente mais forte e constante.

– Não lamento que tenha se ferido. Não lamento não ter cuidado da sua tia quando tive a chance.

Ela franziu a testa. Por que este Gideon dos sonhos pediria desculpas a ela? Isso era prazer, não um terror infernal. Não que ele tivesse qualquer motivo para se desculpar. Não fizera nada de errado. Ainda assim, aquilo não era algo que o demônio dela faria. Alegria não era a coisa favorita dele.

Isso só podia significar que... Gideon realmente estava ali, na mente dela. Estava perto dela, falando com ela. Perto o suficiente para ser tocado por ela.

Com uma exclamação de surpresa, Scarlet procurou ficar de pé.

– Como é que você está aqui? Eu não entendo.

– Não lhe dei o meu sangue. – Ele estendeu as mãos na direção dela, mas, em seguida, abaixou os braços, como se receasse a reação de Scarlet. – Não devemos estar vinculados. Você não vai sobreviver, não é? Não é?

Ele lhe dera o próprio sangue? Deve ter sido a onda de calor que ela experimentara. A dose de energia.

Será que havia algum outro homem melhor? Este guerreiro de fato a amava, ela pensou, repleta de admiração. Estivera sofrendo por ter dito a verdade, no entanto, de algum modo, encontrara

forças para oferecer a Scarlet o que ela precisava.

Você está derretendo. Ele vai se machucar.

Eu já estava mesmo derretendo.

Na verdade, não restava mais gelo.

– É. É. Eu vou sobreviver. – Para, enfim, matar Mnemosine. – Por sua causa. Já me sinto mais forte.

Especialmente agora que ele estava ali com ela.

– Ruim, tão ruim. Meu demônio queria...

As palavras se interromperam quando Gideon foi envolvido pelas sombras e pelos gritos. Agora, tinham outro alvo. Na mesma hora, milhares de pequenas aranhas apareceram, recobrando o corpo dele.

– Não é uma mentira, não é uma mentira, não é uma mentira – ele entoou, incapaz de disfarçar o medo.

Ela sabia que Gideon estava tentando se convencer de que as imagens eram mentira.

– O que tem o seu demônio? – perguntou Scarlet, para distraí-lo, ao aproximar-se dele. Envolveu-o com os braços, passando os cotovelos sob os braços do guerreiro, e massageou a nuca dele. Tocá-lo era tão maravilhoso quanto ela se recordava. Ele era tão duro, tão quente. – Por favor, me conte.

– Não queria... um instante... com o seu.

Ele estava tenso, claramente lutando contra a vontade de enxotar aos tapas as criaturinhas. Contudo, enxotá-las seria admitir que estavam ali. Perderia a batalha contra a própria mente.

– Nesse caso, deixo-o ter um instante com o meu.

– Não. Perigoso demais.

– Permita, e eu o deixarei me beijar.

Se é que ele ainda iria querer isso, é claro. Após tudo o que ela...

– Como?

O alívio de Scarlet foi palpável. Ele ainda queria beijá-la.

– Como vou beijá-lo? Colando os meus lábios aos seus, enfiando a minha língua na sua boca e me deliciando com o seu sabor delicioso.

Os lábios de Gideon se retorceram nos cantos.

– Você não sabe o que eu quero dizer.

Ótimo. Ele estava devidamente distraído. Ele queria saber como o demônio dele poderia ter um instante com o dela.

– Está vendo como as sombras e os gritos estão fora do meu corpo?

Ele assentiu.

– Eles são Pesadelos. A essência do demônio.

– Mas quando o demônio deixa um hospedeiro, tal hospedeiro... não morre. – Ele franziu a testa. – Espere. Isso é verdade. – É mentira. – Meu demônio não deixou o meu corpo ainda hoje mais cedo. Mas eu estava no total controle dele.

Mentiras o deixara sem permissão?

– Pesadelos ainda está preso a mim, de modo que ainda somos um só. É como... um cachorro na coleira – disse ela, e todas as aranhas desapareceram do corpo de Gideon, formando uma caveira de olhos vermelhos que exibia os dentes afiados para ela, tentando mordê-la. – Oh, criatura dramática. – Ela revirou os olhos.

– Tente – insistiu ela. – Você *pode* controlá-lo.

Assentindo de novo, Gideon fechou os olhos, e a expressão dele logo ficou tensa de concentração. Vários momentos se passaram; nada aconteceu. Scarlet deu ligeiros beijos ao longo do maxilar dele, lembrando-o do que aconteceria se fosse bem-sucedido.

– Não... Não está funcionando.

Lenta, bem lentamente, uma névoa escura começou a se levantar da pele dele. Uma eternidade se passou antes que, de fato, estivesse finalmente livre dele e assumindo a forma de uma criatura escamosa alta e magra, com chifres que emergiam da cabeça, dos ombros e, diabos, de cada centímetro dela.

Pesadelos ficou imóvel, os gritos se aquietando, deixando para trás apenas um silêncio ensurdecedor. Depois, com um grunhido, também começou a tomar forma, tornando-se uma criatura escamosa ainda mais alta, com presas que se estendiam até o queixo e músculos que deixavam no chinelo os de qualquer um dos Senhores do Mundo Subterrâneo.

As duas criaturas correram, encontrando-se na metade do caminho, abraçando uma a outra. Os lábios foram os próximos a se encontrarem, e, em seguida, os corpos escamosos foram ao chão, rolando um sobre o outro, com Pesadelos esfregando uma ereção enorme de encontro ao corpo menor de Mentiras, cujas pernas estavam abertas.

– Meu demônio é *uma garota*? – disse Gideon.

Verdade. Ele acabara de dizer a verdade. Será que se dera conta disso?

– E o meu é *um garoto*?

Os olhares deles se encontraram, e eles compartilharam uma gargalhada rouca.

– Acho que gostam um do outro – disse ela.

– Acho que *amam* um ao outro. – Ele ficou sério, franzindo a testa. – Estou falando a verdade – disse ele, a cabeça tombando para o lado. – No entanto, ainda estou de pé.

É. Estava mesmo.

– Está... feliz com isso?

– Pode apostar que estou.

Graças aos deuses. Ela teria se odiado se tivesse insistido nisto e Gideon odiasse.

– Posso fazer isto fora da sua cabeça? – perguntou o guerreiro.

– Não sei. Terá de tentar.

– E tentarei. Mais tarde. – Sorrindo, ele a voltou para si, erguendo-a no ar. – Há tanto que quero lhe dizer, e tive medo de perdê-la antes de ter a chance. Amo você. Você é tão linda. Admiro a sua força, a sua coragem e quero passar a minha vida com você. Quero que se case comigo, para valer desta vez. Quero ter filhos com você. Não dormi com a sua mãe. Sei que você disse que sabe disso, mas... – O sorriso desapareceu do rosto dele, e ele a pousou no chão. – Como é que se sente a meu respeito?

Escutá-lo falar o que pensava era estranho, e, aprincípio, ela se flagrou tentando decifrar o que ele queria dizer.

– Eu não deveria lhe contar. Eu só... Você é a minha fraqueza. Pode ser usado contra mim, e já foi, inúmeras vezes, e sofreu por conta disso.

– Sou a sua fraqueza? – O sorriso retornou, e os olhos dele brilharam.

Ela assentiu.

– Isso mesmo, e, enquanto estivermos juntos, estará em perigo. O que me torna uma tremenda egoísta por querer ficar com você, de qualquer forma, mas...

– Você não consegue evitar.

Outro movimento com a cabeça.

– Eu quero que saiba que eu... eu gosto... eu...

Ele levou os dedos aos lábios dela, silenciando-a.

– Tudo o que importa agora é que queremos um ao outro. Mais tarde, falaremos sobre o resto. Agora, vamos fazer amor.

Capítulo Vinte e Sete

GIDEON PRESSIONOU os lábios de encontro aos de Scarlet e saboreou o fôlego dela, como se ela o estivesse inalando, saboreando-o, como ele estava fazendo com ela. Alguma parte de si, a vara dele, queria ir logo ao que interessava, penetrá-la o mais rápido que pudesse, para que pudessem ficar unidos, serem um só, e, diabos, parecia que uma eternidade se passara desde a última vez em que se deliciara com ela, mas estava determinado a não se apressar. A fazer isto durar. A fazer tudo o que não fizera da última vez.

Tipo, lamber cada uma das tatuagens dela. Tipo, observá-la lamber cada uma das dele. Além do mais, precisava provar que possuía *alguma* habilidade nesta área. Da última vez, gozara com apenas uma arremetida. Agora, a masculinidade dele estava em jogo. Podia durar, maldição, e duraria.

Após as línguas deles se digladiarem por alguns minutos, por horas, quando não lhe restava mais ar nos pulmões, ele ergueu a cabeça e fitou a mulher que tanto amava.

– Não será que... Desculpe. – Dentro da cabeça dela, ou onde quer que estivessem, ele tinha de se acostumar a falar a verdade. – Quero dizer, será que pode nos levar a algum outro lugar?

Isso seria perfeito.

– Posso – respondeu ela baixinho.

– Então leve. Por favor.

Ela tirou o olhar de cima dele e olhou ao redor. Um instante mais tarde, a escuridão foi substituída por luz, as nuvens de gritos, por reluzente areia branca. Água cristalina batia na margem onde agora estavam, e pássaros voavam acima, cantando suavemente.

– Sempre quis descansar em uma praia, observando o sol se pôr – disse Scarlet, corando. – Os filmes nem se comparam, não é?

Um desejo tão simples, contudo, tão revelador. Ela nascera em uma prisão, cercada de muros. Depois, após a posseção, perdera a habilidade de andar durante as horas do dia. Agora, ansiava por aquilo que todos nem sequer pensavam duas vezes em ter. O que ele nem sequer pensava duas vezes em ter. Campos abertos e luz do sol.

– É lindo – retrucou ele. – Embora não tão lindo quanto você.

– Ei! – exclamou ela, libertando-se dos braços dele. – Você acaba de me chamar de... linda. – Ela sacudiu a cabeça, as feições se suavizando. – Desculpe. Não estou acostumada a escutá-lo dizendo a

verdade. Quase prefiro que me chame de feia.

– Feia, feia, feia – sussurrou ele, erguendo o queixo dela com a mão, forçando-a a olhar para ele.
– Você queria descansar na praia, mas o que me diz de fazer amor? Porque esse é um desejo que eu posso satisfazer.

Ela lambeu os lábios, e foi um convite irrecusável. Gideon voltou a curvar a cabeça, apossando-se novamente da boca de Scarlet, as línguas voltando a brincar juntas, o sabor sensual dela consumindo-lhe todos os sentidos. Levando-o à loucura. *Não se apresse...*

Os braços dela começaram a envolver a cintura dele, mas ele a deteve.

– Espere. – Gideon segurou a bainha da camiseta dela e puxou o material sobre a cabeça de Scarlet. O cabelo macio caiu sobre os ombros agora nus. Linda pele clara, um sutiã de renda preta. Ambos seriam esfregados nele. – Agora pode me abraçar.

Os lábios de ambos voltaram a se encontrar, e ela o envolveu com aqueles braços fortes, os dedos se demorando na cintura da calça antes de deslizar de volta para cima, massageando-lhe os músculos. As mãos de Scarlet eram calejadas e lhe fizeram cócegas.

Ardor percorreu a corrente sanguínea dele, aquecendo-o, encorajando-o. *Devagar*. Mas talvez pudesse acelerar isto *um pouquinho*. Abriu o sutiã e deixou a peça de lado, revelando-lhe os estonteantes seios.

Com um gemido, Gideon arrancou a própria camisa e voltou a gemer quando a pele encontrou a de Scarlet. I-na-cre-di-tá-vel. Os mamilos dela estavam duros, como pequenas pérolas de prazer.

Mais.

Ele a agarrou pelas coxas e a ergueu apoiando em si o peso leve dela, segurando-a, ao mesmo tempo em que, lentamente, deitava os dois no chão. Quando as costas dela estavam encostadas na areia, Gideon afastou-se ligeiramente e começou a trabalhar nas calças. Logo se livrou da calça de couro e da calcinha, deixando-a completamente nua. Devorou-a com o olhar.

Scarlet não tentou se cobrir, nem corou. Ela mordeu o lábio inferior e mexeu os quadris, deixando claro o quanto o escrutínio dele a excitava. Caramba, ela o excitava. Ela era magnífica. A pele cremosa, as pernas esbeltas, a barriga lisa, os seios pequenos, porém firmes, com os mamilos rosados, os ombros com curvas elegantes.

– Úmida para mim? – perguntou ele com voz rouca.

– Sim.

– Deixe-me ver.

Ela piscou ao fitá-lo, subitamente insegura.

– Mas eu... Eu pensei que estivesse no comando nessa área, de modo que eu não deveria...

– Neste instante, quem está no comando sou eu. Deixe-me ver.

Sem hesitação, ela afastou as pernas, permitindo que Gideon vislumbrasse o paraíso. As dobras rosadas estavam úmidas, ocultando o ponto mais doce que ele já tivera o prazer de ver. O olhar dele fixou-se na borboleta colorida tatuada ali perto, e ele ficou com água na boca.

Tatuagem da sorte.

Sorte minha.

Gideon curvou-se e passou a língua ao longo das asas, percorrendo a extensão da parte interna

das coxas da mulher, e a pele de Scarlet ficou toda arrepiada. Os dedos dela se emaranharam no cabelo do guerreiro, as unhas se afundando no couro cabeludo. Ele lambeu, sugou e mordiscou o desenho, prestando a devida homenagem à imagem, como se ela fosse um dos motivos por estarem juntos agora.

– Sim – gemia ela. – Sim.

Embora quisesse mergulhar nela e devorá-la, consumindo cada gota dela, ele espalmou os quadris de Scarlet, virando-a de costas. Com uma exclamação de surpresa, ela o fitou sobre o ombro, com uma expressão confusa no rosto.

– As outras também precisam de um pouco de atenção – explicou ele.

Em seguida, começando na nuca, ele foi descendo pelas costas de Scarlet, beijando cada uma das tatuagens que ela possuía. SEPARAR É MORRER, ele praticamente fodeu com a boca. Até ela estar ofegante. Suando. Sofrendo.

Contudo, não parou por aí. Dedicou semelhante atenção à bunda da amada, mordiscando aquelas doces nádegas e lambendo a fenda entre o bumbum e as pernas, o tempo todo provocando aquela caverna úmida, soprando e passando o rosto bem perto dela, sem jamais tocá-la.

Quando Scarlet estava se contorcendo, implorando para Gideon penetrá-la, até mesmo enfiando as mãos entre as pernas para ela mesma se aliviar, forçando-o a segurar os pulsos dela e a imobilizá-los acima da cabeça dela, ele, enfim, parou, avaliando a situação. O membro estava quase estourando para fora da calça, e, cada vez que ele inspirava, parecia que os pulmões iam pegar fogo.

– Gideon – arfou ela. – Por favor.

Havia dor e excitação misturadas na voz dela, e ele franziu a testa. Sem dúvida, a queria louca de excitação, mas não sentindo dor.

– Está precisando de um pouco de alívio, diabinha?

– Deuses, sim.

Soltando-lhe os pulsos, tornou a virá-la e, por fim, permitiu-se fazer o que o tempo todo quisera. Prová-la por completo, a fundo, como se a língua dele estivesse fazendo amor com ela. Na mesma hora, Scarlet gritou, erguendo os quadris, ao encontro dele, fazendo com que ele fosse ainda mais fundo.

– Sim, sim, sssiiiiimmmmm!

O orgasmo a sacudiu, a pele como fogo, os joelhos apertando as têmporas dele, os dedos enterrados na areia. Gideon engoliu cada gota de prazer que ela deu a ele, a doçura dela melhor do que ambrósia ao fluir pelas veias dele, marcando-o, deliciando-o.

Só quando ela ficou imóvel é que ele ergueu a cabeça, lambendo os lábios enquanto procurava o olhar dela. Cada gota pertencia a Gideon, até mesmo aquelas. Os olhos de Scarlet estavam entreabertos, o peito subindo e descendo rapidamente, os braços e pernas largados ao lado do corpo, como se fossem pesados demais para erguer. Jamais uma mulher parecera mais saciada. E Gideon jamais sentira tanto orgulho. Ele fizera aquilo. Ele lhe proporcionara aquilo.

A luz do sol a acariciou, acrescentando um tom dourado à sua pele. Na base do pescoço dela, a artéria pulsava agitadamente. Os mamilos estavam mais escuros agora, como se enrubescendo ante o olhar dele.

– Obrigada – sussurrou ela. – Obrigada.

– Foi um prazer.

Talvez ela escutou a dor na voz *dele*, pois apoiou-se nos cotovelos, com o olhar se fixando na ereção latejante.

– Quer que eu cuide disso? – perguntou ela com a voz rouca. – Porque, meu querido, parece estar *delicioso*.

Ele quase engasgou com a própria saliva.

– Ainda não.

Mal se fez escutar. Não até que ela estivesse fora de controle novamente, desesperada por ele.

– Uma mentira, eu espero.

– Verdade. Mais ou menos. Apenas preciso de um pouco mais de você.

Gideon abaixou a cabeça e passou a ponta da língua sobre um daqueles belos mamilos. Depois, deu atenção ao outro, não querendo que ele se sentisse rejeitado.

Era a mulher dele. A querida dele. Cada instante com ela era precioso. E atormentador. Deuses, ele estava sofrendo.

Será um homem. Agirá como um homem. Aguentará por ela.

Quando ela estava mais uma vez se arqueando na direção dele e, merda, esfregando aquele delicioso ponto úmido de encontro ao membro dele, fazendo com que este pulsasse e crescesse ainda mais, Gideon deslizou os dedos pela barriga dela, passando sobre o pequeno tufo de pelos escuros e sedosos, chegando à fenda dela. Úmida outra vez, pingando.

Pronta.

Doce paraíso.

Gideon afastou-se dela, interrompendo todo e qualquer contato. Arrancou as próprias roupas sem se preocupar com delicadezas. Em segundos, o tecido repousava em frangalhos ao redor dele, e ele estava novamente sobre a mulher, as pernas dela se abrindo para ele, os olhos negros reluzindo como ônix.

– Pronta?

Quase um gemido.

– Há muito tempo.

– Vou penetrá-la bem fundo.

Ele posicionou as pernas dela nos ombros, de tal modo que as panturrilhas de Scarlet lhe pressionavam as costas, e conduziu a vara até a abertura. Contudo, não fez pressão. *Ainda não, ainda não, ainda não*. Já estava a ponto de explodir.

– O que está esperando? Eu *preciso*!

Mesmo que tivesse de fazer a merda de cálculos matemáticos na cabeça, ia durar.

– Apenas... preciso... respirar.

– Mas eu já estou começando, Gideon! Estou gozando.

A simples ideia de tê-lo dentro de si a fazia chegar ao clímax? Caralho, que máximo! Com um único movimento dos quadris, ele a penetrou com tudo. Aquelas paredes quentes e úmidas se fecharam ao redor dele, apertadas como uma mão cerrada, apertando-o com perfeição. Merda, o

prazer. Mais uma vez, foi quase demais. Ainda mais que o segundo orgasmo a estava fazendo esfregar-se nele. Mas ele mordeu o interior da boca, arrancando sangue, e começou a se mover.

Uma vez, duas, sim, sim. Tão bom. Tão maravilhosamente bom. Ele a beijou, a língua imitando o membro, arremetendo, retraindo, arremetendo. As mãos dela encontraram o caminho até a bunda dele, as unhas cortando a pele enquanto o puxava mais para dentro dela. Isto era tudo o que sempre quisera da vida, de uma mulher.

– Você é... tudo – disse ele a ela.

– Gideon! Eu amo... Eu amo... isto.

Será que era isso mesmo que ela quis dizer? Gideon não tinha certeza, e a mera ideia de que ela pudesse amá-lo o excitou tanto que ele virou um homem das cavernas.

Possua-a. Por completo.

– Scarlet!

Duro, profundo, tão duro, arremetendo para a frente e para trás, oferecendo a ela repetidamente a vara, seguindo no rastro do clímax de Scarlet com tanta intensidade que a levou a um terceiro orgasmo, fazendo com que ela se agarrasse a ele, praticamente espremendo o sêmen do membro.

Um apogeu intenso, entorpecedor. Ele chegou a ver estrelas piscando no fundo dos olhos, quando cada um dos músculos dele se petrificou. Não conseguia se mover, não conseguia respirar, conseguia apenas sentir. Tão bom.

Por fim, desabou sobre ela.

– Isso é que é resistência – disse ele, ofegante.

Uma risada escapou dos lábios de Scarlet. Uma risada sincera e espontânea, que o deleitou até o fundo da alma. Foi mais satisfatório do que até mesmo o sexo. Ele sentiu um aperto no peito. Ela não era muito de rir, mas, pelos deuses, ria um bocado no futuro. Ele faria de tudo para garantir isso.

Gideon rolou para o lado, puxando Scarlet para junto de si.

– Quero me casar com você. Para valer. Já lhe disse isso.

Ela enrijeceu, tentando se afastar, mas ele não deixou.

– Eu sei, mas está se recusando a enxergar o fato de que eu represento um perigo para você. Acho que eu já havia decidido ficar com você de qualquer jeito. Neste instante, nem sequer me recordo do meu nome. Mas e se você for ferido por minha causa? Eu prefiro morrer...

– Não estou me recusando a enxergar nada. Apenas não me importo. Quero você na minha vida, só isso. Quero dedicar a minha vida a você, assim como os guerreiros da Antiguidade dedicavam suas vidas aos seus reis. E, também, não haverá ocasião melhor. Agora posso declarar a verdade.

Silêncio.

Denso, opressivo.

Por mais que odiasse isso, Gideon deu a Scarlet o tempo de que ela precisava para digerir as palavras e aceitar o que ele queria. De modo algum a pressionaria agora. Isso apenas o tornaria igual àquela ordinária da Mini. Mas, deuses, como teve vontade de fazê-lo. Queria forçar a decisão dela com cada instinto possessivo que tinha.

– Não entendo isto, Gideon.

Um sussurro.

– O que há para entender? Eu amo você.

– Poderia arrumar alguém muito melhor – disse ela com clara agonia na voz.

– Melhor do que você? – Ele rolou de volta para cima dela, amassando-a e mantendo-a no lugar.

– Não há ninguém melhor do que você. Você é feia, fraca e *já* fico excitado só de pensar em você.

Os lábios dela se repuxaram.

– E se você se arrepender desta decisão?

– Não vou.

– Tem certeza? Uma vez feito, não há como ser desfeito.

– Essa foi a melhor coisa que disse hoje. Melhor até do que “sim, sim, mais”.

– É, mas como pode saber que não se arrependerá? Quero dizer, e se a minha tia voltar a mexer com as minhas lembranças?

– Todos os casais têm os seus problemas, diabinha. – Ele levou a mão ao rosto dela, forçando-a a encará-lo. – Lidaremos com os nossos.

– É, mas faria você sofrer, e eu já o fiz sofrer tantas vezes.

– Caso não tenha notado, considere todas essas vezes preliminares.

Os lábios dela voltaram a se repuxar, e Scarlet não conseguiu conter uma bufada divertida. Maldição, ele estava ficando bom nisso. Em fazê-la rir. Está vendo? Eram perfeitos um para o outro.

– Tudo bem – disse ela com um suspiro. – Podemos nos casar para valer, mas juro pelos deuses, Gideon, se minha tia voltar a foder com a minha memória, eu o abandonarei.

– Nesse caso, teremos de achá-la e finalmente matá-la – retrucou ele, o coração batendo com tanta força que chegou a quase partir as costelas. – Haveria melhor lua de mel?

De modo algum permitiria que a mulher fugisse, mas não queria contar isso para Scarlet e assustá-la. Gideon a seguiria aonde quer que ela fosse, pelo tempo que fosse necessário.

Voltando a rir, ela o virou de barriga para cima e montou na cintura dele.

– Se vai querer fazer isto do modo tradicional, eu também vou. Afinal de contas, também sou uma guerreira.

– Pode acreditar, eu sei.

Era uma das coisas que adorava nela. Toda aquela força... Merda, estava ficando duro de novo, e o corpo dele deveria ter ficado sem reagir por semanas após todo o prazer que acabara de experimentar.

Scarlet estendeu o braço, e uma faca apareceu na mão dela. Antes que Gideon pudesse detê-la (ele não gostava da ideia de vê-la ferida novamente), ela deslizou a ponta por entre os seios. A pele se abriu, e um filete de sangue apareceu, antes de escorrer até a barriga dela.

A expressão divertida do rosto dela desapareceu, e ela engoliu em seco.

– Tem certeza de que é isso que quer? – perguntou, hesitante.

Ele pegou a faca e cortou-se no centro do peito, exatamente como ela fizera. Sem hesitação. O sangue correu em ambas as direções, escorrendo sobre as costelas.

– Jamais tive tanta certeza de alguma coisa em toda a minha excessivamente longa vida.

Scarlet inclinou-se até estar deitada em cima dele, o sangue dela se misturando com o dele. Ela estava tremendo.

Ele olhou bem para ela.

– Sou seu, e você é minha.

– S-sou sua, e você é meu – repetiu ela.

Ele pegou a mão livre de Scarlet e a espalmou sobre o coração que batia forte.

– A partir de agora até o fim dos tempos.

Os dedos dela tremeram.

– A partir de agora...

Vamos. Diga.

Um antigo poder divino os envolvia, tão denso quanto fora o silêncio. Aguardando...

– A partir de agora... até o fim dos tempos.

Sim. *Sim!*

Gideon foi atingido por uma torrente de fogo e gritou. O mesmo deve ter acontecido com Scarlet, pois o grito dela se fundiu com o dele. O fogo trilhou ao longo da alma dele, dividindo-a em duas. Mas, em seguida, um doce e frio gelo cristalizou-se, preenchendo o vácuo da ferida. Completando-o novamente.

– Está feito – murmurou ele, sentindo vontade de pular de alegria.

Tão simples, tão fácil. E, no entanto, ela era dele. Agora... e para sempre. Cada osso no corpo dele, cada célula, vibrou só de saber disso.

– Espero que jamais se arrependa disso – sussurrou ela.

– Jamais. – Ele inclinou-se para um beijo suave e breve, depois sorriu. – E então, quem é você hoje?

– Scarlet... Lord.

Um homem não poderia pedir mais do que aquilo. Era o mais próximo de uma declaração de amor que Gideon poderia esperar. Porque, conhecendo-a como conhecia, e gostava de pensar que a conhecia muito bem, ela jamais admitiria os sentimentos (e, sim, ele sabia que ela os tinha, caso contrário não o teria desposado) até que a tia estivesse morta e houvessem lidado com a mãe dela e com Cronos.

O que ele se encarregaria de fazer. Tudo. Combater três pessoas mais fortes e poderosas do que ele não o assustava. Não quando o prêmio era Scarlet.

Capítulo Vinte e Oito

COM OS braços estendidos, Strider girou em um círculo enquanto estava de pé no centro do Templo dos Impronunciáveis. Era o seu último recurso, o seu único recurso. Caso contrário, a Caçadora, Ex, escaparia dele. Com o Manto da Invisibilidade. Ele seria um fracassado, um perdedor, e ela teria vencido o desafio entre os dois.

Isso, ele não podia permitir.

– Preciso da sua ajuda – gritou. – Vim negociar.

Antes, o fizeram esperar. Desta vez, a reação foi imediata. Uma enorme besta se materializou entre dois dos pilares, exatamente como da última vez. Estava totalmente nua, mas, no entanto, não precisava de roupas. A pele era recoberta de pelos, como a de um cavalo. E, em vez de cabelo, pequeninas cobras sibilavam do topo da cabeça. Como a criatura, as cobras possuíam presas.

Músculo cobria músculo, e os mamilos estavam perfurados por duas enormes argolas prateadas. Correntes de metal lhe circundavam o pescoço, os tornozelos e os pulsos. Tinha mãos humanas, mas os pés eram cascos.

Ao lado dela, entre dois outros pilares, outra besta apareceu. Um macho, cuja metade inferior estava coberta de escuros pelos vermelhos, e a metade superior exibia pele humana. A pele era uma confusão de cicatrizes. Como a outra, esta criatura também estava presa por correntes.

As correntes em nada diluíam o ar de ameaça que irradiava das duas criaturas.

Uma terceira besta apareceu, e esta era fêmea. Como as duas outras criaturas, estava nua. Os seios eram maravilhosamente grandes, os mamilos também perfurados. Só que, em vez das argolas prateadas, usava diamantes.

Ela estava de lado, e Strider pôde enxergar os pequenos chifres que brotavam da espinha dela. Dos chifres, ele até gostava, quase tanto quanto dos seios. O rosto, contudo, era bicudo, como o de um pássaro. Não era algo que um homem pudesse ignorar com facilidade. Ela também era peluda e estava acorrentada.

Quarta e quinta apareceram em seguida, ambas tão altas e largas que eram como montanhas vivas. Contudo, não tinham serpentes em lugar de cabelo. O que tinham era pior ainda. Uma era careca, no entanto, sombras pareciam escorrer do crânio. Densas, negras e pútridas. E famintas. Ah, sim, pareciam famintas.

A outra criatura tinha lâminas. Pequenas, porém afiadas, elas espetavam para fora do couro cabeludo, cada uma reluzindo com algo transparente e molhado. Veneno? Provavelmente.

Esses demônios eram os Impronunciáveis, afinal de contas.

Como antes, a fêmea avançou, as correntes sacudindo.

– Solicitamos a cabeça de Cronos. Por acaso a trouxe?

A voz dela era como milhares de almas unidas, desesperadamente tentando escapar. Elas gritavam de dentro dela, ecoando pelo templo, as lágrimas praticamente o encharcando.

– Não – respondeu Strider, e os Impronunciáveis na mesma hora começaram a sibilar e a rosnar para ele, forçando as correntes para poder alcançá-lo, e, ele não tinha dúvida, fazê-lo em pedaços. – Ainda não – apressou-se em acrescentar.

Sim, estavam dispostos a lhe dar o terceiro artefato, o Cetro Divisor, em troca da cabeça de Cronos, e, sim, ofereceram o mesmo artefato aos Caçadores. Mas Rhea estava liderando os Caçadores, e, se a vida dela realmente estava vinculada à de Cronos, como Torin lhe dissera da última vez em que se falaram pelo telefone, Rhea jamais permitiria que seus homens tomassem a vida do marido.

De qualquer modo, não seria fácil para os humanos destruírem um deus. Sendo assim, Strider não estava muito preocupado se os Caçadores conquistassem o Cetro. E, não havendo concorrência, não havia muito espaço para os Impronunciáveis negociarem. Sempre se resumia à oferta e demanda, meu bem. Eles tinham a oferta, mas era ele quem controlava a demanda.

Vença.

Derrota, com as suas *próprias* demandas.

Eu vencerei.

– Nesse caso, por que está aqui? – quis saber a fêmea.

– Quero lhes dar outro artefato.

Isso os calou. Eles o fitaram com intensidade, confusos, provavelmente tentando descobrir o que ele pretendia. Por que um Senhor do Mundo Subterrâneo, um guerreiro que vinha procurando os itens que o levariam à Caixa de Pandora com bravura, desse modo evitando que o inimigo desse cabo da vida dele, abrisse mão de algo de que precisava e que tinha de ter para ganhar a guerra?

– Por quê? – perguntou a fêmea, enfim. – E o que espera em troca?

– Há uma mulher humana nesta ilha. Eu a quero. Teleporte-a aqui, e eu lhes darei o Manto da Invisibilidade.

Contudo, teria de tomar cuidado com Ex. Ela era capaz de roubar sem que ele percebesse e esconder coisas de tal modo que Strider não conseguia ver nem pressentir. Como ela fazia isso, ele não sabia dizer, mas estava determinado a descobrir.

A fêmea sorriu, revelando dentes mais afiados do que punhais.

– Ela está aqui, sim, embora não ficará por muito mais tempo. Assim que ela deixar a ilha, não seremos mais capazes de localizá-la nem de teleportá-la a lugar algum. Este é o nosso único local de poder. – *Por ora*, estava claramente implícito. – Por que a deseja?

Merda. Ela estava prestes a deixar a ilha? Tão rápido assim? O tempo estava correndo. Strider sentiu-se tomado de urgência.

– Ela matou o meu melhor amigo. Devo puni-la.

Com certeza, aquelas criaturas seriam capazes de entender a necessidade de vingança. Afinal de contas, queriam a cabeça de Cronos porque ele as escravizara.

Ela assentiu.

– Contudo, a mulher está com o Manto. Não você.

Merda, Strider voltou a pensar. Estava contando com que não fossem se tocar disso.

Um dos machos adiantou-se. O que tinha as cobras no topo da cabeça.

– Não podemos tomar nada de um humano. É proibido. – A última parte foi dita com desprezo. – Sendo assim, se a trouxermos até aqui, você terá de tomar o Manto dela.

Proibido, não é? Uma das regras de Cronos, provavelmente, e os escravos do rei dos deuses tinham de obedecê-lo.

– De acordo.

Era mesmo o que ele pretendia fazer de qualquer jeito.

– Nós também estamos – disse a fêmea, assentindo. – A jovem será sua em troca do Manto.

Perfeito.

Strider teve de reprimir o sorriso. Isso dera certo para ele de muitas maneiras. Aquelas criaturas já tinham um dos artefatos e o estavam mantendo em segurança. Agora teriam dois para guardar, e os Caçadores jamais os pegariam.

– Nesse caso, vamos acabar logo com isto, antes que seja tarde demais.

No fim das contas, Strider teria de retornar e recuperar ambos os artefatos. De algum modo. Talvez até barganhar, enfim lhes dando o que queriam. Ou, quem sabe, Cronos encontraria uma maneira de recuperar os artefatos. Ele não iria querer que aquelas criaturas ficassem com eles e não queria que os Senhores do Mundo Subterrâneo morressem. Eram os únicos capazes de manter a esposa dele na linha. Não havia como sair perdendo.

As criaturas estenderam os braços e juntaram as mãos. Assim que formaram um círculo completo, uma vibração de poder espalhou-se pelo ar, tornando-o tão denso como gelatina. Gelatina que tremia e reluzia. Um zumbido abafado tomou conta dos ouvidos de Strider, e logo foi aumentando de volume. O zumbido aumentou tanto que ele caiu de joelhos no chão, as mãos cobrindo os ouvidos, as têmporas latejando com violência.

E então, de repente, o zumbido parou. Ele afastou as mãos, viu que as palmas estavam sujas de sangue e voltou a ficar de pé. O coração martelava no peito só de pensar em ver... Ex, materializada bem na frente dele.

Vencer, vencer, vencer.

O sangue dele ferveu na mesma hora. O cabelo cor-de-rosa estava colado na cabeça e no rosto, a sujeira cobrindo cada centímetro dela, e as roupas estavam rasgadas. Ela estava ofegante, suando, olhando ao redor com um olhar agitado, claramente tentando descobrir onde estava e o que havia acontecido.

A Caçadora gritou ao avistar os Impronunciáveis.

O Manto estava caído aos pés dela.

Vencer!

Strider saltou até o pequeno quadrado de tecido, pegando-o, antes mesmo que Ex percebesse que ele se movera. Ela agarrou-se ao braço dele, não para pegar o Manto, mas para puxá-lo para frente de si e usar o corpo dele como escudo.

Vencemos. Nós vencemos.

– O que são eles? – sussurrou ela.

O Senhor do Mundo Subterrâneo sentiu o prazer se espalhar pelo corpo, enchendo-o de força e, diabos, deixando-o duro como pedra.

– São a sua perdição, minha querida. – Sorrindo, ele ergueu o Manto. – Isto agora é de vocês. – Nenhuma das criaturas se moveu, mas o tecido desapareceu. – Obrigado.

– Nós voltaremos a falar com você, Derrota – falou a fêmea Impronunciável. – Não tenha dúvidas quanto a isso.

Após tais palavras, todas as criaturas desapareceram.

– Eu... Eu não entendo – disse Ex com um sussurro trêmulo. – O que está acontecendo?

Strider virou-se e a agarrou pelos braços. Estava sorrindo. Não conseguia evitar.

– Eu a negocieei com eles, meu bem. O que significa que... Você. É. Minha.

CASADA. ELA estava casada, Scarlet pensou com surpresa ao abrir os olhos. As pálpebras estavam pesadas, e era necessária muita força para mantê-las abertas, apesar de as córneas estarem ardendo. O luar vinha através das janelas do quarto, difuso e lindo. O ar era limpo e cheirava a... lençóis recém-lavados.

Ela o fizera de fato. Realmente dissera os votos que a uniam a Gideon por toda a eternidade. Parte de si queria pular de alegria. A outra parte queria sair correndo antes que algo de ruim acontecesse com aquele homem que tanto amava.

Falando nele, Gideon estava dormindo ao lado dela, virado para ela, o braço jogado sobre a barriga de Scarlet e a perna dobrada sobre a dela. Tomando posse dela, mesmo enquanto dormia. Ela tentou se sentar, mas as cicatrizes na garganta se repuxaram, ameaçando abrir os pontos, de modo que permaneceu quieta.

– Vá com calma – disse uma voz masculina.

Intruso!

O ar ficou paralisado na garganta quando passou os olhos pela câmara, furtivamente tateando à procura de uma arma. Havia uma faca presa à cintura de Gideon, e ela agarrou o cabo, retirando-a da bainha aos poucos, centímetro a centímetro.

Proteger!

Um homem estava encostado na parede oposta, os braços cruzados sobre o peito. Tinha cabelo branco, sobranceiras negras e o rosto mais bonito do que, diabos, qualquer outro que ela já vira. Era uma beleza inocentemente perversa. O rosto perfeito acalmava; no entanto, os olhos esmeraldas enfeitiçavam.

Quantas mulheres já haviam caído sob o feitiço dele? O que o tornava mil vezes mais letal era o fato de ser alto, musculoso como Gideon e estar todo vestido de preto. Até mesmo luvas pretas. Era o próprio bad boy.

Por fim, a faca ficou livre, e ela pressionou o metal frio de encontro ao antebraço, ocultando a arma quando se virou na direção do homem, inclinando-se sobre Gideon, para ser o escudo dele. Se o intruso se aproximasse, ela lhe cortaria o coração ao meio antes mesmo que ele se desse conta de que Scarlet deixara a cama.

– Vejo que está arquitetando a minha morte. Bem, pode parar. Sou Torin – disse ele. – Guardião da Doença. Amigo de Gideon.

Ah, sim. Doença, o sujeito que não quisera que ela matasse a tia porque Gideon ainda não havia dado permissão. Ela já gostava dele. Com um sorriso de desculpas, ela devolveu a faca à bainha na cintura de Gideon.

– Sou Scarlet – disse ela, sentando-se lentamente, de modo a não afetar a garganta.

– Eu sei. Estava aguardando que você e Gideon acordassem.

Aguardando?

– Por quanto tempo?

– Alguns dias.

Maldição. A tia estava lá fora, se recuperando. Na verdade, já deveria estar plenamente restabelecida.

Ao lado dela, Gideon espreguiçou-se. As pálpebras abriram-se, hesitantes, e, logo depois, ele a fitou, os lábios alongando-se em um sorriso.

– Bom... – Ele piscou os olhos, franzindo a testa. – Mau dia – disse.

Scarlet se deu conta de que o demônio dele não permitiria que dissesse a verdade aqui. Ela não se importava. Gostava das mentiras dele.

– É. Mau dia.

Ele estendeu a mão e, com carinho, massageou a nuca dela, puxando-a para baixo para um beijo. O gesto fez o pescoço dela doer, mas Scarlet não se permitiu uma careta. Ela suportaria muito, muito mais, em troca de um beijo de Gideon. Marido dela.

– Tudo bem – suspirou ela. – Agora é um bom dia.

Ele deu uma risada rouca.

– Pois está prestes a ficar muito pior.

Torin pigarreou.

– Por mais que eu queira vê-los namorando, temos de conversar.

Voltando a franzir a testa, Gideon olhou para o amigo.

– Fique. Quero você aqui.

O que significava: *Dê o fora. Ninguém o quer aqui.* É claro que Torin não obedeceu.

Sorrindo, o guerreiro ergueu as mãos com as palmas viradas para a frente, todo inocente.

– Ontem, invoquei Cronos e mostrei para ele o vídeo de Mnemosine tentando matar Scarlet. Ele ficou furioso que ela o tivesse culpado pela tentativa. Disse que não tinha necessidade de delegar esse tipo de serviço para outros, que ele mesmo era capaz de cuidar de Scarlet. Se assim desejasse.

Scarlet não sabia se acreditava ou não no rei dos deuses. Todos aqueles anos atrás, ele também tentara matá-la. Fora por isso que envelhecera tanto. Por que haveria de ter mudado de ideia?

– De qualquer modo – prosseguiu Torin –, eu tenho de...

– Não precisa – disse uma nova voz. – Estou aqui.

Cronos. Ele agora estava de pé ao lado de Torin, o manto branco impecável como sempre, o cabelo escuro puxado para trás, em um rabo de cavalo. A pele era lisa, os olhos brilhantes. Ele jamais parecera tão jovem.

Gideon ergueu-se bruscamente, pegando o punhal que Scarlet lhe devolvera. O colchão balançou, fazendo-a estremecer, e ele lhe beijou o ombro nu em sinal de desculpas... Entretanto, a atenção dele jamais se desviou do deus.

Nu?

Ela abaixou o olhar para si mesma e viu que estava nua da cintura para cima. Apressada, puxou o lençol, cobrindo os seios. O rosto corou. Em geral, não ligava para isso. Tendo passado a maior parte da vida convivendo com homens presos na mesma cela que ela, Scarlet *não podia* ligar para isso. Mas era casada agora e, tendo desistido de punir Gideon, sabia que ele não gostava que outros homens a vissem. Ele a queria só para si, e ela adorava isso.

– Estou aqui para dizer que não mandei Mnemosine matar Scarlet – anunciou o deus, claramente ofendido.

Um instante se passou, depois Gideon fitou Scarlet com uma expressão confusa no rosto.

– Ele está mentindo.

Então era verdade.

– Nesse caso, como foi que ela escondeu aquelas estrelas dos Senhores do Mundo Subterrâneo? – quis saber Scarlet. – Ela estava usando uma coleira de escrava. Uma coleira que deveria brilhar quando o dono estiver de posse de qualquer arma.

– A irmã a visitou, trocou a coleira por uma imitação, e, juntas, planejaram o seu assassinato – respondeu Cronos em tom monótono. – Ela deveria matá-la, escapar, e Gideon deveria caçá-la, o que o manteria ocupado ou permitiria que Mnemosine o convencesse a se juntar aos Caçadores. Contra mim.

Prova de que as reservas dela quanto a se casar com Gideon, quanto a estar com ele, não eram infundadas. Caso houvessem sido bem-sucedidas em matá-la, Gideon teria ido atrás da tia dela. A deusa da memória o teria manipulado, e ele teria se tornado aquilo que mais desprezava.

Os olhos de Scarlet se estreitaram. Deveria se sentir traída pela família; no entanto, não se sentia. Talvez fosse algo que já se acostumara a esperar. De qualquer modo, elas tinham de morrer. Era a única maneira de ficar com Gideon sem acabar destruindo-o. E queria desesperadamente ficar com ele.

– Sei de seu acordo com Rhea – prosseguiu Cronos. – Você precisa impedir Gideon de me dar aquilo que eu pedir a ele. De encontrar Amun para que eu possa deduzir as intenções de Mnemosine.

Ela cerrou os lábios com força, recusando-se a responder. Não queria causar problemas para Gideon.

– Contudo – continuou o rei dos deuses –, não preciso mais de tal serviço. Sei que Mnemosine me traiu. – Ele olhou para Gideon. – Sendo assim, estou mudando os termos do nosso acordo. Peço agora que seja infeliz. O que significa que *você* – disse ele com o olhar retornando para Scarlet – deve

impedir que isso aconteça.

Ela ficou de queixo caído.

Gideon riu.

Cronos amarrou a cara.

– Não pense que eu amoleci. Apenas sei como irritará a minha mulher saber que a filha está feliz por causa de um acordo feito *por ela*. Mas precisam deixar a rainha em paz. Estão entendendo?

– Não – respondeu Gideon, assentindo com tranquilidade.

– Sim – Scarlet sussurrou.

Ela fez um excelente trabalho de esconder o horror na voz. Fez um excelente trabalho de disfarçar as lágrimas que lhe ardiam os olhos. Matar a mãe era a única maneira de, enfim, verdadeiramente obter a liberdade e garantir a segurança de Gideon.

Fora por isso que se permitira desposá-lo. Porque acreditava que havia esperança. Uma chance. Agora...

– E não muito obrigado – acrescentou Gideon, em um claro esforço para superar uma intensa onda de surpresa. – Mas por que não está nos ajudando?

– Quer dizer, por que estou ajudando-os quando Scarlet supostamente me matará? Ah, sim. Eu sei a respeito da profecia.

Ela empalideceu. Quer dizer que ele se lembrava.

– Toque nela e viverá.

Gideon a empurrou para trás de si, fazendo com que ela caísse de costas na cama. Com rapidez, ela se endireitou, colocando-se mais uma vez do lado dele.

Cronos revirou os olhos.

– Como deve se lembrar, Mentiras, ela não é a única que supostamente dará fim à minha existência. Há Galen também. Sendo assim, qual visão é a correta? Uma delas? As duas? Impossível. E isso significa que visões podem ser mudadas, o futuro alterado. Alterando o de vocês, alterarei o meu. E o de Mnemosine. E agora – prosseguiu Cronos –, tenho um presente de casamento para vocês.

Ele bateu palmas, e, de repente, Scarlet se viu nas nuvens. De novo. Só que, desta vez, não estava no palácio celestial, mas em uma enorme extensão de... nada.

Gideon estava de pé ao lado dela, e ambos estavam trajados para combate. Mnemosine estava postada diante deles, fora de alcance, mas sem a coleira de escrava. Imitação ou não. Como Scarlet rezeira, estava plenamente restabelecida.

Com os braços estendidos, Cronos aproximou-se.

– O que está acontecendo? – quis saber a deusa da Memória. Ao avistar o rei dos deuses, a expressão dela se suavizou. – Cronos, querido, fico tão feliz que tenha me encontrado. Eu...

Ele a fitou com um olhar completamente desprovido de emoção.

– Mnemosine, sua irmã teve o maior prazer em traí-la e admitir o que as duas haviam planejado. Ela adora contar vantagem, não é?

Mnemosine empalideceu.

– Não, eu... Rhea mentiu. Eu juro para você que ela mentiu. Eu jamais faria nada contra você,

Cronos. Eu o amo. Nosso destino é ficar juntos. Nós...

– Chegamos ao fim. Apenas me deleitei com você porque irritava Rhea. Agora ela não está mais irritada, mas determinada a fazer a situação funcionar a favor dela. E, isso, eu não posso permitir. – Cronos sorriu com humor sincero. – Contudo, não a destruirei eu mesmo. Eu lhe darei uma chance. Tudo o que precisa fazer é derrotar um deles.

O olhar arregalado da deusa voltou-se para Scarlet e Gideon.

– O... O quê?

– Removi todas as suas armas, assim como as deles; sendo assim, será um combate de mãos limpas. Pode escolher quem quer enfrentar, Mnemosine. Gideon ou Scarlet. Mas não tenha dúvidas. Haverá uma luta hoje. Esta rixa *precisa* terminar, pois preciso da “atenção completa” dos meus guerreiros.

A deusa analisou Gideon, que parecia mais forte do que nunca, descansado como estava dos efeitos da maldição da verdade. Ela, então, analisou Scarlet, que estava pálida e cujas cicatrizes do pescoço ainda estavam com a casca. Lentamente, ela sorriu.

– Escolho Scarlet.

Capítulo Vinte e Nove

UM ERRO, Gideon pensou. Ele poderia tê-la matado rapidamente. Mesmo levando em conta como Mnemosine era fraca, Scarlet a faria sofrer. Ele jamais estivera tão confiante a respeito de alguma coisa. Exceto, talvez, do quanto amava a mulher dele.

Com uma das mãos, segurou-a pelo pulso, levando a outra ao rosto dela, puxando-a para perto de si, enquanto a forçava a olhar para ele. O olhar de Scarlet permaneceu na boca de Gideon.

– Odeio você – disse ele. – E sei que você vai falhar.

Mesmo ferida e fraca, ela jamais perderia.

Em silêncio, ela assentiu, ainda se recusando a olhar para ele.

O guerreiro franziu a testa. Por que isso?

– Ei, não olhe para mim.

– Gideon – disse Cronos, e Gideon amarrou a cara para ele.

– Não preciso de um instante – afirmou, retornando a atenção para Scarlet. A luta poderia esperar. – Diabinha. Não olhe para mim. Agora.

Lentamente, ela foi erguendo o olhar. Lágrimas nadavam nos olhos e escorriam pelo rosto de Scarlet.

– Diabinha – disse ele, sentindo um aperto no peito. – O que há de certo?

Errado.

– Matarei a minha tia. Tem razão quanto a isso. Mas, depois, não poderei ficar com você. Quando eu achava que poderia encontrar e matar minha mãe, havia uma chance de que eu pudesse fazê-lo feliz. Mas, agora... com ela viva... ela vai me usar para atingi-lo, e não posso permitir isso. O que significa que *tenho* de deixá-lo.

– Sim, sim, sim. – Não, não, não. – Você não escutou Cronos. Você tem de me deixar infeliz, e não posso ser infeliz sem você na minha vida.

– Por ora, sim. Mas o que acontecerá depois que ela o atacar pela décima vez? Pela vigésima vez? Pela centésima? O que acontecerá quando ela tentar estuprá-lo novamente? Ela nunca vai parar. Você me faz feliz, de modo que ela nunca vai parar. Você acabará se cansando e, por tabela, acabará se cansando de mim.

Ele a sacudiu com violência.

– Sempre. Eu sempre me cansarei de você.

Jamais. Por toda a eternidade.

As lágrimas foram escorrendo, uma após a outra, e ela fungou.

– Não posso ficar com você e voltar a perdê-lo. Simplesmente não posso.

– Você vai me perder. Posso ser feliz sem você. Sua mãe importa, importa muito. O que tenho de fazer para desconvencê-la disso? Mantê-la viva?

Matá-la. Ele o faria. Trairia Cronos sem pestanejar. Faria qualquer coisa para manter Scarlet consigo.

– Não. Eu já o fiz sofrer o suficiente. Eu...

Muito bem. Era a hora de pegar pesado.

– Pensei que houvesse me casado com uma mulher fraca, mas olhe só para você. Olhe como está confiante. Olhe só como confia *em mim*. – Ele forçou-se a dizer as palavras com desdém. – Isso não é nenhuma decepção. Aqui estou eu, relutando em lhe dar tudo o que eu sou. Meu coração, minha vida, meu apoio, e você está disposta a ficar do meu lado, firme. Você é a guerreira que eu pensei que fosse.

Deuses, como fora difícil falar isso.

Chocada, ela o fitou com incredulidade.

– Acha que sou fraca? Acha que não tenho confiança? Está decepcionado comigo?

Ele se forçou a assentir.

Estreitando os olhos, ela rangeu os dentes.

– Vou mostrar para você. Só por essa, não vai se livrar de mim. Não me importa quantas vezes a minha mãe o aborde. Terá de aguentar.

– E o prazer não será todo meu. – Ele sorriu, tão feliz e aliviado que se sentia prestes a explodir. – Não vá. Não vá enfrentar a sua tia. Quando tiver acabado, não iremos naquela lua de mel.

– Desgraçado – disse ela, contudo, não havia raiva no tom de voz dela. – Você usou de psicologia reversa comigo, sem a parte reversa. Já que não pode falar a verdade. Não é?

– Odeio você – voltou a dizer ele.

– Eu também odeio você.

Tendo dito isso, ela soltou-se dele e avançou, pronta para começar.

Ela o odiava, Gideon pensou. Realmente o odiava! Scarlet jamais dissera tais palavras antes, e, agora que o fizera, ele estava a ponto de estourar de fato. As pernas dele bambearam, e ele desabou no chão, rindo, chorando e mais feliz do que jamais estivera. Logo ele a teria nos braços e a sufocaria com o amor dele.

E não dava a mínima se isso o fizesse parecer piegas.

– Até que enfim – disse Cronos claramente irritado. – Senhoras. Podem começar. – No instante seguinte, ele apareceu ao lado de Gideon com uma vasilha de pipoca. – É disso que os humanos gostam durante as batalhas, não é?

Gideon não pôde responder. Estava envolvido demais no resultado final. Sem armas, não seria uma luta sangrenta. Mas *seria* violenta. Gideon apostaria a própria vida nisso.

Não estava preocupado, embora não gostasse da ideia de ver Scarlet sendo machucada. Teria

adorado se intrometer no combate. Mas preferia não arriscar a ira de Cronos.

Com um rugido, Mnemosine saltou para cima de Scarlet. Contato. As duas mulheres foram ao chão em um emaranhado de braços e pernas. Socos foram desferidos, unhas foram mostradas e usadas, e cotovelos e joelhos atingiram barrigas. Houve grunhidos e gemidos, e até palavrões.

Logo, alguns dos pontos de Scarlet foram arrancados, e o sangue escorria pelo pescoço dela. Ela parecia selvagem. Determinada. Por completo a guerreira que era. Ofegante, com expressão sombria, ela rolou Mnemosine até que a tia estivesse de costas para o chão, montou a cintura dela e agarrou a cabeça da mulher, batendo-a repetidamente de encontro ao chão.

Mnemosine conseguiu empurrá-la para o lado e, rapidamente, posicionou-se sobre a oponente. Ela enterrou os dedos nas feridas de Scarlet, abrindo-as ainda mais.

– Desista. Você quer desistir.

– Não.

As duas combatentes voltaram a rolar no chão. Scarlet voltou a ficar por cima. Esmurrou de novo. O sangue espirrou, e o chão tremeu.

Às cegas, Mnemosine estendeu a mão... até espalmá-la sobre o coração de Scarlet.

– Você não quer me fazer mal – disse a deusa com dificuldade. – Quer salvar a minha vida, não quer?

Tudo bem. Agora ele estava preocupado. Tentou ficar de pé, mas Cronos o conteve, mantendo-o no lugar. A pipoca espalhou-se pelo chão. Se mexessem com as lembranças de Scarlet, ela...

– Não – gritou Scarlet. – Estas são as minhas lembranças, e eu as adoro. *Não* quero salvar a sua vida. Quero dar um fim a ela.

Com uma careta, ela agarrou o pescoço da tia e o torceu em um único movimento brutal. Ossos se partiram, e o corpo de Mnemosine tombou sem vida no chão.

Ainda mais ofegante, Scarlet ficou de pé. Gideon fez o mesmo. Ele correu até ela, mas, assim que estava prestes a alcançá-la, Cronos os transportou de volta para o quarto dele. Quando Gideon chocou-se com ela, os dois tombaram para trás, sobre a cama dele.

– Eu consegui – disse ela, fitando-o. Sorrindo. – Eu realmente a matei.

Gideon deu beijinhos por todo o rosto da amada.

– Não estou orgulhoso.

– Obrigada. – Ela o abraçou. – Desta vez, quando ela tentou entrar na minha cabeça, eu senti. Soube que era ela e soube que tudo de que ela estava tentando me convencer era mentira. Porque minhas lembranças verdadeiras são tão fortes. E adoradas.

– Fico infeliz, muito infeliz. – Ele a abraçou com força. – Eu a odeio tanto.

Por fim, ela o beijou de volta.

– Também amo você.

Tão melhor do que escutá-la repetir a mentira dele. Ela o amava. Deuses, um guerreiro não poderia pedir mais. Ah, espere. Poderia pedir sim.

– E vai me deixar, não vai?

– Eu ficarei – respondeu ela sem hesitação. – Afinal de contas, isso vai deixar a mamãe querida fula da vida, e não tenho mais medo de fazer isso. Olhe só o que eu fiz com a irmã dela apenas com

as minhas mãos. Farei o mesmo com Rhea, se ela chegar perto de você. E quem sabe? Talvez eu consiga ajudá-lo a encontrar a caixa de Pandora, e possamos trancafiar a minha mãe dentro dela. Isso não seria divertido?

Essa era a confiante e vingativa Scarlet que ele tanto adorava. Seriam *tão* felizes juntos.

Escutaram uma batida na porta, e a voz de Torin gritando:

– Chega de brincadeiras, vocês dois. Amun, Aeron e William acabam de voltar para casa. E não vão acreditar quem veio com eles.

– Como é que ele nunca sabe onde estamos e o que estamos fazendo?

Com relutância, Gideon largou a mulher. Tecnicamente, ainda estavam na lua de mel, e ele não queria deixar a cama por uma semana. Ou por duas. Porém, sentira saudades dos amigos e precisava ter certeza de que estavam bem.

Scarlet ficou de pé ao lado dele, entrelaçando os dedos aos dele.

– Venha. Vamos ver como estão. Além do mais, você precisa me apresentar oficialmente a eles para que parem de tentar me capturar e me matar.

– Não está combinado.

Eles deixaram o quarto, seguiram pelo corredor e desceram as escadas, chegando ao saguão. Ali, formando um círculo, estava um contingente de anjos, um murmurando para o outro. Eram maravilhosos, reluzentes e tão perfeitos fisicamente que doía só de olhar para eles. Cada um deles tinha as asas douradas estendidas, ocupando cada centímetro de espaço.

Determinado, Gideon forçou a passagem entre eles. Onde estavam... Avistou os amigos no centro do círculo, cada um estirado no chão de barriga para cima, mal conseguindo respirar. Jamais os vira tão feridos e maltratados. E, merda, já vira Amun em um estado deplorável. Estavam cobertos de fuligem e fediam a enxofre. Feridas e machucados lhes cobriam os corpos.

Olivia, a mulher de Aeron, estava com a cabeça do guerreiro no colo, alisando o cabelo dele. William estava gemendo, chamando Gilly, um dos braços quase decepado, preso ao corpo por apenas algumas veias.

Mas, Amun... Amun era o pior de todos.

Gideon agachou-se ao lado de Amun, que apertava os ouvidos e mordia o lábio inferior, claramente tomado de dor.

– Não olhe nos olhos dele – disse um dos anjos. – A mente dele está infectada.

– Com o quê? – quis saber Scarlet, de repente ao lado de Gideon, envolvendo a cintura dele com os braços, consolando-o.

Ela o apertou, oferecendo apoio.

– Demônios.

Gideon revirou os olhos.

– Sabemos disso – Scarlet disse. – Estamos todos infectados com um demônio.

– Não. Ele é *completamente* demônio. Vocês estão apenas unidos a um. Contudo, a mente dele é pura maldade, não resta bondade no interior dele. Se ele olhar para você, enxergará a sua alma e a envenenará com a perversidade.

Ah, merda, Gideon pensou. Ele ficou de pé, puxando Scarlet consigo. Amava Amun, mas não

colocaria a mulher dele em risco.

– O que não podemos fazer para ajudá-lo?

– O que podemos fazer para ajudá-lo? – traduziu Scarlet.

Desta vez, foi ele quem a apertou.

– Matá-lo – respondeu o anjo.

– Sim! – gritou Gideon.

Não!

O anjo deu de ombros.

– Queríamos aprisioná-lo no céu, mas Olivia nos convenceu a trazê-lo aqui.

– Nós cuidaremos dele – assegurou Scarlet aos anjos. – Nós o ajudaremos. Sem matá-lo – acrescentou ela. – Podem nos deixar agora.

Um instante se passou em silêncio. Em seguida, o anjo assentiu, e, um a um, eles desapareceram. Scarlet, embora enfraquecida devido à luta com Mnemosine, além dos ferimentos, ajudou Gideon a carregar os homens até as respectivas camas. Amun jamais tentou olhar para eles. Manteve os olhos fechados o tempo todo.

Gideon e Scarlet ficaram ao lado da cama de Amun. Olivia estava cuidando de Aeron, e Gilly, de William.

– Ele precisa de um médico mortal – disse Scarlet. – Sei que vocês não têm um, mas, não se preocupem. Nós encontraremos um. Seu amigo ficará bom.

Verdade ou mentira, Gideon não saberia dizer. Ele olhou para ela, tomou-lhe as mãos nas dele. Deuses, como a amava. Ela era a esposa dele, a parceira dele, e sabia como ele prezava os amigos. Ela o ajudaria a lutar pela vida deles.

– Odeio você – voltou a dizer.

Falaria isso mil vezes por dia.

– Fico feliz. E, só para que fique sabendo, se algum dia eu o escutar dizendo que me ama, eu o matarei.

Os lábios dele se repuxaram.

– Quer dizer que vou me livrar de você?

– Ah, você não vai se livrar de mim. Nunca.

– Merda – disse ele, e Scarlet riu. Compartilharam um beijo suave. – Não lamento que a lua de mel não tenha de esperar.

– Eu sei. Mas, enquanto tiver você, estarei feliz.

Ele também. Mais feliz do que jamais estivera.

Showalter, Gena

S563m A mentira mais sombria [recurso eletrônico] / Gena Showalter; tradução de Rodrigo Peixoto. — Rio de Janeiro:
Harlequin Books, 2012.

Recurso digital

Tradução de: The darkest lie

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Sequência de: A paixão mais sombria

ISBN 978-85-398-0387-3 (recurso eletrônico)

1. Romance americano 2. Livros eletrônicos. I. Peixoto, Rodrigo. II. Título.

12-
8717

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:

THE DARKEST LIE

Copyright © 2011 by Gena Showalter

Copyright da tradução © 2012 by EDITORA HR LTDA.

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

Capa

Rosto

Prólogo

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Créditos

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Gena Showalter



A Mentira
mais sombria

Senhores do Mundo Subterrâneo | Livro 6

 HARLEQUIN®